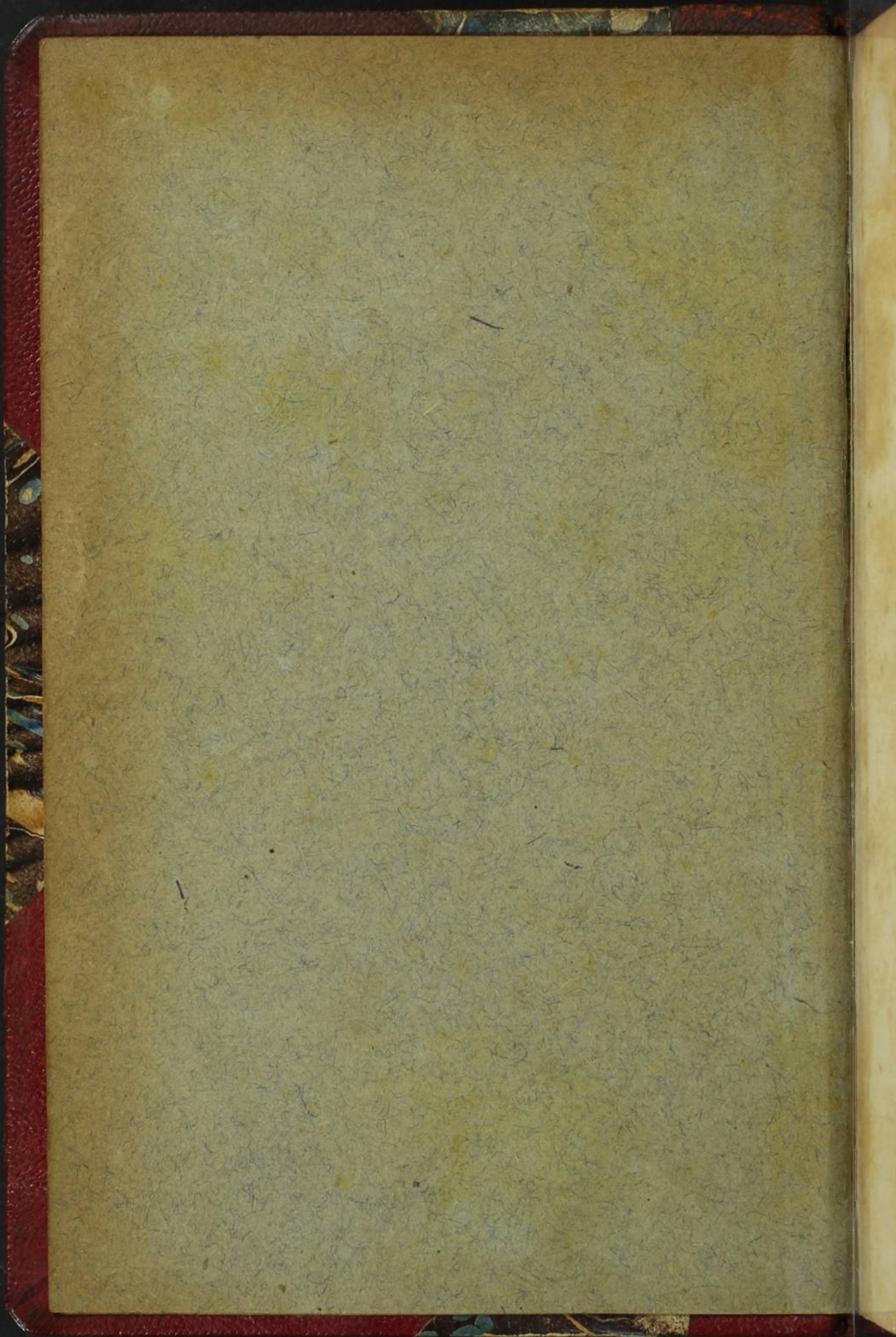


TYPOGRAPHIA, ENCADERNAÇÃO
E DOURAÇÃO

WERNER, LIMA & Cia.

R. Possidonio Ignacio, 4-A
S. PAULO



NOVENTA E TRES

Obras que se acham á venda n'esta livreria

J. M. de Macedo

O Forasteiro, romance, 3 v. in-8º enc. 9\$000, br.....	6\$000
Os Quatro Pontos Cardeaes — A Mysteriosa, romances, 1 v. in-8º enc. 3\$000, br.....	2\$000
Um noivo á duas noivas, romance, 3 v. in-8º, br 6\$. enc....	9\$000
A Namoradeira, romance, 3 v. br. 6\$, enc.....	9\$000
Nina, romance, 1 v. br. 3\$, enc.....	4\$000
As Mulheres de Mantilha, romance historico, 2 v. br. 4\$, enc.....	6\$000
A Luneta Magica, romance, 2 v. in-8º br. 4\$, enc.....	6\$000
As Victimias Algozes, quadros da escravidao, 2 v, br. 4\$, enc.	6\$000
A Moreninha, 1 v. enc.....	3\$000
A Nebulosa, 1 v. enc.....	4\$000
Culto do Dever, 1 vol. enc.....	3\$600
Memorias de um Sobrinho de meu Tio, 2 v. enc.....	6\$000
Moço Loiro, 2 v. enc.....	6\$000
Os Dous Amores, 2 v. enc.....	6\$000
Romances da Semana, 1 v. enc.....	3\$000
Rosa, 2 v. enc.....	6\$000
Vicentina, 3ª edição, 3 v. br. 5\$, enc.....	7\$000
Theatro Completo, 3 v. enc.....	9\$000
Luxo e Vaidade, Primo da California, Amor e Patria, comedias, 1 v. in-8º br.....	2\$000
Lusbella, comedia, 1 v. in-8º br.....	1\$500
Fantasma Branco, comedia, 1 v. in-8º br.....	1\$500
Novo Othelo, comedia, 1 v. in-8º br.....	8\$000
O Primo da California, comedia, 1 v. in-8º. br.....	1\$000
Cincinato Quebra Louça, comedia 1 v. in-8º.....	1\$500

J. Norberto de Souza e Silva

Brazileiras celebres, 1 v. in-8º enc.....	3\$000
Flores entre espinhos, 1 v. in-8º enc.....	3\$000

Fausto

Scenas da vida republicana. Reminiscencias do feliz tempo escolar, 1 v. in-12, enc. 1\$600, br.....	1\$000
Um provinciano ladino.—Onde se encontra a verdadeira felicidade, 1 v. in-12, enc. 1\$600, br.....	1\$000
A caça de um Baronato.—A herança esperada e inesperada, 1 v. enc. 1\$600, br.....	1\$000
Um casamento de tirar o chapéo, seguido de: O Diabo não é tão feio como se pinta. Charadas da campanha. Uma viagem ao sul do Brazil, 1 v. in-12 enc. 1\$, br.....	1\$000
Dous Dias de Felicidade no Campo, seguido de: Curso de Experiencia repentina. Pensamentos de pequena superficie mas de grande profundidade. O Relogio de Gertrudes. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br.....	1\$000

VICTOR HUGO

NOVENTA E TRES

A GUERRA CIVIL

TRADUZIDO DO FRANCEZ

E PRECEDIDO DE UM PREFACIO

POR

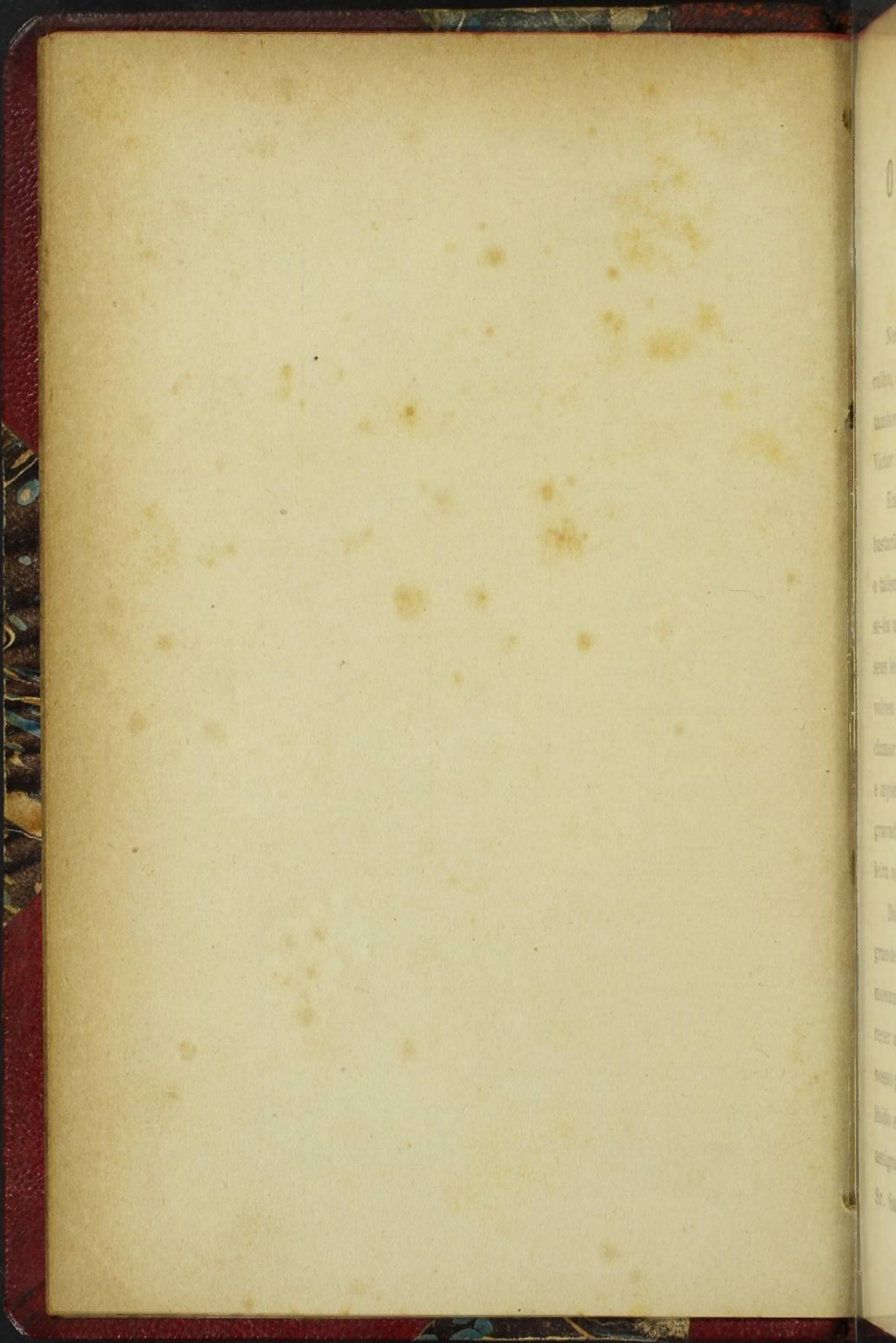
SALVADOR DE MENDONÇA

NOVA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71 -- Rua Morelra Cesar -- 71



O ROMANCE DA REVOLUÇÃO

Nesta remota encruzilhada da litteratura, sem barulho, sem estrepito, sem toques de corneta e rufo de tambores, sahe hoje a lume o novissimo romance de Victor Hugo.

Em que pese a praguentos, á producção do mestre bastarão os annuncios do editor; o nome do autor será o talismã unico. Devorar-se-hão paginas do livro; ter-se-ha avidez de saber que sorpresas reserva o poeta aos seus leitores; querer-se-ha ver em que sentido se desenvolveu essa poderosa imaginação, que canto ou que clamor sahiu dessa alma sonora, cheia de originalidade e mysterio; e, o que é mais, apoz essa leitura ficarão gravadas no animo dos filhos livres da America brasileira novas paginas do evangelho da democracia.

Disto convicto, o traductor do poema-romance da grande revolução não ousaria sequer deter no adito do monumento a publica expectativa, si, antes de apparecer a obra, e prejulgando do merecimento della, o nosso primeiro organ de publicidade não houvesse acolhido em suas columnas uma critica parcialissima, aliás assignada por nome illustre nas lettras, qual o do Sr. Saint-René Taillandier.

A penna que está traçando estas linhas preambulares não tem a cega pretensão de responder ao membro da Academia Franceza, hoje em serviço do orleanismo constitucional nas paginas da *Revista dos Dous Mundos*.

Não põe tão alto a mira: protesta apenas em nome dos sãos principios, cuja afirmação não depende das latitudes, e mais peculiarmente escreve para os seus compatriotas, tomados de improviso pelo escriptor monarchico, cujas palavras julgou-se avisado oppôr antecipadamente ao Verbo do moderno evangelizador.

Si a obra do vidente democrata requer a arte da ordenação scenica para pregoar-lhe o merito; si a seiva do autor dos *Miseraveis*, correndo sob a casca, rebenta em renovos, promissora de inexauriveis riquezas; si a inspiração do poeta que escreveu tantas paginas immortaes parou e enregelou-se por influencias lethiferas, di-lo-ha o leitor imparcial.

Para isso basta que, escolhendo melhor que o criterio academico um pensamento de La Bruyère, (pois o dito de Barante em relação ao espirito de Voltaire pôde applicar-se, parece-nos, ao espirito do Sr. Taillandier,) detenha-se nestas linhas do primeiro capitulo dos *Characteres*:

« Quando uma leitura vos elevar o espirito, e vos inspirar sentimentos nobres e esforçados, não procureis outra regra para julgardes a obra; é boa, e feita por mão adestrada. »

E accrescente-se que o leitor brasileiro, na apreciação que por si mesmo vae fazer desta producção litteraria, não póde deixar de levar em conta o incompetencia do traductor para verter em curto praso para o patrio idioma obra de tanta monta, sahida das mãos do mestre de quem o severo Planche disse uma vez :

« Quanto ao manejo da lingua, o Sr. Hugo não tem rival ; faz de nosso idioma o que quer ; forja-o e torna-o solido, aspero e rijo como aço, cõa-o como bronze, cinzela-o como prata ou marmore. »

Dito isto, vejamos o libello accusatorio do promotor do orleanismo.

Embalde estende-se a critica diffusa pelas paginas pesadas e compactas da *Revista*; embalde enreda-se no labyrintho das citações de trechos da obra, sem methodo e sem ordem; embalde adeanta-se e recúa, incrimina e desculpa vae até expressões ha muito banidas da critica polida e retrocede para o elogio que deve dar-lhe salvo-conducto de imparcialidade na deducção da sua these unica: o alvo é um só, os circulos concentricos em torno delle traçados revelam apenas a incerteza do exito: pôr o poema-romance por um romance-programa e com later « a candidatura do poeta ás supremas funcções revolucionarias. »

Este é o só intuito do escriptor monarchico; esta é a nota predominante da sua extensa analyse; a isto filia-se tudo o mais. Preoccupado com a individualidade

do poeta, enxerga-o por toda a parte; por isso « os personagens não têm vida propria, ha carencia de naturalidade, de flexibilidade, de verdade familiar »; tudo está para elle « previsto, tanto o bem como o mal, tanto a verdade como a mentira »; são-lhe « conhecidos o modo de tecer a trama, o estylo, a rhetorica, o methodo de declamação e de amplificação ». Ninguem dirá que semelhante intuito e tão condemnavel proposito sejam uma critica litteraria. Planche, Sainte-Beuve, Carlos Magnin, Alexandre Vinet, invocados pelo Sr. Taillandier como seus predecessores, dariam a esse intuito e a esse proposito, em nome da probidade das lettras, o epitheto de partidarios.

« Si ainda vivessem, o que diriam elles? » pergunta o Sr. Taillandier.

O primeiro, o mais abalisado dos quatro, « com a sua inteireza e precisão magistral », diria hoje o que disse em 1832: « Com o brilho pittoresco das imagens, com a feliz alliança e habil enlace dos sentimentos familiares e das mais sublimes visões, quanta maravilha não tem elle posto por obra! Homem algum entre nós tem sido mais constante e tem progredido mais; o caminho que abriu, seguiu-o valorosamente sob o fogo cruzado dos motejos e do desdem.»

Acceitemos, porém, a critica no terreno em que foi collocada e acompanhemos o escriptor monarchico, a quem, nas actuaes circumstancias da sua patria, o ro-

mance da revolução, obra de propaganda, programma politico, affigura-se livro perigoso.

O critico é o primeiro a reconhecer que « ha novidade nas intenções do autor », e declara que « para logo se lhe conhece o desejo de fazer brilhar, atravez da época sanguinolenta, um raio de humanidade ». Mas si lhe faz tal concessão, é meramente para tirar argumento contra o phantasma que o assusta, nascido nos « tenebrosos charcos da demagogia », e dizer que « o poeta não previu talvez todo o alcance da sua narrativa », porque pintado « o povo, o verdadeiro povo, o povo laborioso e honesto, esmagado em proveito de um punhado de ambiciosos », implicitamente condemna « a obra infernal das facções », e fornece prova irrecusavel « contra os revolucionarios ».

No entanto esse « povo da ultima camada, que vive mais perto da natureza, ingenuo, confiante », a que o poeta se refere, é o povo da Bretanha, durante dous mil annos victima do despotismo sob todas as suas fórmulas, a conquista, o feudalismo, o fanatismo, o fisco, opprimido, acossado, espavorido, deante das hostes romanas, da invasão anglo-saxonia, da casa franceza de Blois e da casa ingleza de Montfort, deante dos reis e dos duques, dos nove barões e dos juizes, dos vice-reis, do « bom duque de Chaulnes » que enforcava os camponezes de baixo das janellas da Sra. de Sévigné, das carnificinas feudaes, das guerras de religião e dos trinta mil cães

adestrados para a caçada de homens ainda no seculo passado.

Será a toda esta tyrannia que o escriptor dynastico chamará «tenebroso charco demagogico»? Mas começar de Cesar, que incumbiu-se dos funeraes da republica, e a terminar no Capeto, cuja cabeça cahiu com a monarchia, é difficil saber qual foi o periodo em que dominou a idéa «demagogica».

Veu entretanto com a revolução a libertação obrigatoria; a Vendéa rebellou-se; contra essa insurreição da ignorancia clama o poeta, esse *erro habitual nos escravos* é que elle profliga.

Depois de resumir o entrecho, que, valha a verdade, ainda podia ser resumido com metade das palavras do critico, desde que alguém se dispuzesse a supprimir mais uma quarta parte dos factos no correr da acção, dynamizada por esse methodo até á formula mais concisa, o consciencioso escriptor accusa o poeta de falta de sobriedade.

Quanto a isto, tratando-se de Victor Hugo, affigura-se-nos demasiada ingenuidade.

Se a vida inteira do chefe do romantismo tem sido a negação desse predicado peculiar ás letras classicas, si elle é Hugo exactamente porque não quiz ser Racine, porque desenthronisou os antigos deuses, porque tem n'alma todos os éstos da idade nova, como pedir-lhe que venha agora rematar o seu esplendido cyclo litterario com a denegação de toda uma escola!

Como já disse um critico, quanto a isto é pegar ou largar; acceitem-no assim, ou não o acceitem, o que é fóra de duvida é que o creador de tão crescido numero de obras immorredouras impor-se-ha á posteridade, com todas as suas bellezas que são immensas, com todos os seus defeitos que são somenos, resgatados por cincoenta annos de irradiação continua.

A casta e núa simplicidade grega ficou sotterrada sob as ruinas do mundo antigo; novos costumes requerem manifestações novas; no meio da vida agitada e incandescente dos povos modernos, do tumultuar ruidoso da sociedade pouco contemplativa do nosso tempo, do estrepito do vapor que peja os pulmões da industria, só ás vozes titanicas podem sobrepujar o fragor universal da colmeia gigantea, enlaçada atravez dos desertos e dos oceanos pelos fios da electricidade.

Onde quer que surja um Jamblico, vá tratando de esconder as suas moedas de Epheso: hoje não têm curso legal, nem legitimo.

Limitem-se os cultores do bello absoluto o volver os olhos saudosos para os muros rendidos do Pantheon, outr'ora animados sob o cinzel de Phidias, e para os amphitheatros derruidos, outr'ora frementes á voz de Sophocles. O vasto Olympo já não estremece ao carregar dos negros sobrolhos de Jupiter, e nessa cabeça que se dizia immortal já não fluctuam os cabellos perfumados de ambrosia; o imperioso Edipo já não arrasta as ca-

deias do Destino sobre o palco da Attica. A planta barbara dos filhos da Asia maculou o solo sagrado da Grecia, convertido em novas catacumbas em que hoje asyla-se a crença antiga.

O culto santo da verdade na arte pôde transpôr os seculos, pôde no volver das edades sorrir a outras auroras, mas o momento actual não lhe pertence.

Com que direito, pois, impôr silencio aos representantes acclamados por este seculo de gestação social?

Não cabe isso no poder do homem, ainda quando esse homem seja o critico illustre a que vamos oppondo estas linhas.

Passando na generalidade aos factos, descendo da simples asserção aos exemplos, aponta o critico como prova de pouca sobriedade o episodio da caronada que se desprende da bateria da *Claymore*. Tudo ahi lhe parece máu, desde o prodigio de imaginação do autor, como si aquelle animado quadro maritimo não tivesse de ficar consagrado como uma das mais potentes creações da musa franceza, rivalisando em esplendor com as melhores paginas do nosso copioso Vieira; até ao emprego da linguagem technica, como si a estricta propriedade da locução pudesse algama vez ser apontada como vicio litterario.

Mais infeliz, porém, é o segundo exemplo, porque esse não revela apenas modo de ver erroneo da critica,

revela cousa mais grave em um espirito eminente, uma critica de má fé.

Trata-se da scena do Imanus parlamenteanda do alto da torre do solar dos Gauvains, onde um exercito expedicionario da republica põe assedio aos realistas.

Esse Imanus, chefe de um bando vendeano, homem da confiança do cabo de guerra a quem está entregue a direcção da rebellião da Bretanha. é accusado de rhetorico, de geographo, de estatistico, de tactico e de estrategico, quando aliás não não passa de camponez inculto.

« Que official de estado-maior é esse camponio ! Onde diabo vae esconder-se a erudição ? Não é um homem esse camponio, é um dictionario ! » exclama o critico,

E para que possa exclamá-lo, tem antes transcripto toda a falla do parlamentar, com exclusão apenas de um trecho della em que fica explicada a erudição de que tanto se admira.

O trecho supprimido é este :

« O que vos estou dizendo, ficae sabendo, é para advertir-vos. *Meu senhor aqui está a meu lado. Sou a bocca por onde passam as suas palavras.* Homens que nos sitiaes, silencio. »

Não é pois um dictionario o camponio, é um portavoz, é simplesmente um homem de bons pulmões.

Depois deste documento de lealdade e circums-

peccão com que o critico desempenha o seu sisudo encargo, fica-se mais ou menos desobrigado de seguir-lhe os passos: conhece-se de antemão o sitio escuso a que se póde ir ter por tão tortuoso caminho.

Prosigamos no entanto.

Na enumeração que fez o Imanus dos realistas sitiados, diz o seguinte:

« Em primeiro logar o Sr. marquez que é o principe da Bretanha e prior secular da abbadia de Santa Maria de Lantenac, onde uma missa quotidiana foi instituida pela rainha Joanna. »

Pois que! o prior secular da abbadia de Santa Maria, e a missa quotidiana instituida pela rainha Joanna diz o Sr. Tailandier, todos esses pormenores, todas essas indicações certas, todas essas cousas não cheiram a escrivão, a tabellião ou a pedante?

Si a autor da enumeração homerica tivesse precisão da auctoridade de outros escriptores, citaríamos á critica restauradora alguns casos identicos; affigura-se-nos porém que o critico melhor do que nós os conhece, e abrimos mão da tarefa. No entanto pelo só desejo de nomear aqui o maior escriptor de quantos abrilhantam a lingua portugueza em nossos dias, digno successor de Walter Scott e de Agostinho Thierry,—vé o leitor que fallamos de Alexandre Herculono,—não podemos forrar-nos ao prazer de invocá-lo agora.

No seu primoroso romance historico, o *Bobo*, em

um dialogo do conde de Tavra com o pagem Tructezindo, diz este :

« Pelos ossos de São Cucufate, que com tão finas artes o santo arcebispo Gelmirez furtou de Braga para levar a Compostella, vos juro que não pensava de amores ».

Que acerado motejo não pungiria os labios do critico, si visse esta sciencia de ledor de codices na bocca do rapaz travesso dos paços de Guimarães?

Mas para quando ha de ficar reservado o pittoresco subsidio da chronica e da lenda, si o excluem do romance historico?

A missa, a missa quotidiana instituida pela Joanna na abbadia de que é prior secular o marquez ! Pois não assenta esse traço na physiognomia do velho chefe da crendeira Vendéa?

Proseguindo na analyse pergunta o critico : « Por que rasão Victor Hugo introduziu no seu romance Danton, Robespierre e Marat ? A que vêm elles ? Porque não foi o poeta directamente ao seu fim ? Isto não tem consoante, não passa de remendo. »

São realmente admiraveis as interrogações que ali ficam. Parece incrivel que se recuse logar na vastissima tela de 93 áquelles tres vultos.

Mas o episodio avulta, cresce, avoluma-se, quebra a unidade de acção, demora a narrativa encetada, este trem não anda, redargue o critico.

A um illustre collega do academico francez, ao erudito Sr. Patin, pedimos as linhas seguintes para as oppórmos ao Sr. Taillandier.

« Não é nas producções da arte que reside a unidade, mas em nossos sentidos, em nossa alma, onde o sentimento da unidade é por ellas despertado. As symphonias de Beethoven, por exemplo, que enviam-nos tumultuosamente harmonias tão diversas, tão discordes, põe-nas em ordem a nossa sensibilidade commovida; da tela vasta em que, em scenas innumeradas, Miguel Angelo patenteou o espectaculo do juizo final, abrange-lhe a extensão, a immensidade, o nosso pensamento. A unidade! a unidade não é certa disposição material e externa, é a idéa matriz do artista; é o sentido geral da obra; pôde não tê-la a regularidade mais symetrica, pôde surgir do meio da propria confusão; como a não produz o calculo, tambem a não depara a analyse, e o frio julgamento do critico é della juiz menos infallivel que a emoção irreflectida do espectador.»

No grande quadro revolucionario Minos, Éaco, e Rhadamanto não são de mais; ao lado esquerdo do primeiro plano, posto que na apparencia isolados da acção principal, influem nella directa e poderosamente. diffundem a sua luz e a sua sombra sobre a tela inteira, Ao vê-los, o espectador dispensaria a data do quadro, e quando por traz delles avista o cimo da Convenção,

Thabor da nova idade, reconhece o scenario condigno do poema que vae desenvolver-se-lhe aos olhos.

Como era natural em um escriptor monarchico, a enumeração dos convencionistas desagrada ao critico. As vozes dos julgadores de Luiz XVI soam-lhe mal aos ouvidos, e a inclusão do principe Egualdade nesse rol « demagogico » produz-lhe uma crispação de nervos, só capaz de abrandar apoz uma missa na Capella Expiatoria.

Depois de infundada increpação de pouca fidelidade historica na pintura do personagem que suppõe consubstanciado em Cimourdain, esquecido de que o romance historico tem a sua palheta bem provida de tintas e não pôde ser mero traslado da chronica, reconhece o critico bellezas de primeira ordem nas scenas passadas entre o tio e o sobrinho, representações do feudalismo e da revolução humanitaria.

E como arrastado ao bom caminho pela força do genio creador de taes obras de arte, sente-se feliz por encontrar uma cousa simples ao abrir do segundo livro da parte terceira do poema. Essa preferencia no entanto, com preterição dos naturalissimos capitulos do livro seguinte, prehenchido de começo a fim por tres creanças, naquelle estylo encantador com que Victor Hugo costuma tratar da infancia, e com preterição do baixo-relevo assentado em começo da obra, não depõe muito a favor do bom gosto do critico academico.

Por ultimo e antes de arcar de novo com o seu phantasma, o manifesto contido no romance, dando de mão ás scenas magistraes que fecham a composição com chave de ouro, acha o *nec plus ultra* do grotesco nas imprecações de Michaela Fléhard ante o espectáculo dos filhos que vão ser devorados pelo incendio do castello sem que lhes possa valer.

Em sua opinião a misera mãe apenas devia torcer as mãos e soltar gritos.

Que o fizesse alguma marquezia emigrada, perita na sciencia do desmaio, empoada, casquilha, delambida, não fôra para admirar; mas só o calculado esquecimento dos bons modelos e das lições da natureza pôde afirmar que é impossivel ter bramidos de fêra e balidos de cordeiro immolado a camponeza que apenas sabe ser mãe, mas que sabe-o ser até ao heroismo, e que, apoz larga peregrinação em busca dos filhos arrebatados de roldão pela guerra, rotos os vestidos, lacerados os pés, chega ao lugar em que as miseras creanças vão á sua vista desapparecer em uma fornalha incandescente onde as encerrára a vingança de um scelerado.

Nenhuma inverosimilhança ha nas blasphemias dessa mãe plebéa, e nos seus proprios raciocinios, embargados pela dor, desconnexos, entrecortados, confusos como convém á sua desesperação.

Para procurar auctoridade maior de toda a excepção, lembraremos apenas o famoso monologo da Medéa

de Euripedes ante os filhos a quem o furor do ciúme ordena-lhe que mate e a ternura materna ordena-lhe que salve. Hecuba e Andromacha provariam ainda ao critico que os gritos e o torcer das mãos não foram entre os grandes mestres da arte as manifestações mais accetadas do amor materno.

Pondo fim ás observações que podem chamar-se propriamente litterarias e analysando o desenlace da trama, depois de assistir á evasão de Lantenac facilitada por Gauvain, que entrega a cabeça á justiça implacavel da revolução, diz o critico que nada provou e em tudo aquillo o autor do romance.

Entendemos que nem o poeta estava obrigado a provar cousa alguma. A unica obrigação que lhe corria era tirar da sua potente inspiração épica uma obra-prima; si o conseguiu, conseguiu o primeiro e o ultimo fim da arte que é a mera realisação do bello.

Mas o critico, affastando-se deste acertado principio, deseja á fina força enxergar no romance um manifesto, em Cimourdain e Gauvain dous symbolos, o absoluto da revolução e o absoluto da humanidade, em que successivamente se incarna o autor, como si logo aos primeiros traços do inflexivel delegado da Junta de salvação publica não houvesse o poeta condemnado a opinião de que «nos geneses sociaes o ponto extremo é o terreno solido», como «erro proprio dos espiritos que substituem a rasão pela logica».

A essa preocupação diremos que o poder generoso do homem que symbolisa o principio de humanidade, dando como resgatados todos os crimes do feudalismo pelo só acto da salvação das tres creanças, respondendo a todas ás ironias do velho fidalgo com a clemencia republicana, e coagindo ao suicidio com o desenvolvimento da mesma doutrina o juiz inexoravel, deixou claro que «ácima das realezas, ácima das revoluções, ácima das questões terrenas está a immensa ternura da alma humana, a protecção devida aos fracos pelos fortes, a salvação devida aos que se perderam pelos que se salvaram ».

Essa é a luz da consciencia moral que illumina as paginas do poema inteiro. A adopção das tres victimas da rebellião da Vendéa pelos voluntarios de Santerre, a clemencia inexaurivel do mendigo Tellmarch, na primeira parte da obra. preparam a victoria da humanidade sobre o feudalismo representado em Lantenac e sobre a revolução representada em Cimourdain.

E depois que outra cousa significa a figura da malaventurada mãe que atravessa das primeiras ás ultimas paginas o poema todo ?

Quem sinão ella transporta por entre a confusão e o estridor dessa lucta de gigantes, por meio do desencadear de todas as paixões humanas, guardada no recesso do seu coração materno, sacrario condigno da elevada concepção moral do poeta, a luzinha tremula e

incerta de que falla Michelet, na citação feita pelo critico?

A humanidade está acima, não já do despotismo que a curva e subjuga os povos, mas da propria revolução que ultrapassa as raias da reacção e ensanguenta o altar da liberdade.

Eis a maxima perniciosa, o ensinamento funesto, que se colhe da obra que se vae ler, evangelho civilizador para os espiritos exemptos de paixões partidarias, manifesto da demagogia para os animos perturbados pelos interesses mesquinhos de alguma restauração frustada.

No legado que deixou á civilisação o luminoso espirito que foi entre os homens Michelet, ha uma pagina que poremos aqui de preferencia á que escolheu o Sr. Taillandier, pretendendo inscrevê-la na frontaria do monumento litterario, destinado por ventura a recolher os trophéos da ultima victoria do batalhador extrenuo de meio seculo, a quem o principe das lettras christãs chamou na infancia «a creança sublime» e a quem a liberdade nos dous mundos já sagrou como «o velho propheta».

Abramos a *Biblia da Humanidade*.

Trata-se do velho Eschylo, que cambate a tyrannia politica em Athenas.

« A peça inteira, podemos dizê-lo, equivalia a um ataque contra os intrigantes de que Pericles lançava

mão. Um, insinuado por elle, instigava o povo a supprimir o Areopago. Eschylo interveio com esse drama ousado, em que mostrava Minerva fundando, para o processo de Orestes, o colendissimo tribunal que por largo tempo fizera de Athenas o centro e o templo do Direito.

« O Areopago não foi supprimido. Recuaram. Mas tanto mais certa era a ruina de Eschylo. Não o deixaram mais de mão. Sob mil pretextos é para logo perseguido, calumniado. Dizem á puridade que, si nos desenlaces elle evitar matar á vista do publico, é que mata por traz do theatro; que com a furia do triumpho, para obtê-lo do céu ou do inferno, immola victimas humanas.

« Taes preludios engenhosos preparavam o golpe que lhe desferiram, a accusação de impiedade. Poucos pormenores temos. Defender-se-hia elle? Ignoramo-lo. Parece que, por apologia, mostrou apenas a sua cicatriz, recordou Marathona, o irmão e Salamina. A accusação corou e calou-se.

« Não podendo attingi-lo, attingiram o theatro. Era ainda feri-lo. Uma manhã o theatro desmorona-se. Velho theatro de madeira, que tanta vez estremeceu-lhe sob os passos, e trovejou com o trovão da sua voz. Fatigou-lhes a paciencia. Impoem silencio aos seus furores impios, a esse Ajax, a esse Orestes, a esse gigante blasphemo. Quebrou com as suas proprias mãos e matou sob si proprio o seu theatro. Reedificam-no, admiravel,

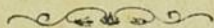
de marmore, cercado de estatuas. Mas não convirá a Eschylo. Já não é, como o outro, vibrante e palpitante, já não está empregnado dessa alma antiga. As effigies dos deuses, maravilhas da arte, compartilhem agora a attenção, os olhares. A frente delles está a scismadora imagem, somnolenta e voluptuosa, do deus novo, Baccho, Venus mascula, o enamorado de Athenas.

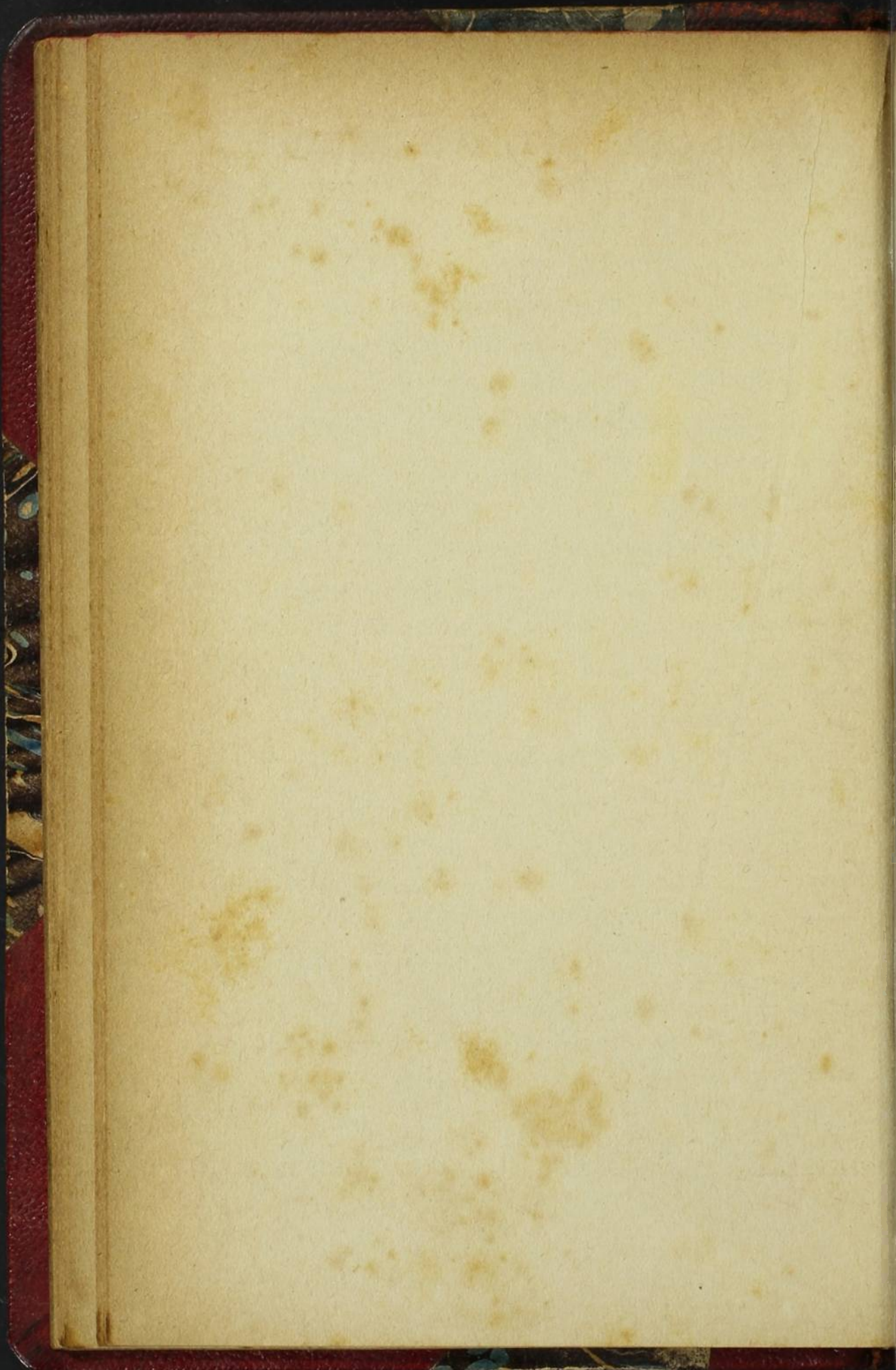
« Tudo isso diz ao velho heroe o mesmo que na sua peça as Furias diziam a Orestes: «Acabaste... Não tornarás a fallar. »

Creio que foi então que, nesse mesmo palco de que despedia-se para sempre o velho Titan erguen o seu Caucasos, deixou-se atar, encadear e fulminar por Jupiter, para dahi lançar-lhe a grande palavra da rebellião, a prophecia do futuro. »

Rio de Janeiro, 21 de Abril de 1874.

SALVADOR DE MENDONÇA.





NOVENTA E TRES

PRIMEIRA PARTE

NO MAR

LIVRO PRIMEIRO

O BOSQUE DE LA SAUDRAIE

Nos ultimos dias de Maio de 1793 um dos batalhões parizienses levados á Bretanha por Santerre explorava o formidavel bosque de la Saudraie em Astillé. Não eram mais de trezentos, pois o batalhão estava dizimado por essa rude guerra. Era o tempo em que, depois de Ar-gonne, Jemmapes e Valmy, do primeiro batalhão de Pariz, que compunha-se de seiscentos voluntarios, restavam vinte sete homens, do segundo trinta e tres, e do terceiro cincoenta e sete. Tempo de luctas épicas.

Os batalhões mandados de Pariz á Vandéa contavam novecentos e doze homens. Cada batalhão tinha tres canhões. Haviam-se apromptado rapidamnete. A 25 de Abril, sendo Gohier ministro da justiça e Bouchotte ministro da guerra, a secção do Bom Conselho propuzera que se mandassem batalhões de voluntarios á Vandéa; o membro da communa Lubin lavrára parecer; a 1º de Maio Santerre estava prompto para fazer com que seguissem doze mil soldados, trinta peças de campanha e um batalhão de artilharia. Esses batalhões, organisados tão rapidamente, foram tão bem organisados que servem hoje de modelo; é de conformidade com o modo por

que se compunham que se formam as companhias de linha; modificaram a antiga proporção entre o numero dos soldados e o numero dos officiaes inferiores.

A 28 de Abril a communa de Pariz dera aos voluntarios de Santerre esta senha: *Nem perdão, nem quartel*. No fim de Maio, dos doze mil que haviam sahido de Pariz oito mil estavam mortos.

O batalhão empenhado nos bosques de la Saudraie estava de sobreaviso. Não tinham pressa. Olhavam a um tempo á direita e á esquerda, para deante e para traz de si; Kléber disse: *O soldado tem olhos nas costas*. Havia muito tempo que marchavam. Que horas seriam? em que ponto do dia estariam? Difficil fôra dizê-lo, pois ha de continuo uma como noite em tão alpestres brenhas, e nunca ha claridade nesse bosque.

O bosque de la Saudraie era tragico. Fôra nessa mata que, desde o mez de Novembro de 1792, a guerra civil iniciára os seus crimes; Mousqueton, o coxo feroz, sahira dessas espessuras funestas; a cópia dos homicidios ali perpetrados punha os cabellos em pé. Não havia logar mais medonho. Os soldados intromettiam-se por elle com precaução. Estava tudo coberto de flôres; tinham ao redor tremula parede de ramos de onde cahia o encantado frescor da folhagem; raios de sol furavam aqui e alli essas trevas verdes; no chão, o gladiolo, o lirio do brejo, o narciso do campo, a florinha que annuncia o bom tempo, o açafião vernal, bordavam e entreteciam profundo tapete de vegetação em que formigavam todas as fôrmas do musgo, desde o que assemelha-se á lagarta até ao que ass emelha-se á estrella. Os soldados adeantavam-se passo a passo, affastando de vagarinho as moutas e enredanças. Os passaros gorgeavam por cima das bayonetas.

La Saudraie era uma das brenhas em outr'ora, nos tempos pacificos, fizera se a Houiche-ba, que vem a ser

a caça aos passaros durante a noite; agora caçavam homens.

A mata era toda de betulas, faias e carvalhos; o solo plano; o musgo e a herva espessa amorteciam o ruido dos passos dos homens; nenhuma trilha, ou trilhas que para logo perdiam-se; azevinhos, abrunheiros sylvestres, fetos, sebes de rilha-boi, sarças crescidas: impossibilidade de ver um homem a dez passos.

Por momentos passava na ramagem uma garça ou uma gaivota indicando a proximidade de algum pantano.

Adeantavam-se. Caminhavam ao acaso, com inquietação e receiando encontrar o que procuravam.

De tempos a tempos encontravam vestigios de acampamentos, sitios queimados, hervas machucadas, páus em cruz, ramos ensanguentados. Aqui haviam, cosinhado, alli tinham dito missa, além tinham pensado feridos. Mas os que haviam passado haviam desaparecido. Onde estariam? bem longe talvez. Talvez ahi bem perto, occultos, com o bacamarte em punho. O bosque parecia deserto. O batalhão dobrava de prudencia. Solidão, conseguintemente desconfiança. Não se via pessoa alguma; rasão de mais para receiar alguém. Tratava-se de uma floresta de má reputação.

Era provavel uma emboscada.

Trinta granadeiros, destacados como exploradores e commandados por um sargento, marchavam na vanguarda á grande distancia do grosso da gente. Acompanhava-os a vivandeira do batalhão. As vivandeiras reúnem-se de boamente ás vanguardas. Corre-se perigo, mas vae-se ver alguma cousa. A curiosidade é uma das fórmulas do valor feminino.

De subito os soldados deste pequenino terço de vanguarda sentiram o estremecimento que os caçadores conhecem e que indica que estão perto da tóca. Tinham

ouvido como uma respiração no meio de um cerrado, e parecia que acabavam de ver um movimento nas folhas. Os soldados fizeram uns aos outros signal.

Nessa como busca e espreita confiada aos exploradores, os officiaes não têm necessidade de immiscuir-se; o que se deve fazer, faz-se por si mesmo.

Em menos de um minuto o ponto em que haviam remechido estava cercado; um circulo de espingardas apontadas encerrou-o; o centro escuro da brenha serviu a um tempo de alvo para todos os lados, e os soldados, com o dedo no gatilho, o olhar no sitio suspeito, apenas esperavam, para metralhá-lo, a voz do sargento.

No entanto a vivandeira arriscara-se a olhar por entre as moutas, e no momento em que o sargento ia gritar: Fogo! a mulher gritou: Alto!

E voltando-se para os soldados:—Não atirem camaradas!

E precipitou-se para o meio do cerrado. Seguiram-na.

Havia ali com effeito alguém.

No mais denso da espessura, junto de uma desses pequenas clareiras redondas que abrem no mato a covas de carvão ao queimarem as raizes das arvores, em um como buraco de ramos, em uma como camara de folhagem, entreaberta como uma alcova, uma mulher estava sentada no musgo, tendo ao seio uma creança que mamava e no collo as duas cabeças louras de duas creanças adormecidas.

Essa era a emboscada.

— O que está fazendo aqui? exclamou a vivandeira.

A mulher ergueu a cabeça.

A vivandeira accrescentou furiosa:

— Que loucura é esta de estar aqui?

E continuou;

— Por pouco que não a exterminam!

E, dirigindo-se aos soldados, a vivandeira ajuntou:

— É uma mulher.

— Atè ahi vemos nós! disse um granadeiro.

A vivandeira proseguiu:

— Vir para o mato para fazer-se matar! já se viu
asneira semelhante!

A mulher estupefacta, desvairada, petrificada, via
em torno de si, como atravez de um sonho, essas espin-
gardas, esses sabres, essas bayonetas, esses semblantes
ferozes.

Os dous pequenos despertaram e gritaram.

— Estou com fome, disse um.

— Estou com medo, disse o outro.

O pequenino continuava a mamar.

A vivandeira dirigiu-lhe a palavra.

— Tu é que fazes bem, disse-lhe.

A mãe estava muda de terror.

O sargento bradou-lhe:

— Não tenha medo, somos do batalhão do Barrete
Vermelho.

A mulher tremeu da cabeça aos pés. Olhou para o
sargento, rude semblante do qual viam-se apenas as
sobrancelhas, os bigodes e as duas brazas que eram-lhe
os olhos.

— O batalhão da outr'ora Cruz Vermelha, accres-
centou a vivandeira.

E o sargento continuou:

— Quem és, mulher?

A mulher contemplava-o aterrada. Era magra,
moça, pallida, andrajosa; estava com o grosso capuz
das camponesas bretãs e a coberta de lã presa ao pes-
coço com um cordão. Deixava o seio descoberto com in-
diferença primitiva. Os pés, sem meias e sem sapatos,
sangravam-lhe.

— É alguma coitada, disse o sargento.

E a vivandeira continuou com a sua voz marcial e feminina, mas afinal meiga :

— Como se chama?

A mulher murmurou com balbuciar quasi indistincto :

— Michaela Flécharde.

No entanto a vivandeira acariciava com a grosseira mão a cabecinha do pequeno.

— Que idade tem este marreco? perguntou.

A mãe não entendeu. A vivandeira insistiu.

— Estou lhe perguntando a idade distozinho.

— Ah! disse a mãe, dezoito mezes.

— Está velho, disse a vivandeira. Já não deve mamar. Desmame-o. Dar-lhe-hemos sopas.

A mãe começava a tranquilisar-se. Os dous pequenos que haviam acordado, estavam mais curiosos que assutados. Admiravam os pennachos.

— Ah! disse a mãe, estão com bastante fome.

E accrescentou :

— Já não tenho leite.

— Dar-lhe-hemos de comer, exclamou o sargento, e a ti tambem. Mas vamos a outra cousa. Quaes são as tuas opiniões politicas?

A mulher olhou para o sargento e não respondeu.

— Comprehendes a minha pergunta?

Ella balbuciou :

— Metteram-me no convento muito moça, mas casei-me, não sou freira. As irmãs ensinavam-me a fallar francez. Deitaram fogo á aldeia. Fugimos tão ás pressas que não tive tempo de calçar sapatos.

— Pergunto-te quaes são as tuas opiniões politicas.

— Não sei disso.

O sargento proseguiu :

— É que ha espiões femininos. Esses fuzilam-se. Vamos. Falla. Não és cigana? Qual é tua patria?

Continuou a olhar como si não comprehendesse. O sargento repetiu:

— Qual é tua patria?

Não sei, disse.

— Como, não sabes onde nasceste?

— Ah! onde nasci? Sei.

— Então onde foi?

A mulher respondeu;

— No casal de Siscoignard, na parochia de Azé.

Desta vez foi o sargento que ficou estupefacto. Conservou-se um momento pensativo, depois continuou:

— Onde?

— Em Siscoignard.

— Isso não é patria.

E a mulher, depois de um momento de reflexão, ajuntou:

— Entendo, senhor. O senhor é de França, eu sou da Bretanha.

— E então?

— Não é a mesma terra.

— Não é a mesma patria! bradou o sargento.

A mulher limitou-se a responder:

— Eu sou de Siscoignard.

— Vá lá, retrucou o sargento. A tua familia é de lá?

— E'.

— Onde está?

— Morreu toda. Não tenho mais ninguem.

O sargento, que não era máu grulha, continuou o interrogatorio.

— Com a breca! a gente sempre tem parentes, ou teve. Quem és? Falla.

A mulher ouviu pasma esse—teve—que mais parecia bramido de féra que palavra humana.

A vivandeira conheceu que devia intervir. Poz se de novo a acariciar a creancinha que mamava, e bateu na face das outras duas.

— Como se chama estazinha ? perguntou ; é menina, não ?

A mãe respondeu :—Georgina.

— E o mais velho ? é menino, não ?

— João Renato.

— E o mais moço ? é menino tambem, não ? o bochechudo !

— Gordo Alano, disse a mãe.

— Estes p̃equenos são lindos, disse a vivandeira ; já parecem gente.

Entretanto o sargento insistia.

— Falla, mulher. Tens casa ?

— Tinha.

— Onde ?

— Em Azé.

— Porque não estás nella ?

— Porque queimaram-na.

— Quem ?

— Não sei. Uma batalha.

— De onde vens ?

— De lá.

— Para onde vás ?

— Não sei.

— Vamos ao que serve. Quem és ?

— Não sei.

— Pois não sabes quem és ?

— Somos gente que foge.

— De que partido és ?

— Não sei.

— És dos azues ! És dos brancos ? Com quem estás ?

— Estou com meus filhos.

— Houve uma pausa. A vivandeira disse :

— Eu cá nunca tive filhos. Não tive tempo.

O sargento recomeçou.

— Mas não tens parentes? Vamos, mulher, põe-nos ao corrente do teu parentesco. Eu chamo-me Radoub; sou sargento, sou da rua de Cherche-Midi, meu pae e minha mãe de lá erám, posso fallar dos meus parentes. Falla-nos dos teus. Dize-nos quem eram os teus parentes.

— Eram os Fléchards. Ahi está.

— Boa duvida! os Fléchards, são os Fléchards, como os Radoub são os Radoub. Mas a gente tem sempre uma posição. Que posição era a dos teus parentes? O que faziam? O que fazem? O que flexavam os teus Fléchards.

— Eram lavradores. Meu pae era doente e não podia trabalhar porque levára umas bastonadas que o senhor, o seu senhor, o nosso senhor lhe mandára dar, o que ainda foi uma felicidade, porque o meu pae tinha apanhado um coelho, pelo que haviam-no condemnado á morte; mas o senhor perdoára e dissera: Dêem-lhe só cem bastonadas; e meu pae ficou estropeado.

— E depois?

— Meu avô era hugonote. O senhor cura fez com que o mandassem para as galés. Eu era pequenina.

— E depois?

— O pae de meu marido era contrabandista. O rei mandou-o enforcar,

— E teu marido que faz?

— Ha poucos dias combatia.

— Por quem?

— Pelo rei.

— E depois?

— E' boa! por seu senhor.

— E depois?

— E' boa! pelo Sr. cura.

— Grandissimos brutos! exclamou um granadeiro. A mulher teve um sobresalto de terror.

— Está vendo, senhora, que somos parizienses, disse graciosamente a vivandeira.

A mulher poz as mãos e exclamou:

— Meu senhor Jesus Christo!

— Deixemo-nos de superstições, respondeu o sargento.

A vivandeira sentou-se ao lado da mulher e puxou para o collo o mais velho dos filhos, que não oppoz resistencia. As creanças confiam da mesma arte que assustam-se, sem que se saiba porque. Tem não sei que advertencias intimas.

— Minha coitadinha desta terra, a senhora tem uns diachinhos lindos, é sempre assim. Adivinha-se-lhes a idade. O maior tem quatro annos, o irmão tem tres. Olhe, a pecurrucha que mama não é má gulosa. Ah! pestinha! Não devores assim tua mãe! Vamos, senhora, nada receie. A senhora devia entrar para o batalhão. Fará como eu. Chamo-me Hussara; é alcunha. Mas prefiro chamar-me Hussara a chamar-me *sia* Bicorneau, como minha mãe. Sou a vivandeira do cantil, como quem diz a mulher que reparte a bebida enquanto metralham-se e assassina-se. O diabo e tudo mais. Temos mais ou menos o mesmo pé, hei de dar-lhe sapatos meus. Eu estava em Pariz a 10 de Agosto. Dei a beber a Westermann. Isso foi ás mil maravilhas. Vi guilhotinar Luiz XVI, Luiz Capeto, como o chamam. Elle não queria. Com a bréca, escute. Ainda a 13 de Janeiro mandava assar castanhas e ria-se com a familia! Quando obrigaram-no a deitar-se no balanço, como o chamam, já não tinha nem casaca nem sapatos; estava apenas com a camisa, com um collete acolechado, umas calças de fazenda escura e meias de sêda parda. Essa festa

vi eu. O carro em que o conduziram era pintado de verde.

« Está vendo, venha connosco, somos bons rapazes no batalhão; será a vivandeira numero dous; ensinar-lhe-hei a profissão. Oh! é muito simples! a gente tem o seu ancorote e a sua campainha, mette-se no barulho, nos fogos de pelotão, no canhoneio, no alboroto, gritando: Rapazes, quem quer um trago? E' só isto. Eu dou de beber a todos. A fé que sim. Tanto aos brancos como aos azues, posto que seja uma azul. E até uma excellente azul. Mas dou de beber a todos. A fé que sim. Tanto aos brancos como aos azues, posto que seja uma azul. E até uma excellente azul. Mas dou de beber a todos. Isto de feridos todos têm sede. Morre-se sem distincção de opinião. A todos os que morrem devia-se apertar a mão. Que tolice é a gente combater! Venha connosco. Si me matarem, herdará o meu logar. Olhe, tenho esta cara; mas sou boa mulher e excellente homem. Nada recie.

Quando a vivandeira acabou de fallar, a mulher murmurou:

— Nossa vizinha chamava-se Maria Joanna e nossa creada chamava-se Maria Claudia.

No entanto o sargento admoestava o granadeiro.

— Cala-te. Metteste medo á mulher. Não se pragueja deante das damas.

— E' que é nem mesmo um dia de juizo para os miolos de um homem de bem, replicou o granadeiro, vêr estes iroquezes da China que tiveram o sogro estropeado pelo senhor, o avô galé por via do cura e o pae enforcado pelo rei, combaterem, com os seiscentos! revoltarem-se, fazerem-se em postas por amor do senhor, do cura, e do rei!

O sargento bradou:

— Silencio na fileira!

— A gente já se cala, sargento, continuou o granadeiro; mas isso não quer dizer que não metta dó ver uma bonita mulher como esta expor-se a que lhe quebrem o gargalo pelos bonitos olhos de um trocatintas.

— Granadeiro, disse o sargento, não estamos aqui no club da secção das Lanças. Nada de eloquencia.

E voltou-se para a mulher.

— E teu marido, mulher? o que faz? O que fizeram delle?

— Nada, porque mataram-no.

— Onde?

— Na cerca.

— Quando?

— Ha tres dias.

— Quem?

— Não sei.

— Como, não sabes quem matou teu marido?

— Não.

— Foi algum azul? Foi algum branco?

— Foi um tiro de espingarda.

— E ha tres dias?

— Ha.

— Para que bandas?

— Para as bandas de Ernée. Meu marido cahiu. Ahi está como foi.

— E depois que teu marido morreu, o que fazes?

— Carrego com os meus filhos.

— Para onde?

— Por ahi além.

— Onde dormes?

— No chão.

— O que comes?

— Nada.

O sargento fez com os beiços um movimento militar que pôe o nariz em contacto com os bigodes.

— Nada?

— Isto é, fructos de abrunho, amoras nos espinhos, si ahí ficaram do anno passado, bagas de murta, grelos de feto.

— Isso e nada é a mesma cousa.

O mais velho dos meninos, que parecia comprehender, disse: Estou com fome.

O sargento tirou do bolso um pedaço de pão de munição e deu-o á mãe. A mãe partiu o pão em dous pedaços e deu-os aos filhos. Os pequenos devoraram.

— Ficou sem cousa alguma para si, resmoneou o granadeiro:

— E' que não tem fome, disse um soldado.

— E' que é mãe disse o sargento.

Os meninos pararam de comer.

— Quero agua, disse um.

— Quero agua, repetiu o outro.

— Não haverá um regato neste bosque do diabo? perguntou o sargento.

A vivandeira tomou o copo de cobre que pendia-lhe da cintura ao lado da campainha, abriu a torneira do ancorote que trazia á bandoleira, despejou algumas gotas no copo e chegou o copo aos labios das creanças.

O primeiro bebeu e fez uma careta.

O segundo bebeu e escarrrou.

— Mas isto é bom disse a vivandeira.

— E' o franze-cara? perguntou o sargento.

— E', e do melhor. Mas sempre são camponezes.

E enxugou o copo.

O sargento continuou:

— E foges assim sem mais nem menos, mulher?

— O que hei de fazer?

— Assim por ahí além como folha ao vento?

— Corro com todas as minhas forças, e depois ando, e depois caio.

— Coitadinha! disse a vivandeira.

— A guerra está accesa, balbuciou a mulher. Estou rodeada de tiros. Não sei o que querem esses homens. Mataram-me meu marido. Foi só o que comprehendendi.

O sargento fez resoar no chão a coronha da espingarda, e exclamou :

— Estupida guerra! com os diabos!

A mulher continuou :

— A noite passada deitamo-nos no ôco macio de um tronco.

— Todos quatro?

— Todos quatro.

— Deitaram-se?

— Deitamo-nos.

-- Então, disse o sargento, deitaram-se de pé.

E voltou-se para os soldados :

— Camaradas, a um grosso tronco de arvore carcomido e secco, onde um homem mal pôde metter-se como dentro de uma bainha, chamam estes selvagens um ôco macio. O que querem? Não são obrigados a ser de Pariz.

— Dormir no ôco de uma arvore! disse a vivandeira, e com tres creanças!

— E, continuou o sargento, quando os pequenos esguelavam-se, para a gente que passava e que nada via, devia ser extravagante ouvir uma arvore gritar: *Papae, mamãe!*

— Felizmente estamos no verão, suspirou a mulher.

Olhava para o chão, resignada, tendo nos olhos o assombro das catastrophes.

Os soldados silenciosos formavam circulo em torno dessa desventurada.

Uma viuva, tres orphãos, a fuga, o abandono, a solidão, a guerra troando em todos os extremos do hori-

zonte, a fome, a sêde, nenhum outro alimento além dos fructos sylvestres, nenhum outro tecto além do céu.

O sargento opproximou-se da mulher e fitou os olhos na creança que mamava. A pequenina deixou o seio, voltou meigamente a cabeça, olhou com as suas formosas pupillas azues para o medonho semblante hirsuto, erigado e fouveiro que inclinava-se para ella, e poz-se a sorrir.

O sargento endireitou-se e viram uma lagrima abundante rolar-lhe pela face e parar na ponta do bigode como uma perola.

Ergueu a voz.

— Camaradas, de tudo isto eu concluo que o batalhão vae ser pae. Está dito? Adoptamos estas tres creanças.

— Viva a Republica! bradaram os granadeiros.

— Está dito, affirmou o sargento.

E estendeu ambas as mãos por sobre a cabeça da mãe e dos filhos.

— Eis, disse elle, os filhos do batalhão do Barrete Vermelho.

A vivaadeira saltou de contente.

— Tres cabeças em um barrete, exclamou.

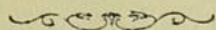
Depois rompeu em soluços, abragou como douda a misera viuva e disse-lhe:

— Como a pequenina já é faceira!

— Viva a Republica! repetiram os soldados.

E o sargento disse á mãe:

— Venha, cida mã.



LIVRO SEGUNDO

A CORVETA CLAYMORE

I

INGLATERRA E FRANÇA MISTURADAS

Na primavera de 1793, quando a França, atacada a um tempo por todas as suas fronteiras, tinha a pathetica distração da quèda dos Girondinos, eis o que se passava no archipelago da Mancha.

Uma tarde, a 1º de Junho, em Jersey, na pequena bahia deserta de Bonnenuit, cerca de uma hora antes do pôr do sol, por um desses tempos brumosos que são commodes para fugir porque são perigosos para navegar, uma corveta fazia-se de vela. O navio tinha equipagem franceza, mas fazia parte da flotilha ingleza estacionada e como de sentinella na ponta oriental da ilha. O principe de la Tour-d'Auvergne, que era da casa de Bouillon, commandava a flotilha ingleza, e era por ordem sua, e para um serviço urgente e especial, que a corveta desligava-se della.

Essa corveta, matriculada na Trinity-House sob o nome de *the Claymore*, era na apparencia uma corveta de carga, mas na realidade uma corveta de guerra. Tinha o pesado e pacifico aspecto mercante; cumpria entretanto não se fiar nisso. Fôra construida para dous fins,

astucia e força; enganar, si fosse possível, combater, si fosse necessario. Para o serviço que tinha de fazer nessa noite, o carregamento havia sido substituído na cobertura por trinta caronadas de grosso calibre. Estas trinta caronadas, ou porque previssem algum temporal, ou antes porque quizessem dar aspecto bonachão ao navio, estavam recolhidas, isto é, fortemente amarradas por dentro com triplices correntes e o segundo reforço apoiado ás portas fechadas; nada se via por fóra; as vigias da cobertura estavam tapadas; as gateiras fechadas; era como si houvessem posto uma mascara na corveta. As corvetas de guerra só devem ter canhões no convez; esta, para a surpresa e para a cilada, tinha o convez desarmado, e fóra construída de modo a poder receber, como acabamos de vêr, uma bateria na cobertura. A *Claymore* era de modelo rombo e boto, e no entanto tinha boa marcha; era o casco mais sólido de toda a marinha ingleza, e no combate valia quasi tanto como uma fragata, posto que tivesse por mastro de mesena apenas um masteréu com uma simples vela. O leme, de fórmula rara e bem delineada, tinha uma ossada curva quasi unica que custára cincoenta libras esterlinas nos estaleiros de Southampton.

A equipagem, franceza toda, era composta de officiaes emigrados e de marinheiros desertores. Esses homens eram escolhidos; não havia um que não fosse bom marinheiro, bom soldado e bom realista. Tinham o triplice fanatismo do navio, da espada e do rei.

Meio batalhão de infantaria de marinha, podendo desembarcar em caso de necessidade, estava reunido á equipagem.

A corveta *Claymore* tinha por capitão um cavalleiro de S. Luiz, o conde de Boisberthelot, um dos melhores officiaes da antiga marinha real, por immediato o cavalleiro de La Vieuville que commandára nas guardas fran-

cezas a companhia em que Hoche fôra sargento, e por piloto o patrão mais sagaz de Jersey, Philip Gacquoil.

Adivinhava-se que o navio tinha de fazer alguma cousa extraordinaria. Effectivamente um homem acabava de embarcar, que tinha todos os visos de entrar em uma aventura. Era um velho alto, direito e robusto, de rosto severo, cuja idade difficil fôra determinar, por isso que parecia a um tempo velho e moço; era um desses homens que são cheios de annos e de força, que têm cabellos brancos sobre a fronte e relampagos no olhar; quarenta annos a julgar pelo vigor e oitenta a julgar pela auctoridade. Na occasião em que entrou na corveta, tinha o manto de viagem entreaberto, e poderam vê-lo vestido, sob o manto, com amplas bragas chamadas *bragou-bras*, botas curtas e uma vestia de pelle de cabra mostrando pela parte de cima o couro cheio de passamanes de seda, e pela parte de baixo o pello erigado e selvagem, vestuario completo do camponez bretão. Estas antigas vestias bretãs destinavam-se a dous fins, serviam tanto nos dias de festa como nos dias de trabalho, e viravam-se, apresentando á vontade o lado pelludo ou o lado bordado; pelle de animal durante a semana inteira, trajo de gala ao domingo. O vestuario de camponez que tinha o velho estava, como para de industria augmentar a verosimilhança desejada, gasto nos joelhos e nos cotovellos, e parecia ter longo uso, e o manto de viagem, de grosso estofa, assemelhava-se a andrajos de pescador. O velho tinha na cabeça o chapéu redondo desse tempo, de fôrma alta e abas largas, que, enterrado, á moda rustica, e levando de um lado por uma presilha com tope, tem aspecto militar. Trazia este chapéu enterrado á camponeza, sem presilha nem tope.

Lord Balcarras, governador da ilha, e o principe de la Tour-d'Auvergue, haviam-no pessoalmente conduzido e posto a bordo. O agente secreto dos principes, Gé-

lambre, antigo guarda do corpo do Sr. conde de Artois, tinha em pessoa fiscalizado a arrumação do seu camarote, levando o cuidado e o respeito, apesar de muito bom fidalgo, a carregar atraz do velho a mala. Deixando-o ao voltar para terra, o Sr. de Gélambre fizera profunda reverencia a este camponez; lord Balcarras dissera-lhe: *Seja feliz, general*, e o principe de la Tour-d'Auvergne dissera-lhe: *Até á vista primo*.

« O camponez », era com effeito o nome com que a equipagem começára logo a designar o passageiro, nos curtos dialogos que os hemens de mar têm entre si; mas, apesar de não saberem mais cousa alguns. affigurava-se-lhes que esse camponez era tão camponez como a corveta de guerra era mercante.

Havia pouco vento. A *Claymore* deixou Bonnenuit, passou por deante de Boulay-Bay, e esteve algum tempo á vista, bordejando; depois foi decrescendo no seio da noite crescente, e desapareceu.

Uma hora depois Gélambre, voltando para casa em Saint-Hélier, expediu, pelo expresso de Southampton, ao Sr. conde de Artois, no quartel general do duque de York, as quatro linhas seguintes:

« Senhor, acabam de seguir. Exito certo. Dentro em oito dias toda a costa arderá, de Granville a Saint-Malo. »

Quatro dias antes, por emissario secreto, o representante Prieur, do Marne, em missão junto ao exercito da costa de Cherbourg, e residindo momentaneamente em Granville, recebera, escripta com a mesma letra da communicação precedente, a mensagem que se vae ler:

« Cidadão representante, no dia 1º de Junho, á hora da maré, a corveta de guerra *Claymore*, com bateriã mascarada, apparelhará para largar nas costas de França um homem cujos signaes são estes: estatura ele-

vada, velho, cabellos brancos, roupas de camponez, mãos de aristocrata. Mandar-lhe-hei amanhã mais pormenores. Deve desembarcar no dia 2 pela manhã. Avise o cruzeiro, capture a corveta, mande guilhotinar o homem.»

II

NOITE SOBRE O NAVIO E SOBRE O PASSAGEIRO

A corveta em vez de tomar para o sul e dirigir-se para Sainte-Catharine, aproára para o norte, voltára depois para oeste e metterá-se resolutamente para Serk e Jersey ao braço chamado a Passagem da Derrota. Não havia então pharol em ponto algum dessas duas costas.

O sol estava mais do que posto; a noite estava negra, mais do que são de ordinario as noites de verão; era uma noite de luar, mas vastas nuvens, antes do equinoxio que do solsticio, forravam o céu, e conforme tudo indicava, a lua não se mostraria si não quando baixasse no horizonte, na occasião de entrar. Alguns nevoeiros debruçavam-se até ao mar e cobriam-no de bruma.

Toda essa escuridão era favoravel.

A tenção do piloto Gacquoil era deixar Jersey á esquerda e Guernesey á direita, e ganhar, com uma travessia ousada entre os Hanois e as Douvres, qualquer enseada do littoral de Saint-Malo, róta menos curta do que pelos Minquiers, porém mais segura, pois o cruzeiro francez tinha habitualmente ordem de pairar principalmente entre Saint-Hélier e Granville.

Si o vento favorecesse, si não sobreviesse cousa alguma, e pozesse a corveta á capa, Gacquoil contava chegar á costa de França ao amanhecer.

Tudo ia bem ; a corveta acabava de transpor Gros-Nez ; pelas nove horas o tempo pareceu arrufar-se, como dizem os maritimos. e houve vento e mar ; mas o vento era bom, e o mar forte sem ser violento. No entanto com a mareta a corveta ficava com a prôa um tanto mettida.

O «camponez» que lord Balcarras chamára *general*, e a quem o principe de la Tour-d'Auvergne dissera: *Meu primo*, tinha pernas de homem de mar e passeiava com tranquilla gravidade no convez da corveta. Não parecia notar que ella era rijamente balançada. De tempo a tempo tirava do bolso da vestia um páu de chocolate de que partia e mascava um pedaco ; os cabellos brancos não vedavam que tivesse todos os dentes.

A ninguem fallava, a não ser a espaços, em voz baixa e laconicamente, ao capitão, que ouvia-o com deferencia e parecia ter ao passageiro na conta de mais commandante do que a si proprio.

A *Claymore*, habilmente governada, perlongou occulta no nevoeiro, com a comprida escarpa do lado norte de Jersey, encostando-se á terra, por via do formidavel escolho Pierres-de-Leeq que demora no meio do braço de mar entre Jersey e Serk. Gacquoil, de pé e ao leme, as-signalando successivamente a Gréve de Leeq, Gros-Nez, Plémont, fazia singrar a corveta por entre essas cadeias de arrecifes, de alguma fórma ás apalpadelas, mas com certeza, como homem que é de casa e conhece os habitantes do Oceano. A corveta não levava fogo á prôa com o reccio de denunciar a sua passagem por essas aguas vigiadas. Davam parabens ao nevoeiro. Chegaram á Grande-Étaque ; a bruma estava tão cerrada que mal distinguiam o alto perfil do Pinnacle. Ouviram dar dez horas na torre de Saint-Ouen, signal de que o vento conservava-se pela popa. Tudo continuava a ir bem ; o mar tor-

nava-se mais banzeiro por causa de vizinhança da Corbière.

Pouco depois das dez horas o conde du Boisberthelot e o cavalleiro de La Vieuville acompanharam o homem vestido de campones até o seu camarote que era a propria camara do capitão. No momento em que entrava, disse-lhes abaixando a voz :

— Sabem, senhores, que devem guardar segredo. Silencio até o momento da explosão. Só os senhores conhecem aqui o meu nome.

— Levá-lo-hemos ao tumulo, respondeu Boisberthelot.

— Quanto a mim, disse o velho, ainda que estivesse deante da morte não o diria.

E entrou na camara.

III

NOBREZA E PLEBE MISTURADAS

O commandante e o immediato tornaram a subir ao convez e puzeram-se a passear ao lado um do outro conversando. Fallavam evidentemente do passageiro, e eis pouco mais ou menos o dialogo que o vento dispersava nas trevas.

Boisberthelot murmurou á meia voz ao ouvido de La Vieuville.

— Veremos si é um chefe.

La Vieuville respondeu :

— No entretanto, é um principe.

— Quasi.

— Fidalgo em França, mas principe na Bretanha.

— Como os La Trémouilles, como os Rohans.

Boisberthelot continuou :

— Em França e nos trens do rei é marquez como eu sou conde e como o senhor é cavalleiro.

— Os trens do rei vão longe! exclamou La Vieuville. Agora andamos ás voltas com a carroça.

Houve uma pausa.

Boisberthelot proseguiu :

— Em falta de um príncipe francez, ficamos com um príncipe bretão.

— Em falta de todos...—Não, em falta de uma aguia, fica-se com um corvo.

— Preferiria um abutre, disse Boisberthelot.

E La Vieuville replicou :

— Certamente! bico e garras.

— Veremos.

— Sim, continuou La Vieuville, é tempo que appareça um chefe. Sou da opinião de Tinténac : *um chefe, e pólvora!* Olhe, commandante, conheço pouco mais ou menos todos os chefes possiveis e impossiveis ; os de hontem, os de heje e os de amanhã ; nenhum tem a cabeça militar de que carecemos. Nesta maldita Vandéa precisamos de um general que seja ao mesmo tempo nm tanto rabula, é preciso fatigar o inimigo, disputar-lhe o moinho, a mouta, o fosso, o seixo, travar com elle disputas, tirar proveito de tudo, curar de tudo, matar muito, dar exemplos, não ter somno nem compaixão. Agora, nesse exercito de camponezes, ha heroes, não ha capitães. D'Elbée nada vale, Lescure está doente, Bouchamps perdôa ; é bom, é estúpido ; La Rochejacquelein é um magnifico logar-tenente ; Silz é official para uma campanha a descoberto, improprio para a guerra de expedientes. Cathelineau é nm carreiro ingenuo. Stoffet é um couteiro astuto, Bérard é inepto, Boulinvilliers é ridiculo, Charrette é horrivel. E não fallo do barbeiro Gastão. Pois, com a bréca ! para que desvirtuar a revolução e que differença haverá entre os republicanos

e nós si puzermos cabelleireiros a commandarem fidalgos ?

— E' que esta peste revolucionaria invade-nos tambem.

— E' uma sarna que deu na França !

— Sarna do terceiro estado, redarguiu Boisberthelot. Só a Inglaterra pôde livrar-nos disto

— Ha de livrar-nos, capitão, fique certo.

— Até lá, é ascoroso.

— Sem duvida, por toda a parte lapuzes ; a monarchia que tem como general em chefe Stofflet, coureiro do Sr. de Maulerier, nada tem que invejar á republica que tem como ministro Pache, filho do porteiro do duque de Castries. Que parelha não dá esta guerra da Vendéa : de uma parte Santerre o cervejeiro, da outra Gastão o barbeiro !

— Meu charo La Vieuville, dou certa importancia a este Gastão. Não andou mal no seu commando de Gueménée. Arcabusou limpamente tresentos azues depois de havê-los feito abrir as covas com as proprias mãos.

— É verdade : mas tê-lo-hia feito tão bem como elle.

— Não digo o contrario. E tambem eu.

— Os grandes feitos de guerra, continuou La Vieuville, requerem nobreza em quem os pratica. São actos de cavalleiros e não de barbeiros.

— Ha no entanto nesse terceiro estado, replicou Boisberthelot, homens dignos de estima. Veja por exemplo, o relojoeiro Joly. Tinha sido sargento no regimento de Flandres ; fez-se chefe vendéano ; commanda um terço da costa ; tem um filho que é republicano, e, enquanto o pae serve nos brancos, o filho serve nos azues. Encontro. Batalha. O pae aprisiona o filho, e faz-lhe saltar os miolos.

— Nisso andou bem, disse La Vieuville.

— Um Bruto realista, observou Boisberthelot.

— Isso não quer dizer que não seja intoleravel ver-se a gente commandado por um Coquereau, por um João João, por um Moulins, por um Focart, por um Bouju, por um Chouppes!

— Meu charo cavalleiro, a raiva é a mesma da outra parte. Nós estamos abarrotados de burguezes; elles estão abarrotados de nobres. Suppõe que os *sans-culottes* estão contentes vendo-se commandados pelo conde de Canclaux, pelo visconde de Miranda, pelo visconde de Beauharnais, pelo conde de Valence, pelo marquez de Custine e pelo duque de Biron?

— Que immundicia!

— E o duquo de Chartres!

— Filho da Egualdade. Ah! esse quando será rei?

— Nunca.

— Sobe ao throno. Servem-lhe os crimes.

— Perdem-no os vicios, disse Boisberthelot.

Houve outra pausa, e Boisberthelot proseguiu:

— No entanto quiz reconciliar-se. Foi visitar o rei.

Eu estava em Versalhes quando escarraram-lhe nas costas.

— De cima da escadaria principal?

— Sim.

— Fizeram bem.

— Chamavamo-lo Bourbon o Borboroso 1.

— É calvo, pustuloso, regicida, nojento!

E La Vieuville accrescentou:

— Eu estive em Ouessant com elle.

— A bordo do *Espirito-Santo*?

— Sim.

— Si tivesse obedecido ao signal de aguentar o

1 *Borboroso*, do grego *borboros*, lodaçal.

vento que lhe fazia o almirante d'Orvilliers, não deixaria os inglezes passarem.

— Certamente.

— É verdade que se escondeu no porão?

— Não. Mas não faz mal dizê-lo.

— E La Vieuville disparou a rir.

Foisberthelot proseguiu:

— Sempre ha cada imbecil. Olhe, esse Boulainvilliers de que me fallou a pouco, La Vieuville, conheci-o, vi-o de perto. A principio os camponezes andavam armados de lanças; pois não se lhe metteu na cabeça fazer delles lanceiros? Queria ensinar-lhes todo o manejo da lança. Imaginára transformar esses selvagens em soldados de linha. Pretendia ensinar lhes a quebrar os angulos de um quadrado e a formar batalhões com o centro aberto. Engorolava-lhes a antiga linguagem militar; para dizer cabo de fila, dizia *cabo de esquadra*, que era como se chamavam os cabos do tempo de Luiz XIV. Persistia em querer crear um regimento com todos esses ladrões de caça; tinha companhias regulares cujos sargentos formavam um circulo todas as noites, para receberem o santo e a senha do sargento da primeira, que dizia-os em voz baixa ao sargento da segunda, o qual dizia-os ao visinho que os transmittia ao mais proximo, e assim de ouvido em ouvido até o ultimo. Inutilisou um official que não se levantou com a cabeça descoberta para receber a senha da bocca do sargento. Póde avaliar que resultado deu isto. Esse pateta não comprehendia que os camponezes querem ser levados á camponeza, e que não se fazem homens de quartel com homens do mato. Sim, eu conheci esse Boulainvilliers.

Deram alguns passos, cada qual pensando para seu lado.

Depois a conversação continuou:

— É verdade, confirma-se a morte de Dampierre?

— Confirma-se, commandante.

— Deante de Condé?

— No campo de Pamars; de uma bala de artilharia. Boisberthelot suspirou.

— O conde de Dampierre. Mais um dos nossos que era delles!

— Boa viagem! disse La Vieuville.

— E as senhoras? onde estão?

— Em Trieste.

— Ainda?

— Ainda.

E La Vieuville exclamou:

— Ah! esta republica, esta republica! Quanto damno por tão pouca cousa! Quando a gente pensa que esta revolução surgiu de um deficit de alguns milhões!...

— Desconfiemos dos pequenos pontos de partida, disse Boisberthelot.

— Tudo caminha mal, continuou La Vieuville.

— É verdade, La Rouarie morreu, Du Dresnay está idiota. Que tristes agentes que são todos esses bispos, esse Coucy, bispo da Rochella, esse Beaupoil Saint-Aulaire, bispo de Poitiers, esse Mercy, bispo de Luçon, a mante da Sra. de l'Eschasserie...

— Que se chama Servanteau, sabe, não, commandante? l'Eschasserie é nome de um lugar:

— E o pretense bispo de Agra, que é cura não sei donde!

— De Dol. Chama-se Guillot de Folleville. É valente, aliás, e peleja.

— Padres, quando precisavamos do soldados! Bispos que não são bispos! Generaes que não são generaes!

La Vieuville interrompeu Boisberthelot.

— Commandante, tem o *Monitor* na sua camara?

— Tenho.

— O que é que estão agora representando em Pariz?

— *Adelia e Paulino e a Caverna.*

— Tinha vontade de ver isso.

— Ha de ver. Estaremos em Pariz dentro em um mez.

Boisberthelot reflectiu um momento e accrescentou:

— O mais tardar. M. Windham disse-o a milord Hood.

— Mas então, commandante, nem tudo caminha assim tão mal.

— Tudo caminharia bem, é certo, si a guerra da Bretanha fosse bem dirigida.

La Vieuville abanou a cabeça.

— Commandante, accrescentou, desembarcamos a infantaria de marinha?

— Sim, si a costa for por nós ; não, si nos for hostile. Umas vezes é necessario que a guerra deite as portas abaixo, outras é indispensavel que saiba insinuar-se. A guerra civil deve ter continuamente na algibeira uma chave falsa. Far-se-ha o que for possivel. O mais importante é o chefe.

E Boisberthelot pensativo accrescentou :

— La Vieuville, o que diz do cavalleiro de Dieuzie?

— Do moço?

— Sim.

— Para commandar?

— Sim.

— Digo que é outro official para a planicie e para uma batalha campal. As brenhas só se dão bem com os camponezes.

— Então resigne-se ao gener al Stofflet e ao general Cathelineau.

La Vieuville meditou um momento e disse :

— Precisavamos de um principe, de um principe de França, de um principe de raça. De um verdadeiro principe.

— Para quê? Quem diz príncipe...

— Diz poltrão. Bem sei, commandante. Mas é só para produzirem effeito aos olhos estupidos dos papalvos.

— Meu charo cavalleiro, os principes não querem vir.

— Dispensá-los-hemos.

Boisberthelot fez o movimento machinal que consiste em apertar a frente com a mão, como para fazer della brotar uma idéa.

Continuou :

— Em summa, experimentemos este general.

— É um excellente fidalgo.

— Acredita que seja bastante?

— Com tanto que seja bom! disse La Vieuville.

— Isto é, feroz, disse Boisberthelot.

O conde e o cavalleiro olharam um para o outro.

— Sr. de Boisberthelot, o senhor pronunciou a palavra. Feroz. Sim, é isso que precisamos. Esta é uma guerra sem misericordia. A época é dos sanguinarios. Os regicidas cortaram a cabeça a Luiz XVI, nós esquarteremos os regicidas. Sim, o general de que carecemos é o general Inexoravel. No Anjou e no alto Poitou os chefes andam a fazer-se de magnanimos; chafurdam-se na generosidade; nada vae avante. No Marais e na terra de Retz, os chefes são atrozes, tudo caminha bem. É por Clarette ser feroz que faz face a Parrein. Hyena contra hyena.

Boisberthelot não teve tempo de responder a La Vieuville. Um grito de desesperação atalhou brusca-mente a palavra de La Vieuville, e ao mesmo tempo ouviu-se um rumor que se não assemelhava a nenhum rumor que se costuma ouvir. O grito e o rumor vinham de dentro do navio.

O capitão e o immediato correram precipitadamente

para a coberta, mas não puderam lá entrar. Todos os artilheiros subiam espavoridos.

Uma cousa medonha acabava de succeder.

IV

TORMENTUM BELLI

Uma das caronadas da bateria, uma peça de vinte e quatro, havia-se desprendido.

Este é talvez o mais formidavel acontecimento no mar. Nada mais terrivel pôde succeder a um navio de guerra no alto mar e em viagem.

Um canhão que quebra a amarra torna-se de improviso não sei que animal sobrenatural. É uma machina que se transforma em monstro. Essa mole corre sobre as rodas, tem movimentos de bola de bilhar, pende com o balanço, cabeceia com o arfar, vae, vem, pára, parece meditar, torna a correr, atravessa como uma flecha o navio de um extremo a outro, rodopia, recúa, foge, empina, fere, abre móssas, mata, extermina. É um ariete que á seu bel prazer dá de encontro a uma muralha. Accrescentae isto: o ariete é de ferro, a muralha é de madeira. É a materia entrando no gozo da liberdade; dir-se-hia que a eterna escrava vingase; parece que a malvadeza que existe no que chamamos objectos inertes prorompe e estala de subito; isso parece perder a paciencia e tomar estranha desforrra obscura; nada mais Inexoravel que a colera do inanimado. A mole enfurecida tem saltos de panthera, peso de elephante, agilidade de rato, obstinação de machado, improviso de vaga, cotovelladas de relampago, surdez de sepulchro. Pesa como dez mil libras, e ricocheta como uma bola de creança. Tem voltas de subito cortadas por angulos.

rectos. E o que fazer? Como fazê-la parar? A tempestade cessa, o cyclone passa, o vento cahe, o mastro partido substitue-se, a entrada da agua tapa-se, o incendio apaga-se; mas o que fazer com essa enorme féra de bronze? Como haver-se a gente com ella? Podeis aquietar o dogue, espantar o touro, fascinar a bôa, atterrar o tigre, commover o leão; com este monstro, com o canhão ás soltas, não ha recurso. Não podeis matá-lo, já está morto; e ao mesmo tempo vive. Vive da vida sinistra que lhe vem do infinito. Tem debaixo de si o seu soalho que o balança. É movido pelo navio, que é movido pelo mar, que é movido pelo vento. Este exterminador é um ludibrio. O navio, as ondas, os ventos, tudo isto apodera-se delle; dahi a sua vida medonha. O que fazer desta concatenação? Como por um cravo neste mechanismo monstruoso do naufragio? Como prever essas idas e vindas, essas voltas, essas paradas, esses embates? Cada uma dessas pancadas na amurada pôde metter a pique o navio. Como adivinhar os formidaveis meandros? Trata-se de um projectil que muda de parecer, que parece ter idéas, e que modifica a cada instante a direcção. Como deter o que se deve evitar? O horrivel canhão move-se, adeanta-se, retrocede, fere á direita, fere a esquerda, foge, passa, desnorteia a espera, quebra o obstaculo, esmaga homens como moscas. Todo o terror da conjunctura está na mobilidade do soalho. Como combater um plano inclinado caprichoso? O navio tem, por assim dizer, no bojo um raio encarcerado que procura evadir-se; alguma cousa como um trovão que rola sobre um terremoto.

Em um momento toda a equipagem estava de pé. A culpa era do chefe de peça que descuidara-se de apertar a porca do parafuso da corrente de amarração e calcára mal as quatro rodas da caronada; isto deixára jogar a soleira e o estrado, puzera em desaccordo os

dous mancaes, e acabára por deslocar a braga. A corda partira-se, de modo que o canhão já não estava firme na carreta. A braga fixa, que impede o recúo, não estava ainda em uso nesse tempo. Tendo um vagalhão batido de encontro á porta da peça, a caronada mal amarrada recuára, quebrára a corrente, e puzera-se a correr temerosamente na coberta.

Imagine-se, para formar idéa desse deslizar estranho, uma gota d'água a correr sobre vidro.

Na occasião em que a amarra quebrou-se, os artilheiros estavam na bateria. Uns grupados, outros dispersos, occupavam-se na faina que precede os aprestos para um combate. A caronada, arremeçada pela arfadura, abriu um claro nesse monte de homens e esmagou quatro delles da primeira corrida, depois, colhida e despedida pelo balanço cortou em dous pedaços quinto desgraçado, e foi bater na amurada de bombardeo de encontro a uma peça da bateria que desmontou. Dahi o grito de angustia que se acabava de ouvir. Toda a gente correu açodada para a escada do centro. A bateria esvaiou-se em um relance de olhos.

A enorme peça havia sido deixada a sós. Estava entregue a si mesma. Era senhora de si e senhora do navio. Podia fazer delle o que lhe parecesse. Toda essa equipagem costumada à batalha, tremia. Descrever-lhe o panico era impossivel.

O capitão Boisberthelot e o immediato La Vieuville, aliás intrepidos, haviam parado no alto da escada, e, mudos, pallidos, interdictos, olhavam para a coberta. Alguem affastou-os com o cotovello e desceu.

Era o passageiro, o camponez, o homem de que acabavam de fallar um momento antes.

Chegando ao sôpé da escada, parou.

V

VIS ET VIR

O canhão ia e vinha na coberta. Dir-se-hia o carro vivo do Apocalypse. A lanterna, balançando-se sob a caverna da bateria, ajuntava a essa visão uma oscillação vertiginosa de sombra e de luz. A fôrma do canhão desapparecia com a violencia da carreira, e via-se, ora negro no meio da claridade, ora reflectindo vagos tons de luz no meio do escuro.

Ia por deante na execução do navio. Tinha já quebrado outras quatro peças e aberto na amurada duas fendas felizmente ácima da fluctuação, mas por onde a agua entraria, si sobreviesse uma borrasca. Investia phreneticamente com o cavername; os prodigos robustissimos resistiam, as madeiras curvas tem solidez peculiar; mas ouvia-se estalarem aos golpes dessa clava desmesurada, batendo, com uma como ubiquidade inaudita, por todos os lados a um tempo. Um bago de chumbo, sacudido dentro de uma garrafa, não tem percussões mais insensatas e mais rapidas. As quatro rodas passavam e tornavam a passar sobre os homens mortos, cortavam-nos, despedaçavam-nos e retalhavam-nos, e dos cinco cadaveres fizera vinte tóros que rolavam na bateria; as cabeças mortas pareciam gritar; regatos de sangue torciam-se no soalho de conformidade com a direcção do balanço. As escóas, avariadas em muitos pontos, começavam a entreabrir-se. Todo o navio estava pejado de estrepito monstruoso.

O capitão cobrara promptamente a calma, e por ordem sua haviam atirado pelo escotilha, na coberta, tudo quanto podia amortecer e embargar a carreira desenfreada do canhão, colchões, macas, velas de sobresalente, rolos de cabo, saccos de equipagem, e os fardos

de assignados falsos, de que a corveta trazia um carregamento, pois considerava-se acto permitido na guerra essa infamia ingleza.

Mas de que serviam esses trapos? Como ninguem ousava descer para dispô-los convenientemente, em poucos minutos estavam em tiras.

Havia exactamente o mar necessario para que o accidente fosse o mais completo que era possivel. Chegaram a desejar uma tempestade; viraria talvez o canhão, e, uma vez com as quatro rodas para cima, podê-lo-hiam apanhar. No entanto o destroço crescia. Havia contusões e até fracturas nos mastros, que, encaixados na balisa da quilha, atravessam os andares dos navios e formam como grossos pilares redondos. Aos embates convulsivos do canhão, o mastro do traquete estava rachado e o proprio mastro grande estava danificado. A bateria deslocava-se. Dez peças entre trinta estavam fôra de combate; as brechas no taboado multiplicavam-se e a corveta começava a abrir agua,

O velho passageiro que descêra á coberta parecia um homem de pedra no tope da escada. Lançava para essa devastação olhar severo. Não se movia. Parecia impossivel dar um passo na bateria.

Cada movimento da caronada ás soltas ameaçava rachar o navio. Mais alguns instantes, e o naufragio era inevitavel.

Cumpria morrer ou atalhar a catastrophe; tomar uma resolução, mas qual?

Que combatente que era essa caronada!

Era preciso deter essa louca formidavel.

Era preciso apanhar esse relampago.

Era preciso lançar por terra esse raio.

Boisberthelot disse a La Vieuville:

— Acredita em Deus, cavalleiro?

La Vieuville respondeu:

— Sim e não. As vezes.

— No meio da tempestade?

— Acredito. E em momentos como este.

— Só Deus com effeito pôde livrar-nos disto, disse Boisberthelot.

Calavam-se todos, deixando a caronada levantar o seu estrepito horrivel,

Da parte de fóra, a onda açoutando o navio correspondia aos embates do canhão com os embates da mureta. Dir-se-hiam dous martelos alternando-se.

De improviso, nessa como arena inaccessible onde saltava o canhão ás soltas, viu-se um homem apparecer com uma barra de ferro na mão. Era o autor da catastrophe, o chefe de peça culpado de negligencia e causa do accidente, o artilheiro da caronada. Tendo causado o mal, queria repará-lo. Empunhára um espeque com uma das mãos, um cabo com um nó corrido com outra mão, e saltára pela escotilha na coberta.

Então começou uma cousa feroz; espectáculo titanico; combate da artilharia contra o artilheiro; batalha da materia e da intelligencia, duello da cousa contra o homem.

O homem postara-se em um angulo, e com o espeque e o cabo nos punhos, encostado a um prodigo, firme nas pernas que assemelhavam-se a duas columnas de aço, livido, calmo, tragico, como arraigado ao soalho, esperava.

Esperava que o canhão passasse perto de si.

O artilheiro conhecia a sua peça, e parecia-lhe que ella devia conhecê-lo. Vivia a largo tempo com ella. Quantas vezes metteria-lhe a mão nas fauces! Era o seu monstro domestico. Poz-se a fallar-lhe como a um cão.

— Vem, dizia. Amava-a talvez.

Parecia desejar que ella fosse para elle.

Mais ir para elle, era ir sobre elle. E então estava

perdido. Como evitar que o esmagasse? Ahi estava a difficuldade. Todos olhavam atterrados.

Um unico peito não respirava livremente, excepto talvez o do velho que estava só na coberta com os dous combatentes, testemunha sinistra.

Podia tambem ser esmagado pela peça. Estava quedo.

Debaixo delles a onda, céga, dirigia o combate.

No momento em que, accetando essa formidavel lucta corpo a corpo, o artilheiro foi provocar o canhão, uma circumstancia fortuita do balanço do mar fez com que a caronada ficasse um instante immovel e como estupefacta. « Vem anda! » dizia-lhe o homem. A caronada parecia escutar.

De subito saltou-lhe em cima. O homem furtou-se ao embate.

A lucta travou-se. Lucta inaudita. O fragil engalfinhado com o invulneravel. O belluario de carne atacando a féra de bronze. De uma parte uma força, da outra uma alma.

Tudo isto passava-se em uma penumbra. Era como a visão indistincta de um prodigio.

Uma alma; cousa estranha, dar-se-hia que o canhão a tinha tambem; mas alma de odio e de raiva. Essa cegueira parecia ter olhos. O monstro parecia estar á espreita do homem. Havia, poder-se-hia ao menos suppôr, astucia nessa mole. Tambem ella escolhia a occasião. Era não sei que disforme insecto de ferro tendo ou parecendo ter uma vontade de demonio. Por instantes esse gafanhoto colossal batia de encontro ao tecto baixo da bateria, depois tornava a cahir sobre as quatro rodas como um tigre sobre as quatro patas, e punha-se de novo a correr sobre o homem. Este, flexivel, agil, dextro, torcia-se como uma cobra sob todos esses movimentos de raio. Evitava os encontros, mas os

embates a que furtava-se recahiam no navio e continuavam a demoli-lo.

Uma ponta da corrente partida ficára presa á carurada. Esta corrente enrolara-se não sei como no parafuso do botão da culatra. Uma ponta da corrente ficára na carreta. A outra, livre, volteava desvairada em torno do canhão cujos saltos todos mais exagerava. O parafuso segurava-a como uma mão fechada, e a corrente, multiplicando as pancadas do ariete com os açoutes do flagello, formava em volta do canhão um turbilhão terrível, vergasta de ferro em punho de bronze. Essa corrente complicava o combate.

Entretanto o homem luctava. Às vezes até era o homem quem atacava o canhão; esgueirava-se ao longo da borda, com o espeque e o laço na mão; e o canhão parecia comprehender, e, como si adivinhasse uma cilada, fugia. O homem, formidável, perseguia-o.

Taes cousas não podem durar muito tempo. O canhão pareceu dizer comsigo de subito: Vamos! acabemos com isto! e parou. Viu-se que approximava-se o desenlace. O canhão, como hesitando, parecia ter ou tinha, porque para todos era um ser animado, alguma premeditação feroz. De improviso precipitou-se sobre o artilheiro. O artilheiro esquivou-se para o lado, deixou-o passar, e bradou-lhe rindo-se: « Outra vez! » O canhão, enfurecido, quebrou uma caronada a bombordo; depois empuxado pela funda invisível que o segurava, atirou-se a estibordo sobre o homem, que desviou-se. Três caronadas ficaram damnificadas sob o arremeço do canhão; então, como cego e não sabendo já o que fazia, voltou costas ao homem, rolou de ré para avante, desarranjou a roda de proa e foi abrir uma brecha na amurada. O homem refugiara-se ao pé da escada, alguns passos do velho testemunha. O artilheiro estava com o espeque á espera. O canhão pareceu notá-lo, e, sem

dar-se ao trabalho de voltar-se, recuou sobre o homem com presteza de machadada. O homem apertado de encontro á borda estava perdido. Toda a equipagem soltou um grito.

Mas o velho passageiro até então immovel atirara-se tambem mais rapido que toda esta rapidez feroz. Apanhára um fardo de assignados falsos, e, em risco de ser esmagado, conseguiu mettê-lo entre as rodas da caronada. Este movimento decisivo e perigoso não houvera sido executado com maior certeza e precisão por um homem affeito a todos os exercicios descriptos no livro de Durosel ácerca da *Manobra do canhão de marinha*.

O fardo produziu o effeito de um taco. Um seixo calça uma mole, um galho de arvore desvia uma avalanche. A caronada tropeçou. O artilheiro por sua vez, aproveitando essa conjunctura formidavel, metteu o ospeque entre os raios de uma das rodas posteriores. O canhão parou.

Inclinava-se. O homem, com um movimento de alavanca imprimido ao espeque, fê-lo balançar. A pesada mole virou, com o ruido de um sino que desaba, e o homem precipitando-se como doudo, lavado de suor, passou a nó corredio do cabo no pescoço de bronze do monstro prostrado.

Estava acabado. O homem vencêra. A formiga derribára o mastodonte ; o pygmeu prendêra o raio.

Soldados e marinheiros applaudiram.

Toda a equipagem precipitou-se para aquelle ponto com cabos e correntes, e em um momento o canhão estava amarrado.

O artilheiro saudou o passageiro.

— Senhor, disse-lhe, o senhor salvou-me a vida.

O velho tornára á sua attitude impassivel, e não respondeu.

VI

AS DUAS CONCHAS DA BALANÇA

O homem o vencêra, mas podia-se dizer que o canhão vencêra também. Evitara-se o naufragio immediato, mas a corveta não estava salva. O despedaçamento do navio parecia irremediavel. O costado do navio tinha cinco brechas, uma das quaes muito grande á prôa; das trinta, vinte caronadas estavam inutilizadas. A caronada apanhada e posta de novo na amarração estava também imprestavel; o parafuso do botão da culatra tinha sido forçado, e conseguintemente a pontaria era impossivel. A bateria estava reduzida a nove peças. O porão abria agua. Cumpria reparar immediatamente as avarias e dar ás bombas.

A coberta, agora que a podiam vêr, estava horrivel de vêr-se. O interior de uma jaula de elephante furioso não fica mais desmantelado.

Por maior necessidade que tivesse a corveta do não ser vista, havia uma necessidade ainda mais imperiosa, a salvação immediata. Tinha sido preciso alumiar o convez com algumas lanternas collocadas a espaços na borda.

Entretanto, durante todo o tempo que havia durado essa diversão tragica, estando a equipagem absorvida com uma questão de vida e de morte, não sabiam o que se passava fóra da corveta. O nevoeiro tornara-se mais espesso; o tempo mudára; o vento fizera do navio o que quizera; estavam desviados da rôta, a descoberto de Jersey e de Guernesey, mais ao sul do que deviam estar achavam-se deante de um mar cavado. Grossas vagas vinham beijar as chagas hiantes da corveta, beijos formidaveis. O embalar do oceano era ameaçador. A brisa tornava-se vento forte. Uma borrasca, uma tempestade

talvez, desenhava-se no horizonte. Não se enxergava quatro vagas adiante.

Emquanto a gente da equipagem reparava á pressa e summariamente os desdestroços da coberta, tapava os rombos e tornava a montar as peças escapas ao desastre, o velho passageiro tornára a subir ao convéz.

Encostava-se ao mastro grande.

Não prestára attenção a um movimento que se effectuára no navio. O cavalleiro de La Vieuville mandára formar em linha de batalha ao lado do mastro grande os soldados de infantaria de marinha, e, a um signal do apito do mestre da tripulação, os marinheiros occupados com a manobra formavam nas vergas.

O conde de Boisberthelot adeantou-se para o passageiro.

Atraz do capitão vinha um homem carrancudo, offegante, com as roupas em desalinho, e no entanto com aspecto de satisfação.

Era o artilheiro que acabava de mostrar-se tão opportunamente domador de monstros, e que vencêra o canhão.

O conde fez ao velho vestido de camponez a continencia militar e disse-lhe :

— Meu general, aqui está homem.

O artilheiro conservava-se de pé, com os olhos baixos, na attitúde da ordenança.

O conde de Boisberthelot continuou :

— Meu general, á vista do que fez este homem, não julga que os chefes delle devem fazer alguma cousa?

— Julgo, disse o velho.

— Tenha a bondade de dar as suas ordens, redarguiu Boisberthelot.

— O senhor é quem deve dá-las. É o capitão.

— Mas o senhor é o general, replicou Boishberthelot.

O velho olhou para o artilheiro.

— Approxima-te, disse.

O artilheiro deu um passo.

O velho voltou-se para o conde de Boisberthelot, tirou a cruz de S. Luiz do capitão, e atou-a à japonsa do artilheiro.

— Hurrah! bradaram os marinheiros.

Os soldados de marinha apresentaram armas.

E o velho passageiro, apontando para o artilheiro nadando em jubilo, acrescentou :

— Agora fuzilem este homem.

O pasmo succedeu á acclamação.

Então, no meio de um silencio sepulchral, o velho ergueu a voz. Disse :

— Uma negligencia comprometteu este navio. A esta hora está talvez perdido. Estar no mar, é estar deante do inimigo. Um navio que fez uma travessia é um exercito que dá uma batalha. A tempestade occulta-se, mas não se ausenta. Todo o mar é uma emboscada. Pena de morte a qualquer falta commettida na presença do inimigo. Não ha falta que possa ser reparada. O valor deve ser recompensado, e a negligencia deve ser punida.

Estas palavras caíam umas apoz outras, lentas, graves, com um rhythmo inexoravel, como machadadas em um carvalho.

E o velho, olhando para os soldados, acrescentou:

— Vamos.

O homem em cuja japonsa brilhava a cruz de S. Luiz curvou a cabeça.

A um signal do conde de Boisberthelot, dous marinheiros desceram á coberta, depois voltaram trazendo a maca funebre; o capellão de bordo, que desde que haviam levantado ferro estava orando na sala dos officiaes, acompanhava aos dous marinheiros; um sar-

gento tirou da linha de batalha doze soldados que formou em duas filas, seis por seis; o artilheiro sem proferir palavra, collocou-se entre as duas filas. O capellão, com o crucifixo nas mãos adeantou-se e postou-se junto d'elle. «Marcha,» disse o sargento.—O pelotão dirigiu-se a passos lentos para vante. Os dous marinheiros, carregando a maca, iam atraz.

Sombrio silencio reinou a bordo da corveta. Soprava um tufão distante,

Alguns instantes depois um detonação soou nas trevas, abriu um clarão, depois tudo emmudeceu, e ouviu-se o rumor que faz um corpo cahindo ao mar.

O velho passageiro, ainda apoiado ao mastro grande, cruzou os braços e meditava.

Boisberthelot, dirigindo para elle o indice da mão esquerda, disse em voz baixa a La Vieuville.

— A Vendéa tem uma cabeça.

VII

QUEM SE EMBARCA JOGA NA LOTERIA

Mas o que ia ser da corveta?

As nuvens, que durante a noite inteira, haviam se confundido com as vagas, acabaram por ficar tão baixas que já não havia horisonte e o mar inteiro estava como debaixo de um manto.

Tudo era nevoeiro.

Conjectura sempre perigosa, ainda para um navio bem seguro.

Ao nevoeiro juntava-se a mareta.

Tinha-se aproveitado o tempo; tinha-se alijado a corveta, lançando-se ao mar tudo quanto havia sido pos-

sivel juntar do estrago feito pela caronada, os canhões desmontados, as carretas quebradas, as cambotas torcidas e despregadas, as peças de madeira e de ferro despedaçadas; tinham-se aberto as portas das peças, e feito escorregar sobre taboas ao mar os cadavers e os destroços humanos envolvidos em oleados.

O mar começava a tornar-se insuportavel. Não que a tempestade estivesse exactamente eminente; parecia ao contrario ouvir-se decrescer o tufão, que bramia além da linha do horizonte, e a rajada do vento rondava para o norte; mas as vagas continuavam altissimas, o que indicava má fundo de mar, e, doente como estava a corveta, pouca resistencia podia oppôr aos abalos, e os vagalhões podiam-lhe ser funestos.

Gacquoil estava ao leme, pensativo.

Fazer boa cara á má sorte é costume dos commandantes no mar.

La Vieuville, que era um pôrte de homem jovial no meio dos desastres, acercou-se de Gacquoil.

— Então, piloto, disse, o tufão falhou. Esta vontade de espirrar não acaba. Havemos de nos sahir bem. Teremos vento. É o que basta.

Gacquoil, serio, respondeu :

— Quem tem vento, tem mar.

Nem riso nem tristeza, tal é o homem do mar. A resposta tinha sentido inquietador.

Para um navio que abre agua, ter mar é encher-se depressa. Gacquoil tinha sublinhado o prognostico com vago franzir de sobr'olhos. Talvez, depois da catastrophe do canhão e do artilheiro, La Vieuville tivesse dito, um tanto cedo, palavras quasi joviaes e levianas. Ha cousas que trazem infelicidades quando se está no alto mar. O mar é reconcentrado; nunca se sabe o que elle tem. É preciso estar de sobreaviso.

La Vieuville conheceu a necessidade de tornar-se grave.

— Em que altura estamos, piloto? perguntou.

O piloto respondeu;

— Estamos nas mãos de Deus.

Um piloto é um homem senhor de si; é necessario deixá-lo fazer o que quizer, e muita vez deixá-lo dizer o que quizer.

De mais a mais essa casta de gente falla pouco. La Vieuville affastou-se.

La Vieuville dirijira a pergunta ao piloto, foi o horizonte que respondeu.

O mar descobriu-se de improviso.

As brumas que arrastavam-se sobre as vagas rasgaram-se; todo o obscuro tumultuar das ondas patenteou-se a perder de vista á luz crespucular, e eis aqui o que se viu.

O céu tinha como uma coberta de nuvens; mas as nuvens já não tocavam no mar; a léste apparecia um clarão que era a alva do dia, a oeste pallidejava outro clarão que era o sudario da lua.

Estes dous clarões rasgavam no horisonte, em face uma da outra, duas cintas estreitas de pallido luzir entre o mar sombrio e o céu tenebroso.

Sobre as duas claridades desenhavam-se, hirtos e immoveis, perfis negros.

Ao poente sobre o céu alumiado pela lua recortavam-se tres altos penhascos de pé como peulvens celticos.

Ao nascente sobre o horisonte pallido da manhã erguiam-se oito velas dispostas em ordem e espaçadas de modo formidavel.

As tres rochas eram um escolho; as oito velas eram uma esquadra.

Tinham detraz de si os Minquiers, rochedo de má.

reputação, deante de si, o cruzeiro francez. A oeste o abysmo, a léste a carnificina, estavam entre um naufragio e um combate.

Para fazer face ao escolho a corveta tinha um costado furado, um apparelho deslocado, uma mastreação abalada na sua base ; para fazer face á batalha tinha uma artilharia da qual vinte e um canhões dos trinta estavam desmontados e cujos melhores artilheiros haviam morrido.

O nascer do dia derramava pouca luz e tinham um pedaço da noite deante de si. Essa noite podia até durar ainda muito tempo, por isso que era principalmente feita pelas nuvens que corriam altas, densas e profundas e tinham o aspecto solido de uma abobada.

O vento que acabára por arrastar as brumas baixas desviava a corveta na direcção dos Minquiers.

No paroxysmo da fadiga e do desmantelamento em que se achava, quasi não obedecia já ao leme, boiava mais do que vogava, e, açoutada pela mareta, não lhe oppunha resistencia.

Os Minquiers, escolho tragico, eram mais asperos ainda nesse tempo do que hoje. Muitas torres dessa cidadella do abysmo têm sido arrasadas pelo mar no seu incessante carcomer ; a configuração dos escolhos muda, não é em balde que as ondas se chamam vagas ; cada maré tem dentes de serra. Nesse tempo approximar-se dos Minquiers era morrer.

Quanto ao cruzeiro era essa esquadra de Cancalle, que tornou se depois celebre sob o commando desse capitão Duchesne que Léquinio chamava « o pae Duchêne. »

A circumstancia era critica. A corveta sem o saber, durante o desenfreiamento da caronada, tinha-se desviado e dirigido mais para Granville que para Saint-Malo. Ainda quando podesse navegar e dar á vela, os

Minquiêrs cortar-lhe-hiam a retirada para Jersey e o cruzeiro fechava-lhe o caminho da França.

Quanto ao mais, de tempestade nada. Mas, como dissera o piloto, havia mar. O mar, rolando sob o vento rijo e sobre um fundo despedaçador, estava selvagem.

O mar nunca diz immediatamente o que quer; no golphão ha de tudo, ha até chicana. Poder-se-hia quasi dizer que o mar tem as suas formulas de processo; adeanta-se e recúa, propõe e desdiz-se, esboça uma borrasca e renuncia a ella, promette o abysmo e não o dá, ameaça o Norte e fere o Sul. A noite inteira a corveta *Claymore* tivera nevoeiro e receára a tormenta; o mar acabava de desmentir-se, mas de um modo feroz, planejou o temporal e realisou o escolho. Afinal era ainda sob fórma diversa o naufragio.

E á perda nos cachopos juntava-se o exterminio pelo combate. Um inimigo completando o outro.

La Vieuville exclamou por entre o seu riso audaz :
— Naufragio aqui, batalha alli. De ambos os lados a jogada não é má.

VIII

9 — 380

A corveta quasi que já não era mais que um destroço.

Na livida claridade esparsa, no negror das nuvens, na mobilidade confusa do horisonte, no mysterioso cargar de sobrolhos das vagas havia uma solemnidade sepulchral. Com excepção do respirar hostil do vento tudo estava mudo. A catastrophe sahia do abysmo com magestade. Assemelhava-se mais a uma apparição que a um ataque. Nada movia-se nos rochedos, nada mo-

via-se nos navios. Reinava não sei que silencio colossal. Tratar-se-hia de alguma cousa real? Dir-se-hia um sonho passando por sobre a face do mar. As legendas rezam destas visões; a corveta estava de alguma fôrma entre o escolho demonio e a frota phantasma.

O conde de Boisberthelot deu, em voz baixa, ordens a La Vieuville que desceu á bateria, depois o capitão pegou no oculo e foi collocar-se á ré ao lado do piloto.

Todo o esforço de Gacquoil era fazer a corveta dar a prôa á onda, pois apanhada de lado pelo vento e pelo mar, teria inevitavelmente virado.

— Piloto, disse o capitão, em que altura estamos?

— Nos Minquiers.

— De que lado?

— Do máu.

— Que fundo?

— Rocha ponteaguda.

— Póde-se passar a regeira?

— Morrer póde-se, disse o piloto.

O capitão dirigiu o oculo de alcance para o oeste e examinou os Minquiers; depois voltou-o para léste e observou as velas que avistavam.

O piloto continuou como si falasse consigo mesmo:

— São os Minquiers. Servem de estação á gaivota escarninha, quando foge da Hollanda, e ao goelano grande de capa preta.

Entretanto o capitão contára as velas.

Havia com effeito oito navios correctamente dispostos e erguendo sobre a agua o seu perfil de guerra. Via-se no centro a elevada estatura de um vaso de tres baterias.

O capitão interrogou o piloto:

— Conhece aquellas velas;

— Si as conheço! respondeu Gacquoil.

— O que vêm a ser?

— A esquadra.

— De França?

— Do diabo.

Houve uma pausa. O capitão contiuiuou:

— Estará alli todo o cruzeiro?

— Todo não.

Com effeito no dia 2 de Abril Valazé annunciára á Convenção que dez fragatas e seis náus de linha cruzavam na Mancha. Essa recordação accudiu á mente do capitão.

— Com effeito, disse, a esquadra é de dezesseis navios. Aqui estão apenas oito.

— O resto, disse Gacquoil, anda por ahi por toda a costa a espionar.

O capitão continuando a olhar pelo oculo murmurou.

— Uma náu de linha, duas fragatas de primeira classe e cinco de segunda.

— Mas eu tambem, resmoneou Gacquoil, os espionei.

— Bons navios, disse o capitão. Mais ou menos commandei tudo isso.

— Eu, disse Gacquoil, vi-os de perto. Não tomo lá um pelo outro. Guardo-lhes a feição na cabeça.

O capitão estendeu o oculo ao piloto.

— Piloto, distingue bem o navio de alto bordo?

— Distingo, meu commandante é a náu *Côto d'Or*.

— Que elles chrismaram, disse o capitão. Chamava-se outr'ora: *Estado de Borgonha*. Um navio novo. Cento e vinte oito canhões.

Tirou do bolso uma carteira e um lapis e escreveu na carteira o algarismo 128.

Continuou:

— Piloto, qual é a primeira vela a bombordo?

— É a *Experimentada*.

— Fragata de primeira classe. Cincoenta e dous canhões. Estava-se armando em Brest ha dous mezes.

O capitão escreveu na carteira o algarismo 52.

— Piloto, qual é a segunda vela a bombordo?

— A *Dryada*.

— Fragata de primeira classe. Quarenta canhões de dezoito. Esteve na India. Tem uma bonita fé de officio.

E escreveu por baixo do algarismo 52 o algarismo 40; depois erguendo a cabeça:

— A estibordo agora.

— Meu commandante, são todas fragatas de segunda classe. São cinco.

— Qual é a primeira a contar da náu?

— A *Resoluta*.

— Trinta e duas peças de dezoito. E a segunda?

— A *Richemont*.

— Igual armamento. Depois?

— A *Atheista* (1).

— Nome extravagante para sahir ao mar! Depois?

— A *Calypso*.

— Depois?

— A *Apprehendedora*.

— Cinco fragatas de trinta e dous canhões cada uma.

O capitão escreveu por baixo dos primeiros algarismos, 160.

— Piloto, disse, reconhece-as bem?

— O senhor, respondeu Gacquoil, conhece-as bem, meu commandante. Reconhecer já é alguma cousa, conhecer é melhor.

O capitão tinha os olhos fitos na carteira e sommava entre dentes.

(1) *Archivos da marinha*. Estado da frota em 1793.

— Cento e vinte e oito, cincoenta e dous, quarenta, cento e sessenta.

Nesse momento La Vieuville tornava a subir ao convez.

— Cavalleiro, disse-lhe o capitão, estamos deante de tresentes e oitenta canhões.

— Está bom, disse La Vieuville.

— O senhor volta da inspecção, La Vieuville, quantas peças teremos nós, afinal, em estado de fazer fogo?

— Nove.

— Está bom, disse por sua vez Boisberthelot.

Tornou a tomar o oculo das mãos do piloto e examinou o horisonte.

Os oito navios silenciosos e negros pareciam immoveis, mas cresciam.

Approximavam-se insensivelmente.

La Vieuville fez a continencia militar.

— Commandante, disse La Vieuville, eis o meu parecer. Eu desconfiava desta corveta *Claymore*. É sempre incommodo embarcar a gente sem mais nem menos em um navio que não nos conhece ou que não nos ama. Navio inglez, traidor aos francezes. Aquella maldita caronada provou o bem. Passei a visita. Boas ancoras. Não são de ferro guza, são forjadas com barras batidas com malho mechanic, os anetes das ancoras são solidos, cabos excellentes, faceis de desbatar com o comprimento conveniente, cento e vinte braças. Muita munición. Seis artilheiros mortos, cento e setenta e um tiros a dar por peça.

— Porque ha apenas nove peças, murmurou o capitão.

Boisberthelot assestou o oculo para o horizonte. A lenta approximação da esquadra continuava.

As caronadas têm uma vantagem, tres homens são bastantes para manobrar com ellas, mas têm um incon-

veniente, alcançam menos e acertam menos que os canhões. Consequentemente era necessario deixar chegar a esquadra ao alcance de caronada.

O capitão deu as suas ordens em voz baixa. Reinou silencio no navio. Não se tocou a aprestar, mas aprestaram-se. A corveta estava tão fóra de combate contra os homens como contra as ondas. Tirou-se todo o provento possivel desse resto de navio de guerra. Accumularam, perto dos tirantes de artilheria no bailéu, tudo o que havia de espias e de viradores de sobresalente para reforçar em caso de necessidade a mastreação. Puzeram em ordem o hospital de sangue. Conforme o costume de então, empavezaram o convez, o que é uma garantia contra as balas de fuzilaria, mas não contra as balas de canhão. Trouxeram as passadeiras, posto fosse um tanto tarde para verificar os calibres; mas não se tinham previsto tantos incidentes.

Cada marinheiro recebeu uma patrona, e metteu na cintura um par de pistolas e um punhal. Dobraram-se as macas; apontaram a artilharia; prepararam a mosquetaria; arrumaram as machadinhas e os harpéus, apromptaram os depositos de cartuchos e chaleiras; abriram o paiol da polvora. Cada homem tomou o seu posto. Tudo isto sem proferir palavra e como na camara de um moribundo. Foi rapido e lugubre.

Depois amarraram a corveta. Tinha seis ancoras como uma fragata, largaram todas seis; a ancora pelos cabellos a vante, a ancora pequena a ré, a ancora da enchente do lado do alto mar, a ancora da vasante do lado dos cachopos, a ancora de dous ferros a estibordo e a ancora mestra a bombordo.

As nove caronadas que ainda estavam vivas foram assestadas todas nove de um só lado, do lado do inimigo.

A esquadra, não menos silenciosa, havia tambem

completado a sua manobra. Os oito navios formaram então um semi-circulo, cuja corda eram os Minquiers. A *Claymore*, encerrada nesse semi-circulo, e demais a mais amarrada pelas suas proprias ancoras, estava encostada ao escolho, isto é, ao naufragio.

Dir-se-ia-hia uma matilha á roda de um javali, sem latir, mas mostrando os dentes.

Porecia de parte a parte esperarem uns pelos outros.

Os artilheiros da *Claymore* estavam juntos de suas peças.

Boisberthelot disse a La Vieuville :

— Desejaria romper o fogo.

— Prazer de casquilha, disse La Vieuville.

IX

ALGUEM ESCAPA

O passageiro não havia deixado o convez, observava tudo, impassivel.

Boisberthelot acercou-se d'elle.

— Senhor, disse-lhe, os preparativos estão feitos. Eis-nos agora aferrados ao nosso tumulo, não o largaremos. Somos presa da esquadra ou do escolho. Entregar-nos ao inimigo ou ir a pique nos cachopos, é o que nos resta escolher. Temos ainda um recurso, morrer. Combater é preferivel a naufragar. Prefiro ser metralhado a ser afogado; em assumpto de morte prefiro o fogo á agua. Mas morrer, é o que nos cumpre a nós outros, não ao senhor. O senhor é o homem escolhido pelos principes, tem uma grande missão, dirigir a guerra da Vandéa. A sua perda é talvez a perda da monarchia; consequentemente o senhor deve viver. A nossa fideli-

dade é ficarmos aqui, a sua é sahir daqui. O senhor vae, meu general, deixar o navio. Vou dar-lhe um homem e um bote. Ganhar a costa por meio de uma volta não é impossivel. Ainda não amanheceu, as ondas estão empoladas, o mar está escuro, o senhor escapará. Ha casos em que fugir é vencer.

O velho fez com a cabeça austera um grave signal de acquiescencia.

O conde de Boisberthelot ergueu a voz.

— Soldados e marinheiros, exclamou.

Todos os movimentos cessaram, e de todos os pontos do navio os rostos voltaram-se para o capitão.

Elle proseguiu :

— O homem que está no meio de nós representa o rei. Está nos confiado, devemos conservá-lo. É necessario ao throno de França ; em falta de um principe, será, é ao menos o que esperamos, o chefe da Vandéa. É um grande cabo de guerra. Devia desembarcar em França connosco, é preciso que desembarque sem nós. Salvar a cabeça é salvar tudo.

— Sim ! sim ! sim ! bradaram todas as vozes da equipagem.

O capitão continuou :

— Elle tambem vae correr serio perigo. Alcançar a costa não é facil. Era preciso que o bote fosse grande para affrontar o alto mar e cumpre que seja pequeno para escapar ao cruzeiro. Trata-se de tomar terra em um sitio qualquer, que seja seguro, e mais do lado de Fougères que do lado de Coutances. Precisa-se de um marinheiro robusto, bom remador e bom nadador: que seja da terra e que conheça os estreitos. Ainda ha escuridão bastante para que o bote possa affastar-se da orveta sem ser notado. E depois, vae haver fumaça que acabará de occultá-lo. A sua pequenez ajudá-lo-ha safar dos baixios. Onde a panthera é apanhada, a do-

ninha escapa. Não ha sahida para nós, ha para elle. O bote affastar-se-ha á força de remos ; os navios inimigos não o verão ; e de mais a mais durante esse tempo nós aqui vamos diverti-los. Está dito ?

— Está ! sim ! sim ! bradou a equipagem.

— Não ha um minuto a perder, continuou o capitão. Ha hi um homem disposto ?

Um marinheiro na sombra sahio da fileira e disse :

— Eu.

X

ESCARARA' ?

Alguns instantes depois um desses botes pequenos, chamados guigues, que são peculiarmente destinados ao serviço dos capitães, affastava-se do navio. Nesse bote havia dous homens, o velho passageiro que ia á ré, e o marinheiro «disposto» que ia a vante. A noite ainda estava muito escura. O marinheiro, de conformidade com as recommendações do capitão, remava vigorosamente na direcção dos Minquiers. Nenhuma outra sahida era aliás possível.

Tinham atirado ao fundo do bote algumas provisões um sacco de bolacha, uma lingua de vacca secca ao fumo e um barril d'agua.

No momento em que o guigue cahiu ao mar, La Vieuville, chocarreiro em face do abysmo, debruçou-se por sobre o cadaste do leme da corveta, e atirou em tom de motejo este adeus ao bote :

É bom para a gente escapar, e excellente para afo-
gar-se.

— Seni.or, disse o piloto, chega de riso.

A separação foi rapida e metteu-se logo boa dis-

tancia entre a corveta e o bote. O vento e o mar estavam de accordo com o remador, e a barquinha fugia rapidamente, ondulando no crepusculo e occulta nas immensas dobras das vagas.

Havia sobre o mar não sei que sombria espectação.

De subito, nesse vasto e tumultuoso silencio do oceano ergueu-se uma voz que, avolumada pelo portavoz como pela mascara de bronze da tragedia antiga, parecia quasi sebrehumana.

Era o capitão Boisberthelot que tomava a palavra.

— Marinheiros do rei, bradou, preeae o pavilhão branco no mastro grande. Vamos ver levantar-se o nosso ultimo sol.

E um tiro de canhão partiu da corveta.

— Viva o rei! bradou a equipagem.

Então ouviu-se no fundo do horizonte outro brado, immenso, longinquo, confuso, distincto no entanto :

— Viva a Republica !

E um fragor semelhante ao fragor de tresentos raios estalou nas profundezas do oceano.

A lucta começava.

O mar cobriu-se de fumo e de fogo.

Os jactos de espuma produzidos pelas balas ao cahirem n'agua picavam as vagas por todos os lados.

A *Claymore* poz-se a cuspir chamma sobre os oito navios. Ao mesmo tempo toda a esquadra grupada em meia lua em volta da *Claymore* disparava todas as suas baterias. O horizonte incendiou-se. Dir-se-hia um vulcão a sahir do mar. O mar torcia essa immensa purpura de batalha em que os navios appareciam e desappareciam como espectros. No primeiro plano o esqueleto negro da corveta desenhava-se sobre esse fundo vermelho.

Distinguia-se na ponta do mastro grande o pavilhão das flôres de liz.

Os dous homens que iam no bote estavam calados.

O baixio triangular dos Minquiers, trinacria submarina, é mais vasto que toda a ilha de Jersey : o mar cobre-o ; tem como ponto culminante uma esplanada que emerge do seio das mais altas marés e da qual destacam-se a nordestes seis potentes penhascos enfileirados, que assemelham-se a uma grande muralha esboroadada a espaços. O estreito entre a esplanada e os seis escolhos é apenas praticavel ás barcas de muito pequeno calado. Além desse estreito encontra-se o alto mar.

O marinheiro que encarregara-se da salvação do bote metten a embarcação no canal. Desse modo interpunha os Minquiers entre o combate e o bote. Vogou com destreza na apertada passagem, evitando os arrecifes tanto a bombordo como a estibordo ; os rochedos mascaravam então a batalha. O clarão do horizonte e o fragor medonho do canhoneio começava a decrescer, em razão da distancia que augmentava ; mas pelo nutrido das detonações podia-se ver que a corveta resistia e queria esgotar, até a ultima, as suas cento e noventa e uma bordadas. Dentro em pouco o bote achou-se em mar livre, fóra dos escolhos, fóra da batalha, fóra do alcance dos projectis.

Pouco a pouco o modelado do mar tornava-se menos sombrio, os pontos luzentes de improviso banhados de negroses ampliavam-se, as espumas complicadas quebravam-se em jactos de luz, alvejavam as linhas fluctuantes das vagas. O dia surgiu.

O bote estava fóra do alcance do inimigo ; o mais difficil, porém, estava por fazer. O bote estava livre da metralha, mas não do naufragio. Estava no alto mar, concha imperceptivel, sem coberta, sem vela, sem mastro, sem bussola, tendo por unico recurso o remo, diante do oceano e do furacão, atomo á mercê de colossos.

Então, no seio dessa immensidade, dessa solidão, erguendo o rosto livido á luz da manhã, o homem que ia á pròa do bote encarou fixamente o homem que ia á pôpa e disse-lhe :

— Eu sou irmão do homem que o senhor mandou fuzilar.

LIVRO TERCEIRO

HALMALO

I

A PALAVRA É VERBO

O velho ergueu lentamente a cabeça.

O homem que lhe fallava tinha cerca de trinta annos. Tinha a fronte mareada; os olhos tinha expressão estranha; era o olhar sagaz do marinheiro na pupilla candida do cumponez. Segurava com força nos remos com ambas as mãos. Tinha aspecto bondoso.

Viam-se-lhe na cintura um punhal, duas pistoias e um rosario.

— Quem é o senhor? perguntou o velho.

— Acabo de dizer-lhe.

— O que me quer?

O homem deixou os remos, cruzou os braços e respondeu:

— Matá-lo.

— Como queira, disse o velho.

O homem ergueu a voz.

— Prepare-se.

— Para que?

— Para morrer.

— Porque? perguntou o velho.

Houve uma pausa. O homem pareceu um momento interdito com a pergunta. Acrescentou:

— Digo que quero matá-lo.

— E eu pergunto-lhe porque.

Um relampago luzio nos olhos do marinheiro.

— Porque o senhor matou meu irmão.

O velho redarguiu com calma :

— Comecei por salvar-lhe a vida.

— É verdade. Primeiro salvou-o, depois matou-o.

— Não fui eu quem o matou.

— Então quem o matou ?

— A sua falta.

O marinheiro, com a bocca aberta, olhou para o velho ; depois os seus sobrolhos ternaram a carregar-se ferozmente.

— Como se chama ? perguntou o velho.

— Chamo-me Halmalo, mas o senhor não precisa saber o meu nome para ser morto por mim.

Nesse momento o sol ergueu-se. Um raio bateu de chapa no rosto do marinheiro e alumiu vivamente esse semblante selvagem. O velho observava-o attentamente.

O canhoneio que continuava ainda, tinha agora interrupções e estremecimentos de agonia. Vasto fumo amontoava-se no horizonte. O bote, que o remador já não governava, ia á mercê das ondas.

O marinheiro tirou com a mão direita uma das pistolas da cinta e com a esquerda a rosario.

O velho poz-se de pé.

— Crês em Deus ? perguntou.

— Padre nosso que está no céu, respondeu o marinheiro.

E persignou-se.

— Tens mãe ?

— Tenho.

Persignou-se segunda vez. Depois accrescentou :

— Está dito. Dou-lhe um minuto, meu senhor.

E engantilhou a pistola.

— Porque me chamas «meu senhor?»

— Porque o senhor é fidalgo. Isso se está vendo.

— E tu tens senhor?

— Tenho, e poderoso. Pois a gente vive lá sem senhor?

— Onde está elle?

— Não sei. Deixou a terra. Chama-se o Sr. marquez de Lantenac, visconde de Fontenay, principe na Bretanha; é o senhor das Sete Florestas. Nunca o vi, o que não veda que elle seja meu amo.

— E si o visses, obedecer-lhe-hias?

— Por certo. Pagão seria eu, si não lhe obedecesse! a gente deve obediencia a Deus, e depois ao rei que é como Deus, e depois ao senhor que é como o rei. Mas deixemo-nos disto, o senhor matou meu irmão, é forçoso que eu o mate.

O velho respondeu:

— Primeiro que tudo, matei teu irmão, e fiz bem. O marinheiro crispou a mão que segurava a pistola.

— Vamos, disse.

— Bem disse o velho.

E tranquillo accrescentou:

— Onde está o padre?

O marinheiro contemplou-o.

— O padre?

— Sim, o padre. Eu dei um padre a teu irmão, tu me deves um padre.

— Não tenho, disse o marinheiro.

E continuou:

— Pois a gente pôde lá ter padre no alto mar?

Ouviam-se as detonações convulsivas do combate cada vez mais distante.

— Os que lá estão morrendo têm o seu, disse o velho.

— E' verdade, murmurou o marinheiro. Tem o Sr. capellão.

O velho proseguiu :

— Deitas a perder a minha alma, e isso é grave.

O marinheiro abaixou a cabeça pensativo.

— E deitando a perder a minha alma, continuou o velho, deitas a perder a tua. Ouve. Tenho dó de ti. Farás o que quizeres. Eu cumpri a pouco o meu dever, primeiro salvando a vida a teu irmão e depois tirando-lha, e cumpro o meu dever agora tratando de salvar a tua alma. Reflecte. Isto é negocio teu. Estás ouvindo os tiros de canhão? Ha lá homens que perecem, ha lá infelizes que agonizam, ha lá maridos que não tornarão a ver as esposas, paes que não tornarão a ver os filhos, irmãos que, como tu, não tornarão a ver os irmãos. E por culpa de quem? por culpa de teu irmão. Crês em Deus, não? Pois bem, sabes que Deus agora está soffrendo; Deus soffre em seu filho christianissimo o rei de França que é menino como o menino Jesus e que está preso na torre do Templo; Deus soffre na sua igreja da Bretanha; Deus soffre nas suas cathedraes insultadas, nos seus evangelhos despedaçados, nas suas casas de oração violadas; Deus soffre nos seus sacerdotes assassinados. O que vinhamos nós fazer nesse navio que a esta hora perece? Vinhamos soccorrer a Deus. Si teu irmão houvesse sido um bom servidor, si houvesse fielmente feito a sua obrigação de homem prudente e util, o desastre da caronada não se teria dado, a corveta não teria sido desamparada, não perderia o rumo, não cahiria no meio dessa frota maldita, e a esta hora estaríamos desembarcando em França, todos, como esforçados homens de guerra e de mar que somos, sabre em punho, bandeira branca desfraldada, numerosos, contentes, jubilosos, e iriamos ajudar os valentes camponezes da Vendéa a salvarem a França, o rei, Deus. Eis

o que iamoz fazer, eis o que houueramos feito. Eis o que eu, o unico que resta, vou fazer. Mas tu te oppões. Nesta luta dos impios contra os padres, nesta luta dos regicidas contra o rei, nesta luta de Satanaz contra Deus, és por Satanaz. Teu irmão foi o primeiro auxiliar do demonio, tu és o segundo. Elle começou, tu acabas. És pelos regicidas contra o throno, és pelos impios contra a Egreja. Tiras a Deus o ultimo recurso. Por eu não estar lá. eu que represento o rei, as aldeias continuarão a arder, as familias a chorar, os padres a sangrar, a Bretanha a soffrer, o rei a estar preso, e Jesus Christo a estar em perigo. E quem terá feito isto? Tu. Anda, isso é cousa tua. Contava contigo inteiramente para o inverso. Enganai-me. Ah sim, é verdade, tens razão, matei teu irmão. Teu irmão tinha-se mostrado animoso, recompensei-o; foi culpado, puni-o. Faltou ao seu dever, não faltei eu ao meu. O que fiz, tornaria a fazer agora. E juro pela grande Sant'Anna d'Auray, qae nos vê, que em caso identico, assim como mandei fuzilar teu irmão, mandaria fuzilar meu filho. Agora, faze o que quizeres. Sim, tenho dó de ti. Mentiste ao teu capitão. Tu, christão, não tens fé; tu, bretão, não tens honra; confiaram-me á tua lealdade e aceitou-me a tua traição; das a minha morte áquelles a quem prometteste a minha vida. Sabes a quem deitas a perder neste caso? A ti. Roubas a minha vida ao rei e dás a tua eternidade ao demonio. Anda, commette o teu crime, está direito. Vendes barato o teu quinhão no paraiso. Graças a ti o diabo vencerá, graças a ti as egrejas cahirão, graças a ti os pagãos continuarão a fundir os sinos e a fazer delles canhões; metralharão os homens com aquillo que salvava as almas. A esta hora em que estou fallando, o sino que repicou no teu baptisado mata talvez tua mãe. Anda, ajuda ao demonio. Não te detenhas. Sim, condemnei teu irmão, mais fica sabendo que sou instrumento de Deus. Ah! queres ser

juiz dos meios que Deus emprega? queres metter-te a julgar o raio que está no céu? Malaventurado, serás julgado por elle. Toma sentido com o que vás fazer. Sabes ao menos si estou em estado de graça? Não. Não importa. Faze o que quizeres. Podes atirar-me no inferno e atirar-te nelle comigo. Ambas as nossas perdições estão em tuas mãos. O responsavel perante Deus serás tu. Estamos a sós e em frente um do outro no abysmo. Continúa, termina, acaba. Sou velho e tu és moço, estou sem armas e tu armado; mata-me.

Emquanto o velho, de pé, com voz mais alta que o ruido do mar, dizia essas palavras, as ondulações da vaga faziam-no apparecer ora na sombra, ora na luz; o marinheiro tornara-se livido; grossas bagas de suor cahiam-lhe da testa; tremia como uma folha; a espaços beijava o rosario; quando o velho acabou, atirou fóra a pistola e cahiu de joelhos.

— Perdão, meu senhor! perdôe-me, exclamou; o senhor falla como Deus. Fiz mal. Meu irmão fez mal Farei tudo para reparar o crime delle. Disponha de mim. Ordene. Obedecerei.

— Eu te perdôo, disse o velho.

II

MEMORIA DE CAMPONEZ, SCIENCIA DE CAPITÃO

As provisões que estavam no bote não foram inúteis.

Os dous fugitivos, obrigados a longas voltas, gastaram trinta e seis horas a alcançarem a costa. Passaram uma noite no mar; mas a noite foi excellente, com lua demasiada no entanto para quem procurava occultar-se.

Tiveram primeiro que affastar-se de França e ganhar o alto mar na altura de Jersey.

Ouviram o supremo canhoneio da corveta fulminada como se ouve o derradeiro rugido do leão que os caçadores matam nas selvas. Depois reinou silencio no mar.

Essa corveta *Claymore* morreu do mesmo modo que o *Vingador*; mas a gloria ignorou-o. Não é dado ser heroe contra a patria.

Halmalo era um maritimo admiravel. Fez milagres de destreza e de intelligencia; esse improvisado de um itinerario atravez dos escolhos, das vagas e da vigilancia do inimigo foi uma obra prima. O vento cahira e o mar tornara-se chão.

Halmalo passou de largo em frente a Caux des Minquiers; contornou Chaussée-aux-Bœufs; abrigou-se ahi para repouçar algumas horas na angra que ahi existe do lado norte na vasante, e cahindo para o sul, achou meio de passar entre Granville e as ilhas Chausey sem ser percebido quer pela vigia de Chausey quer pela vigia de Granville. Metteu-se na bahia de Saint-Michel, o que era arriscado em razão da visinhança de Cancalle, ancoradouro do cruzeiro.

Na tarde do segundo dia, uma hora mais ou menos antes do pôr do sol, deixou atraz de si o monte Saint-Michel e foi tomar terra em uma praia que está sempre deserta porque é perigosa; atola-se a gente no lôdo.

Felizmente a maré estava cheia.

Halmalo impelliu a barca o mais avante que pôde, sondou a areia, achou-a solida e ahi encalhou o bote e saltou em terra.

O velho cavalgou a borda e examinou o horizonte.

— Mau senhor, disse Halmalo, achamo-nos na fez do Couesnon. Aqui está Beauvoir a estibordo e Huisnes

a bombordo. O campanario que temos em frente é Ardevon.

O velho inclinou-se para o hote, apanhou uma bolacha que metteno no bolso e disse a Halmalo :

— Apanha o resto.

Halmalo metteno num sacco o resto da carne e o rosto da bolacha e pôz o sacco ás costas. Feito isto disse :

— Meu senhor, devo guiá-lo ou segui-lo ?

— Nem uma nem outra cousa.

Halmalo estupefacto olhou para o velho.

O velho continuou :—

— Halmalo, vamos separar-nos. Ser dous nada vale. Deve-se ser mil ou um.

Calou-se e tirou de uma das algibeiras um laço de seda verde muito parecido com um tópe, no meio estava bordada a ouro uma flôr de liz. Continuou :

— Sabes lér ?

— Não sei.

— Está bom. Um homem que lê é incommodo. Tens boa memoria ?

— Tenho.

— Está bom. Escuta, Halmalo. Vás tomar á direita e eu á esquerda. Tomarei para as bandas de Fougères, tu para as bandas de Bazouges. Conserva este sacco que te dá aspecto de camponez. Esconde as tuás armas. Córta um páu na sébe. Caminha abaixado por entre o centeio que é alto. Esgueira-te por traz das cercas. Salta os tapumes para atravessares os campos. Evita os transeuntes. Foge das estradas e das pontes. Não entres em Pontorson. Ah! tens de atravessar o Couesnon. Como has de passá-lo !

— A nado.

— Está bom. Alén disso ha um váu. Sabes onde é ?

— Entre Ancey e Vieux-Viel.

— Está bom. Não podes negar que és da terra.

— Mas a noite ali vem. Onde meu senhor dormirá?

— Incumbo-me de mim. E tu, onde dormirás?

— Ha muito óco de páu. Antes de ser marinheiro fui camponez.

— Deita lóra o teu chapéu de marinheiro, que te poderia trahir. Acharás facilmente por ali alguma carapuça.

— Oh! um *tapabor*, isso acha-se ali a qualquer canto. O primeiro pescador que encontrar vender-me-ha um.

— Está bom. Agora ouve. Conheces os bosques?

— Todos.

— De toda a Bretenha?

— Desde Noirmoutier até Leval.

— Conheces-lhes tambem os nomes?

— Conhece os bosques, conheço os nomes, conheço tudo.

— Não te esquecerás de nada?

— De nada.

— Está bom. Agora atenção. Quantas leguas podes tu fazer por dia?

— Dez, quinze, dezoito, vinte se fôr preciso.

— Ha de ser. Não percas uma palavra do que te vou dizer. Irás ao bosque de Saint-Aubin.

— Perto de Lamballe?

— Sim. A' beira da barraca que fica entre Saint Rieul e Plédéliac ha um grande castanheiro. Pararás ali. Não verás pessoa alguma.

— O que não quer dizer que não haja alguém. Bem sei.

— Darás a senha. Sabes dar a senha?

Ha-lmalo encheu as bochechas, voltou-se para o lado do mar e ouviu-se o grito da coruja. Dir-se-hia que isso

sahia das profundezas nocturnas; era parecido e semelhante ao ministro.

— Bem, disse o velho. É isso mesmo.

Deu a Halmalo o laço de seda verde.

— Aqui está o meu laço de commando. Guarda-o.

Cumpre que ninguem saiba ainda o meu nome. Mas este laço é bastante. A flôr de liz foi bordada pela princeza real na prisão do Templo.

Halmalo pôz um joelho em terra. Recebeu a tremer o laço com a flôr de liz, e approximou delles os labios; depois detendo-se como atterrado com esse beijo :

— Posso fazê-lo? perguntou.

— Pódes, pois beijas tambem o crucifixo.

Halmalo beijou a flôr de liz.

— Levanta-te, disse o velho.

Halmalo levantou-se e metteu o laço no seio.

O velho continuou :

— Ouve bem isto. Eis a ordem: *Insurjam-se. Não dêm quartel.* Assim, no aceiro do bosque de Saint-Aubin darás a senha. Dá-la-has tres vezes. Da terceira vez verás um homem sahir do chão.

— De um buraco debaixo das arvores. Bem sei.

— Esse homem é Planchenault a quem tambem chamam Coração-de-rei. Mostrar-lhe-has o laço. Elle comprehenderá. Irás depois, por caminhos que has de inventar, ao bosque de Astillé; ahí acharás um homem zambro a quem cognominam Mosqueton, e que não perdôa a ninguem. Dir-lhe-has que o préso, e que elle levante as suas parochias. Irás depois ao bosque de Couesbon, que fica a uma legua de Ploërmel. Darás a senha da coruja. Um homem sahirá de um buraco; é o Sr. Thuault, seneschal de Ploërmel, que foi do que se chama Assembléa constituinte, mas do lado bom. Dir-lhe-has que arme o castello de Couesbon, que pertence ao marquez de Guer, emigrado. Barrancas, pequenos

bosques, terreno accidentado, bom local. O Sr. Thault é um homem de espirito recto. Irás depois a Saint-Ouenles-Toits, e fallarás com João Chouan, que a meus olhos é o verdadeiro chefe. Irás depois ao bosque de Ville-Anglose, ahi verás Guiter, chamado Saint-Martin, dir-lhe-has, que abra o olho com certo Courmesnil, que é genro do velho Goupil de Prefelne, e que dirige a jacobinada de Argentan. Guarda bem tudo isto na memoria. Nada escrevo porque nada se deve escrever. La Rouarie escreveu uma lista; isto deitou tudo a perder. Irás depois ao bosque de Rougefeu onde está Miélette, que salta por cima dos vallados seguro á ponta de um comprido páu.

— A isso chama-se vara.

— Sabes servir-te della?

— Assim não fosse eu bretão e camponez! A vara é nossa amiga. Faz-nos crescer os braços e alonga-nos as pernas.

— Isto é, torna pequeno o inimigo e encurta o caminho. Boa arma.

— Uma vez, com a minha vara, fiz frente a tres insolentes que estavam armados de sabre.

— Quando foi isso?

— Ha dez annos.

— No tempo do rei?

— É verdade.

— Então pelejaste no tempo do rei?

— Pelejei.

— Contra quem?

— Eu lá sei! Eu era contrabandista.

— Está bom.

— Chamava-se a isso bater-se a gente contra as gabellas. As gabellas serão a mesma cousa que o rai?

— Sim e não. Mas não é necessario que fiques sabendo isto.

— Peço desculpa a meu senhor por haver-lhe feito uma pergunta.

— Continuemos. Conheces a Tourgue?

— Si conheço a Tourgue! sou de lá.

— Como assim?

— Sim, porque sou de Parigné.

— Com effeito a Tourgue fica perto de Parigné.

— Si conheço a Tourgue! o grande castello redondo que é o solar de meus senhores! Ha uma pesada porta de ferro que separa a construcção nova da construcção antiga e que não se arrombaria com uma peça de grosso calibre. É no edificio novo que está o famoso livro ácerca de S. Bartholomeu que iam ver por curiosidade. Ha rãs no meio do mato. Quando eu era pequenino brincava com essas rãs. E a passagem subterranea! conheço a. Talvez não haja outro além de mim que a conheça.

— Que passagem subterranea? Não sei o que queres dizer.

— Servia outr'ora, ha muito tempo, quando a Tourgue era sitiada. A guarnição podia sahir pela passagem subterranea que vae ter á floresta.

— Ha com effeito uma passagem subterranea desse genero no castello de la Jupellière, no castello de la Hunaudaye, e na torre de Champéon; mas não ha cousa que com isso se pareça na Tourgue.

— Ha, meu senhor. Não conheço essas passagens de que meu senhor falla. Conheço apenas a da Tourgue, porque sou do logar. E demais não ha outro além de mim que conheça essa passagem. Não se fallava nella. Era prohibido, porque essa passagem servira no tempo das guerras do Sr. de Rohan. Meu pae conhecia o segredo e mostrou-mo. Conheço o segredo para entrar e o segredo para sahir. Si estiver na floresta, posso ir á torre, e si estiver na torre, posso ir á floresta, sem que

me vejam. E quando os inimigos entram já não ha pessoa alguma. Eis o que é a Tourgue. Ah! conheço-a bem.

O velho permaneceu um momento silencioso.

— Enganas-te evidentemente; si houvesse semelhante segredo, eu saberia.

— Meu senhor, tenho certeza. Ha uma pedra que se move.

— Está bom! Os camponezes acreditam em pedras que se movem, em pedras que cantam, em pedras que vão á noite beber nos regatos que ficam perto. Caraminholas.

-- Mas si eu fiz a pedra mover-se...

— Como ouviram-na cantar. Camarada, a Tourgue é um castello seguro e forte, facil de defender; mas quem contasse com uma sahida subterranea para della sahir, seria um imbecil.

— Mas, meu senhor...

O velho ergueu os hombros.

— Não percamos tempo, fallamos do nosso negocio. Este tom peremptorio atalhou a insistencia de Halmalo.

O velho continuou:

— Prosigamos. Escuta. De Rougefeu irás ao bosque de Montchevrier, onde está Bénédicité, que é chefe dos Doze. É tambem um dos bons. Recita o seu *Bénédicite* enquanto manda arcabuser os sujeitos. Na guerra nada de sensibilidades. De Montchevrier irás...

Atalhou.

— Ia me esquecendo do dinheiro.

Tirou do bolso e poz na mão de Halmalo uma bolsa e uma carteira.

— Aqui estão nesta carteira trinta mil francos em assignados, mais ou menos tres libras e dez soldos; deve-se dizer que os assignados são falsos, mas os ver-

çadeiros têm todo o valor; e aqui estão nesta bolsa, atenção, cem luizes de ouro. Dou-te tudo o que tenho. Não careço de mais nada aqui. Demais é melhor que não me encontrem dinheiro. Continúo. De Montchevrier irás a Antrain, onde fallarás com o Sr. de Frotté; de Antrain a la Jupellière, onde fallarás com o Sr. de Rochecotte; de la Jupellière a Noirieux, onde fallarás com o padre Bandoin. Lembrar-te-has de tudo isto?

— Como do *Padre Nosso*.

— Fallarás com o Sr. Dubois Guy em Saint-Brice-en-Cogles, com o Sr. de Turpin em Morannes, que é um burgo fortificado, e com o principe de Talmont em Château-Gouthier.

— Pois um principe fallar-me-ha?

— Si eu te estou fallando!...

Halmalo tirou o chapéu.

— Tolos te hão de receber bem, vendo, essa flôr de liz da Princeza. Não te esqueças de que tens de ir a sitios em que ha montanhezes e aldeães boçaes. Disfarçar-te-has. E' facil. Estes republicanos são tão tolos que com uma casaca azul, um chapéu de tres bicos e um tope tricolor fura-se por toda a parte. Já não ha regimentos, já não ha uniformes, os corpos não têm numeros; cada qual enfa os trapos que quer. Irás a Saint-Mhervé. Ahi fallarás com Gaulier, chamado Grand-Pierre. Irás ao aquartelamento de Parné em que estão os homens de caras requeimadas. Põem saibro nas espingardas e carga dobrada de polvora para fazerem maior estrondo. Fazem bem; diz-lhes que antes de tudo matem, matem, matem. Irás ao campo de La Vache-Noire que fica n'uma elevação, no meio do bosque de la Charnie, depois ao campo de l'Avoine, depois ao campo Vert, depois ao campo des Fourmis. Irás ao Grand-Bordage, chamado tambem Haut-du-Pré, onde mora uma viuva cuja filha casou com Treton, por al-

cunha o Inglez. O Grand-Bordage fica na parochia de Quelaines. Percorrerás Épineux-le-Chevreuil, Silé-le-Guillaume, Parannes, e fallarás com toda a gente que está em todos os bosques. Encontrarás amigos e manda-los-has á fronteira do alto e do baixo Maine; fallarás com João Treton na parochia de Vaisges, com Sans-Regret no Bignon, com Chambord em Bouchamps, com os irmãos Corbin em Maisonnelles, e com Petit-Sans-Peur em Saint-Jean-sur-Erve. E' o mesmo que é chamado Bourdoiseau. Feito tudo isto e dada por toda a parte a senha, *Insurjam-se. Não dêem quartel*, reunir-te-has ao grande exercito catholico e real, onde estiver. Fallarás com os Srs. d'Elbée, de Lescure, de La Rochejacquelein com os chefes que ainda estiverem vivos. Mostrar-lhes-has o meu laço de commando. Elles sabem o que é. Não passas de um marinheiro, mas Cathelineau tambem não é mais que um carreiro. Dir-lhes-has isto da minha parte: E' tempo de fazer ambas as guerras; a grande e a pequena. A grande faz mais barulho, a pequena dá mais resultado. A Vendéa é boa, a Chouanneria é peor; e na guerra civil quanto peor melhor. A bondade de uma guerra avalia-se pela quantidade de mal que produz.

Parou.

Halmalo, estou-te dizendo tudo isto. Não comprehendes as palavras, mas comprehendes as cousas. Ganchei confiança em ti, vendo-te fazer manobrar o bote; não sabes geometria, e operas evoluções no mar surprehendedentes; quem sabe guiar uma barca pôde ser piloto de uma insurreição; pelo modo por que dirigiste a trama do mar, assevero que te sahirás bem de todas as minhas commissões. Continuo. Dirás pois isto aos chefes, pouco mais ou menos, como puderes, mas será quanto ha de bastar. Prefiro a guerra das florestas á guerra das planicies; não tenho empenho em alinhar cem mil camponezes debaixo da metralha dos soldados

azues e sob a artilharia do Sr. Carnot; antes de um mez quero ter quinhentos mil matadores emboscados nas matas. O exercito republicano é a minha caça. Matar caça é fazer guerra. Sou o estrategico das moutas. Bom, eis aqui mais uma palavra. Sou o estrategico das montas. Bom, eis aqui mais uma palavra que não comprehenderás, não faz mal, comprehenderás isto: Nada de quartel! e emboscadas por toda a parte! Quero mais chouanneria que Vendéa. Accrescentarás que os inglezes estão comnosco. Mettamos a republica entre dous fogos. A Europa auxilia-nos. Acabemos com a revolução. Os reis fazem-lhe a guerra dos reinos, façamos-lhe a guerra das parochias. Dirás isto. Comprehendeste?

— Comprehendi. É preciso levar tudo a fogo e a sangue.

— É isso mesmo.

— Nada de quartel.

— A ninguem. É isso mesmo.

— Irei a toda a parte.

— E toma cuidado. Nesta terra morre-se com facilidade.

— Com a morte pouco me importa. Quem dá o primeiro passo gasta talvez os seus ultimos sapatos.

— És um homem valente.

— E si me perguntarem o nome de meu senhor.

— Não devem ainda sabê-lo. Dirás que o não sabes, e dirás a verdade.

— Onde tornarei a ver meu senhor?

— Onde eu estiver.

— Como hei de sabê-lo?

— Todos o saberão. Antes de cito dias fallarão de mim, darei exemplos, vingarei o rei e a religião, e verás logo que é de mim que fallam.

— Entendo.

- Não te esqueças de cousa alguma.
- Póde ficar socegado.
- Agora segue. Deus te guie, vae.
- Farei quanto me ordenou. Irei. Fallarei. Obedecerei. Ordenarei.
- Bom.
- E si sahir-me bem...
- Far-te-hei crvalleiro de S. Luiz.
- Como a meu irmão; e si não me sahir bem, mandar-me-ha fuzilar.
- Como a teu irmão.
- Está dito, meu senhor.

O velho abaixou a cabeça e pareceu cahir em austera reflexão. Quando tornou a erguer os olhos, estava só. Halmalo não passava já de um ponto negro immergindo-se no horizonte.

O sol acabava de pôr-se.

Os goelanos e as gaivotas de capuz voltavam para terra; o mar é fóra de casa.

Sentia-se no espaço essa como inquietação que precede a noite; as rãs coachavam, os passaros do brejo voavam das poças d'agua assobiando. as cotovias, as gralhas, os carabineiros, os tordos levantavam a sua algazarra da tarde; os passaros da praia chamavam-se; mas não havia o menor ruido humano. A solidão era profunda. Nem uma vela na bahia, nem um camponez na planicie. A perder de vista a extensão deserta. Os altos cardos dos arrieaes fremiam. O céu alvacento com o crepusculo derramava sobre a praia vasta claridade livida. Ao longe os charcos na planicie sombria assemelhavam-se a placas de estanho deitadas no solo. O vento soprava do alto mar.

LIVRO QUARTO

TELLMARCH

I

DO ALTO DA DUNA

O velho deixou Halmalo desaparecer, depois envolveu-se no seu manto marítimo, e poz-se a caminho. Seguia a passos lentos, pensativo. Dirigia-se para Huisnes enquanto Halmalo ia para Beauvoir.

Por traz delle erguia-se, enorme triangulo negro, com a sua tiara de cathedral e a sua couraça de fortaleza, com as suas bojudas torres do levante, uma redonda, outra quadrada, a ajudarem a montanha a carregar o pesa da egreja e da aldeia, o monte Saint-Michel, que é para o oceano o que Cheops é para o deserto.

As areias movediças da bahia do Mont-Saint-Michel deslocam insensivelmente as suas dunas. Havia nesse tempo entre Huisnes e Ardevon uma duna elevadissima, hoje rasa. Essa duna, que um tufão de equinoxio nivelou, possuia a raridade de ser antiga e de ter no alto um marco milliaris erecto no XII seculo em commemoração do concilio reunido em Avranches contra os assassinos de S. Thomaz de Cantuaria.

Do alto dessa duna descortinava-se toda a região, e podia-se a gente orientar.

O velho encaminhou-se para essa duna e subiu a ella.

Quando chegou ao alto, apoiou-se á pedra milliaris, sentou-se em cima de um dos quatro marcos pequenos

que assignalavam-lhe os angulos, e poz-se a examinar essa como carta geographica que tinha debaixo dos pés. Parecia procurar um caminho em terra aliás conhecida. Nesse vasto panorama, confuso por causa do crepusculo, só o que estava claro era o horizonte negro sobre o céu branco.

Avistavam-se dahi os grupos de onze burgos e aldeias; distinguam-se a muitas leguas de distancia todos os campanarios da costa, que são elevadissimos, no intuito de servirem em caso de necessidade de signal a quem anda no mar.

Ao cabo de alguns instantes o velho pareceu haver encontrado nessa meia obscuridade o que procurava; deteve-se-lhe a olhar em um recinto de arvores, paredes e tectos, mais ou menos visivel no meio da planicie e dos bosques, e que vinha a ser uma quinta; sacudiu a cabeça satisfeito como quem diz mentalmente: É alli; e poz-se a traçar com o dedo no espaço o esboço de um itinerario atravez das sebes e das culturas. De tempos a tempos examinava um objecto informe e pouco distincto, que se agitava por cima do telhado principal da quinta, e parecia perguntar a si mesmo: O que será aquillo? Aquillo era incolor e confuso por causa da hora; não era uma ventoinha porque fluctuava, e não havia rasão alguma para que fosse uma bandeira.

Estava cansado; permanecia de boamente sentado no marco em que estava; e entregava-se a esse como vago esquecimento que o primeiro minuto de repouso dá ao homem fatigado.

Ha uma hora no dia que se pudera chamar ausencia de rumor, é a hora serena, a tarde. A hora era essa. Gosava-a: contemplava, escutava, o que? a tranquillidade. Os proprios entes ferozes têm os seus momentos de melancholia. De improviso essa tranquillidade foi, não perturbada, mas accentuada por vozes que passavam; eram

vozes de mulheres e de crianças. Ha ás vezes na sombra esses repiques inesperados de jubilo. Não se via, por amor das moutas, o grupo de onde partiam as vozes, mas esse grupo passava por perto da duna e dirigia-se para a planicie e para a floresta.

Uma voz de mulher dizia :

— Vamos mais depressa, Fléchard. É por aqui ?

— Não, é por alli.

E o dialogo continuava entre as duas vozes, uma alta, outra timida.

— Como chamam á quinta em que agora estamos ?

— Herbe-en-Pail.

— Ainda estamos longe ?

— A um bom quarto de hora.

— Demo-nos pressa em ir comer a sopa.

— É verdade que estamos atrasados.

— Conviria correr. Mas os seus marrecos estão cansados. Somos apenas duas mulheres, não podemos carregar tres pecurruchos. E depois a senhora já carrega um, Fléchard. Que chumbinho. Desmamou esta glotona, mas ainda a carrega. Máu costume. Ensine isto-sinho a andar. Ah ! tanto peor, achamos fria a sopa.

— Ah ! que bons sapatos a senhora me deu ! Parecem que foram feitos para mim.

— Sempre é melhor dô que andar de pé no chão.

— Anda, João Renato.

— Foi elle mesmo quem nos demorou. Não deixa de fallar a quanta camponezazinha encontra. Já quer ser gente.

— Tambem vae fazer cinco annos.

— Diga-me, João Renato, porque fallaste com aquella menina na aldeia ?

Uma voz de criança, que era voz de menino, respondeu :

— Fallei, porque é uma das que eu conheço.

A mulher continuou :

— Pois conheces-la?

— Conheço, respondeu o menino, ainda esta manliã deu-me uns bichos.

— E então ! exclamou a mulher, estamos aqui apenas a tres dias, é deste tamaninho, e já tem uma namorada !

As vozes affastaram-se. Cessou todo o rumor.

II

AURES HABET, ET NON AUDIET

O velho permanecia immovel. Não pensava ; sonhava apenas. Em torno d'elle tudo era serenidade, adormecimento, confiança, solidão. Ainda estava bem claro no alto da duna, mas era quasi noite na planicie e era noite fechada nos bosques. A lua erguia-se no oriente. Algumas estrellas marchetavam o azul desmaiado do zenith. Esse homem, posto que cheio de preoccupações violentas engolphava-se na inexprimivel mansuetude do infinito. Sentia luzir dentro de si essa alvorada obscura, a esperança, si a palavra esperança pôde ser applicada ás incertezas da guerra civil. Nesse momento affigurava-se-lhe que, sabindo desse mar que acabava de ser tão inexoravel, e pisando em terra, todo o perigo havia desaparecido. Ninguem sabia-lhe do nome, estava só, perdido de vista pelo inimigo, sem vestigio apoz si, pois a superficie do mar nada conserva, occulto, ignorado, nem siquer suspeitado. Sentia não sei que allivio supremo. Com algum tempo mais houvera adormecido.

O que para esse homem, presa interna e externamente de tantos tumulos, communicava peculiar encanto

a essa hora calma que atravessava, era, na terra e no céu, o profundo silencio.

Ouvia-se apenas o vento que soprava do mar; mas o vento é um contra-baixo continuo e deixa quasi de ser um rumor, pois torna-se habito.

De subito pôz-se de pé.

Acabava de despertar-se-lhe de improviso a attenção; contemplou o horizonte. Alguma cousa dava-lhe ao olhar peculiar fixidez.

O que elle contemplava era o campanario de Cormeray que tinha deante de si no fundo da planicie. Não sei com effeito que cousa extraordinaria passava-se nesse campanario.

O perfil do campanario desenhava-se claramente, via-se a torre sobrecondecorada com a pyramide, e, entre a torre e a pyramide, a janella do sino, quadrada; aberta, sem antepara, e crasgada aos olhares pelos quatro lados, o que é uso nos campanarios bretões.

Ora essa janella apparecia alternativamente aberta e fechada com intervallos eguaes; a alta janella desenhava-se de todo branca, depois de todo negra; via-se-lhe o céu atravéz, depois não se via mais; havia claridade, depois sombra, e a abertura e o fechamento succediam-se de um segundo a outro com a regularidade do martello na bigorna.

O velho tinha o campanario de Comeray deante de si, cerca de duas leguas de distancia; olhou á direita para o campanario de Baguer-Pican, egualmente erigido no horizonte; a janella desse campanario abria-se e fechava-se como a de Cormeray.

Olhou á esquerda para o campanario de Tanis; a janella do campanario de Tanis abria-se e fechava-se como a de Baguer-Pican.

Olhou para todos os campanarios que avistava, um apoz outro, á esquerda os de Courtils, de Précey, de

Crollon e de la Croix-Avranchin ; á direita os de Raz-sur-Conesnon, de Mordrey e de Pas ; em frente o de Pontorson. A janella de todos esses campanarios ficava alternativamente negra e branca.

O que quereria dizer isto?

Isso significava que todos os sinos dobravam.

Para apparecerem e desaparecerem assim, deviam ser furiosamente puxados.

O que seria? evidentemente algum rebate.

Tocavam o rebate, tocavam freneticamente, tocavam por toda a parte, em todos os campanarios, em todas as parochias, em todas as aldeias, e não se onvia cousa alguma.

Provinha da distancia que impedia que o som chegasse até ahí, e do vento do mar que soprava do lado opposto e que levava todos os rumores de terra para além do horizonte.

Nada mais sinistro que esses sinos furiosos a clamarem para todos os lados, e ao mesmo tempo esse silencio.

O velho olhava e escutava.

Não ouvia o rebate, e estava vendo. Vêr o rebate, sensação extranha.

Contra quem clamariam esses sinos?

Contra quem seria o rebate?

III

UTILIDADE DA LATTRA GRANDE

Era fôra de duvida que alguém era acoçado.

Quem seria?

Esse homem de aço estremeceu.

Não podia ser elle. Não poderiam adivinhar que

havia chegado; era impossível que a commissão dos representantes já estivesse informada; mal acabava de desembarcar. A corveta tinha evidentemente ido a pique sem escapar pessoa alguma. E na propria corveta, com excepção de Boisberthelot e de La Vieuville, ninguem sabia-lhe o nome.

Os campanarios continuavam no seu rebate furioso. Elle examinava-os e contava-os machinalmente, e a sua scisma, de conjectura, em conjectura, tinha essa fluctuação que produz a transição de uma tranquillidade profunda a uma certeza terrivel. No entanto, no fim de contas, esse rebate podia explicar-se por muitos modos, e acabava por acalmar-se repetindo a si proprio: « Em summa, ninguem sabe da minha chegada e ninguem sabe o meu nome.»

Havia alguns instantes sentia leve rumor por cima de si e atraz de si. Esse rumor assemelhava-se ao esfrolar de uma folha de arvore agitada. Não prestou attenção a isso a principio; depois, como o rumor persistia, poder-se-hia dizer insistia, acabou por voltar-se. Era uma folha com effeito, mas uma folha de papel. O vento tratava de despregar por cima da sua cabeça um grande cartaz assentado na pedra milliararia. O cartaz tinha sido pregado havia pouco, pois estava ainda humido e desgrudava-se ao vento que puzera-se a brincar com elle e que arrancava-o.

O velho subira á duna pelo lado opposto e não vira o cartaz ao chegar.

Trepou no marco em que estava sentado, e pôz a mão em cima da ponta do cartaz que o vento levantava; o céu estava sereno, o crepusculo é longo no mez de Junho; a falda da duna estava tenebrosa, mas o cimo estava alumiado; parte do cartaz era impresso em letras grandes, e havia ainda claridade bastante para ser possivel lê-las. Leu isto:

REPUBLICA FRANCEZA, UMA E INDIVISIVEL

« Nós, Prieur, do Marne, representante do povo em comissão junto do exercito de Côtes-de-Cherbourg,—ordenamos: O outr'ora marquez de Lantenac, visconde de Fontenay, pretendido principe bretão, furtivamente desembarcado na costa de Granville, é posto fóra da lei.—A sua cabeça está a premio.—Pagar-se-ha a quem o entregar, morto ou vivo, a somma de sessenta mil libras.—Esta somma não será paga em assignados, mas em ouro.—Em batalhão do exercito de Côtes-de-Cherbourg será immediatamente mandado no encalço do outr'ora marquez de Lantenac.—Recommendamos ás communas que prestem o auxilio necessario.—Dado na casa da communa de Granville, no dia 2 de Junho de 1793.—Assignado;

« PRIEUR, DO MARNE. »

Por baixo deste nome havia outra assignatura, que estava em caracteres muito menores, e que se não podiam lêr em razão da pouca claridade que havia.

O velho puxou o chapéu para cima dos olhos, enrolou a capa maritima até ao queixo, e desceu rapidamente a duna. Era evidentemente inutil demorar-se nesse came alumiado.

Demorara-se já ali talvez demasiado; o alto da duna era o unico ponto da paizagem que ainda era visivel.

Quando viu-se embaixo e no escuro, demorou o passo.

Caminhava, de conformidade com o itinerario que planejára, na direcção da quinta, tendo provavelmente motivos de estar tranquillo por esse lado.

Tudo estava deserto. Era a hora em que já não passava pessoa alguma.

Atraz de uma mouta parou, abriu o manto, virou a

vestia do lado felpudo, prendeu ao pescoço o manto que era um andrajo amarrado com uma corda, e poz-se de novo a caminho.

Havia luar.

Chegou a uma encruzilhada em que erguia-se uma velha cruz de pedra. No pedestal da cruz distinguia-se um quadrado branco que era evidentemente um cartaz semelhante ao que acabava de ler. Aproximou-se-lhe.

— Onde vae? perguntou-lha uma voz.

Voltou-se.

Um homem ahí estava na cerca, de elevada estatura como elle, velho como elle, como elle de cabellos brancos, e ainda mais andrajoso do que elle.

Dir-se-hia uma copia.

Esse homem apoiava-se a um comprido bastão.

O homem continuou:

— Pergunto-lhe onde vae?

— Póde dizer-me primeiro onde estou? perguntou com calma quasi altiva.

O homem respondeu:

— Está no solar de Tanis, onde eu sou mendigo, e o senhor dono.

— Eu?

— Sim, o senhor, Sr. marquez de Lantenac.

IV

O MENDIGO

O marquez de Lantenac, tratá-lo-hemos daqui em deante pelo no me, respondeu gravemente:

— Bom. Entregue-me.

O homem proseguiu:

— Estamos ambos aqui em nossa casa, o senhor no castello, eu no matto.

— Acabemos com isto. Vamos. Entregue-me disse o marquez.

O homem continuou :

— O senhor ia á quinta de Herbe-en-Pail, não ?

— Ia.

— Não vá.

— Porque ?

— Porque oa azues lá estão.

— Ha quanto tempo ?

— Ha tres dias.

— A gente da granja e da aideia resistiu-lhes ?

— Não. Abriu todas as portas.

— Ah ! disse o marquez.

O homem apontou para o tethado da quinta que percebia-se alguma distancia por cima das arvores.

— Está vendo o tethado, Sr. marquez ?

— Estou.

— Vê o que tem em cima ?

-- Fluctuando ?

— Sim.

— É uma bandeira.

— Tricolor, disse o homem.

Era o objecto que já havia attrahido a attenção do marquez quando estava no alto da duna.

— Não estão tocando a rebate ? perguntou o marquez.

— Estão.

— Pelo que ?

— É claro que por causa do senhor ?

— Mas não se ouve ?

— É que o vento não deixa.

O homem continuou :

— Leu o seu cartaz ?

— Li.

— Procuram-no.

E, deitando um olhar para o lado da quinta, accrescentou :

— Ha alli meio batalhão.

— De republicanos?

— Parizienses.

— Está bom, disse o marquez, vamos.

E deu um passo na direcção da granja.

O homem travou-lhe do braço.

— Não vá lá.

— E para onde quer que vá?

— Para minha casa.

O marquez olhou para o mendigo.

— Ouça, Sr. marquez, a minha casa não é bonita, mas é segura. É uma cabana mais baixa que uma adega. Por soalho uma esteira de palha, por tecto um tapume de ramos e de hervas. Venha. Na granja fuzilam-no. Em minha casa dormirá. Deve estar cansado; e amanhã demanhã os azues devem se ter posto de novo em marcha, e o senhor irá para onde lhe aprouver.

O marquez observava o homem.

— De que parcialidade é então o senhor? perguntou o marquez; é republicano? é realista?

— Sou pobre.

— Não é realista nem republicano?

— Creio que não.

— É a favor ou contro o rei?

— Não tenho tempo para isso.

— O que me diz do que se está passando?

— Que não tenho com que viver.

— No entanto corre em meu auxilio.

— Vi que o senhor estava fóra da lei. O que vem a ser lei? Póde-se estar fóra. Não entendo. Quanto a mim, estarei dentro da lei? estarei fóra da lei? Não sei. Morrer de fome, será estar dentro da lei?

— Ha quanto tempo tem fome!

— Desde que nasci.

— E quer salvar-me?

— Quero.

— Porque?

— Porque disse comigo: Aqui está um ainda mais pobre do que eu. Tenho o direito de respirar, elle não tem.

— E' verdade. E quer salvar-me?

— Por certo. Eis-nos irmãos, meu senhor. Peço pão, o senhor pede a vida. Somos ambos mendigos.

— Mas sabe que a minha cabeça está a premio?

— Sei.

— Como sabe?

— Li o cartaz.

— Sabe ler?

— Sei. E escrever tambem. Por que razão havia eu de ser um bruto?

— Então, si sabe ler, e si leu o cartaz, sabe tambem que o homem que me entregasse ganharia sessenta mil francos?

— Sei.

— Não em assignados.

— Sim, sei, em ouro.

— Sabe que sessenta mil francos constituem uma fortuna?

— Sei.

— E que o homem que me entregasse teria a fortuna feita?

— Sim, e depois?

— A fortuna!

— Foi justamente o que pensei. Vendo-o, disse comigo: Quando imagino que aquelle que entrar este homem ganhará sessenta mil francos e terá a fortuna feita!... Tratemos de occultá-lo.

O marquez acompanhou o pobre.

Entraram em um bosque cerrado. O covil do mendigo era ali. Era como um quarto que um alto e annoso carvalho deixára que esse homem lhe alugasse; era cavado sob as suas raizes e coberto com os seus ramos. Era escuro, baixo, occulto, invisivel. Havia logar para dous.

— Previ que podia ter um hospede, disse o mendigo.

Essa como habitação subterranea, mais frequente na Bretanha do que se acredita, chama-se em linguagem compezeza *tôca*. Esta denominação applica-se tambem aos escondrijos praticallos na espessura das paredes.

Tem por moveis alguns vasos de barro, uma cama de palha ou de sargaço lavado e secco, uma grossa coberta de sarja, e algumas torcidas de cebo com um fuzil de tirar fogo e hastes ôcas de acantho para servirem de phosphoros.

Curvaram-se, arrastaram-se até penetraram no covil onde as volumosas raizes da arvore recortavam compartimentos extravagantes, e sentaram-se em cima de um monte de palha que era a cama. O intervallo de duas raizes por onde se entrava e que servia de porta dava alguma claridade. A noite cahira, mas a vista proporciona-se á luz, e a gente acaba por achar sempre alguma claridade na sombra. Um reflexo do luar aclarava vagamente a entrada. Havia a um canto uma bilha d'agua, uma broa de trigo e castanhas.

— Ceiemos, disse o pobre.

Dividiram as castanhas; o marquez entrou com o seu pedaço de bolacha; comeram do mesmo pedaço de pão negro e beberam na bilha um depois do outro.

Conversaram.

O marquez poz-se a interrogar o homem.

— Então pouco se lhe dá do que vae pelo mundo?

— Pouco mais ou menos. Os senhores lá são brancos, lá se entendem.

— Mas em summa o que se está passando...

— Passa-se lá em cima.

O mendigo accrescentou :

— E depois ha cousas que passam-se ainda mais alto, o sol que se levanta, a lua que cresce ou diminue ; com essas é que eu me occupo.

Bebeu alguns goles na bilha e disse :

— Excellente agua fresca !

E continuou :

— Como acha esta agua, meu senhor ?

— Como se chama ? perguntou o marquez.

— Chamo-me Tellmarh, e chamam-me o Mendigo.

— Sei. Mendigo é um modo de dizer.

— Pobre. Chamam-me tambem o Velho.

Prosegiu :

— Ha quarenta annos que me chamam o Velho.

— Ha quarenta annos ! mas nesse tempo o senhor era moço, não ?

— Nunca fui moço. O senhor é que está ainda moço, Sr. marquez. Tem pernas de vinte annos, sóbe ao alto da duna grande ; a mim já me vae custando a andar ; ao cabo de um quarto de legua estou cansado. Temos no entanto a mesma idade ; mas os ricos têm sobre a gente uma vantagem, é comerem todos os dias. Comer, conserva.

O mendigo, depois de uma pausa continuou :

— Isto de pobres e de ricos é uma terrivel cousa. E' o que produz as catastrophes. Ao menos é o que me parece. Os pobres querem ser ricos, os ricos não querem ser pobres. Affigura-se-me que mais ou menos nisto consiste tudo. Mas nisto não me intrometto. Os acontecimentos são as acontecimentos. Não sou nem a favor do credor nem a favor do devedor. Sei que ha uma di-

vida e que a estão pagando. Eis tudo. Quizera que não matassem o rei, mas ser-me-hia difficil dizer porque. Depois, respondem-me: mas antes não amarravam a gente ás arvores por dá cá aquella palha? Olhe, eu por um maldito tiro dado em um cabrito do rei, vi enforcar um homem que tinha mulher e sete filhos. Ha suas cousas de parte a parte.

Tornou a calar-se, depois accrescentou:

— O senhor sabe, eu não sei bem, andam daqui para acolá, passam-se as suas cousas; pela minha parte vivo aqui ao relento.

Tellmarch interrompeu-se ainda para scismar, depois continuou:

— Sou um tanto curandeiro, um tanto medico, conheço as hervas, tiro resultado das plantas, os camponezes vêm-me attento deante de um nada e isto faz-me passar por feiticeiro. Porque vivo a sonhar, suppõem que eu sei.

— O senhor é do logar? perguntou o marquez.

— Nunca daqui sahi.

— Conhece-me?

— Conheço. A ultima vez que o vi foi na sua ultima viagem ha dous annos. O senhor foi daqui para Inglaterra. Ha pouco vi um homem no alto da duna. Um homem de alta estatura. Os homens altos são raros, a Bretanha é terra de homens pequenos. Olhei bem, tinha lido o cartaz. Disse: olhem! E quando o senhor desceu havia luar, reconheci-o.

— No entanto eu não o conheço.

— O senhor viu-me, mas não me viu.

E Tellmarch o Mendigo accrescentou:

— Pois eu via-o. De mendigo a transeunte o olhar não é o mesmo.

— Por ventura encontrei-o noutro tempo?

— Muitas vezes, porque eu era seu devoto. Eu era o pobre da beira da estrada do seu castello. Nesse tempo o senhor dava-me esmola; mas quem dá não repara, aquelle que recebe examina e observa. Quem diz mendigo, diz espião. Mas eu posto que muitas vezes triste, trato de não ser espião máu. Eu estendia a mão, o senhor via apenas a mão, e nella deitava a esmola de que eu tinha necessidade demanhã para não morrer de fome á tarde. Ás vezes passam-se vinte e quatro horas sem comer, A's vezes um soldo é a vida. Devo-lhe a vida, pago-lha.

— E' verdade, o senhor salva-me.

— Sim, salvo-o, meu senhor.

E a voz de Tellmarch tornou-se austera.

— Com uma condição.

— Qual?

— De que não venha aqui para fazer mal.

— Venho aqui fazer bem, disse o marquez.

— Durmamos, disse o mendigo.

Deitaram-se ao lado um do outro na cama de palhas. O mendigo adormeceu logo. O marquez, apesar de fatigadissimo, ficou um momento a scismar, depois atravez da sombra contemplou o pobre e voltou-se. Deitar-se nessa cama era deitar-se no chão; aproveitou-se disso para encostar o ouvido ao solo e escuton. Havia debaixo da terra um zumbido sombrio; é sabido que o som propaga-se nas profundezas do solo; ouvia-se o ruido dos sinos.

O rebate continuava.

O marquez adormeceu.

V

ASSIGNADO, GAUVAIN

Quando acordou era dia.

O mendigo estava de pé, não no covil, porque ahi não se podia ficar de pé, mas fóra e no limiar. Estava apoiado ao bastão. Havia sol no seu semblante.

— Meu senhor, disse Tellmarch, quatro horas da manhã acabam de soar no campanario de Tanis. Ouvi as quatro badaladas. Consequentemente o vento mudou; é o terral; não ouço mais ruido algum; consequentemente o rebate cessou. Tudo está tranquillo na granja e na aldeia de Herbe-en-Pail. Os azues dormem, ou foram-se. O maior perigo está passado; é prudente separarmo-nos. É a minha hora de sahir.

Designou um ponto do horizonte.

— Vou para aquella banda.

E designou o ponto opposto.

— O senhor deve ir por aqui.

O mendigo cumprimentou respeitosaente ao marquez com a mão.

Accrescentou apontando para os restos da ceia :

— Leve castanhas, si tem fome.

Um momento depois havia desaparecido sob as arvores.

O marquez levantou-se, e dirigiu-se para o lado que Tellmarch lhe havia indicado.

Era a hora encantadora que a velha lingua camponeza normanda chama «o despontar do dia». Ouvia-se o chilro dos pintasilgos e dos pardaes: O marquez seguiu a trilha por onde tinham vindo na vespera. Sahiu do bosque e tornou a achar-se na encruzilhada onde havia a cruz de pedra. O cartaz ahi estava, branco e como jovial ao sol nascente. Lembrou-se de que havia no fim

do cartaz alguma coisa que não pudera lèr na vespera por causa da pequenez das lettas e da pouca claridade que havia. Encaminhou-se para o pedestal da cruz. O cartaz terminava com effeito, em baixo da assignatura PRIEUR, DO MARNE, por estas duas linhas em caracteres pequenos :

«Verificada a identidade do outr'ora marquez de Lan-tenac, será immediatamente passado pelas armas.—As-assignado : o major commandando a columna expedicio-naria, GAUVAIN.»

— Gauvain ! disse o marquez.

Deteve-se profundamente pensativo com os olhos fictos no cartaz.

— Gauvain ! repetiu.

Pôz-se de novo a caminho, voltou-se, olhou para a cruz, tornou atraz, e leu o cartaz ainda uma vez.

Depois affastou-se a passos lentos. Alguem que estivesse junto delle podê-lo-hia ouvir murmurar em voz baixa : «Cauvain !»

Do fundo dos caminhos cavados por onde se ia escondendo não se avistava o telhado do quinta que deixára à esquerda. Costeava uma eminencia abrupta, toda coberta por um tojal florido, da especie chamada espinho comprido.

Essa eminencia tinha em cima uma dessas pontas de terra chamadas na Bretanha «cabeça de javali.» Ao pé da eminencia o olhar perdia-se immediatamente de-baixo das arvores. A folhagem estava como banhada de luz. Toda a natureza tinha a alegria profunda da manhã.

De improviso o panorama tornou-se terrivel. Foi como uma emboscada que surge. Não sei que tromba composta de gritos selvagens e de tiros de espingarda cahiu sobre esses campos e sobre esses bosques, cheios de raios de sol, e viu-se elevar-se, da banda em que ficava a granja, densa fumaça cortada de chammas claras,

como si a aldeia e a herdade fossem apenas um feixe de palha a arder. Foi subita e lugubre a passagem brusca da calma á furia, uma explosão do inferno em plena aurora, o horror sem transição. Batiam-se do lado de Herbe-en-Pail. O marquez parou.

Não ha quem em taes casas não o tenha experimentado, a curiosidade póde mais que o perigo; a gente quer saber ainda que morra. Subiu á eminencia por baixo da qual passava o caminho cavado. Dahi se era visto, mas via-se. Em alguns minutos estava no alto. Olhou.

Com effeito havia uma descarga de fuzillaria e um incendio. Ouviam-se clamores, via-se fogo. A granja e a como o centro de não sei que catastrophe. O que seria? A granja de Herbe-en-Pail seria atacada? Mas por quem? Seria um combate? Ou seria antes alguma execução militar? Os azues, e isso lhes era ordenado por um decreto revolucionario, puniam muitas vezes, deitando-lhes fogo, as herdades e as aldeias refractarias; quimavam, por exemplo, toda a granja e toda a aldeia que não faziam as derrubadas prescriptas pela lei, e que não abriam e limpavam nos bosques picadas para a cavallaria republicana. Tinham notoriamente executado assim ainda a pouco tempo a parochia de Bourgon, perto de Ernée. Herbe-en-Pail estaria no mesmo caso? Estava-se vendo que nenhum dos caminhos estrategicos ordenados pelo decreto tinha sido aberto no meio das capoeiras e dos bosques visinhos de Tanis e de Herbe-en-Pail. Seria a punição? Teria chegado alguma ordem á vanguarda que occupava a granja? Essa vanguarda não faria parte de alguma das columnas expedicionarias, chamadas *columnas infernaes*?

Um cerrado erigadissimo, ferocissimo, cercava por toda a parte a emidencia; no alto da qual o marquez pozera-se de observação. Esse cerrado que se chamava o

bosque de Herbe-en-Pail, mas que tinha proporções de matta, estendia-se até a granja e occultava, como todas as capoeiras bretãs, uma réde de barrancas, de trilhos e caminhos cavados, labyrinthos em que os exercitos republicanos se perdiam.

A execução, si tinha sido execução, deveria ter sido feroz, porque fôra curta. Foi, como todas as cousas brutaes, feita sem delonga. A atrocidade das guerras civis comporta estas cruezas. Emquanto o marquez, multiplicando conjecturas, hesitando em descer, hesitando em ficar, escutava e espiava, o fragor do exterminio cessou ou melhor dispersou-se. O marquez assistiu no matto como á dispersão de um bando furioso e alegre. Houve em baixo das arvores um horrivel formigamento. Da granja precipitavam-se para o bosque. Havia tambores que tocavam a avançar. Já não havia tiros de fuzilaria. Parecia-se isso agora com uma exploração, dir-se-hia que procuravam, perseguiam, acoçavam; era evidente que procuravam alguém; o rumor era diffuso e profundo; havia confusão de palavras, de colera e triumpho, rumor composto de clamores; não se distinguia cousa alguma; de improviso, qual se desenha um lineamento no meio do fumo, alguma cousa tornou-se articulada e clara no meio do tumulto. Era um nome, um nome repetido por mil vozes, e o marquez ouviu claramente este grito:

«Lantenac) Lantenac! marquez de Lantenac!»

Era a elle que procuravam.

VI

AS RERIPECIAS DA GUERRA CIVIL

E rapido, em torno d'elle, e de todos os lados a um tempo, o matto encheu-se de espingardas, de bayonetas

e de sabres, uma bandeira tricolor ergueu-se na penumbra, o grito *Lantenac*) sôou-lhe aos ouvidos, e a seus pés atravez das sarças e dos ramos surgiram caras affoguedadas.

O marquez estava só, de pé sobre o cimo, visivel de todos os pontos do bosque. Via apenas os que gritavam-lhe o nome, mas era visto por todos. Si havia mil espingardas no bosque elle alli estava como um alvo. Não distinguia no meio do matto sinão pupilas ardentes fixadas nelle.

Tirou o chapéu, levantou a aba, arrancou um espinho comprido e secco do tojal, tirou do bolso um topé branco, pregou com o espinho a aba levantada e o tópe á cópa do chapéu, e, tornando a pôr na cabeça o chapéu cuja aba levantada deixava-lhe vêr a frente e o tópe, disse em voz alta, fallando a um tempo para toda a floresta.

— Sou o homem a quem procuram. Sou o marquez de Lantenac, visconde de Fontenay, principe bretão, logar tenente general dos exercitos do rei. Acabemos com isto. Apontar! Fogo!

E, abrindo com ambas as mãos a vestia de pelle de cabra mostrou o peito nú.

Abaixou os olhos procurando com a vista as espingardas apontadas e viu-se cercado de homens de joelhos.

Um grito immenso levantou-se: «Viva Lantenac! Viva o general!»

Ao mesmo tempo os chapéus saltavam para o ar, os sabres volteavam-se alegres, e, em toda a matta, erguiam-se varapáus na ponta dos quaes agitavam-se barretes de lã escura.

O que elle tinha em torno de si era um bando vendéano.

Esse bando ajoelhará-se ao vê-lo.

Rezam as lendas que havia nas antigas florestas da Thuringia entes estranhos, raça ds gigantes, mais e menos do que homens, que eram considerados pelos romanos como animais horriveis e pelos germanos como encarnações divinas, e que conforme o encontro estavam na alternativa de serem ou exterminados ou adorados.

O marquez experimentou alguma cousa semelhante ao que devia sentir um desses entes quando, esperando ser tratado como monstro, era de impreviso tratado como Deus.

Todos esses olhos, pejados de relampagos formidaveis, fictayam-se no marquez com ternura selvagem.

Essa multidão estava armada de espingardas, de sabres, de fouces, de varas e cacetes; traziam todos amplos chapéus de feltro ou barretes escuros com tópes brancos, profusão de rosarios e amuletos, largas calças abertas nos joelhos, jaquetão de pello, polainas de couro, com as curvas da perna descobertas, os cabellos compridos, alguns com aspecto feroz, todos com aspecto ingenuo.

Um homem moço e de formoso semblante atravessou o bando ajoelhado e subiu a largos passos até onde estava o marquez. Este homem tinha como os camponezes, um chapéu de feltro de abas levantadas com um tópe branco e jaqueta de pello, mas tinha mãos alvas e camisa fina, e trazia por cima da vestia uma charpa de seda branca da qual pendia uma espada de cópos dourados. Chegando ao alto deitou fóra o chapéu, tirou a charpa, pôz um joelho em terra, apresentou ao marquez a charpa e a espada e disse:

— Procuravamo-lo com effeito e encontramos-lo. Eis a espada do commando. Estes homens agora pertencem-lhe. O commandante delles era eu, subo de posto, sou seu soldado. Acceite as nossas homenagens, principe. Dê as suas ordens, meu general.

Depois fez um signal e homens que traziam uma bandeira tricolor sahiram do bosque. Estes homens subiram até onde estava o marquem e depuzeram a bandeira a seus pés. Era a bandeira que acabava de vér por entre as arvores.

— Meu general, disse o moço que apresentou a espada e a charpa, esta é a bandeira que acabamos de tomar aos azues, que estavam na herdade de Herbe-en-Pail. Senhor, chamo-me Gavard, fui da casa do marquez de la Rouarie.

— Está bom, disse o marquez.

E, calmo e austero, cingio a charpa.

Depois desembainhou a espada e agitando-a núa ácima da cabeça:

— De pé! disse, e viva o rei!

Ergueram-se todos.

E ouviu-se nas profundezas do bosque um clamor desvairado e triumphante: *Viva o rei! Viva o nosso marquez! Viva Lautenac!*

O marquez voltou-se para Gavard.

— Então, quantos sois?

— Sete mil.

E descendo da eminencia, enquanto os camponezes affastavam os tojos para abrir caminho ao marquez de Lantenac, Gavard continuou:

— Senhor, nada mais simples. Tudo isto explica-se em uma palavra. Esperava-se apenas uma faisca. O cartaz da republica, dando a conhecer a sua presença, insurgiu a terra em favor do rei. Tinhamos de mais a mais sido avisados occultamente pelo maire de Granville, que é dos nossos, o mesmo que salvou o padre Olivier. Esta noite tocámos o rebate.

— Por amor de quem?

— Por sua causa.

— Ah! disse o marquez.

— E eis-nos aqui, continuou Gavard.

— E sois sete mil ?

— Hoje. Seremos quinze mil amanhã. Seremos a Bretanha inteira. Quando o Sr. Henrique de la Rochejacquelein partiu para o exercito catholico, tocou-se o rebate, e em uma noite seis parochias, Isernay, Corqueux, Échaubroignes, Aubiers, Saint-Aubin e Nueil deram-lhe dez mil homens.

Não tinham munições, encontraram em casa de um pedreiro secenta libras de polvora de mina, o Sr. de la Rochejacquelein partiu com isso mesmo. Vimos logo que o senhor devia estar por ahi algures nesta floresta e procuravamo-lo.

— E atacoram os azues na herdade de Herbe en-Pail !

O vento impedira-os de ouvir o rebate. De nada desconfiavam ; a gente da aldeia que é boçal, havia-os recebido bem. Esta manhã investimos contra a herdade, os azues dormiam e em um relance a cousa estava feita. Tenho um cavallo. Digna-se acceitar, meu general ?

— Acceito.

Um camponez trouxe um cavallo branco militarmente ajaezado. O marquez sem utilizar-se do auxilio que lhe offerecia Gavard, montou a cavallo.

— Hurrah ! gritaram os camponezes. Pois os gritos inglezes são muito usados na costa bretã normanda, em commercio continuo com as ilhas da Mancha.

Gavard fez a continencia militar e perguntou :

— Qual será o seu primeiro quartel-general, senhor ?

— Primeiro a floresta de Fougères.

— E' uma das suas sete florestas, Sr. marquez.

— E' preciso um padre.

— Temos um.

— Quem é ?

— O vigario de Chapelle-Erbrée.

— Conheço-o. Fez a viagem de Jersey.

Um padre sahio das fileiras e disse :

— Tres vezes.

O marquez voltou a cabeça.

— Bom dia, Sr. vigario. Vae ter muito que fazer.

— Tanto melhor, Sr. marquez.

— Vae ter muito a quem confessar. Aos que quizerem. Não se obriga a ninguem.

— Sr. marquez, disse o padre, Gastão, em Guéménée, obriga os republicanos a confessarem-se :

— E' um cabelleireiro, disse o marquez; mas a morte deve ser livre,

Gavard, que fôra dar algumas ordens, voltou :

— Meu general, espero as suas determinações.

— Antes de tudo, o ponto de reunião é a floresta de Fougères. Dispersem-se e vão lá ter.

— Está dada a ordem,

— Não me disse que a gente de Herbe-en-Pail recebeu bem os azues ?

— Disse, meu general.

— Queimou a herdade ?

— Queimei.

— Queimou a aldeia ?

— Não.

— Queime-a.

— Os azues tentaram defender-se ; mas era cento e cincoenta e nós sete mil.

— Que azues são esses ?

— Azues de Santerre.

— Que ordenou que rufassem os tambores enquanto cortavam a cabeça ao rei. Então é um batalhão de Pariz ?

— Meio batalhão ?

— Como se chama esse batalhão ?

— Meu general, ha na bandeira : Batalhão do Barrete Vermelho?

— Animaes ferozes.

— O que devemos fazer dos prisioneiros ?

— Fuzilem-nos.

— Ha cerca de oitenta.

— Fuzilem tudo.

— Ha duas mulheres.

— Tambem.

— Ha tres creanças.

— Carreguem-nas. Ver-se-ha o que se ha de fazer dellas.

E o marquez deu de redeas ao cavallo.

VII

NADA DE MISERICORDIA (SENHA DA COMMUNA).—NADA DE QUARTEL (SENHA DOS DRINCIPES).

Emquanto isto se passava perto de Tanis, o mendigo dirigira-se para Crollon. Embrenhara-se pelos barrocaes, sob as vastas folhagens surdas, desattento a tudo e attento a nada, como elle mesmo dissera, mais a sonhar que a pensar, pois o pensador tem um alvo e o sonhador não, errando, vagando, detendo-se, comendo aqui ou alli um grelo de azeda sylvestre, bebendo nas fontes, erguendo a cabeça a espaços a fragores longinquos, depois tornando a entrar na deslumbrante fascinação da natureza, mostando os andrajos ao sol, ouvindo talvez o ruido dos homens, mas escutando o canto o canto dos passaros.

Era velho e moroso ; não podia ir longe ; como dissera ao marquez de Lantenac, um quarto de legua fatigava-o ; deu uma pequena volta até Croix-Avranchin, e cahira a noite quando voltou.

Um tanto além de Macey, a senda que seguia levou-o a um como ponto culminante limpo de arvores, donde se avista muito longe e donde se descortina todo o horizonte para a parte de oeste até ao mar.

Uma fumaça chamou-lhe a atenção.

Nada mais consolador que uma fumaça, nada mais formidável. Ha fumaças pacificas e ha fumaças scele-radas.

Uma fumaça, a espessura e a côr de uma fumaça, é toda a differença entre a paz e a guerra, entre a fraternidade e o odio, entre a vida e a morte. A fumaça que sobe do meio das arvores pôde significar o que ha mais encantador no mundo, o lar, ou o que ha mais encantador no mundo, o lar, ou o que ha mais medonho, o incendio; e toda a ventura assim como toda a desventura do homem estão ás vezes nessa cousa esparsa ao vento.

A fumaça que Tellmarch observava era inquieta-dora.

Era negra com rubores subitos, como si o brazido de que sabia tivesse intermittencias e acabasse de apagar-se, e elevava-se ácima de Herbe-en-Pail.

Tellmarch apressou o passo e dirigiu-se para essa fumaça. Estava bem cansado, mas queria saber o que era aquillo.

Chegou ao cimo de um outeiro a que estavam encostas a aldeia e a granja.

Já não havia granja nem aldeia.

Um montão de casas arruinadas ardia, e era ahi Herbe-en-Pail.

Ha alguma cousa mais pungente de ver arder que um palacio, é uma cabana. Uma cabana incendiada é espectaculo lamentavel. A devastação cahindo sobre a miseria, o abutre encarniçado contra a minhoca, ha nisso não sei que contrasenso que aperta o coração.

A dar credito á lenda biblica, um incendio contemplado transforma uma creatura humana em estatua; Tellmarch foi por um momento essa estatua. O espectáculo que tinha debaixo dos olhos tornou-o immovel. Essa destruição effectua-se em silencio. Nem um grito levantava-se; nem um gemido humano misturava-se com essa fumaça; essa fornalha laborava e acabva de devorar essa aldeia sem ouvir-se outro ruido mais que o estalar do madeiramento e o crepitar do colmo. Ás vezes a fumaça abria-se, os tectos rotos deixavam ver os aposentos hiantes, o brazeiro patenteava todos os seus rubins, andrajos escarlates e miseros moveis velhos côr de purpura erguiam-se nesses interiores vermelhos, e Tellmarch tinha o sinistro deslumbramento do desastre.

Algumas arvores de um castanhal contiguo ás casas haviam pegado fogo e chamejavam.

Escutava, esforçando-se por ouvir uma voz, um grito, um clamor; nada movia-se excepto as chammas: tudo calava-se, excepto o incendio. Teriam todos fugido?

Onde estaria esse grupo vivo e trabalhador de Herbe-en-Pail? O que seria de toda essa pequena população?

Tellmarch desceu do outeiro.

Funebre enigma estava deante d'elle. Approximava-se sem pressa e com o olhar fixo. Adeantava-se para essa ruina com uma lentidão de sombra: sentia-se phantasma nessa tumba.

Chegou ao que havia sido a porta da granja, e olhou para o pateo que agora já não tinha muros e confundia-se com a aldeia grupada em torno della.

O que tinha visto era nada. Não tinha percebido mais que o terrivel, o horrivel appareceu-lhe.

No meio do pateo havia um montão negro, vaga-

mente modelado de uma parte pela chamma, da outra pela lua : esse montão era um montão de homens; esses homens estavam mortos.

Havia em torno desse montão um grande lago que fumegava ; o incendio reflectia-se nesse lago ; mas este não tinha necessidade do fogo para ser vermelho ; era sangue.

Tellmarch approximou-se. Poz-se a examinar, um apoz outro, os corpos que jaziam alli ; eram todos cadaveres.

A lua alumiava, o incendio tambem.

Os cadaveres eram soldados. Todos estavam descalços ; haviam-lhes tirado os sapatos ; haviam-lhes tambem tirado as armas ; tinham ainda os uniformes que eram azues ; aqui e alli distinguiam-se, no amontoado de membros e cabeças, chapéus furados com tópes tricolores. Eram republicanos. Eram os parizienses que, ainda na vespera, ali estavam bem vivos, de guarnição á herdade de Herben-en-Pail. Esses homens tinham sido suppliciados, assim o indicava a quédia symetrica dos corpos ; tinham sido fulminados alli mesmo ; e cuidadosamente. Estavam todos mortos. Nem um estertor de agonisante sahia do montão.

Tellmarch passou revista aos cadaveres, sem omittir um só ; todos estavam crivados de balas.

Os que os tinham metralhado, provavelmente com pressa de ir adeante, não tinham gasto tempo em enterrá-los.

Quando ia retirar-se, cahiram-lhe as vistas sobre um muro baixo que havia no pateo, e viu quatro pés que sahiam de traz do angulo desse muro.

Esses pés tinham sapatos ; eram menores que os outros ; Tellmarch approximou-se. Eram pés de mulher.

Duas mulheres jaziam ao lado uma da outra por traz do muro, tambem fuziladas.

Tellmarch inclinou-se para ellas. Uma dessas mulheres tinha como um uniforme; ao lado della estava um ancorote quebrado e vasio; era uma vivandeira. Tinha quatro balas na cabeça. Estava morta.

Tellmarch examinou a outra. Era uma camponeza. Estava livida e de bocca aberta. Tinha os olhos fechados. Não tinha ferimento algum na cabeça. As roupas, de que sem duvida as fadigas haviam feito andrajos, tinham-se aberto na queda, e deixavam ver-lhe o torso semi-nú. Tellmarch acabou de abri-las, e viu em uma espadua a ferida redonda que produz uma bala; a clavicula estava quebrada. Contemplou-lhe o seio livido.

— Mãe e ama, murmurou.

Apalpou-a Não estava fria.

Não tinha outro ferimento além da clavicula quebrada e da chaga na espadua.

Poz-lhe a mão no coração e sentiu-o bater baixinho. Não estava morta.

Tellmarch poz-se de pé e gritou com voz terrivel:

— Então não ha aqui ninguem?

— És tu, mendigo! respondeu uma voz, tão baixo que mal se ouvia.

E ao mesmo tempo uma cabeça sahiu de um buraco da ruina.

Depois outra cara appareceu em outra casa ar-ruinada.

Eram dous camponezes que se haviam escondido; os unicos que sobreviviam.

A voz do mendigo tranquillisara-os e fizera com que sahisses dos escondrijos em que estavam mettidos.

Adeantaram-se para Tellmarch ainda muito tremulos.

Tellmarch tinha podido gritar, mas não podia fallar; as emoções profundas são assim.

Apontou-lhes a mulher estendida a seus pés.

— Estará ainda viva? perguntou um dos camponezes.

Tellmarch fez com a cabeça signal affirmativo.

— A outra mulher tambem está viva? perguntou o outro camponez.

Tellmarch fez signal que não.

O camponez que primeiro apparecêra, continuou:

— Todos os mais estão mortos, não? Vi isso. Estava na minha adega. Como a gente dá graças a Deus nestas occasiões por não ter familia! A minha casa ardia. Senhor! Jesus! mataram tudo. Esta mulher tinha filhos. Tres filhos pequeninos! As creanças gritavam: Mamãe! A mãe gritava: Meus filhos! Mataram a mãe e carregaram com os filhos. Vi isso, meu Deus! meu Deus! meu Deus! Os que levaram tudo a ferro e fogo, partiram. Estavam contentes. Carregaram com os pequenos e mataram a mãe. Ella, porém, não está morta, não é assim, ella não está morta? Dize, mendigo, acreditas que poderás salvá-la? queres que te ajudemos a carregá-la para a tua tóca?

Tellmarch fez signal que sim.

O bosque era contiguo á herdade. Fiz eram num momento uma padiola com ramos e fetos. Collocaram na padiola a mulher que permanecia immovel e puzeram-se a caminho pelo matto, os dous camponezes carregando a padiola, um na cabeceira, o outro nos pés, Tellmarch segurando o braço da mulher, e apalpando-lhe o pulso.

Enquanto caminhavam, conversavam os dous camponezes, e, por sobre a mulher ensanguentada cuja face

pallida a lua alumiava, trocavam exclamações desvairadas.

— Matar tudo!

— Queimar tudo!

— Ah! senhor Deus! o que ha de ser da gente agora?

— Foi esse velho alto quem quiz.

— Foi, era elle quem commandava.

— Não o vi quando estavam fuzilando. Estaria presente?

— Não. Tinha-se ido embora. Mas não importa, fez-se tudo por ordem delle.

— Então, foi elle quem fez tudo.

— Elle havia dito: Matem! queimem! não dêem quartel!

— Será marquez?

— É, é o nosso marquez.

— Como é que elle se chama?

— Sr. de Lantenac.

Tellmarch ergueu os olhos para o céu e murmurou entre dentes:

— Ah que si eu soubesse!...

SEGUNDA PARTE
EM PARIZ

LIVRO PRIMEIRO
CIMOURDAIN

I

AS RUAS DE PARIZ NESSE TEMPO

Vivia-se na praça, comia-se em mesas armadas deante das portas, as mulheres sentadas nos adros das igrejas tiravam fios cantando a *Marselheza*, o parque Monceaux e o Luxemburgo eram campos de manobra, havia em todas as esquinas fabricas de armas a funcionaram, faziam-se espingardas á vista dos transeuntes que batiam palmas; não se ouvia senão esta palavra em todas as boccas: *Paciencia. Estamos em revolução.* Sorria-se heroicamente. Ia-se ao espectáculo como em Athenas durante a guerra do Peloponeso; lia-se nos cartazes pelas esquinas: *O cerco de Thionville.—A mãe de familia salva das chammas.—O club dos Sans-Soucis.—A papisa Joanna mais velha.—Os philosophos soldados.—Arte de amar na aldeia.—Os allemães estavam ás portas; corria o boato de que o rei da Prussia mandára tomar camarotes na Opera. Tudo era assustador e ninguem estava assustado. A tenebrosa lei dos suspeitos, que é o crime de Merlin de Donai, punha a guilhotina visivel ácima de todas as cabeças. Um procurador chamado Séran, denunciado, esperava que viessem prendê-lo, de chambre e chinellas, e tocando flauta á ja-*

nella. A todos parecia faltar tempo. Todos tinham pressa. Não havia chapéu que não tivesse tópe. As mulheres diziam: *Ficamos lindas com o barrete vermelho.* Pariz parecia atravancado com uma mudança. Os adelos estavam cheios de corôas, mitras, sceptros de madeira dourada e flores de luz, despojos das casas reaes; era a demolição da monarchia que passava. Viam-se nos belchiores capas de asperges e rachetes dependurados para venderem-se. Em Porcherons e em casa de Ramponneau homens carregados de sobrepellizes e de estolas, montados em jumentos ajaezados com casulas, mandavam despejar vinho da taberna nos ciborios das cathedraes. Na rua Saint-Jacques calceteiros de pés no chão faziam parar a carrocinha de um mascate que offerecia calçado, cotisavam-se e compravam quinze pares de sapatos que remettiam á Convenção para os nossos soldados. Os bustos de Franklin, de Rousseau, de Brutos e cumpre accrescentar, de Marat, abundavam; por baixo de um desses bustos de Marat, na rua Cloche-Perce, estava pregado num quadro com moldura preta uma requisitoria contra Malouet, apoiada em factos e com estas duas linhas á margem: «Estes pormenores foram-me fornecidos pela amante de Silvano Bailly, boa patriota que é bondosa para comigo — Assignado: MARAT.» Na praça do Palais-Royal a inscripção da fonte: *Quantos effundit in usus!* estava coberta por duas grandes telas pintadas á tempera, representando, uma, Cahier de Gerville denunciando á Assembléa Nacional a senha dos «trapeiros» de Arles; e a outra, Luiz XVI trazido de Varennes no seu carro real, e por baixo desse carro uma taboa amarrada com cordas tendo nas duas pontas dous granadeiros com bayonetas nas espingardas. Poucas lojas grandes estavam abertas; mercearias e armarinhos volantes percorriam as ruas puxades por mulheres, alummiados por velas de sebo que derretiam-se em cima das

mercadorias; lojas eram dirigidas aó ar livre por ex-religiosas de cabelleira loura; certa remendona, concertando meias em uma lojazinha, era condessa; certa costureira era marquez; a Sra. de Boufflers morava em um pardieiro donde avistava o seu palacio. Pregoeiros corriam offerecendo os «papeis noticiosos.» Chamavam-se *escrophulosos* os que escondiam o queixo na gravata. Os cantores ambulantes pullulavam. A multidão dava vaias em Pitou, o cancionista realista, animoso aliás, pois foi preso vinte e duas vezes, e levado á barra do tribunal revolucionario por haver batido no trazeiro pronunciando a palavra *civismo*, vendo a cabeça em perigo, exclamára: *Mas é o opposto á minha cabeça que é culpado!* o que fizera rir os juizes e o salvára. Esse Pitou motejava da voga dos nomes gregos e latinos; a sua canção favorita era ácerca de um remendão a quem chamava *Cujus*, e a cuja mulher chamava *Cujusdam*. Formavam-se rodas para dançar a carmanhola; não diziam *o cavalheiro e a dama*, diziam «o cidadão e a cidadã.» Dansavam nos claustros arruinados, com lampões no altar, na abobada dous páus cruzados com quatro velas, e sepulturas por baixo da dança.—Usavam-se vestias de cor chamada *azul de tyranno*, em vez de *azul de rei*. Havia alfinetes de peito «com o barrete da liberdade» feitos de pedras brancas, azues e encarnadas. A rua de Richelieu chamava-se rua da Lei; o arrabalde Saint-Antoine chamava-se o arrabalde da Gloria; havia na praça da Bastilha uma estatua da Natureza. Apontavam para certos transeuntes conhecidos, Chatelet, Didier, Nicolas e Garnier Delaunay, que guardavam a porta do marceneiro Duplay; Voulland, que não perdia um dia de guilhotina, acompanhava as carroças dos condemnados, e chamava a isso «ir á missa vermelha;» Montflabert, revolucionario de quatro costados e marquez, que queria que o chamassem *Dez-de-*

Agosto. Viam desfilar os alumnos da escola militar, qualificados pelos decretos da Convenção « aspirantes á escola de Marte, » e pelo povo « pagens de Robespierre. » Liam-se as proclamações de Fréron, denunciando os os suspeitos de crime de « negociantismo. » Os « casquilhos, » reunidos ás portas das mairies, escarneciam dos casamentos civis, grupavam-se no caminho dos conjuges, chamavam-nos : « casados *municipaliter.* » Nos Invalidos as estatuas dos santos e dos reis tinham na cabeça o barrête phrygio. Jogava-se nos marcos das esquinas; os jogos de cartas estavam tambem em completa revolução; os reis estavam substituidos por genies, as damas por liberdades, os valetes por igualdades e os azes por leis. Lavravam-se os jardins publicos; a charrua trabalhava nas Tulherias. A tudo isto misturava-se, principalmente nos partidos vencidos, não sei que altivo cansaço de viver; um individuo escrevia a Fouquier-Tinville: « Faça o favor de livrar-me da vida. Aqui está a minha residencia. » Champcenetz era preso por haver gritado em pleno Palais-Royal: « Quando virá a revolução da Turquia? Desejo ver a republica na Porta ^{1.} » Jornaes por toda a parte. Officiaes de cabelleireiro riçavam em publico cabelleiras de senhora, emquanto o patrão lia em voz alta o *Monitor*; outros commentavam no meio de grupos, com demasiados gestos, o jornal *Entendamo-nos* de Dubois-Crancé, ou a *Trombeta do Pae Bellarosa*. Algumas vezes os barbeiros eram ao mesmo tempo salchicheiros; e viam-se presuntos e chouriços pendurados ao lado de uma boneca com cabellos de ouro. Mercadores vendiam pelas ruas « vinho de emigrados; » um mercador annunciava vinhos de *cincoenta e duas especies*; outros barganhavam relógios em fôrma de lyra e sophás á duqueza; um cabelleireiro

(1) *A' la porte*, na rua.

tinha isto na taboleta: « Barbeio o clero, penteio a nobreza e arranjo o terceiro estado. » Iam ver Martin deitar cartas no n. 173 da rua de Anjou, outr'ora Dauphine. O pão faltava, o carvão faltava, o sabão faltava; viam-se passar manadas de vaccas leiteiras que chegavam das provincias. Em la Vallée o carneiro vendia-se a quinze francos a libra. Um edital da communa marcava para cada bocca uma libra de carne por decada. Fazia-se cauda á porta dos mercadores; uma dessas caudas ficou lendaria, ia da porta de um mercieiro da rua do Petit-Carreau até ao meio da rua Montorgueil. Fazer cauda, chamava-se « segurar na corda », por amor de uma comprida corda em que seguravam, um atraz do outro, os que estavam na fila. As mulheres, no meio desse infortunio, eram animosas e meigas. Passavam as noites á espera da vez de entrarem na padaria. Os expedientes aproveitavam á revolução; sublevava essa vasta angustia com dous meios arriscados, o assignado e o maximo; o assignado era a alavanca, o maximo era o ponto de apoio. Este empirismo salvou a França. O inimigo, tanto o inimigo de Clobenz, como o inimigo de Londres, agiotava com o assignado. Raparigas andavam pelas ruas offerecendo agua de alfazema, ligas e tranças de cabello, e agiotando; havia os agiotas da escada da rua Vivienne, de sapatos enlameados, de cabellos sujos, de carapuças de pello de cauda de raposa, e os cambistas da rua de Valois de botas engraxadas, com um palito na bocca, chapéo felpudo, engommados e encrespados pelas moças. O povo dava-lhes caça, as sim como dava aos ladrões, que os realistas chamavam « cidadãos activos. » De resto, havia muito poucos roubos. Abnegação feroz, prohibidade estoica. Os maltrapilhos e os indigentes passavam, com os olhos austeramente abaixados, por deante dos mostradores dos joalheiros do Palacio-Egualdade. Em uma visita domiciliaria que fez

a secção Antoine á casa de Beaumarchais, uma mulher colheu no jardim uma flôr; o povo esbofeteou-a. A lenha custava quatrocentos francos (prata) a talha; viam-se individuos serrando na rua a madeira das camas; no inverno as fontes gelavam; a agua custava dez soldos o balde; todos eram aguadeiros. O luiz de ouro valia tres mil novecentos e cincoenta francos. Uma corrida em carro de aluguel custava seiscentos francos. Depois de andar-se um dia em carro de aluguel, ouvia-se este dialogo:—Cocheiro, quanto lhe devo? Seis mil libras.—Uma quitandeira vendia vinte mil francos de hortaliça por dia. Um mendigo dizia: *Uma esmola pelo amor de Deus! não tenho duzentos e trinta libras para comprar sapatos.* Na entrada das pontes viam-se colossos esculpidos e pintados por David, que Mercier insultava: *Enormes polichinellos de páu*, dizia elle. Esses colossos representavam o federalismo e a coalicção subjugados. Nenhum desanimo no povo. Sombrio jubilo por haver acabado com os thronos. Os voluntarios affluíam, offerecendo os peitos. Cada rua dava um batalhão. As bandeiras dos districtos andavam de um para outro lado, cada uma com a sua divisa. Na bandeira do districto dos Capuchinhos lia-se: *Ninguem nos ha de barbear.* Em outra: *Nobreza só no coração.* Em todas as paredes cartazes, grandes, pequenos, brancos, amarellos, verdes, vermelhos, impressos, manuscriptos, em que lia-se este grito: *Viva a Republica!* As creancinhas balbuciavam *Ça ira.*

Essas creancinhas eram o immenso porvir.

Mais tarde á cidade tragica succedeu a cidade cynica; as ruas de Pariz tiveram dous aspectos revolucionarios bem distinctos, antes e depois de 9 thermidor; o Pariz de Saint-Just deu lugar ao Pariz de Tallien; e essas são as continuas antitheses de Deus, immediatamente depois do Sinai, surgiu a Courtille.

Vêem-se desses accessos de loucura publica. Já se

tinha visto isso mesmo oitenta annos antes. Sahe-se de sob Luiz XIV como se sahe de sob Robespierre, com grande necessidade de respirar; dahi a Regencia que abre o seculo e o Directorio que o fecha. Duas saturnaes depois de dous terrorismos. A França deita a correr, livre do claustro puritano assim como livre do claustro monarchico, com a alegria de nação que escapole.

Depois de 9 thermidor, Pariz mostrou-se alegre, mas de uma alegria desvairada. Um jubilo indecoroso transbordou. Ao phrenesi de morrer succedeu o phrenesi de viver, e a grandeza eclipsou-se. Tivemos um Trimalcion que chamou-se Grimod de la Reynière; appareceu o *Almanak dos Gulosos*. Jantou-se ao som das bandas marciaes nas sobrelojas do Palais-Royal, com orchestras de mulheres rufando tambores e tocando cornetas; o « tocador de rigodão » com o arco em punho, reinou; ceiou-se « á oriental » em casa de Méot, no meio de caçoulas cheias de perfumes. O pintor Boze pintava as suas raparigas, innocentes e encantadoras cabeças de dezesseis annos, « como guilhotinadas », isto é, decotadas e com camisas vermelhas. Ás danças animadas nas egrejas em ruinas succederam os bailes de Ruggieri, de Luquet, de Wenzel, de Mauduit, de la Montansier; ás austeras cidadãs que tiravam fios succederam as sultanas, ás selvagens as nymphas; aos pés descalços dos soldados cobertos de sangue, de lama e de pó succederam os pés descalços das mulheres ornados com brilhantes; de par com a impudencia tornou a improbidade; houve em cima os forneedores e em baixo « os ratos »; um formigueiro de larapios encheu Pariz, e cada qual teve de olhar para o seu « peculio », isto é para a sua carteira; um dos divertimentos era ir, na praça do Palacio da Justiça, ver as ladras no banco; era preciso amarrarem-se-lhes as saias; á sahida dos theatros os garotos offereciam cabriolets dizendo: *Cidadão e cidadã, ha logar para*

dous ; não apregoavam mais o *Velho Franciscano* e o *Amigo do povo*, apregoavam a *Carta de Polichinello* e a *Petição dos Galopins* ; o marquez de Sade presidia á secção das Lanças na praça Vendôme. A reacção era jovial e feroz ; os *Dragões da Liberdade* de 92 renasciam sob a denominação de *Cavalleiros do Punhal*. Ao mesmo tempo surgiu nos theatros das feiras esse typo, Jocrisse, Apareceram as « maravilhosas » e além das maravilhosas as « inconcebiveis » ; juravam pela sua *palava victimada* e pela sua *palava firme* ; recuaram de Mirabeau até Bobêche. E' assim o vae-vem de Paris ; elle é a enorme pendula da civilisação ; toca alternativamente um polo e outro, as Thermopylas e Gomorrha. Depois de 93 a Revolução atravessou uma occultação singular, o seculo pareceu esquecer-se de terminar o que havia começado, não sei que orgia interpoz-se, tomou o primeiro plano, fez recuar para o segundo a formidavel apocalypse, velou a visão desmedida, e riu ás gargalhadas depois do panico ; a tragedia desapareceu na parodia, e no fundo do horizonte um vapor de carnaval encobriu vagamente Medusa.

Mas em 93, em que estamos, as ruas de Pariz tinham ainda todo o aspecto grandiloquo e terrivel do começo. Tinham seus oradores, Varlet que andava com uma casinhola volante de cima da qual arengava aos transeuntes ; seus heroes, um dos quaes chamava-se « o capitão dos cacetes ferrados » ; seus predilectos, Guffroy, autor do pampheto *Rougiff*. Algumas dessas popularidades eram malfazejas ; outras eram sãs. Uma entre todas era honrada e fatal : era a de Cimourdain.

II

CIMOURDAIN

Cimourdain era uma consciencia pura, mas sombria. Havia nelle o absoluto. Fôra padre, o que é grave. O homem pôde, como o céu, ter uma serenidade negra; basta que alguma cousa produza nelle a noite. O sacerdocio produzira a noite em Cimourdain. Quem foi padre, é.

Aquillo que produz a noite em nós pôde deixar em nós estrellas. Cimourdain era cheio de virtudes e de verdades, mas essas brilhavam em trevas.

A historia delle era curta. Fôra cura de aldeia e preceptor em uma casa illustre; depois recebera uma pequena herança, e tornara-se livre.

Era demais a mais um obstinado. Servia-se da meditação como a gente serve-se de uma tenaz; não suppunha ter o direito de deixar uma idéa sinão quando chegava ao cabo; pensava com encarniçamento. Sabia todas as linguas da Europa e alguma cousa das outras; esse homem estudava incessantemente, o que ajudava-o a guardar castidade, mas nada ha mais perigoso que semelhante concentração.

Padre, não quebrára, ou fosse por orgulho, ou fosse acaso ou elevação de animo, os votos que fizera; mas não pudera conservar a sua crença. A sciencia demoliu-lhe a fé; o dogma desvanecera-se nelle. Então, examinando-se, sentira-se como mutilado, e, não podendo deixar de ser padre, trabalhára por tornar a ser homem, mas de modo austero; haviam-lhe tirado a familia, adoptára a patria; haviam-lhe recusado uma mulher, desposára a humanidade. Esta plenitude enorme, no fundo, é o vacuo.

Seus paes, camponezes, fazendo-o padre, tinham querido fazê-lo sahir do povo; voltára para o povo.

E voltára apaixonadamente. Olhava para os que soffriam com uma ternura formidavel. De padre tornara-se philosopho, e de philosopho athleta. Luiz XV ainda era vivo e já Cimourdain sentia-se vagamente republicano. De que republica? Da republica de Platão talvez, e talvez tambem da republica de Dracon.

Sendo-lhe prohibido amar, puzera-se a odiar. Odiava as mentiras, a monarchia, a theocracia, a sua sotaina de padre; odiava o presente, e chamava em altos brados o porvir; presentia-o, entrevia-o de antemão, adivinhava-o medonho magnifico; concebia, para o desenlace da lamentavel miseria humana, alguma cousa como um vingador que havia de ser um libertador. Adorava de longe a catastrophe.

Em 1789 essa catastrophe viera, e achara-o preparado. Cimourdain tinha-se lançado nessa vasta renovação humana com logica, isto é, para um espirito da tempera do seu, inexoravelmente; a logica não se enterneceu. Vivêra os grandes annos revolucionarios, e sentira o abalo de todos estes ventos: 89, a quêda da Bastilha, o fim do supplicio dos povos; 90, o 4 de Agosto, o fim do feudalismo; 91, Varennes, o fim da realeza; 92, a asseção da Republica. Vira levantar-se a Revolução; não era homem que tivesse medo dessa gigante; bem longe disso, esse crescimento de tudo vivificara-o; e apezar de já quasi velho—tinha cincoenta annos,— e um padre fica mais depressa velho que outro homem, puzera-se tambem a crescer. Do anno para anno vira os acontecimentos avultarem, e avultára como elles. Receiára a principio que a Revolução abortasse, observava-a, ella tinha por si a razão e o direito, exigia que tivesse tambem o triumpho; e á proporção que ella ia apavorando, elle sentia-se tranquillizado. Queria que essa Minerva, corôada com as estrellas do porvir, fosse tambem Pallas e tivesse por escudo a cabeça com serpentes. Queria que

o seu olhar divino pudesse, si fosse preciso, arremeçar aos demonios o clarão infernal, e pagar-lhes terror com terror.

Chegára assim a 93.

93 é a guerra da Europa contra a França e da França contra Pariz. E o que é a Revolução? É a victoriada da França sobre a Europa e de Pariz sobre a França. Dahi a immensidade desse minuto formidavel, 93, maior que todo o resto do seculo.

Nada mais tragico, a Europa atacando a França e a França atacando Pariz. Drama que tem a estatura da epopéa.

93 é um anno intenso. A tempestade ahi está em toda a sua colera e em toda a sua grandeza. Cimourdain sentia-se nelle á vontade. Esse fóco desvairado, selvagem e esplendido convinha ás suas azas. Esse homem possuia, como a aguia do mar, profunda calma interna, com a predilecção pelo perigo externo. Certas naturezas aladas, terriveis e tranquillias, são feitas para os vendavaes. Almas de tempestade, é uma cousa que existe.

Tinha uma compaixão peculiar, reservada unicamente aos miseraveis. Deante desse genero de soffrimento que infunde horror, elle mostrava-se dedicado. Nada lhe repugnava. Era esse o seu genero de bondade. Era hediondamente caritativo, e divinamente. Procurava as ulceras para beijá-las. As boas accções feias de vêr são as mais difficeis de praticar; preferia essas. Um dia no Hôtel-Dieu um homem ia morrer afogado com um tumor na garganta, abcesso fetido, horrivel, contagioso, talvez, e que cumpria esvasiar immediatamente. Cimourdain ahi estava; applicou a bocca ao tumor, sugou-o, escarrando á proporção que a bocca se lhe enchia, esvasiou o abcesso, e salvou o homem. Como usava ainda nesse tempo as suas roupas de padre, alguém disse-lhe;

—Si o senhor fizesse isso ao rei, estava bispo.—Não o faria ao rei, respondeu Gimourdain. A acção e a resposta tornaram-no popular nos quarteirões sombrios de Pariz.

Tanto assim, que fazia dos que soffrem, choram e ameaçam, o que queria. No tempo do odio contra os atravessadores, odio tão fecundo em enganos. Foi Cimourdain quem, com uma palavra, impediu o saqueio de uma barca com carregamento de sabão no porto Saint-Nicolas e quem dispersou os ajuntamentos furiosos que detinham os carros na barreira Saint-Lazare.

Foi elle quem, dous dias depois de 10 de Agosto, levou o povo a derribar as estatuas dos reis. Ao cahirem ellas mataram, na praça Vendôme uma mulher, Reine Violet, foi esmagada por Luiz XIV, ao pescoço do qual ella passára uma corda que puxava. Essa estatua de Luiz XIV estivera cem annos em pé; tinha sido erigida a 12 de agosto de 1692, foi derribada a 12 de Agosto de 1792. Na praça da Concordia um homem de nome Guinguerot, tendo chamado aos demolidores; canalha! foi espancado no pedestal de Luiz XV. A estatua foi posta em pedaços. Mais tarde reduziram-na a soldos. Só o braço escapou; era o braço direito que Luiz XV estendia com um gesto de imperador romano. Foi por indicação de Cimourdain que o povo deu e que uma deputação levou esse braço a Latude, o homem enterrado trinta e sete annos na Bastilha. Quando Latude, com a gotilha ao pescoço e a corrente na barriga, apodrecia vivo no fundo dessa prisão por ordem desse rei cuja estatua dominava Pariz, quem diria que essa prisão havia de cair, que essa estatua havia de cair, que elle havia de sahir do sepulchro e que a monarchia havia de para lá entrar, que elle, o preso, havia de ser senhor dessa mão de ferro que assignára o seu assentamento no livro do car-

cereiro, e que desse rei de lama não havia de ficar mais que esse hraço de bronze!

Cimourdain era desses homens que têm dentro de si uma voz, e que a ouvem. Esses homens parecem distrahidos; qual! estão attentos.

Cimourdain sabia tudo e ignorava tudo. Da sciencia sabia tudo e tudo ignorava da vida. Dahi a sua rigidez. Tinha os olhos vendados como a Themis de Homero. Possuia a certeza cega da flecha que apenas vê o alvo e que vóa para elle. Em revolução nada ha tão terrivel como a linha recta. Cimourdain caminhava direito para a frente, fatal.

Cimourdain acreditava que, nos geneses sociaes, o ponto extremo é o terreno solido; erro proprio dos espiritos que substituem a razão pela logica. Ia adeante da Convenção; ia adeante da Communa; era do Episcopado.

A reunião, chamada Episcopado, porque celebrava as suas sessões em uma sala do velho palacio episcopal, era antes uma complicação de homens que uma reunião. Nella appareciam, como na Communa, esses espectadores silenciosos e significativos que tinham em cima de si, como diz Garat, «tontas pistolas quantos bolsos.» O Episcopado era um amontoado cosmopolita singular, amontoado cosmopolita e pariziense, o que não exclue um ao outro, por isso que Pariz é o logar em que bate o coração dos povos. Ahi estava a grande incandescencia plebéa. Junto do Episcopado a Convenção era fria e a Communa era morna. O Episcopado era uma dessas formações revolucionarias semelhantes ás formações volcanicas; o Episcopado tinha de tudo, ignorancia, estupidez, proibidade, heroismo, colera e policia. Brunswick ahi tinha agentes seus. Havia ahi homens dignos de Esparta e homens dignos das galés. A maior parte ero exaltada e honrada. A Gironda, pela bocca de Isnard,

presidente momentaneo da Convenção, dissera uma palavra mostruosa :—*Tomas cautela parizienses. Não ficará pedra sobre pedra na vossa cidade, e procurarão um dia o logar onde existiu Pariz.*—Esta palavra creára o Episcopado. Homens, e, acabamos de dizê-lo, homens de todas as nações, conheceram a necessidade de gruparem-se em torno de Pariz. Cimourdain reunira-se a esse grupo.

Esse grupo reagia contra os reactores. Nascêra desta publica necessidade de violencia que é o lado temivel e mysterioso das revoluções. Forte com essa força, o Episcopado tomára immediatamente o seu quinhão. Nas commoções de Pariz era a Communa que m disparava o canhão, o Espiscopado era quem tocava o rebate.

Cimourdain acreditava, com a sua ingenuidade implacavel, que tudo é justo, desde que serve á verdade; cousa que tornava-o proprio para dominar os partidos extremos. Os tratantes conheciam-no honrado, e estavam contentes. Os crimes sentem-se lisongeados vendo-se presididos por uma virtude. Isso vexa-ose agrada-lhes. Palloy, o architecto que explorára a demolição da Bastilha, vendendo-lhe as pedras em proveito seu, e que, incumbido de borrar a masmorra de Luiz XVI, tinha por zelo coberto as paredes de barras, cadéias e gollilhas; Gonchon, o orador suspeito do arrebalde Saint-Antoine cujos recibos encontraram-se mais tarde; Fournier, o americano que, a 17 de Julho, dera em Lafayette um tiro de pistola pago, diziam, por Lafayette; Henriot, que sahia de Bicêtre, e que tinha sido creado, saltimbanco, ladrão e espião antes de ser general e de assestar canhões contra a Convenção; La Reynie, antigo vigario geral de Chartres, que trocára o breviario pelo *Pae Duchesne*; todos estes homens eram refreidos por Cimourdain, e em certas occasiões, para impedir que os peiores se movessem, bastava que per-

cebessem sem vigilante em frente de si essa temível candura convicta. Era assim que Saint-Just aterrava Schneider. Ao mesmo tempo a maioria do Episcopado, composta principalmente de pobres e de homens violentos, que eram bons, acreditava em Cimourdain e acompanhava-o. Tinha como coadjutor ou como ajudante de campo, conforme quizerem, o outro padre republicano, Danjon, de quem o povo gostava por amor da sua elevada estatura e a quem chrisamára com a alcunha de padre Seis-Pés. Cimourdain era capaz de levar para onde quizesse ao intrepido chefe a quem chamavam *general Lança*, e ao audaz Truchon, chamado *Grão Nicoláu*, que tinha querido salvar a Sra. de Lamballe, e que dera-lhe o braço e fizera-a passar por cima de cadaveres; o que teria ido avante a não ser o feroz gragejo do barbeiro Charlot.

A Communa fiscalisava a Convenção, o Episcopado fiscalisava a Communa; Cimourdain, espirito recto e a quem repugnava a intriga, havia quebrado mais de um fio mysterioso nas mãos de Pache, a quem Beurnonville chamava «o Homem negro» Cimourdain, no Episcopado nivelava-se com todos. Era consultado por Dobsent e Momoro. Fallava hespanhol com Gusman, italiano com Pio, inglez com Arthur, flamengo com Pereyra, allemão com o austriaco Proly, bastardo de principe. Creava o accordo entre essas discordancias. Dahi uma posição obscura e forte. Hébert temia-o.

Cimourdain tinha, nesse tempo e nesses grupos tragicos, o poder dos inexoraveis. Era um homem impeccavel que se julga infallivel. Niaguem o vira chorar. Virtude inaccessible e glacial. Era o formidavel homem isto.

Não havia meio termo para um padre na revolução. Um padre não podia entregar-se á prodigiosa aventura

flagrante sinão por motivos muito baixos ou muito elevados; era preciso que fosse infame ou que fosse sublime. Cimourdain era sublime; mas sublime no isolamento, no alcantil, na agrura inhospita: sublime no meio de um circulo de precipicios. As montanhas elevadas têm essa virgindade sinistra.

Cimourdain tinha a apparencia de um homem vulgar; vestia uma roupa qualquer, de aspecto pobre. Moço, andára tonsurado; velho, era calvo. Os poucos cabellos que tinha, eram grisalhos. Tinha a fronte elevada, e nessa fronte havia para o observador um signal. Cimourdain tinha um modo de fallar brusco, apaixonado e solenne; a voz rapida; o tom peremptorio; a bocca triste e acerba; o olhar claro e profundo, e em todo o semblante não sei que ares de indignação.

Tal era Cimourdain.

Ninguem hoje conhece-lhe o nome. A historia tem desses desconhecidos terriveis.

III

UM CALCANHAR NÃO MERGULHADO NA ESTYGE

Semelhante homem seria homem? O servidor do genero humano poderia ter uma affeição? Não seria demasiado alma para poder ser coração? Esse abarcamento enorme que abrangia tudo e todos, poder-se-hia reservar para alguém? Poderia Cimourdain amar? Digamol-o. Podia.

Quando foi moço e preceptor em uma casa quasi real, teve um discipulo, filho e herdeiro da casa, e amava-o. Amar uma creança é tão facil. O que é que se não perdôa a uma creança? Perdoa-se lhe ser nobre, principe, rei. A innocencia da idade faz esquecer os crimes

da raça; a fraqueza do entesinho faz esquecer a exaggeração da cathegoria. É tão pequeno que se lhe perdôa ser grande. O escravo perdôa-lhe o ser senhor. O velho negro idolatra a creancinha branca. Cimourdain apaixonara-se pelo discipulo. A infancia tem isse de ineffavel, que podem-se exhaurir nella todos os amores. Tudo quanto em Cimourdain podia amar arremeçara-se, por assim dizer, sobre essa creança; esse meigo ser innocente tornara-se como uma presa para esse coração condemnado á salidão. Amava-o com todas as ternuras a um tempo, como pae, como irmão, como amigo, como creador. Era seu filho; filho, não da sua carne, mas do seu espirito. Não era pae d'elle, não era elle sua obra; mas era mestre d'elle, e era a sua obra-prima. Desse fidalgozinho fizera um homem. Quem sabe? Um grande homem talvez. Pois taes são os sonhos. Sem que a familia o soubesse,—precisa-se lá de permissão para crear uma intelligencia, uma vontade e uma rectidão?—communicára ao moço visconde, seu discipulo, todo o progresso que tinha em si; inoculara-lhe o virus temivel da sua virtude; injectara-lhe nas veias a sua convicção, a sua consciencia, o seu ideal; nesse cerebro de aristocrata despejára a alma do povo.

O espirito amamenta; a intelligencia é uma maminha. Ha analogia entre a ama que dá o seu leite e o preceptor que dá o seu pensamento. Ás vezes o preceptor é mais pae que o pae, da mesma arte por que muitas vezes a ama é mais mãe que a mãe.

Esta profunda paternidade espiritual prendia Cimourdain ao discipulo. Bastava ver essa creança para enternecer-se.

Accrescentemos isto: substituir o pae era facil, pois o menino já o não tinha; era orphão; o pae havia morrido, a mãe havia morrido; não tinha para olharem por si mais que uma avó cega e um tio-avô ausente. A avó

morreu; o tio-avô, chefe de familia, homem de espada e de alta nobreza, revestido de cargos na côrte, fugia ao velho solar, vivia em Versalhes, andava pelo exercito, e deixava o orphão sósinho no castello solitario. O preceptor era pois mestre e senhor.

Accrescentemos mais isto: Cimourdain vira nascer o menino que fôra seu discipulo. O menino, orphão desde pequenino, tivera uma molestia grave. Cimourdain, quando elle corrêra perigo de vida, velara-lhe á cabeceira dia e noite; o medico é quem trata, quem salva é o enfermeiro, e Cimourdain salvára a creança. O discipulo devia-lhe não só a educação, a instrucção, a sciencia; mas devia-lhe tambem a convalescença e a saude; o discipulo não só devia-lhe o pensar, como devia-lhe o viver. Aquelles que nos devem tudo, adoramos; Cimourdain adorava a essa creança.

A separação commum na vida realisara-se. Terminada a educação, Cimourdain tivera de deixar o menino que se tornára moço. Com que fria e inconsciente crueldade operam-se essas separações! Como as familias despedem tranquillamente o preceptor que deixa o seu pensamento em uma creança, e a ama que deixa-lhe as proprias entranhas! Cimourdain, pago e despedido, sahira da sociedade elevada e voltára á sociedade de esphera humilde; o tabique que entre os grandes e os pequenos tornára alevantar-se; o moço fidalgo official por nascimento e logo nomeado capitão, seguira para uma guarnição qualquer; o humilde preceptor, já no fundo do coração padre insurgido, dera-se pressa em tornar a descer a esse obscuro andar terreo da Igreja, que chamava-se o baixo clero; e Cimourdain perdêra de vista o discipulo.

Sebreviera a Revolução; a lembrança desse ente de quem fizera um homem, continuára sopitada dentro

delle, occulta, mas não extincta, pela immensidade das cousas publicas.

Modelar uma estatua e dar-lhe vida, é bello; modelar uma intelligencia e dar-lhe a verdade, é mais bello ainda. Cimourdain era o Pygmalião de uma alma.

Um espirito pôde ter um filho.

Esse discipulo, essa creança, esse orphão, era o unico ente que elle amava na terra.

Mas, ainda em semelhante affeição, semelhante homem seria vulneravel?

Vamos vê-lo.

LIVRO SEGUNDO
A TABERNA DA RUA DU PAON

I

MINOS, EACO E RHADAMANTO

Havia na rua du Paon uma taberna que chamavam café. Esse café tinha um quarto no fundo, hoje historico. Era ahi que reuniam-se ás vezes quasi secretamente homens tão poderosos e tão vigiados que receiavam fallar-se em publico. Fôra ahi que se trocára, a 23 de Outubro de 1792, um beijo famoso entre a Montanha e a Gironda. Fôra ahi que Garat, posto não concorde com isto nas suas *Memorias*, fôra informar-se nessa noite lugubre em que, depois de haver posto Clavière em logar seguro na rua de Beaune, parou o carro na Ponta Real para ouvir o rebate.

No dia 28 de Junho de 1793 tres homens estavam reunidos em torno de uma mesa nesse quarto do fundo. As cadeiras não estavam perto uma da outra; estava cada um sentado a um dos lados da mesa, deixando vasio o quarto lado. Eram mais ou menos oito horas da noite; na rua ainda estava claro, mas era noite no quarto, e um candieiro preso ao tecto, luxo desse tempo, alumiaa a mesa.

O primeiro desses tres homens era pallido, moço, grave, labios finos e olhar frio. Tinha na face um tico nervoso que devia embaraçar-lhe o sorriso. Estava polviado, enluvado, escovado, abotoado, a casaca azul clara

não fazia uma prega. Estava com umas calças de ganga, meias brancas, gravata alta, bofes de pregui-nhas, sapatos com fivelas de prata. Os outros dous ho-mens eram, um, um como gigante, o outro, um como anão. O alto, com uma ampla casaca, de panno escar-late toda aberta, com o pescoço nú em uma gravata desatada que cabia-lhe abaixo dos bofes da camisa, o collete aberto com botões arrancados, estava calçado com botas de canhão e tinha os cabellos arrepiados, posto se lhe visse um resto de penteado e de preparo ; havia alguma cousa de crinas na sua cabelleira. Tinha a face hexigosa, uma ruga de colera entre os sobrolhos, o vinco da bondade no canto da bocca, os labios grossos, os dentes grandes, punhos de carregador de fardos, o olhar brihante. O baixo era um homem amarello que, sentado, parecia disforme ; tinha a cabeça cahida para traz, os olhos injectados de sangue, manchas lividas no rosto, um lenço atado por sobre os cabellos sujos e em-pastados, não tinha testa, e tinha uma bocca enorme e terrivel. Trazia calças compridas, chinellas, collete que parecia ter sido de setim branco, e por cima desse col-lete um como chambre nas dobras do qual uma linha dura e recta denunciava um punhal.

O primeiro destes homens chamava-se Robesbierre, o segundo Danton, o terceiro Marat.

Estavam sós nessa sala. Havia defronte de Danton um copo e uma garrafa de vinho coberta de pó, lem-brando o cangirão de cerveja de Lutheró, defronte de Marat uma chicara de café, defronte de Robespierre papeis.

Junto dos papeis via-se um desses pesados tinteiros de chumbo, redondos e estriados, de que se lembram quantos andaram no collegio no começo deste seculo. Uma penna atirada ao lado do tinteiro. Em cima dos papeis estava um grande sinete de cobre no qual lia-se

Polloy fecit, e que representava um modelozinho exacto da Bastilha.

Um mappa da França estava aberto no meio da mesa.

A porta e pela parte de fóra conservava-se o cão de fila de Marat, esse Lourenço Basse, moço de recados do n. 18 da rua de Cordeliers, que a 13 de julho, cerca de quinze dias depois desse dia 28 de Junho, devia assentar com uma cadeira na cabeça de uma mulher chamada Carlota Corday, que nesta ocasião estava Caen, meditando vagamente. Lourenço Basse era o portador das provas do *Amigo do povo*. Nessa noite, levado pelo amo ao café da rua du Paon, tinha ordem de conservar fechada a sala em que estavam Marat, Danton e Robespierre, e de não deixar lá entrar pessoa alguma, salvo alguém da Junta de salvação publica, da Communa ou do Episcopado.

Robespierre não queria fechar a porta a Saint-Just, Danton não queria fechá-la a Pache, Marat não queria fechá-la o Gusmã.

A conferencia durava havia já muito tempo. Tinha como assumpto os papeis estendidos sobre a mesa e que Robespierre lera. As vozes iam-se elevando. Alguma cousa semelhante á colera rugia entre esses tres homens. De fóra ouviam-se a espaço syllabas vibrantes. Nesse tempo o habito das tribunas publicas parecia haver creado o direito de escutar. Era no tempo em que o amanuense Fabricio Paris espiava pelo buraco da fechadura o que fazia a Junta de salvação publica. O que, diga-se de passagem, não foi inutil, pois foi esse Pariz quem avisou Danton na noite de 30 para 31 de Março de Março de 1794. Lourenço Basse encostára o ouvido á porta da sala do fundo onde estavam Danton, Marat e Robespierre. Lourenço Basse servia a Marat, mas era do Episcopado.

II

MAGNA TESTANTUR VOCE PER UMBRAS

Danton acabava de levantar-se; havia precipitadamente recuado a cadeira.

— Ouçam, exclamou. Ha apenas uma urgencia, a Republica em perigo, Só uma cousa conheço, livrar a França do inimigo. Para isso todos os meios são bons. Todos! todos! todos! Quando vejo-me a braços com os perigos, lanço mão de todos os recursos, e quando temo tudo, affronto tudo, Meu pensamento é um leão. Nada de meias medidas. Nada de acanhamentos com a revolução. Nemesis não é nenhuma delambida. Sejamos formidaveis e uteis. Porventura o elephante repara para onde assenta a pata? Esmaguemos o inimigo.

Robespierre respondeu com doçura :

— Isso desejo eu.

E accrescentou :

— A difficuldade está em saber onde está o inimigo.

— Está fóra, eu o repelli, disse Danton.

— Está dentro, e eu o vigio, disse Robespierre.

— E eu o repellirei de novo, continuou Danton.

— Não se repelle o inimigo interno.

— Então o que se faz?

— Extermina-se.

— De accordo, disse por sua vez Danton.

E continuou :

— Digo-lhe que elle está fóra, Robespierre.

— Danton, digo-lhe que está dentro.

— Robespierre, está na fronteira.

— Danton, está na Vendéa.

— Soceguem, disse terceira voz, está em a toda parte; e os senhores estão perdidos.

Era Marat quem fallava.

Robespierre olhou para Marat e retorquiu tranquilamente :

— Basta de generalidades. Cinjo-me á materia. Eis os factos.

— Pedante! resmoneou Marat.

Robespierre poz a mão sobre os papeis abertos deante de si e continuou :

= Acabo de ler-lhes os officios de Prieur do Marne. Acabo de comunicar-lhes as informações prestadas por Gélambre. Danton, escute, a guerra estrangeira nada é, a guerra civil é tudo. A guerra estrangeira é uma esfoladura que temos no cotovello; a guerra civil é a ulcera que nos roe os figados. De tudo quanto acabo de ler-lhes, resulta o seguinte : a Vendéa, até hoje dividida entre muitos chefes, está proxima a concentrar-se. Vae daqui em diante ter um capitão unico...

— Um salteador central, murmurou Danton.

— Esse é, proseguiu Robespierre, o homem que desembarcou perto de Pontorson no dia 21 de Junho. Já viram quem é elle. Notem que esse desembarque coincide com a prisão dos representantes em commissão, Prieur do Côte-d'Or e Romme, em Bayeux, por esse districto traidor de Calvados, a 2 de Junho, no mesmo dia.

— E com a transferencia delles para o castello de Caen, disse Danton.

Robespierre continuou.

— Continúo a resumiros officios. A guerra da floresta organisa se em vasta escala. Ao mesmo tempo prepara-se um desembarque pos inglezes; vendéanos e inglezes, é Bretanha com Bretanha. Os hurões de Finisterra fallam a mesma lingua que os tupinambás de Cornouailles. Mostrei-lhes uma carta de Puisaye interceptada, na qual se diz que «vinte mil fardas vermelhas distribuidas pelos insurgentes farão levantarem-se cem

mil». Quando a insurreição camponeza estiver completa, o desembarque inglez effectuar-se-ha. Eis o plano, acompanhem-no no mappa.

Robespierre poz o dedo sobre o mappa, e proseguiu:

— Os inglezes podem escolher o ponto de desembarque, de Cancale a Paimpol. Craig preferiria a bahia de Saint Brienc, Cornwallis a bahia de Saints-Cast. E' um pormenor. A margem esquerda do Loire está guardada pelo exercito vendéano rebelde, e quanto ás vinte oito legoas descobertas entre Ancenis e Pontorson, quarenta parochias normandas prometteram o seu concurso. O desembarque effectuar-se-ha em tres pontos, Plérin, Iffiniac e Pléneuf; de Plérin dirigir-se-hão a Saint-Brienc, e de Pléneuf a Lamballe; no segundo dia alcançarão Dinan onde ha novecentos prisioneiros inglezes, e occuparão ao mesmo tempo Saint-Jouan e Saint-Méen; ahi deixarão a cavallaria; no terceiro dia duas columnas dirigir-se-hão uma de Jouan sobre Bédée, outra de Dinan sobre Becherel que é uma fortaleza natural, e onde assestarão duas baterias; no quarto dia estão em Rennes. Rennes é a chave da Bretanha. Quem tem Rennes, tem tudo. Tomada Rennes, Châteauneuf e Saint-Malo cahem. Ha em Rennes um milhão de cartuchos e cincoenta peças de artilharia de campanha...

— Que bifariam, murmurou Danton.

Robespierre continuou:

— Concluo. De Rennes tres columnas atirar-se-hão uma sobre Fougères, outra sobre Vitré, outra sobre Redon. Como as pontes estão cortadas, os inimigos munir-se-hão, viram este facto especificado. de barcaças e de pranchões, e terão guias para os pontos vadeaveis para a cavallaria. De Fougères encaminhar-se-hão para Avranches, de Redon para Ancenis, de Vitré para Laval. Nantes entregar-se-ha, Brest entregar-se-ha. Redon abre todo o curso do Vilaine, Fougères abre a estrada

da Normandia, Vitré abre a estrada de Pariz. Dentro em quinze dias veremos um exercito de salteadores de trezentos mil homens, e a Bretanha inteira pertencerá ao rei de França.

— Isto é, ao rei de Inglaterra, disse Danton.

— Não, ao rei de França.

E Robespierre accrescentou :

— Ao rei de França é petor. São precisos quinze dias para repellir o estrangeiro, e mil oitocentos annos para eliminar a monarchia.

Danton, que tornára a sentar-se, poz os cotovellos em cima da mesa e a cabeça nas mãos, meditativo.

— Estão vendo o perigo, disse Robespierre. Vitré abre a estrada de Pariz aos inglezes.

Danton ergueu de novo a fronte e bateu com ambas as suas grandes mãos crispadas no mappa, como sobre uma bigorna.

— Robespierre, por ventura Verdun não abria a estrada de Pariz aos prussianos?

— E o que tem isso?

— O que tem? expelliremos os inglezes como expellimos os prussianos.

E Danton levantou-se de novo.

Robespierre poz a mão fria no pulso febricitante de Danton.

— Danton, a Champagne não era pelos prussianos e a Bretanha é pelos inglezes. Retomar Verdun é guerra estrangeira ; retomar Vitré é guerra civil.

E Robespierre murmurou com accento frio e profundo.

— Diferença séria.

Prosegiu :

Torne a sentar-se, Danton, e olhe para a carta em vez de dar-lhe murros.

Mas Danton estava de todo entregue á sua idéa.

— Eis o que é demais! exclamou, vêr a catastrophe a oeste quando ella está a léste. Robespierre, concedo-lhe que a Inglaterra erga-se sobre o Oceano; mas a Hespanha ergue-se por sobre os Pyrenéus, a Italia por sobre os Alpes, a Allemanha sobre o Rheno. E o grande urso russo está ao fundo. Robespierre, o perigo é um circulo e estamos dentro delle. Fóra, a coalição, dentro, a traição. Ao meio dia Servant entreabre a porta da França ao rei de Hespanha. Ao norte Dumouriez passa-se para o inimigo. Afinal de contas elle sempre ameaçou menos a Hollanda que Pariz. Nerwinde apaga Jemmapes e Valmy. O philosopho Rabaut Saint-Etienne, traidor como protestante que é, corresponde-se com o cortezão Montesquiou. O exercito está dizimado. Não ha um batalhão que tenha agora mais de quatrocentos homens; o valente regimento de Deux Ponts está reduzido a cento e cincoenta homens; o campo de Pamars foi entregue; Givert já não tem sinão quinhentos saccoes de farinha; retrogradamos sobre Landau; Wurmser aperta Kléber; Mayence succumbé esforçadamente, Condé cobardemente, Valenciennes tambem. O que não quer dizer que Chancel que defende Valenciennes e o velho Féraud que defende Condé não sejam dous heróes, assim como Meunier que defendia Mayence. Mas todos mais trahem. Dharville trahe em Aix-la-Chapelle, Mouton trahe em Bruxellas, Valence trahe em Bréda, Neuilly trahe em Limbourg, Miranda trahe em Maëstricht; Stengel é traidor; Lanoue, traidor; Ligonnier, traidor; Menou, traidor; Dillon, traidor; moeda funesta de Dumouriez. Precisamos de exemplos. As contramarchas de Custine tornam-se suspeitas; julgo que Custine prefere a tomada lucrativa de Francfort á tomada util de Colentz. Francfort póde pagar quatro milhões de contribuições de guerra, está feito. O que é isto ao lado do ninho dos emigrados esmagado? Traição, chamo-lhe eu.

Meunier morreu a 13 de Junho. Eis Kléber só. No entanto Brunswick engrossa e adeanta-se. Arvora a bandeira alemã em todas as praças francezas que toma. O margrave de Brandebourg é hoje o arbitro da Europa; embolsa-nos as provincias; ha de tomar conta da Belgica, verão; dir-se-hia que é para Berlim que trabalhamos; si isto continúa, e si não lhe pomos alguma ordem, a revolução franceza ter-se-ha feito em proveito de Potsdam; trará como unico resultado augmentar o pequeno Estado de Frederico II, e teremos matado o rei da França para o rei da Prussia.

E Danton, terrivel, soltou uma gargalhada.

O rir de Danton fez sorrir Marat.

— Cada qual dos senhores tem o seu cavallinho; o senhor, Danton, a Prussia; o senhor Robespierre, a Vandéa. Tambem vou cingir-me á materia, Não enxergam o verdadeiro perigo; ei-lo: os cafés e as casas de jogo. O café de Choiseul é jacobino, o café Patin é realista, o café do Rendez-vos offende a guarda nacional, o café da Porte-Saint-Martin defende-a, o café da Regencia é contra Brissot, o café Corazza é a favor, o café Procopio jura por Diderot, o café do theatro Francez jura por Voltaire, na Rotonda rasgam os assignados, os cafés Saint-Marceau estão furiosos, o café Manouri agita a questão das farinhas, no café de Foy barulho e murros; no Perron zumbido dos zangões da praça. Eis o que é sério.

Danton já se não ria. Marat continuava a sorrir. Sorriso de anão, peor que riso de colosso.

— Está gracejando, Marat? trovejou Danton.

Marat fez esse movimento de cauleiras convulsivo, que era celebre. O sorriso apagara-se-lhe.

— Ah! torno a encontrá-lo, cidadão Danton. É o mesmo homem que em plena Convenção chamou-se « o individuo Marat.» Escute. Perdôo-lhe. Atravessamos

uma quadra imbecil. Ah! estou gracejando! Realmente quem sou eu? Denunciei Chazot, denunciei Pétion, denunciei Kersaint, denunciei Moreton, denunciei Dufriche-Valazé, denunciei Ligonnier, denunciei Menou, denunciei Banneville, denunciei Gensonné, denunciei Biron, denunciei Lidon e Chambon; não fiz bem? farejo a traição no traidor, e acho util denunciar o criminoso antes do crime. Tenho o costume de dizer na vespera o que os senhores dizem no dia seguinte. Sou o homem que propoz á Assembléa um plano completo de legislação criminal. Que tenho eu feito até agora? pedi que instruissem as secções afim de discipliná-las ao sabor da revolução, fiz com que tirassem os sellos das trinta e duas caixas, reclamei os diamantes depositados nas mãos de Roland, provei que os brissotinos haviam dado á Junta de segurança geral mandados de prisão em branco, assignalei as omissões do relatorio di Lindet ácerca dos crimes de Capeto, votei o supplicio do tyranno em vinte quatro horas, defendi os batalhões Mauconseil e Republicano, impedi a leitura da carta de Narbonne e de Malouet, propuz uma moção a favor dos soldados feridos, fiz supprimir a commissão dos seis. presenti no negocio de Mons a traição de Dumouriez. pedi que apanhassem cem mil parentes de emigrados como refens dos commissarios entregues ao inimigo, propuz que fosse declarado traidor todo o representante que transpuzesse as barreiras, desmascarei a facção rolandina nos motins de Marselha, insisti que puzesse a premio a cabeça de Egualdade filho, defendi Bouchotte, quiz votação nominal para expulsar Isnard da cadeira, fiz com que se declarasse que os parizienses têm bem-merecido da patria; é por isso que Louvet chama-me de titere, a Finisterra pede que me expulsem, a cidade de Loudun deseja que me exilem, a cidade de Amiens quer que me ponham um açaimo, Cobourg quer que me pren-

dam, e Lecointe-Puiraveau propõe que a Convensão decreta que estou doudo. É boa! cidadão Danton, porque fez-me comparecer ao seu conciliabulo sinão para ouvir a minha opinião. Pedi-lhe, porventura, para fazer parte delle? muito pelo contrario. Não tenho nenhuma predilecção pelas entrevistas com contra-revolucionarios taes como Robespierre e o senhor. De resto, devia esperar por isso, os senhores não me comprehenderam; o senhor menos que Robespierre, Robespierre menos que o senhor. Então não haverá aqui um homem de Estado? É preciso, pois, fazêl-os solettrar a politica, é preciso pôr-lhes os pontos nos *ii*. O que lhes disse queria dizer isto: Estão ambos enganados. O perigo não está nem em Londres, como suppõe Robespierre, nem em Berlim, como suppõe Danton; está em Pariz. Está na ausencia de unidade, no direito que tem cada qual de puchar para seu lado, a começar pelos senhores dous no aniquilamento dos animos, na anarchia das vontades...

— Anarchia! interrompeu Danton, quem a promove sinão o senhor?

Marat não parou.

— Robespierre, Danton, o perigo está nessa porção de cafés nessa porção de casas de jogo, nessa porção de clubs, club dos Negros, club dos Federados, club das Damas, club dos Imparciaes, que data de Clermont-Tonnerre, e que foi o club monarchico de 1790, o circulo social, imaginado pelo padre Claudio Fauchet, club dos Barretes de lã, fundado pelo gazeteiro Prud'homme, *et cætera*, sem metter em linha de conta o seu club dos Jacobinos, Robespierre, e o seu club dos Franciscanos, Danton. O perigo está na fome que fez com que o mariola Blin pendurasse ao lampeão do Hotel-de-Ville o padeiro do mercado Palu, Francisco Denis, e na justiça que enforcou o mariola Blin por ter enforcado o padeiro Denis. O perigo está no papel-moeda depreciado. Na rua

do Templo um assignado de cem francos cabiu no chão e um transeunte, um homem do povo, disse: *Não vale a pena apanhá-lo*. Os agiotas e os atravessadores, eis o o perigo. Adeantaram muito em arvorar a bandeira negra no Hotel-de-Ville! Não basta ter prendido a barão de Trenck. Torçam o pescoço a esse velho intigrante da cadeia. Suppoem-se salvos porque o presidente da Convenção pôz uma corôa civica na cabeça de Labertêche, que recebeu quarenta e um ferimentos de sabre em Jemmapes, e de quem Chenier faz-se cornaca? Comedias e palhaçadas. Ah! os senhores não olham para Pariz! Ah! procuram o perigo longe quando está perto. De que lhe serve a sua policia, Robespierre? Pois o senhor tem os seus espiões, Payan na Communa, Coffinhal no Tribunal revolucionario, David na Junta de salvação geral, Couthon na Junta de salvação publica. Vêem que estou informado. Pois bem, fiquem sabendo isto: o perigo está sobre as suas cabeças, o perigo está debaixo dos seus pés; conspiram, conspiram, conspiram; os transeuntes nas ruas lêem uns para os outros jornaes e fazem signaes com a cabeça; seis mil homens sem cartas de civismo, emigrados de volta, peralvilhos e adamados, estão escondidos nas adegas e nos celleiros, e nas galerias de madeira do Palais-Royal; fazem-se caudas á porta dos padeiros; as miseras mulheres no limiar das portas põem as mãos e dizem: Quando teremos paz? Embalde os senhores encerram-se para ficarem a sós, na sala do Conselho executivo, sabe-se tudo quanto lá dizem e a prova. Robespierre, é que aqui vão as palavras que o senhor disse hontem á noite a Saint-Just: « Barbaroux começa a crear barriga, isto vae embarçar-lhe a fuga.» Sim, o perigo está em toda a parte e principalmente no centro. Em Pariz os homens do antigo regimem conspiram. Os patriotas andam descalços,

os aristocratas, presos a 9 de Março, já estão soltos, os cavallos de luxo que deviam estar puxando canhões na fronteira enlameam-nos na rua, o pão de quatro libras custa tres francos e doze soldos soldos, os theatros representam peças indecentes, e Robespierre mandará guilhotinar Danton.

— Iche! disse Danton.

Robespierre olhava attentamente para o mappa.

— O que é preciso, exclamou de subito Marat, é um dictador. Robespierre, o senhor sabe que eu quero um dictador.

Robespierre levantou a cabeça.

— Sei, Marat, o senhor ou eu.

— Eu ou o senhor, disse Marat.

Danton resmoneou entre dentes;

— Dictadura, mettam-se nisso!

Marat viu o franzir de sobrolhos de Danton.

— Olhem, continuou. Um derradeiro esforço. Ponhamo-nos de accordo. A situação vale a pena. Já nos não pozemos de accordo para a jornada de 31 de Março? A questão do accôrdo é ainda mais grave que o girondinismo, que é uma questão secundaria. Ha sua verdade no que os senhores dizem: mas a verdade, a verdade toda, a verdadeira verdade, é o que eu digo. Ao sul o federalismo; ao oeste o realismo; em Pariz o duello da Convenção e da Communa; nas fronteiras a contra-marcha de Custine e a traição de Dumouriez. O que vem a ser tudo isto? O desmembramento. E o que precisamos? Dignidade. Nisto está a salvação; mas demonos pressa. Cumpre que Pariz assuma o governo da revolução. Si perdermos uma hora, amanhã os vendéanos podem estar em Orléans e os prussianos em Pariz. Concedo-lhe isto, Danton, cedo-lhe isto Robespierre. Seja Pois bem, a conclusão é a dictadura. Assumamos a dictadura, nós tres representamos a Revolução. Somos as

tres cabeças de Cerbero. Destas tres cabeças, uma falla, é o senhor, Robespierre; a outra ruge, é o senhor, Danton...

— A outra morde, disse Danton, é o senhor **Marat**.

— Todas tres mordem, disse Robespierre.

Houve uma pausa. Depois o dialogo cheio de sombrios abalos, recommçou.

— Escute, Marat, antes de nos casarmos cumpre que nos conheçamos. Como soube o que eu disse hontem a Saint-Just?

— Isso é negocio meu, Robespierre.

— Marat!

— É dever meu esclarecer-me, e é negocio meu informar-me.

— Marat!

— Gósto de saber.

— Marat!

— Robespierre, sei o que o senhor diz a Saint-Just, como sei o que Danton diz a Lacroix; como sei o que se passa no caes de Théatins, no palacio de Labriffe, covil onde se reúnem as nymphas da emigração; como sei o que se passa na casa de Thilles, junto de Gonesse, que pertence a Valmerange, antigo administrador dos correios, onde iam outr'ora Maury e Cazalès, onde foram depois Sieyès e Vergniaud, e onde agora alguém vae uma vez por semana.

Pronunciando este *alguém*, Marat olhou para Danton.

Danton exclamou:

— Si eu tivesse dous dedos de poder, seria terrivel.

Marat proseguiu:

— Sei que o senhor diz, Robespierre, como sei o que se passava na torre do Templo quando lá engordavam Luiz XVI, tanto que só no mez de Setembro o lobo, a loba e os cachorrinhos comeram oitenta e seis açafates

de pecegos. Durante esse tempo o povo estava com fome. Sei isto, como sei que Roland esteve escondido em uma loja que dava para um pateo do fundo na rua de la Harpe; como sei que seiscentas lanças das de 14 de Julho fabricou-as Faure, serralheiro do Duque de Orléans; como sei o que se faz em casa de Saint-Hilaire, amante de Sillery; nos dias de baile é o velho Sillery quem, em pessoa, esfrega com greda o soalho da sala amarella da rua Neuve des-Mathurins; Buzot e Ker-ainc lá jantavam. Saladin lá jantou no dia 27, e com quem, Robespierre? Como o seu amigo Lasource.

— Fallatorios, murmurou Robespierre. Lasource não é meu amigo.

E accrescentou, pensativo :

— No entanto ha em Londres desoito fabricas de assignados falsos.

Murat continuou com voz tranquilla, mas um tanto tremula, com o que tornava-se assustadora :

— O senhor é da facção dos importantes. Sim, eu sei de tudo, apezar do que Saint-Just chama o *silencio de Estado*.

Marat, sublinhou esta phrase com intenção, olhou para Robespierre e proseguiu :

— Sei o que se diz á sua mesa, nos dias em que Lebas convida David a comer o que cosinha a noiva, Elisabeth Duplay, sua futura cunhada, Robespierre. Sou o olho enorme do povo, e do fundo da minha adéga, observo. Sim, vejo, sim, ouço, sim, sei. Os senhores satisfazem-se com pequenas cousas, admiram-se a si proprios. Robespierre gosta de que o contemple a sua senhora de Chalabre, filha desse marquez de Chalabre que jogou o whist com Luiz XV na noite da execução de Damiens. Sim, andam de cabeça alta. Saint-Just mora dentro de uma gravata. Legendre é correcto; levita nova e collete branco e uns bofes para fazer es-

quecer o avental. Robespierre imagina que a historia desejará saber que elle tinha um redingote côr de azeitona na Constituinte e uma casaça azul celeste na Convenção. Tem o retrato em todas as paredes do quarto...

Robespierre atalhou com voz ainda mais calma que a de Marat.

— E o senhor, Marat, tem o seu em todos os esgotos.

Proseguiram em tom de palestra cuja lentidão era accentuada pela violencia das réplicas e das respostas, e ajuntava não sei que ironia á ameaça.

— Robespierre, o senhor qualificou aos que querem a quêda dos thronos de *D. Quichotes do genero humano*.

— E o senhor, Marat, depois do dia 4 de Agosto, no seu numero 559 do *Amigo do Povo*, ah! conservei o numero, é util, pediu que restituíssem aos nobres os seus titulos. O senhor disse: *Um duque sempre é um duque*.

— Robespierre, na sessão de 7 de Dezembro, o senhor defendeu a mulher Roland contra Viard.

— Da mesma arte que meu irmão o defendeu, Marat, quando o accusaram-nos Jabobinos. O que prova isso? nada.

— Robespierre, conhece-se o gabinete das Tulherias, em que o senhor disse a Garat: *Estou cansado de Revolução*.

— Marat, foi aqui nesta taberna, que no dia 29 de Outubro o senhor abraçou Barbaroux.

— Robespierre, o senhor, disse a Buzot: *O que vem a ser isto de Republica?*

— Marat, foi nesta taberna que o senhor convidou tres marselezes para almoçarem juntos.

— Robespierre, o senhor anda escoltado por um valentão armado de cacête.

— E o senhor, Marat, na vespera do dia 10 de Agosto, pediu a Buzot que o ajudasse a fugir para Marselha disfarçado em jockey.

— Durante as justicas de Setembro o senhor escondeu-se, Robespierre.

— E o senhor, Marat, appareceu.

— Robespierre, o senhor atirou ao chão o barrete vermelho.

— Atirei, quando um traidor cingia-o. O que orna Dumouriez, mancha Robespierre.

— Robespierre, o senhor recusou, durante a passagem dos soldados de Chateaufieux, cobrir com um véu a cabeça de Luiz XVI.

— Fiz mais do que cobrir-lhe a cabeça, cortei-lha.

Danton interveio, mas como o azeite intervem no fogo.

— Robespierre, Marat, disse-lhes, acalmem-se.

Marat não gostava de ser nomeado em segundo lugar. Voltou-se.

— Para que se intromette, Danton? perguntou.

Danton deu um salto.

— Para que me intrometto? para isto. Para que não haja um fratricidio; para que não haja lucta entre dous homens que servem ao povo; para dizer que ja basta a guerra estrangeira, que já basta a guerra civil, e que seria de mais a guerra domestica, que fui eu quem fez a Revolução, e que não quero que a desfaçam. Eis no que me intrometto.

Marat respondez sem elevar a voz.

— Trate antes de prestar as suas contas.

-- As minhas contas! bradou Danton. Vá pedi-las aos desfiladeiros de Argonne, á Champagne libertada, á Belgica conquistada, aos exercitos onde quatro vezes já fui offerecer meu peito á metralha! vá pedi-las á praça da Revolução, ao cadafalso de 21 de Janeiro, ao throno derribado, á guilhotina, a viuva...

Marat interrompeu Danton.

— A guilhotina está virgem ; deitam-se sobre ella, não a fecundam.

— O senhor sabe lá disso ? replicou Danton, eu a fecundarei !

— Veremos, disse Marat.

E sorriu.

Danton viu esse sorriso.

— Marat, exclamou, o senhor é o homem occulto ; eu sou o homem do ar livre e do pleno dia. Odeio a vida de reptil. Não me assenta ser bicho de conta. O senhor mora em uma adega : eu moro na rua. O senhor não se communica com pessoa alguma ; a mim quem quer que passa pôde vêr-me e fallar-me.

— Lindo moço, quer subir até onde moro ? resmoneou Marat.

E, deixando de sorrir, continuou em tom peremptorio :

— Danton, preste conta dos trinta mil escudos, em boa moeda, que Montmorim pagou-lhe em nome do rei, sob pretexto de indemnizá-lo do seu cargo de procurador no Châtelet.

— Entrei no 14 de Julho, disse Danton com altivez.

— E a guarda-roupa ? e os diamantes da corôa ?

— Entrei no 6 de Outubro.

— E os roubos do seu *alter ego*, Lacroix, na Belgica ?

— Entrei no 20 de Junho.

— E os empréstimos feitos a la Montansier ?

— Eu instigava o povo na volta de Varennes.

— E a sala da Opera que se edificou com dinheiro fornecido pelo senhor ?

— Armei as secções de Pariz.

— E as cem mil libras de fundos secretos do ministerio da justiça ?

— Fiz o 10 de Agosto.

— E os dous milhões de despezas secretas da assembléa cuja quarta parte o senhor tirou?

— Detive a marcha do inimigo e fechei a passagem aos reis colligados.

— Prostituido! disse Marat.

Danton ergueu-se, medonho.

— Sim! bradou, sou uma barregã, vendi o meu ventre, mas salvei o mundo.

Robespierre puzera-se de novo a roer as unhas. Elle não podia rir, nem sorrir. O riso, relampago de Danton, e o sorriso, ferroadada de Marat, faltavam-lhe.

Danton continuou:

— Eu sou como o oceano; tenho meu fluxo e refluxo; na vasante vêem-se os meus baixios, na enchente vêem-se as minhas ondas.

— A sua espuma, disse Marat.

— A minha tormenta, disse Danton.

Ao mesmo tempo que Danton, Marat havia-se levantado. Tambem elle estourou. A cobra tornou-se de subito dragão.

— Ah! bradou, ah! Robespierre! ah! Danton! não querem ouvir-me! Pois bem, digo-lhes que estão perdidos. A politica dos senhores vae dar á impossibilidade de ir-se além; os senhores não têm mais sahida; e fazem cousas que fecham deante de si todas as portas, excepto as do tumulo.

— É a nossa grandeza, disse Danton.

Elevantou os hombros.

Marat continuou:

— Danton, toma sentido. Vergniaud tambem tem a bocca grande e os beiços grossos e as sobranceilhas coloricas; Vergniaud tambem é bexigoso como Mirabeau e como tu, isso não impediu o 31 de Maio. Ah! tu levantas os hombros. Ás vezes levantar os hombros faz cahir a cabeça. Danton, digo-te que a tua voz grossa, a

tua gravata desatada, as tuas botas molles, as tuas pequenas ceias, as tuas grandes algibeiras, pertencem a Luizinha.

Luizinha era o tratamento intimo de Marat para a guilhotina.

Proseguiu :

— E quanto a ti, Robespierre, tu és um moderado, mas isso de nada te servirá. Anda, polvilha-te, ponteiate, escova-te, compra luvas, augmenta a roupa branca, estica-te, frisa-te, empoa-te, nem por isso deixarás de ir até a praça de Grève ; lê a declaração de Brunswick ; nem por isso deixarás de ser tratado como o regicida Damiens, e andas esticado a quatro alfinetes enquanto te não pucham a quatro cavallos.

— Echo de Coblantz ! disse Robespierre entre dentes.

— Robespierre, eu não sou echo de cousa alguma, eu sou o brado de tudo. Ah ! os senhores são moços. Que idade tens tu, Danton ? trinta e quatro annos. Que idade tens tu, Robespierre ? trinta e tres annos. Pois bem, eu tenho vivido muito, sou o velho soffrimento humano, tenho seis mil annos.

— É verdade, replicou Danton, ha seis mil annos que Cain conservou-se no odio como o sapo na pedra, a pedra parte-se, Cain salta no meio dos homens, e é Marat.

— Danton ! bradou Marat. E livido clarão luziu-lhe nos olhos.

— E então ? disse Danton.

Assim fallavam esses tres homens formidaveis. Contenda de trovões.

III

ESTREMECIMENTO DE FIBRAS PROFUNDAS

O dialogo teve uma pausa; cada qual desses titans recolheu-se um momento na mente.

Os leões inquietam-se com as hydras. Robespierre tornara-se muito pallido e Danton muito vermelho. Ambos tremiam. As pupillas de besta féra de Marat apagaram-se; a calma imperiosa restabelecera-se no rosto desse homem, temido entre os temiveis.

Danton sentia-se vencido, mas não queria ceder. Continuou:

— Marat falla muito em dictadura e em unidade, mas não tem outro poder mais que dissolver.

Robespierre, descerrando os labios frios, accrescentou:

— Eu sou do parecer de Anacharsis Cloots; digo: Nem Roland, nem Marat.

— E eu, respondeu Marat, digo: Nem Danton, nem Robespierre.

Olhou para ambos fixamente e ajuntou:

— Deixe-me dar-lhe um conselho, Danton. O senhor anda enamorado, pensa em tornar a casar, não se metta mais em politica, seja prudente.

E recuando um passo para a porta para sahir, dirigiu-lhes este cumprimento sinistro:

— Adeus, meus senhores.

Danton e Robespierre sentiram um calafrio.

Nesse momento uma voz levantou-se no fundo da sala, e disse;

— Não tens razão, Marat.

Voltaram-se todos. Durante a explosão de Marat, e sem que o notassem, alguem entrára pela porta do fundo.

— És tu, cidadão Cimouadain? disse Marat. Bom dia. Era com effeito Cimourdain.

— Digo que não tens razão, Marat, continuou. Marat ficou verde, que era como empallidecia. Cimourdain ajuntou:

— Tu és util, mas Robespierre e Danton são necessários. Para que ameaçá-los? União! união, cidadãos! o povo quer que haja união.

Esta entrada produziu o effeito de agua fria, e, como a chegada de uma pessoa extranha em meio de uma contenda domestica, aplacou, sinão o fundo, ao menos a superficie.

Cimourdain adeantou-se para a mesa.

Danton e Robespierre conheciam-no. Tinham muitas vezes notado nas tribunas publicas da Convenção esse poderoso homem obscuro a quem o povo saudava. Robespierre no entanto formalista, perguntou:

— Cidadão, como entrou?

— É do Episcopado, respondeu Marat com voz em que conhecia-se não sei que submissão.

Marat affrontava a Convenção, dirigia a Communa e temia o Episcopado.

Isto é uma lei.

Mirabeau sente mover-se em uma profundeza desconhecida Robespierre, Robespierre sente mover-se Marat, Marat sente mover-se Hébert, Hébert sente mover-se Babeuf. Emquanto as camadas subterraneas estão tranquillias, o homem politico pôde caminhar; mais debaixo do mais revolucionario existe um sub-solo, e os mais audazes param inquietos quando sentem sob os pés o movimento que crearam sobre a propria cabeça.

Saber distinguir o movimento que nasce da cobiça do movimento que nasce dos principios, combater um e secundar o outro, esse é o genio e a virtude dos grandes revolucionarios.

Danton viu Marat dobrar-se.

— Oh! o cidadão Cimourdain não é de mais, disse. E estendeu a mão a Cimourdain.

Depois :

— Por vida minha, disse, expliquemos a situação ao cidadão Cimourdain. Chega a ponto. Eu represento a Montanha, Robespierre representa a Junta de salvação publica, Marat representa a Communa, Cimourdain representa o Episcopado. Vae desempatar-nos.

— Seja, disse Cimourdain, grave e simples. De que se trata ?

— Da Vendéa, respondeu Robespierre.

— A Vendéa! disse Cimourdain.

E continuou ;

— É essa a grande ameaça. Si a Revolução morrer, morrerá pela Vendéa. Uma Vendéa é mais temivel que dez Allemanhas. Para que a França viva, é preciso matar a Vendéa.

Estas poucas palavras conquistaram-lhe Robespierre.

Robespierre no entanto fez esta pergunta :

— O senhor não foi padre?

A physiognomia de padre não escapava a Robespierre. Reconhecia fóra de si o que tinha dentro de si.

Cimourdain respondeu :

— Fui, cidadão.

— O que tem isso ? exclamou Danton. Quando os padres são bons, têm mais valor que os outros. Em tempos de revolução os padres fundem-se em cidadãos como os sinos em soldos e em canhões. Danjou é padre, Daunou é padre. Thomaz Lindet é bispo de Évreux. Robespierre, o senhor sentou-se na Convenção ao lado de Massieu, bispo de Beauvais. O vigario geral Vaugeois era da junta de insurreição de 10 de Agosto. Chabot é capuchinho. Foi dom Gerle quem fez o juramento do

Jogo da péla; foi o abbade Audran quem fez declarar a Assembléa nacional superior ao rei; foi o abbade Goutte quem requereu á Legislativa que se tirasse o docel da poltrona de Luiz XVI; foi o abbade Gregorio quem provocou a abolição da realza.

— Apoiado, disse Marat em tom de motejo, pelo histrião Collot-d'Herbois. Elles sósinhos deram conta da mão; o padre virou o throno, o comico deu com o rei no chão.

— Tornemos á Vendéa, disse Robespierre.

— Então perguntou Cimourdain, o que ha? o que faz a Vendéa?

Robespierre respondeu:

— Isto: tem um chefe. Vae tornar-se medonha.

— Que chefe é esse, cidadão Robespierre!

— É um outr'ora marquez de Lantenac, que intitula-se príncipe bretão.

Cimourdain fez um movimento.

— Conheço-o, disse. Fui capellão em casa delle.

Reflectiu um momento, e continuou:

— Era homem dado a mulheres antes de ser homem de guerra.

— Como Biron que foi Lauzun, disse Danton.

E Cimourdain, pensativo, ajuntou:

— Sim, foi antigamente homem dado aos prazeres. Deve ser terrivel.

— Medonho, disse Robespierre. Queima as aldeias matta os feridos, degola os prisioneiros, fuzila as mulheres.

— As mulheres?

— Sim. Mandou fuzilar entre outras uma mãe de tres filhos. Não se sabe o que é feito das creanças. No entanto é um cabo de guerra. Conhece a guerra.

— É verdade, responde Cimourdain. Fez a guerra do Hanover, e os soldados diziam: Richelieu por cima,

Lantenac por baixo; Lantenac foi o verdadeiro general. Pergunte a Dussaulx, seu collega.

Robespierre permaneceu um momento pensativo, depois o dialogo continuou entre elle e Cimourdain.

— Pois bem, cidadão Cimourdain, esse homem está na Vendéa.

— Ha quanto tempo?

— Ha tres semanas.

— E' preciso pô-lo fóra da lei.

— Já se fez.

— É preciso pôr-lhe a cabeça a premio.

— Já se fez.

— É preciso offerecer, a quem o apanhar, muito dinheiro.

— Já se fez.

— Não em assignados.

— Já se fez.

— Em ouro.

— Já se fez.

— E é preciso mandar guilhotiná-lo.

— Ha de ser feito.

— Por quem?

— Pelo senhor.

— Por mim?

— Sim, o senhor será delegado da Junta de salvação publica, com plenos poderes.

— Aceito, disse Cimourdain.

Robespierre era rapido nas suas escolhas; requisito de homem de Estado. Tirou do maço de papeis que tinha deante de si uma folha de papel em branco, no qual lia-se este cabeçalho impresso: REPUBLICA FRANCEZA, UMA E INDIVISIVEL. JUNTA DE SALVAÇÃO PUBLICA.

Cimourdain continuou:

— Sim, aceito. Terrível contra terrível. Lantenac é

feroz, sê-lo-hei. Guerra de morte a esse homem. Livrarei delle a Republica, si a Deus aprouver.

Calou-se depois continuou:

— Sou padre; não importa, creio em Deus.

— Deus envelheceu, disse Danton.

— Creio em Deus, disse Cimourdain impassivel.

Com um signal de cabeça, Robespierre, sinistro, approvou.

Cimourdain continuou:

— Junto a quem serei delegado?

Robespierre respondeu:

— Junto ao commandante da columna expedicionaria mandada contra Lantenac. Mas previno-o, é um nobre.

Danton exclamou:

— Eis do que rio-me tambem. Um nobre? E então? Succede com o nobre o que succede com o padre. Quando é bom, é excellente. A nobreza é um preconceito; mas cumpre não tê lo quer num sentido quer nontro, nem contra nem pró. Robespierre, porventura Saint-Just não é nobre? Florelle de Saint-Just, bofé! Anarcharis Cloots é barão. O nosso amigo Carlos Hesse, que não falta a uma sessão dos Franciscanos, é principe e irmão do landgrave reinante de Hesse-Rothenbourg. Mantaut, o intimo de Marat, e marquez de Montaut. Ha no tribunal revolucionario um jurado que é padre, Vilate, e um jurado que é nobre, Levoy, marquez de Monflabert. Ambos são de confiança.

— E o senhor esquece, ajuntou Robespierre, o chefe do jury revolucionario...

— Antonelle?

— Que é o marquez Antonelle, disse Robespierre.

Danton continuou:

— Nobre é Dampierre, que acaba de fazer-se mattar deante de Condé pela Republica, nobre é Beaurepaire,

que preferiu fazer saltar os miolos, a abrir as portas de Verdun aos prussianos.

— O que não veda, resmoneou Marat, que no dia em que Condorcet disse: *Os Gracchos eram nobres*, Danton bradasse a Condorcet: *Todos os nobres são traidores, começando por Mirabeau e acabando por ti.*

A voz grave de Cimourdain ergueu-se.

— Cidadão Danton, cidadão Robespierre, os senhores têm talvez razão em confiarem, mas o povo desconfia, e não faz mal em desconfiar. Quando é um padre o incumbido de fiscalisar um nobre, a responsabilidade é dupla, e cumpre que o padre seja inflexível.

— Certamente, disse Robespierre.

Cimourdain ajuntou:

— É inexorável.

Robespierre continuou:

— Bem dito, cidadão Cimourdain. Terá de tratar com um moço. Terá ascendete sobre elle, pois tem o dobro da idade. Cumpre dirigi-lo, mas poupá-lo. Parece que possui talentos militares, todas as informações são contestes ácerca deste ponto. Pertence a um corpo que foi destacado do exercito do Rheno para ir á Vandéa. Chega da fronteira onde tornou-se admiravel pela sua intelligencia e valor. Dirige com superioridade a columna expedicionaria. Ha quinze dias tem em xaque o velho marquez de Lanterac. Reprime-o e leva-o adeante de si. Acabará por apertá-lo junto do mar e atirá-lo n'agua. Lanterac possui a astucia de um general velho e elle a audacia de um capitão moço. Esse moço já tem inimigos e invejosos. O ajudante general Léchelle tem ciumes d'elle...

— Este Léchelle, interrompeu Danton, quer ser general em chefe! tem apenas por si um calemburgo; *E' preciso Léchelle (a escada) para trepar em Charette.* No entretanto Charette bate-o.

— E não quer, proseguiu Robespierre, que mais ninguém além d'elle bata Lantenac. A infelicidade da guerra da Vandéa está nestas rivalidades. Herões mal commandados, eis os nossos soldados. Um simples capitão de hussares, Chérin, entra em Saumur com uma corneta tocando o *Ça ira*; toma Saumur; poderia continuar e tomar Cholet, mas não tem ordens, e pára. É preciso retocar todos os commandos da Vandéa. Espalham os corpos de guarda, dispersam as forças; um exercito esparso é um exercito paralysado; é uma mole de que se faz pó. No campo de Pariné ha apenas tendas. Ha entre Tréguier e Dinan cem pequenos postos inuteis com os quaes poder-se-hia organizar uma divisão e cobrir todo o littoral. Léchelle, apoiado por Parrein, desguarnece o costa do norte sob pretexto de proteger a costa do sul, e abre assim a França aos inglezes. Meio milhão de camponezes sublevados e um desembarque da Inglaterra em França, tal é o plano de Lantenac. O moço commandante da columna expedicionaria mette a espada nos rins de Lantenac, aperta-o, bate-o, sem permissão de Léchelle; ora Léchelle é chefe d'elle; consequentemente Léchelle denuncia-o. As opiniões estão divididas ácerca desse moço. Léchelle quer mandá-lo fuzilar. Prieur do Marne quer fazê-lo ajudante general.

— Esse moço, disse Cimourdain, parece-me possuir grandes dotes.

— Mas tem um defeito!

A interrupção era de Marat

— Qual? perguntou Cimourdain.

— A clemencia, disse Marat.

E Marat proseguiu:

— É firme no combate, é molle depois. Dá para indulgente, perdôa, compadece-se, protege religiosas e

monjas, salva mulheres e filhas de aristocratas, solta prisioneiros, põe padres em liberdade.

— Falta grave, murmurou Cimourdain.

— Crime, disse Marat.

— A's vezes, disse Danton.

— Muitas vezes, disse Robespierre.

— Quasi sempre, continuou Marat.

— Quando se trata de inimigos da patria, sempre disse Cimourdain.

Marat voltou-se para Cimourdain.

— E o que farias então de um chefe republicano que puzesse em liberdade um chefe realista ?

— Seria da opinião de Léchelle, mandá-lo-hia fuzilar.

— Ou guilhotinar, disse Marat.

— Como queiram, disse Cimourdain.

Danton poz-se a rir.

— Gosto tanto de uma como de outra cousa.

— Pódes ficar certo que terás uma dellas, resmoneou Marat.

E o seu olhar, ao deixar Danton, voltou para Cimourdain.

— Então, cidadão Cimourdain, si um chefe republicano claudicasse, mandar-lhe-hias cortar a cabeça ?

— Em vinte quatro horas.

— Pois bem, retrucou Marat, sou da opinião de Robespierre, é preciso mandar o cidadão Cimourdain como commissario delegado da Junta de salvação publica junto do commandante da columna expedicionaria do exercito das costas. Que nome já tem esse commandante ?

Robespierre respondeu :

— É um fidalgo, um nobre.

E poz-se a folhear a papelada.

— Demos ao padre o nobre a guardar, disse Danton.

Desconfio de um padre só; desconfio de um nobre só; quando estão juntos, não os receio; um fiscalisa o outro e andam bem.

A indignação peculiar ás sobranceiras de Cimourdain accentuou-se, mas achando sem duvida a observação justa no fundo, não se voltou para Danton, e ergueu a voz austera.

— Si o commandante republicano que me é confiado der um passo em falso, pena de morte.

Robespierre com os olhos nos papeis disse:

— Aqui está o nome. Cidadão Cimourdain, o commandante sobre quem o senhor terá pleno poder é um ex-visconde, chamava-se Gauvain.

Cimourdain empallideceu.

— Gauvain! exclamou.

Marat viu a pallidez de Cimourdain.

— O visconde Gauvain! repetiu Cimourdain.

— Sim, disse Robespierre.

— E então? disse Marat, com o olhar ficto em Cimourdain.

Houve uma pausa. Marat continuou:

— Cidadão Cimourdain, sob os condições indicadas pelo senhor mesmo, acceta a missão de commissario delegado junto ao commandante Gauvain? Está dito?

— Está dito, respondeu Cimourdain.

Estava cada vez mais pallido.

Robespierre pegou na penna que tinha junto de si, escreveu com a sua letra vagarosa e correcta quatro linhas na folha de papel que tinha no alto *Junta de salvação publica*, assignou e passou o papel e a penna a Danton; Danton assignou, e Marat, que não tirava os olhos da face livida de Cimourdain, assignou depois de Danton.

Robespierre, tornando a receber o papel, datou-o e entregou-o a Cimourdain que leu:

« Plenos poderes são dados ao cidadão Cimourdain, commissario delegado da Junta de salvação publica junto ao cidadão Gauvain, commandante da columna expedicionaria do exercito das costas.

« ROBESPIERRE. — DANTON. — MARAT. »

E por baixo das assignaturas :

« 28 de Junho de 1793. »

O calendario revolucionario, chamado calendario civil, não existia ainda legalmente nessa época, e só devia ser adoptado pela Convenção, por proposta de Romme, a 5 de Outubro de 1793.

Emquanto Cimourdain lia, Marat contemplava-o.

Marat disse á meia voz, como fallando consigo mesmo :

— Ha de ser preciso confirmar tudo isto por um decreto da Convenção ou por uma decisão especial da Junta de salvação publica. Ha ainda alguma cousa a fazer.

— Cidadão Cimourdain, perguntou Robespierre, onde mora ?

— No pateo do Commercio.

— Sim? tambem eu, disse Danton, é meu visinho.

Robespierre continuou :

— Não ha um momento a perder. Amanhã o senhor receberá a sua commissão em regra, assignada por todos os membros da Junta de salvação publica. Isto é uma cofirmação da commissão, que o acreditará especialmente junto dos representantes em missão, Philippeaux, Prieur do Marne, Lecointre, Alquier e outros. Sabemos quem o senhor é. Os seus poderes são illimitados. Póde fazer Gauvain general ou enviá-lo ao cada-

falso. Terá a sua commissão amanhã ás tres horas.
Quando seguirá?

— A's quatro horas, disse Cimourdain.

E separaram-se.

Tornando a entrar em casa, Marat preveniu a Simonne Évrard de que iria no dia seguinte á Convenção.

LIVRO TERCEIRO

A CONVENÇÃO

i

Approximamo-nos do grande pincaro.

Eis aqui a Convenção.

O olhar torna-se fixo deante desse cume.

Nunca appareceu cousa mais alta no horizonte dos homens.

Ha o Himalaya e ha Convenção.

A Convenção é talvez o ponto culminante da historia.

Em vida da Convenção, pois teve vida, não se sabia bem o que era uma assembléa. O que escapava aos contemporaneos era exactamente a sua grandeza; andavam demasiado atterrados para ficarem deslumbrados. Tudo quanto é grande inspira sagrado horror. Admirar os mediocres e as collinas, é facil; mas o que é demasiado alto, um genio ou uma montanha, uma assembléa ou uma obra-prima, visto de muito perto, assusta. Todo o pincaro parece uma exaggeração. Subir fatiga. Perde a gente o folego nas escarpas, escorrega nos declives, fere-se em anfractuosidades, que são belezas; as torrentes, espumando, denunciam os precipicios, as nuvens occultam os cumes; a ascensão atterra tanto como a quéda. Dahi mais espanto que admiração. Tem-se este sentimento estravagante, a aversão ao que é grande. Vêem-se os abysmos, não se vêem as sublimidades;

vê-se o monstro, não se vê o prodigio. Assim foi a principio julgada a Convenção. A Convenção foi mirada de alto a baixo pelos myopes, ella, feita para ser contemplada pelas aguias.

Hoje ella está em perspectiva, e desenha sobre o céu profundo, em um sitio longinquo, sereno e tragico, o immenso perfil da revolução franceza.

II

O 14 de Junho libertára.

O 10 de Agosto fulminára.

O 21 de Setembro fundou.

A 21 de Setembro o equinoxio, o equilibrio. *Libra*. A balança. Foi, conforme a observação de Romme, sob este signo da Igualdade e da Justiça que a republica foi proclamada. Uma constellação annunciou-a.

A Convenção é o primeiro avatar do povo. Foi pela Convenção que se abriu a grande pagina nova e que o futuro de hoje comecou.

Toda a idéa precisa de um envolucro visivel, todo o principio precisa de uma habitação; uma igreja é Deus entre quatro paredes; todo o dogma tem necessidade de um templo. Logo que a Convenção existiu, houve um primeiro problema a resolver, hospedar a Convenção.

Primeiro escolheram o Picadeiro, depois as Tulherias. Levantaram ahi um tabique, uma decoração, uma grande pintura de côr parda feita por David, bancos symetricos, uma tribuna quadrada, pilastras parallelas, sóccos semelhantes a cepos de talho, compridas traves rectilineas, alveolos rectangulares em que premava-se a multidão e que chamavam-se as tribunas publicas, um velarium romano, cortinas gregas, e nesses angulos re-

ctos e nessas linhas rectas puzeram a Convenção; nessa geometria fecharam a tempestade. Na tribuna o barrete vermelho estava pintado de pardo. Os realistas riram-se desse barrete vermelho pardo, dessa sala pos-tiça, desse monumento de papelão, desse sanctuario de papel mastigado, desse pantheon de lama e de escarro. Como tudo isso devia desapparecer depressa! As co-lumnas eram de aduelas de pipa, as abobodas eram de taboa de ferro, os baixos relevos eram de betume, as architraves eram de pinho, as estatuas eram de gesso, os marmores eram pintados, as paredes eram de panno, e nesse provisorio a França fez cousas eternas.

As paredes da sala do Picadeiro, quando a Con-venção para lá foi celebrar as suas sessões, estavam todas cobertas de cartazes que haviam pulullado em Pariz por occasião da volta de Varennes. Lia-se em um: —*O rei volta. Páu em quem o saudar, forza em quem o insultar.*—Em outro:—*Silencio. Chapéu na cabeça. Elle vae comparecer perante os seus juizes.*—Em outro:—*O rei fez pontaria para a nação. Fez por muito tempo fogo, agora cabe á nação atirar.*—Em outro: *A Lei! a Lei?* Foi entre estas paredes que a Convenção julgou Luiz XVI.

Nas Tulherias, para onde a Convenção foi funcionar a 10 de Maio de 1793, e que se ficaram chamando o Pa-lacio Nacional, a sala das sessões occupava todo o in-tervallo entre o pavilhão do Relogio, chamado o pavilhão Unidade, e o pavilhão Marsan, chamado pavilhão Li-berdade. O pavilhão de Flora chama-se pavilhão Igual-dade. Era pela grande escadaria de João Bullant que subia-se para a sala das sessões. Debaixo do primeiro andar occupado pela assembléa, todo o andar terreo do palacio era como um comprido corpo de guarda, cheio de feixes e de leitos de campanha das forças de todas as armas que velavam em torno da Convenção. A assem-

«bléa tinha uma guarda de honra chamada «granadeiros da Convenção.

Uma fita tricolor separava o castello onde estava a assemblea, do jardim onde o povo andava de uma para outra parte.

III

Acabamos de dizer o que era a sala das sessões. Tudo interessa nesse logar terrivel.

O que, logo á entrada, attrahia primeiro o olhar, era entre duas amplas janellas uma alta estatua da Liberdade.

Quarenta e dous metros de comprimento, dez metros de largura, onze metros de altura, taes eram as dimensões do que havia sido o theatro do rei e do que se transformou em theatro da revolução. A elegante e magnifica sala edificada por Vigarani para os cortezãos desapareceu sob o selvagem madeiramento que em 93 teve de supportar o peso do povo. Esse madeiramento, sobre o qual levantavam-se as tribunas publicas, tinha, pormenor que vale a pena assignalar, por unico ponto de apoio um poste. Esse poste era inteiriço, e tinha dez metros de comprido. Poucas cariatides trabalharam como esse poste; sustentou durante annos o rude embate da revolução. Carregou a acclamação, o enthusiasmo, a injuria, o rumor, o tumulto, o immenso chaos das coleras, o motim. Não se dobrou. Depois da Convenção viu o conselho dos Antigos. O 18 brumario pô-lo de folga.

Percier então substituiu o pilar de madeira por columnas de marmore, que duraram menos.

O ideal dos architectos é ás vezes singular; o architecto da rua Rivoli teve por ideal a trajectory de uma bala de artilharia, o architecto de Carlsruhe teve por ideal um leque; uma immensa gaveta de commoda,

tal parece ter sido o ideal do architecto que construiu a sala em que a Convenção foi funcionar a 10 de Maio de 1793 ; era cumprida, alta e chata. A um dos grandes lados do parallelogrammo apoiava-se um vasto semi-circulo, era o amphitheatro dos bancos dos representantes ; Garan-Coulon, que escrevia muito, escrevia em cima da perna ; em frente aos bancos a tribuna ; deante da tribuna o busto de Lepelletier-Saint-Fargeau ; por traz da tribuna a cadeira do presidente.

A cabeça do busto excedia um tanto a reborda da tribuna ; o que fez com que mais tarde tirassem-no dali.

O amphitheatro compunha-se de dezenove bancos, semi-circulares, dispostos em degraus uns por traz dos outros ; pedaços de banco prolongavam esse amphitheatro nos dous cantos.

Embaixo, na ferradura proxima á tribuna, conservavam-se os continuos.

A um lado da tribuna, em um quadro de madeira negra, estava pregado á parede um cartaz de nove pés de altura, contendo em duas paginas separadas por um como sceptro a declaração dos direitos do homem ; do outro lado havia um logar vasio que mais tarde foi occupado por um quadro egual contendo a constituição do anno II, cujas duas paginas eram separadas por uma espada. Por cima da tribuna, por cima da cabeça do orador, tremulavam sahindo de um profundo camarote com dous compartimentos cheio de povo, tres immensos estandartes tricolores quasi horizontaes, apoiados a um altar em que lia-se esta palavra : A LEI. Por traz desse altar erguia-se, como sentinella da palavra livre, um enorme feixe romano, elevado como uma columna. Estatuas colossaes, de pé ao longo da parede, olhavam para os representantes. O presidente tinha á direita

Lycurgo e á esquerda Solon; por cima da Montanha estava Platão.

Estas estatuas tinham por pedestaes simples dados, assentados sobre longa cornija saliente que dava volta á sala e separava o povo da assembléa. Os espectadores apoiavam os cotovellos nessa cornija.

O quadro de madeira preta do cartaz dos *direitos do homem* subia até a cornija e prejudicava o desenho da architectura, effração da linha recta que fazia murmurar Chabot.—*E' feio*, dizia elle a Vadier.

Sobre as cabeças das estatuas alternavam coróas de carvalho e de louro.

Uma cortina verde, em que estavam pintados de verde mais escuro as mesmas coróas, descia em amplas dobras direitas da cornija em deredor e tapeçava todo o soalho da sala occupada pela assembléa. Por cima dessa cortina as paredes eram brancas e frias. Nessas paredes abriam-se ou melhor vasavam-se, sem moldura nem folhagem, dous andares de tribunas publicas, as quadradas em baixo, as redondas em cima; conforme á regra, pois Vitruvio não estava desenthronizado, as archivoltas estavam superpostas ás architraves. Havia dez tribunas em cada um dos grandes lados da sala, e em cada uma das duas extremidades dous camarotes desmesurados; eram ao todo vinte quatro. Ahi apinhavam-se as multidões.

Os espectadores das tribunas inferiores transbordavam para cima de todos os parapeitos e grupavam-se sobre todos os relevos da architectura. Uma comprida barra de ferro, solidamente chumbada na altura conveniente, servia de parapeito ás tribunas altas, e garantia os espectadores contra a pressão da turbamulta que subia as escados. No entanto uma vez um homem foi precipitado na Assembléa, cahiu quasi em cheio sobre Massieu, bispo de Beauvais, não morreu, e disse: *Já*

viram ? então um bispo sempre serve para alguma cousa !

A sala da Convenção podia conter duas mil pessoas, e nos dias de insurreição tres mil.

A Convenção celebrava duas sessões, uma de dia, outra á noite.

O espaldar da caldeira do presidente era redondo, com pregos dourados. A mesa era resguardada por quatro monstros alados de um só pé, que dir-se-hiam sahidos do Apocalypse para assistirem á revolução. Parecia que os haviam tirado do carro de Ezequiel para virem puchar a carroça de Sansão.

Sobre a mesa do presidente havia uma grande campa, quasi um sino, um amplo tinteiro de cobre, e um in-folio encadernado em pergaminho, que era o livro das actas.

Cabeças cortadas, trazidas na ponta de uma lança, haviam gotejado sangue sobre essa mesa.

Subia-se á tribuna por uma escada de nove degráus. Esses degráus eram altos, ingremes e bastante incomodos ; fizeram um dia tropeçar Gensonné aa subi-los. *E' uma escada de cadafalso!* disse elle.— *Vae te ensaiando,* bradou-lhe Carrier.

Nos logares em que a parede parecêra muito despida, nos angulos da sala o architecto puzera como ornatos feixes com as machadinhas para fóra.

A direita e á esquerda da tribuna pedestaes sustentavam dous candelabros com doze pés de altura, tendo em cima quatro pares de lampeões. Havia em cada tribuna publica um candelabro semelhante. Nos pedestaes desses candelabros estavam esculpidos circulos que o povo chamava « collares de guilhotina. »

Os bancos da Assembléa subiam quasi até a cornija das tribunas ; os representantes e o povo podiam dialogar.

As saídas das tribunas davam para um labyrintho de corredouras cheio ás vezes de sombrio rumor.

A Convenção pejava o palacio e reflua até aos palacios vizinhos, o palacio de Longueville e o palacio de Coigny. Foi para o palacio de Coigny que, depois de 10 de Agosto, e dar-se credito a uma carta de lord Bradford, transportou-se a mobilia real. Foram precisos dous mezes para esvasiarem-se as Tulherias-

As juntas estavam accommodadas nas proximidades da saia ; no pavilhão Igualdade a legislação, a agricultura e o commercio ; no pavilhão Liberdade a marinhas colonias, as finanças, os assignados, a salvação publica ; no pavilhão Unidade a guerra.

A Junta de segurança geral communicava directamente com a junta de salvação publica por um corredor escuro, alumiado noite e dia por um lampeão, onde andavam de uma para outra parte os espiões de todos os partidos. Ahi fallava-se baixo.

A barra da Convenção foi muitas vezes removida. Habitualmente era á direita do presidente.

Nas duas extremidades da sala as duas separações verticaes que fechavam do lado direito e do lado esquerdo os semi-circulos concentricos do amphitheatro, deixavam entre si e a parede dous corredores estreitos e profundos, nos quaes abriam-se duas sombrias portas quadradas. Entrava-se e sahia-se por ahi.

Os representantes entravam directamente na sala por uma porta que dizia para o terraço dos Bernardos.

Esta sala, pouco alumiada de dia por janellas baças, mal alumiada, depois do crepusculo, por brandões lividos, tinha não sei que de nocturno. Essa meia illumination reunia-se ás trevas da noite ; as sessões á luz das lampadas eram lugubres. Não se viam uns aos outros ; de um extremo da sala ao outro, da direita á esquerda, grupos de semblantes indecisos insultavam-se. Encon-

travam-se sem se reconhecerem. Um dia Laignelot, correndo á tribuna, abalrôa no corredor da descida com alguém.—Perdão, Robespierre, disse elle.—Por quem me tomas? respondeu uma voz rouca.—Perdão, Marat, diz Laignelot.

Embaixo, á direita e á esquerda do presidente, havia duas tribunas reservadas; pois, cousa singular, havia na Convenção espectadores privilegiados. Essas tribunas eram as unicas que tinham cortinas. No meio da architrave duas borlas de ouro levantavam as cortinas. As tribunas do povo eram nuas.

Todo esse conjunto era violento, selvagem, regular. A correcção na crueldade; é quasi a revolução inteira. A sala da Convenção apresentava o especimen mais completo do que os artistas chamaram depois « a architectura messidor; era solido e tenue. Os constructores desse tempo tomavam a symetria pelo bello. A ultima palavra do Renascimento fôra dita no tempo de Luiz XV, e operara-se uma reacção. Tinha-se levado a nobreza até á monotonia, e a pureza até ao aborrecimento. Existe o falso recato em architectura. Depois das deslumbrantes orgias da fôrma e da côr do decimo oitavo seculo, a arte puzera-se em dieta, e não ultrapassava a linha recta. Semelhante genero de progresso vae ter á fealdade. A arte reduzida ao esqueleto, tal é o phenomeno. Essa é a inconveniencia de taes prudencias e abstinencias; o estylo é tão sobrio que fica magro.

Pondo de parte toda e qualquer emoção politica, e olhando apenas para a architectura, desprendia-se dessa sala certo calafrio. Recordava-se a gente do antigo theatro, dos camarotes engrinaldados, do tecto de azul e purpura, do lustre facetado, dos candelabros com reflexos de diamantes, das tapeçarias côr de papo de pombo, da profusão de amores e de nymphas no panno de bocca e nas cortinas, de todo o idyllo real e ga-

lante, pintado, esculpido, e dourado, que enchêra com o seu sorriso esse sitio severo, e a gente contemplava por toda a parte ao redor de si esses duros angulos rectilíneos, frios e cortantes como aço; era alguma cousa semelhaute a Boucher guilhotinado por David.

IV

Quem via a assembléa não pensava mais na sala. Quem via o drama não se importava mais com o treatro. Nada mais disforme e mais srblime. Um montão de herões, um rebanho de infames. Bestas fêras em cima de uma montanha, reptis em um pantano. Ahi formigavam, acotovellavam-se, provocavam-se, ameaçavam-se, lutavam e viviam todos esses combatentes que são hoje phantasmas.

Recenseamento titanico.

Á direita a Gironda, legião de pensadores; á esquerda a Montanha, grupo de athletas. De um lado, Brissot, que havia recebido as chaves da Bastilha; Barbaroux, a quem obedeciam os marselezes; Kervélégan, que tinha na mão o batalhão de Brest aquartelado no arrabalde Saint-Marceau; Gensonné, que tinha estabelecido a supremacia dos representantes sobre os generaes; o fatal Guadet, a quem uma noite nas Tulherias a rainha mostrára o delphim adormecido; Guadet beijou a fronte da creança e fez cahir a cabeça do pae; Salles, o denunciante chimerico da intimidade da Montanha com a Austria; Sillery, o coxo da direita como Couthon era o aleijado da esquerda; Lause-Duperret, que, chamado *scelerado* por um jornalista, convidou-o a jantar dizendo-lhe: «Sei que «scelerado» quer simplesmente dizer «homem que não pensa como pensamos;» Rabaut-Saint-Étienne, que começára o seu Almanak de 1790 por esta phrase: *A Re-*

volução está acabada; Quinette, um dos que precipitaram Luiz XVI; o jansenista Camus, que redigia a constituição civil do clero, acreditava nos milagres do diacono de Pariz, e prostrava-se todas as noites deante de um Christo de sete pés de altura pregado á parede do seu quarto; Fauchet, padre que, com Camillo Desmoulins, fizera o 14 de Julho; Isnard, que commetteu o crime de dizer: *Pariz será destruido*, no mesmo momento em que Brunswick dizia: *Pariz será queimado*; Jacob Dupont, o primeiro que gritou; *Eu sou atheu*, e a quem Robespierre respondeu: *O atheismo é aristocratico*; Lanjuinais, dura, sagaz e valente cabeça bretã; Ducos, o Euryalo de Boyer-Foufrède; Rebecqui, o Pylades de Barbaroux; Rebecqui demittia-se porque não haviam ainda guilhotinado Robespierre; Richaud, que combatia a permanencia das sessões; Lasource, que imitira este apophthegma homicida: *Ai das nações agradecidas!* e que ao pé do cadafalso devia contradizer-se com estas altivas palavras atiradas aos montanhezes: *Nós morremos porque o povo dorme, e vós morrereis porque o povo ha de acordar*; Biroteau, que fez com que se decretasse a abolição da inviolabilidade, foi assiim, sem o saber, quem forjou o cutelo, e ergueu o cadafalso para si mesmo; Carlos Villatte, que abrigou a sua consciencia sob este protesto: *Não quero votar debaixo das fucas*; Louvet, o autor de *Faublas*, que devia acabar livreiro no Palais-Royal com Lodoiska ao balcão; Mercier, o autor do *Quadro de Pariz*, que exclamava: *Todos os reis sentiram sobre as cabeças e 21 de Inneiro*; Marec, cuja preocupação era «a facção dos antigos limites»; o jornalista Carra que, ao pé do cadafalso, disse ao carrasco; *Contraria-me morrer. Desejava vêr a continuação*; Vigée, que intitulava-se grana-deiro no segundo batalhão de Mayenne-et-Loire, e que, ameaçado pelas tribunas publicas, exclamava: *Requeiro que ao primeiro murmurio das tribunas, retiremo-nos*

todos, e marchemos para Versalhes com os sabres na mão! Buzot, reservado a morrer de fome; Valazé, prometido ao seu proprio punhal; Condorcet, que devia morrer em Bourg la Reine transformado em Burgo-Egualdade, denunciado pelo Horacio que tinha no bolso; Pétion, cujo destino era ser adorado pela multidão em 1792 e devorado pelos lobos em 1793; mais vinte ainda Pontécoulaut, Marboz, Lindon, Saint-Martin, Dussaulx, traductor de Juvenal, que fizera a campanha do Hannover, Boilleau, Bertrand, Lesterp-Beauvais: Lesage, Gomaire, Gardien, Mainvielle, Duplantier, Lasaze, Antibold, e á frente delles um Barnave a quem chamavam Vergniaud.

Do outro lado, Antonio Luiz Leão Florelle de Saint-Just, pallido, testa pequena, perfil correcto, oihar mysterioso, tristeza profunda, vinte tres annos; Merlin de Thionville a quem os allemães chamavam Fauer-Teufel, « o diabo de fogo; » Merlin de Douai, o culpado autor da lei dos suspeitos; Soubrany, a quem o povo de Pariz no 1º prairial, pe liu para general; o antigo cura Lebon, empunhando um sabre com a mão que aspergira agua benta; Billaud-Varennes, que entrevira a magistratura do futuro; nada de juizes, arbitros, Fabre d'Eglantine, que fez um achado excellente, o calendario republicano, assim como Rouget de Lisle teve uma inspiração sublime, a Marselheza, mas quer um quer outro sem reincidencia; Manuel, o procurador da Communa, que tinha dito: *Um rei morto não é um homem de menos*; Goujon, que entrara em Tripstadt, em Newstadt e em Spire, e vira fugir o exercito prussiano; Lacroix, advogado transformado em general, nomeado cavalleiro de S. Luiz seis dias antes do 10 de Agosto; Fréron-Thersito, filho de Fréron-Zoilo; Ruth, o inexoravel remexedor do armario de ferro, predestinado ao grande suicidio republicano,

devendo matar-se no dia que morria a republica; Fouché, alma de demonio, face de cadaver; Camboulas, o amigo do pae Duchesne, que dizia a Guillotin: *Tu és do Club dos Bernardos, mas tua filha é do club dos Jacobinos*; Jagot que aos que lamentavam a nudez dos prisioneiros respondia com este dito cruel: *Uma prisão é uma casaca de pedra*; Javogues, o medonho profanador dos tumulos de Saint-Denis; Osselin, proscriptor que escondia em casa uma proscripta, a Sra. Charry; Bentabole, que, quando presidia, fazia signal ás tribunas que applaudissem ou dessem vaias; o jornalista Robert, marido da Sra. Kéralio, a qual escrevia: *Nem Robespierre, nem Marat vêm á minha casa; Robespierre virá quaaado quizer, Marat nunca*; Garan-Coulou, que requerêra altivamente, quando a Hespanha intervira no processo de Luiz XVI, que a Assembléa não se dignasse ler a carta de um rei a outro rei; Gregorio, bispo, digno a principio da primitiva Egreja, mas que mais tarde sob o imperio annullou o republicano Gregorio com o conde Gregorio; Amar que dizia: *A terra inteira condemna Luiz XVI. Para quem pois appellar do julgamento? para os planetas*; Royer, que oppuzera-se, a 21 de Janeiro, a que disparassem o canhão da Ponte Nova, dizendo: *Uma cabeça de rei não deve fazer, ao cahir maior rumor que a cabeça de outro homem*; Chénier, irmão de André; Vadier, dos que punham uma pistola em cima da tribuna; Panis, que dizia a Momoro:—*Quero que Marat e Robespierre abracem-se á mesa em minha casa.—Onde moras?*—*Em Charenton.*—*Já me não admiro*, dizia Momoro; Legendre, que foi o carniceiro da revolução de França como Pride tinha sido o carniceiro da revolução de Inglaterra:—*Anda, quero desancar-te*, bradava para Lanjuinais. E Lanjuinais respondia: *Faze primeiro decretar que eu sou boi*; Collot d'Herbois, o lugubre comico, que tinha no rosto a antiga mascara com duas boccas que di-

zem Sim e Não, approvando com uma o que censurava com a outra, profligando Carrier em Nantes e deificando Châlier em Lyon, mandando Robespierre ao cadafalso e Marat ao Pantheon: Génissieux, que pedia a pena de morte contra todo aquelle que trouxesse consigo a medalha *Luiz XVI martyrisado*; Leonardo Bourdon, o mestre-escola que offerecêra a casa ao velho do Monte Jura; Topsent, marítimo, Goupilleau, advogado, Lourenço Lecointre, mercador, Duhem, medico, Sergent, estatuário, David, pintor, José Egualdade, principe. Ainda outros: Lecointe-Puiraveau, que requeria que Marat fosse declarado por decreto « em estado de demencia; » Roberto Lindet, o temivel creador desse polvo cuja cabeça era a Junta de segurança geral e que cobria a França com os seus vinte e um mil braços, chamados juntas revolucionarias; Lebœuf, ácerca do qual Girey-Dupré no seu *Villanete dos falsos patriotas* puzera este verso:

Lebœuf viu Legendre e deu mugidos

Thomaz Payne, americano, e clemente; Anacharsis Clooss, allemão, barão, millionario, atheu, hebertista, candido; o integro Lebas, o amigo dos Duplays; Rovère, um dos raros homens malvados por malvadeza, pois a arte pela arte existe em maior escala do que se acredita; Charlier, que queria que se dissesse vós aos aristocratas; Tallien elegiaco e feroz, que fará o 9 thermidor por amor; Cambacérès procurador que será principe, Carrier, procurador que será tigre; Laplanche, que exclamou um dia: *Peço preferencia para o canhão de alarma*; Thuriot que queria o voto em voz alta dos jurados do Tribunal revolucionario; Bourdon do Oise, provocava Chambon a duello, denunciava Payne e era denunciado por Hébert; Fayau, que propunha « que se mandasse um exercito incendiario » para a Vandéa; Tavaux, que a 13 de Abril foi quasi mediador entre a

Gironda e a Montanha; Vernier, que pedia que os chefes girondinos e os chefes montanhezes fossem servir como simples soldados; Rewbell que encerrou-se em Mayence; Bourbotte que teve o cavallo morto na tomada de Saumur; Guimberteau que dirigiu o exercito das Costas de Cherbourg. Jard-Panvilliers que dirigiu o exercito das Costas da Rochella, Lecarpentier que dirigiu a esquadra de Cancale; Roberjot que esperava a cilada de Rastadt; Prieur do Marne que usava nos acampamentos da sua velha charlateira de commandante de esquadrão; Levasseur do Sarthe que, com uma palavra, resolvia Serrent, commandante do batalhão de Saint-Amand, a deixar-se matar: Reverchon, Maure, Bernardo de Saintes, Carlos Richard, Lequinio, e no alto desse grupo um Mirabeau a quem chamavam Danton.

Fôra desses dous campos, e contendo-os a ambos, erguia-se um homem, Robespierre.

V

Embaixo curvavam-se o espanto, que pôde ser nobre, e o medo, que é infame. Sob as paixões, sob o heroismo, sob a dedicação, sob a raiva, a sombria turba dos anonymos. O fundo da Assembléa chamava-se a Planicie. Havia ali tudo quanto fluctúa; os homens que duvidam, que hesitam, que recuam, que adiam, que espiam, receiosos um dos outros. A Montanha era uma selecção; a Gironda era outra selecção; a Planicie era a multidão. A Planicie resumia-se e condensava-se em Sieyès.

Sieyès, homem profundo que tornara-se ôco. Parára no terceiro estado, e não pudera subir até ao povo. Certos espiritos são feitos para ficarem a meio caminho. Sieyès chamava tigre a Robespierre, que chamava-o

toupeira. Esse metaphysico fôra ter, não á sabedoria, mas á prudencia. Era cortezão e não servidor da revolução. Tomava uma pá e ia, com o povo, trabalhar no Campo de Marte, puxando a mesma carreta que Alexandre de Beauharnais. Aconselhava energia que não punha em pratica. Dizia aos Girondinos; *Assestae o canhão do vosso partido*. Ha pensadores que são lutadores; esses estavam, como Condercet, com Vergniaud, ou, com Camillo Desmoulins, com Danton. Ha peasadores que querem viver, estes estavam com Sieyès.

As cubas de vinho mais generoso têm a sua borra. Abaixo ainda da Planicie havia o Pantano. Stagnação medonha deixando ver as transparencias do egoismo. Lá tiritava a expectativa muda dos timoratos. Não ha cousa mais miseravel. Todos os opprobios, e nenhuma vergonha; a colera latente; a revolta sob a servidão. Eram cynicamente medrosos; tinham toda a coragem da infamia; preferiam a Gironda e escolhiam a Montanha; o desenlace dependia delles; inclinavam-se para o lado que triumphava; entregavam Luiz XVI a Vergniaud, a Danton, Danton a Robespierre, Robespierre a Tallien. Verberavam Marat vivo e divinisavam Marat morto. Sustentavam tudo até ao dia em que tudo derribavam. Tinham o instincto do-empurrão decisivo a dar em tudo quando vacilla. A seus olhos, como serviam sob condição de que houvesse solidez, vacillar era trahi-los. Eram o numero, eram a força, eram o medo. Dahi a audacia das torpezas.

Dahi o 31 de Maio, o 11 germinal, o 9 thermidor; tragedias em cujo enredo entraram gigantes e cujo desenlace coube a anãos.

A esses homens cheios de paixões achavam-se reunidos os homens cheios de sonhos. A utopia ali estava sob tolas as fórmulas bellicosa que admittia o cadafalso, e sob a fórmula innocente que abolia a pena de morte; espectro do lado dos thronos, anjo do lado dos povos. Em face dos espiritos que combatiam. havia espiritos que creavam. Um tinham na cabeça a guerra, os outros a paz; um cerebro, Carnot, creava quatorze exercitos; outro cerebro, João Debry, planejava uma federação democratica universal. No meio dessas vozes estridentes e trovejantes, havia silencias fecundos. Lakanal calava-se, e combinava mentalmente a educação publica nacional; Lanthenas calava-se, e creava as escolas primarias; Revellière Lépeaux calava-se, e sonhava a elevação da philosophia á dignidade de religião. Outros occupavam-se de assumptos mais particularisados, menores e mais praticos. Guyton-Morveaux estudava o saneamento dos hospitaes, Maire a abolição das servidões reaes, João Bom Saint-André a suppressão da prisão por dividas e detenção corporal, Ronme a proposição Chappe, Duboë a organização dos archivos, Coren-Fustier a criação do gabinete de anatomia e do museu de historia natural, Guyomard a navegação fluvial e a canalisação do Escalda. A arte tinha os seus fanaticos e até os seus monomaniacos; no dia 21 de Janeiro, enquanto a cabeça da monarchia cabia na praça da Revolução, Bézard, representante do Oise, ia ver um quadro de Rubens achado em um sotão da rua Saint-Lazare. Artistas, oradores, prophetas, homens-colossos como Danton, homens-creanças como Cloots, gladiadores e phisophos, todos dirigiam-se ao mesmo alvo, o progresso. Nada os desnor-teava. A grandeza da Convenção consistiu em procurar a quantidade de realidade que existe no que os homens

chamam o impossível. Em uma das suas extremidades Robespierre tinha os olhos fictos no direito; na outra extremidade Condorcet tinha os olhos fictos no dever.

Condorcet era homem seismador e de vistas claras; Robespierre era homem de execução; e algumas vezes, nas crises finais das sociedades encanecidas, execução significa extermínio. As revoluções têm duas encostas, subida e descida, e têm distribuídas nessas duas encostas todas as estações, desde o gelo até as flôres. Cada zona dessas encostas produz os homens que lhes convem ao clima, desde os que vivem no sol até os que vivem no raio.

VII

Mostrava-se o recanto do corredor da esquerda onde Robespierre dissera em voz baixa ao ouvido de Garat, amigo de Clavière, estas palavras formidáveis; *Clavière tem conspirado por onde quer que tem respirado*. Nesse mesmo recanto, commodo aos apartes e ás coleras á meia voz, Fabre d'Églantine increpára Romme, e exprobrara-lhe ter desfigurado o seu calendario com a mudança de *Fervidor* para *Thermidor*. Mostrava-se o angulo em que sentavam-se, ao lado um do outro, os sete representantes do Alto-Garonaque, chamados em primeiro logar a pronunciarem o seu veridictum ácerca de Luiz XVI, tinham assim respondido um apoz outro: Mailhe: voto pela morte.—Delmas: voto pela morte.—Projean: voto pela morte.—Calès; voto pela morte.—Ayrat: voto pela morte.—Julien: voto pela morte.—Desahy; voto pela morte. Eterna repercussão que enche a historia inteira, e que, desde que a justiça humana existe, poz sempre um echo de sepulchro nas paredes do tribunal. Designavam-se com o dedo, no meio do tumultuar confuso de rostos, todos esses homens de quem sa-

hira o alarido de votos tragicos; Paganel, que dissera: *Pela morte. Um rei só é util quando morre*; Millaud, que dissera: *Hoje, si a morte não existisse, teria sido necessario inventá-la*; o velho Raffron du Trouillet, que dissera: *Pela morte e já!* Goupilleau, que bradára: *Ao cadafalso immediatamente. A demora agrava a morte*; Sieyès, que tivera esta concisão funebre: *Morte*; Thuriot, que rejeitáaa o appello ao povo proposto por Buzot: *Que! assembléas primarias! que! quarenta e quatro mil tribunaes! Processo Sem termo. A cabeça de Luiz XVI teria tempo de encanecer antes de cahir*; Agostinho Bom Robespierre, que, depois do irmão, exclamára: *não sei que humanidade é essa que degola os povos, e perdôa aos despotas. Voto pela morte! Pedir uma dilacão é substituir ao appello ao povo o appello aos tyrannos*; Foussedoire, substituto de Bernardin de Saint-Pierre, que dissera: *Tenho horror ao sangue humano derramado, mas o sangue de um rei não é sangue de homem. Voto pela morte*; João Bom Saint-André, que dissera: *Não ha povo livre sem tyranno morto*; Lavicomterie, que proclamára esta fórmula: *Emquanto o tyranno respira, a liberdade afoga-se. Voto pela morte*. Chateauneuf-Randon, que soltára este grito: *Voto pela morte de Luiz o Derradeiro*; Guyardin, que emittira este voto: *Executem no na Barreira Derribada*; a Barreira Derribada era a barreira do Throno; Tellier, que dissera: *Forjem, para ativar contra o inimigo um canhão do calibre da cabeça de Luiz XVI*. E os indulgentes: Gentil, que dissera: *Voto pela prisão. Fazer um Carlos I, é fazer um Cromwell*; Bancal, que dissera: *Pelo exilio. Quero vêr o primeiro rei do universo condemnado a ter um officio para ganhar a vida*; Albouys, que dissera: *Pelo banimento. Vá esse espectro vivo errar em torno dos thronos*; Zangiacomì, que dissera: *Pela detençaõ. Conservemos Capeto vivo como espantalho*; Chaillon, que dissera: *Deixemo-lo viver. Não quero fazer um cadaver*

do qual Roma faça um santo. Enquanto estas sentenças cahiam desses labios severos, e, uma apoz outra, dispersavam-se na historia, nas tribunas mulheres decotadas e enfeitadas contavam os votos com uma listas na mão, e picavam com alfinetes embaixo de cada voto.

Onde entra a tragedia, o horror e a compaixão ficam.

Vêr a Convenção, em qualquer tempo do seu dominio, era tornar a vêr o julgamento do derradeiro Capeto; a lenda do 21 de Janeiro parecia transparecer em todos os seus actos; a formidavel assembléa estava prenhe dos halitos fataes que haviam passado sobre o velho facho monarchico acceso havia dezoito seculos, e haviam-no apagado; o decisivo processo de todos os reis em um rei era como o ponto de partida da grande guerra que ella fazia ao passado; qualquer que fosse a sessão da Convenção a que se assistisse, via-se projectar-se ali a sombra que se estendia do cadafalso de Luiz XVI; os espectadores narravam uns aos outros a demissão de Kersaint, a demissão de Roland, como Duchâtel, deputado de Deux-Sèvres, mandou que o trouxessem doente no proprio leito, e, moribundo, votou pela vida, o que fez rir a Marat; e procuravam com os olhos, o representante, hoje esquecido pela historia, que, depois dessa sessão de trinta e sete horas lendo cahido de cansaço e de somno no seu banco, despertado pelo continuo quando chegou a sua vez de votar, entreabriu os olhos, disse; *pela morte!* e tornou a adormecer.

No momento em que elles condemnaram á morte Luiz XVI, Robespierre tinha ainda dezoito mezes para viver, Danton quinze mezes, Vergniaud nove mezes, Marat cinco mezes e tres semanas, Lepellitier-Saint-Fargeau um dia. Curto e terrivel sopro o das boccas humanas!

O povo tinha para a Convenção uma janella aberta, as tribunas publicas, e, quando a janella não bastava, abria a porta, e a rua entrava na assembléa. Taes invasões da multidão nesse senado constituem uma das mais sorprendentes visões da historia. Habitualmente essas irrupções eram cordiaes. A esquina da rua fraternisava com a cadeira cural. Mas era uma cordialidade terrivel a desse povo que um dia, em tres horas, tomára os canhões dos Invalidos e quarenta mil espingardas. A cada momento desfilava um grupo e interrompia a sessão; eram deputações admittidas á barra da Convenção, petições, homenagens, offertas. A lança honorifica do arrabalde de Saint-Antoine entrava, trazida por mulheres. Inglezes offereciam vinte mil sapatos para os pés descalços dos nossos soldados.

« O cidadão Arnoux, dizia o *Monitor*, cura de Aubignan, commandante do batalhão do Drôme, pede para marchar para as fronteiras, e que lhe seja conservado o curato. » Os delegados das secções chegavam trazendo em padiolas pratos, patenas, calices, custodias, montes de ouro, de prata e de prata dourada, offerecidos á patria por essa multidão andrajosa, e pediam como recompensa permissão para dansarem a camanbola deante da Convenção. Chenard, Narbonne e Vallière vinham cantar coplas em louvor da Montanha. A secção do Monte Branco trazia o busto de Lepellitier, e uma mulher punha um barrete vermelho na cabeça do presidente que beijava-a; « as cidadãs da secção da Malha » atiravam flôres « aos legisladores; » os « alumnos da patria » vinham, com musica á frente, agradecer á Convenção ter « preparado a prosperidade do seculo; » as mulheres da secção das Guardas Francezas offereciam rosas; as mulheres da secção dos Campos Elyseos offe-

reciam uma corôa de carvalho; as mulheres da secção do Templo vinham á barra da assembléa jurar *que só se uniriam a verdadeiros republicanos*; a secção de Molière apresentava uma medalha de Franklin que suspendiam, por decreto, á corôa da estatua da liberdade; os Engeitados, declarados Filhos da Republica, desfilavam, vestidos com o uniforme nacional; as moças da secção de Noventa e dous entravam com compridos vestidos brancos, e no dia seguinte o *Monitor* inseria esta linha: « O presidente recebe um ramallete das mãos innocentes de uma formosa moça.» Os oradores saudavam as turbas; ás vezes lisonjeavam-nas; diziam á multidão:— *Tu és infallivel, tu és irreprehensivel, tu és sublime*;—o povo tem um lado infantil; gosta destes confeitos. Algumas vezes o motim atravessava a assembléa, entrava por ella dentro furioso e sahia aplacado, como o Rhodano que atravessa o lago Lemano, e que é de lama ao entrar nelle, e de saphira ao sahir.

A's vezes era menos pacifico, e Henriot mandava trazer para defronte da porta das Tulherias grelhas de aquecer balas de artilharia.

IX

Ao passo que desafogava a revolução, essa assembléa produzia civilisação. Fornalha, porém forja. Nessa cuba em que fervia o terror, o progresso fermentava. Desse chaos de sombra e dessa tumultuosa fuga de nuvens, sahiam immensos raios de luz parallellos ás leis eternas. Raios que ficaram no horizonte, visiveis para sempre no céu dos povos, e que são, um a justiça, outro a tolerancia, outro a bondade, outro a razão, outro a verdade, outro o amor. A Convenção promulgava este grande axioma: *A liberdade do cidadão acaba onde a li-*

berdade de outro cidadão começa ; o que resume em duas linhas toda a sociabilidade humana. Declarava à indigência sagrada ; declarava a imperfeição sagrada no cego e no surdo mudo convertidos em pupillos do Estado, a maternidade sagrada na mãe solteira a quem consolava e estendia a mão, a infancia sagrada no orphão que a patria adoptava, a innocencia sagrada no accusado absolvida a quem indemnizava. Profligiava o trafico dos negros ; abolia a escravidão. Proclamava a solidariedade civica. Organisava a educação nacional por meio da escola normal em Pariz, da escola central nas capitães, e da escola primaria na communa. Creava os conservatorios e os museus. Decretava a unidade de pesos e de medidas, e a unidade de calculo pelo systema decimal. Fundava as finanças da França, e á longa bancarrota monarchica fazia succeder o credito publico. Dava á circulação o telegrapho, á velhice os hospicios dotados, á molestia os hospitaes purificados, ao ensino a escola polytechnica, á sciencia o escriptorio das longitudes, ao espirito humano o instituto. Ao mesmo tempo que era nacional, era cosmopolita. Dos onze mil duzentos e dez decretos que sahiram da Convenção, um terço têm fim politico, dous terços têm fim humano. Declarava a moral universal base da sociedade e a consciencia universal base da lei. E tudo isso, servidão abolida, fraternidade proclamada, humanidade protegida, consciencia humana rectificada, lei do trabalho transformada em direito e de onerosa tornada caroavel, riqueza nacional consolidada, infancia alumiada e soccorrida, lettras e sciencias propagadas, luz accesa em todos os cimos, auxilio a todas as miserias, promulgação de todos os principios, a Convenção fazi-o, tendo nas entranhas essa hydra, a Vandéa, e nos hombros esse montão de tigres, os reis.

X

Logar immenso. Todos os typos humanos, deshumanos e sobrehumanos ali estavam. Amontoado épico de antagonismos. Guillotin evitando David, Bazire insultando Chabot, Guadet monteando de Saint-Just, Vergniaud desdenhando de Danton, Louvet atacando Robespierre, Buzot denunciando Egualdade, Chambon profligando Pache, todos execrando Marat. E quantos nomes fôra ainda preciso registrar! Armonville, chamado Barrete Vermelho, porque não tomava assento sem o sinão de barrete phrygio, amigo de Robespierre, e querendo, « depois de Luiz XVI, guilhotinar Robespierre » por amor do equilibrio; Massieu, collega e menechmo do bom Lamourette, bispo destinado a legar o nome a um beijo; Lehardy de Morbihan que estigmatizava os padres da Bretanha; Barère, o homem das maiorias, que presidia quando Luiz XVI compareceu perante a barra do tribunal, e que era de Paméla o que Louvet era de Lodoiska; o oratoriano Daunou que dizia: *Ganhemos tempo*; Dubois-Crancé a cujos ouvidos inclinava-se Marat; o marquez de Chateauneuf, Laclos, Hérault de Séchelles que recuava deante de Henriot bradando: *Artilheiros, ás peças!* Julien, que comparava a Montanha ás Thermopylas; Gamon, que queria uma tribuna publica destinada exclusivamente ás mulheres; Laloy, que decerniu as honras da sessão ao bispo Gobel vindo á Convenção depôr a mitra e enfiar o barrete vermelho; Lecomte, que exclamava: *Toca a dispadrar!* Féraud, cuja cabeça Boissy-d'Anglas saudará, legando á historia esta pergunta: — Boissy-d'Anglas saudaria a cabeça, isto é, a victima, ou a lança, isto é, os assassinos? Os dous irmãos Duprats, um montanhez, o outro girondino, que se odiavam como os dous irmãos Chéniers.

Disseram-se nessa tribuna dessas vertiginosas pa-

lavras que algumas vezes, sem que o saiba o proprio homem que as pronuncia, possuem o accento fatidico das revoluções, e depois das quaes os factos materiaes parecem ter de improviso não sei que de descontentamento e de despeito como si houvessem levado a mal as cousas que se acabam de ouvir; o que se passa parece irado com o que se diz; as catastrophes sebrevem furiosas e como exasperadas com as palavras dos homens. Assim uma voz na montanha basta para despregar a avalange. Uma palavra de mais pôde ser seguida de um desmoronamento. Si se não tivesse fallado, isso não teria acontecido. Dir-se-hia ás vezes que os acontecimentos são irasciveis.

Dest'arte, pelo acaso de um dito oratorio mal comprehendido foi que cahiu a cabeça da princeza Elisabeth.

Na Convenção a intemperança de linguagem era um direito.

As ameaças voavam e cruzavam-se na discussão como fagulhas no incendio.—PÉTION: Robespierre, vamos ao acto.—ROBESPIERRE: O facto é o senhor, Pétion. Voltarei a elle, e ha de vêr.—UMA VOZ: Morra Marat.—MARAT: No dia em que Marat morrer, não haverá mais Pariz, e no dia em que Pariz perecer, não haverá mais Republica.—Billaud-Verennes levanta-se e diz: Queremos...—Barère atalha-o: Fallas como um rei.—Outro dia, PHILIPPEAUX: Um membro da casa desembainhou a espada contra mim.—AUDOUIN: Presidente, chamae á ordem o assassino. — O PRESIDENTE: Esperae.—PANIS: Presidente, eu é que o chamo á ordem.—Riam-se tambem e rudemente:—LECOINTRE: O cura de Chant-de-Bout queixa-se de que Fauchet, seu bispo, prohibe-lhe que se case.—UMA VOZ: Não sei porque Fauchet, que tem amantes, quer impedir que os mais tenham esposas.—OUTRA VOZ: Padre, casa-te!—As tribunas intromettiam-se na conversação. Atuavam

na Assembléa. Um dia o representante Ruamps sobe á tribuna. Tinha uma das « cadeiras » muito mais cheia que a outra. Um dos espectadores bradou-lhe : — Volta para o lado da direita, pois tu tens uma « bochecha » da David ! — Taes eram as liberdades que o povo tomava com a Convenção. Uma vez no entanto, no tumulto do dia 11 de Abril de 1793, o presidente mandou prender um interruptor das tribunas.

Um dia a sessão teve por testemunha o velho Buonarrotti, Robespierre toma a palavra e falla duas horas, olhando para Danton, ora fixamente, o que era grave, ora obliquamente, o que era peor. Fulmina á queima-roupa. Termina com uma explosão de indignação, cheia de palavras funebres: Sabem-se quaes são os intrigantes, sabem-se quaes são os corruptores e os corruptores e os corrompidos, sabem-se quaes são os traidores; estão nesta assembléa. Ouvem-nos; vemo-los e não os perdemos de vista. Olhem elles para cima das suas cabeças, e ahi verão o gladio da lei; olhem para a propria consciencia, e ahi verão a propria infamia. Tomem mem elles cuidado consigo.—E quando Robespierre concluiu, Danton, com o rosto voltado para o tecto, os olhos meio cerrados, um braço pendendo por cima da espalda do banco, reclina-se para traz, e ouvem-no cantarolar :

Cadet Roussel faz seus discursos

Que uão são longos quando são curtos.

As imprecações cruzavam-se.—Conspirador ! — Assassino ! — Scelerado ! — Faccioso ! — Moderado ! — Denunciavam-se ao busto de Bruto que ahi estava. Apos-trophes, injurias, desafios. Olhares furiosos de uma parte para outra, punhos mostrados, pistolas entrevistas, punhaes tirados a meio. Enorme chammejar da tribuna. Alguns fallavam como si estivessem encostados á guilhotina. As cabeças ondulavam, atterradas e terrificas.

Montanhezes, Girondinos, Bernardos, Moderantistas, Terroristas, Jacobinos, Franciscanos; dezoito padres regicidas!

Todos esses homens! cumulos de fumaça impellidos em todos os sentidos.

XI

Espiritos presa do vento.

Mas o vento era um vento de prodigio.

Ser membro da Convenção era ser vaga do Oceano. Este era em verdade temeroso. A força de impulsão vinha de cima. Havia na Convenção uma vontade que era de todos e não era de pessoa alguma. Essa vontade era uma idéa, idéa indomavel e desmesurada que soprava na sombra do alto do céu. A isso chamamos a Revolução. Quando essa idéa passava, abatia a um e erguia a outro; carregava este na espuma e despedaçava aquelle nos escolhos. Essa idéa sabia para onde ia, e impellia o abysmo deante de si. Imputar a revolução aos homens equivale a imputar a maré ás ondas.

A revolução é uma acção do Desconhecido. Chamae-a boa acção ou má acção, conforme aspirardes ao futuro ou ao passado, mas deixae-a a quem a praticou. Parece a obra em commum dos grandes acontecimentos e dos grandes individuos de envolta, mas é na realidade a resultante dos acontecimentos. Os acontecimentos dictam, os homens assignam. O 14 de Julho está assignado por Camillo Desmoulins, o 10 de Agosto está assignado por Danton, o 2 de Setembro está assignado por Marat, o 21 de Setembro está assignado por Gregorio, o 51 de Janeiro assignou-o Rol espiere; mas Desmoulins, Danton, Marat, Gregorio e Robespierre não passam de escrivães. O redactor enorme e sinistro dessas grandes

paginas tem um nome, Deus, e uma mascara, Destino. Robespierre acreditava em Deus. Certamente!

A revolução é uma fórmula do phenomeno immanente que nos impelle de todos os lados e que chamamos Necessidade.

Deante dessa mysteriosa complicação de beneficios e de soffrimentos ergue-se o Porque? da historia.

Por isso mesmo. Esta resposta de quem nada sabe é tambem a resposta de quem sabe tudo.

Em face dessas catastrophes climaterias que devastam e vivificam a civilisação, a gente hesita em julgar as particularidades. Censurar ou louvar os homens por causa do resultado, é quasi louvar ou censurar as addições por causa do total. O que deve passar passa, o que deve soprar sopra. A serenidade eterna nada soffre com esses aquilões. Acima das revoluções a verdade e a justiça permanecem como o céu estrellado ácima das tempestades.

XII

Tal era essa Convenção desmesurada ; campo entrincheirado do genero humano atacado por todas as trevas a um tempo, almenaras de um exercito de idéas sitiadas, immenso acampamento de espiritos sobre uma encosta de abysmo. Nada é na historia comparavel a esse grupo, a um tempo senado a populaça, conclave e esquina, areopago e praça publica, tribunal e réu.

A Convenção dobrou-se de continuo ao vento ; mas esse vento sahia da bocca do povo e era o sopro de Deus.

E hoje, depois de decorridos oitenta annos, toda a vez que deante do pensamento de um hemem, seja elle

quem fôr, historiader ou philosopho, a Convenção apparece, esse homem detem-se e medita. É impossivel não prestar attenção a esse grande desfilhar de sombras.

II

MARAT NOS BASTIDORES

Como annunciára a Simonne Évrard, Marat, no dia seguinte ao encontro da rua du Paon, foi á Convenção.

Havia na Convenção um marquez maratista, Luiz de Montaut, o mesmo que mais tarde offertou á Convenção um pendulo decimal sobrecondecorado com o busto de Marat.

Na occasião em que Marat entrava, Chabot acabava de approximar-se de Montaut.

— Ex... disse elle.

Montaut ergueu os olhos.

— Porque me chamas ex ?

— Porque o és.

— Eu ?

— Pois não foste marquez ?

— Nunca.

— Ora.

— Meu pae era soldado, meu avô era tecelão.

— Que historia é essa, Montaut ?

— Não me chamo Montaut.

— Então como te chamas ?

— Chamo-me Maribon.

— Em summa, disse Chabot, pouco tenho com isso.

E ajuntou entre dentes :

— Porfiam em não ser marquezes.

Marat parára no corredor da esquerda e olhava para Montaut e Chabot.

Todas as vezes que Marat entrava, havia rumor ;

mas longe delle. Em torno delle calavam-se. Marat não prestava attenção a isso. Desdenhava «o coachar do pantano.»

Na penumbra dos bancos escuros debaixo, Conpé do Oise, Prunelle, Villars, bispo, que mais tarde foi membro da Academia franceza, Boutroue, Petit, Plai-chard, Bonet, Thibeau, Valdruche, mostravam-no uns aos outros com o dedo.

— Olhem, Marat !

— Então não está doente ?

— Está, pois veio de Chambre.

— De Chambre.

— A' fe que sim !

— Faz o que quer !

— Ousa vir assim á Convenção !

— Já que um dia veio coroadado de louro, bem pôde vir de chambre !

— Face de cobre e dentes de verdete.

— O chambre parece novo.

— De que é ?

— De gorgorão de seda.

— Listrado.

— Olhe para a gola.

— É de pelles.

— De tigre.

— Não, de arminho.

— Falso.

— E está com meias !

— É singular.

— E com sapatos de fivela.

— De prata !

— Eis ahí o que as tamancas de Camboulas não lhe perdoarão.

Em outros bancos fingiam não vêr Marat. Conver-

savam ácerca de outras cousas. Santhonax dirigia-se a Dussaulx ?

— Sabe, Dussaulx ?

— O que ?

— O outr'ora conde de Brienne...

— Que estava na Force com o outr'ora duque de Villeroy ?

— Exactamente.

— Conheci a ambos. O que têm ?

— Tinham tanto medo [que saudavam todos os barretes vermelhos de todos os chaveiros, e um dia recusaram jogar uma mão de jogo dos centos, porque davam-lhes um baralho com reis e rainhas.

— E o que houve ?

— Guilhotinaram-nos hontem.

— A ambos ?

— A ambos.

— Em summa, como procederam na prisão ?

— Como cobardes.

— E como procederam no cadafalso ?

— Intrepidamente.

E Dussaulx soltava esta exclamação :

— Morrer é mais facil que viver.

Barère estava lendo um parecer : tratava-se da Vandéa. Novecentos homens do Morbihan haviam seguido com artilharia para soccorrer Nantes. Redon estava ameaçado pelos camponezes. Paimbœuf estava atacado. Uma estação naval cruzava em Maindrin para impedir os desembarques. Desde Ingrande até Maure toda a margem esquerda do Loire estava erigida de baterias realistas. Tres mil camponezes haviam-se assenhoreado de Pornic. Gritaram *Vivam os inglezes!* Uma carta de Santee à Convenção, que Barère lia terminavam assim : « Sete mil camponezes atacaram Vannes. Repellino-los, e deixaram em nosso poder quatro canhões... »

— E quantos prisioneiros? atalhou uma voz.

Barère continuou...—Post-scriptum da carta: « Não temos prisioneiros, porque já não os tomamos 1. »

Marat sempre imóvel não escutava, estava como absorto em preocupação severa.

Tinha na mão e machucava entre os dedos um papel no qual, alguém que o desdobrasse, pudera ler estas linhas do punho de Momoro e que eram provavelmente uma resposta á alguma pergunta de Marat:

« — Nada ha a fazer contra a omnipotencia dos commissarios delegados, principalmente contra os delegados da Junta de salvação publica. Génissieux embalde disse na sessão de 6 de Maio: « *Cada delegado é mais que um rei,* » isto de nada serviu. Tem poder de vida e de morte. Massade em Angers, Trullard em Saint-Amand, Nyon junto do general Marcé, Parrein no exercito de Sables, Millier no exercito de Niort, são omnipotentes. O club dos Jacobinos chegou a nomear Parrein brigadeiro. As circumstancias absolvem tudo. Um delegado da Junta de salvação publica impõe respeito a um general em chefe. »

Marat acabou de machucar o papel, metteu-o no bolso e adeantou-se lentamente para Montaut e Chabot que continuavam a conversar e não o tinham visto entrar.

Chabot dizia:

— Maribon ou Montaut, ouve isto: saio da Junte da salvação publica.

— E o que estão lá fazendo?

— Incumbem um padre de vigiar um nobre.

— Ah!

— Um nobre como tu...

— Não sou nobre, disse Montaut.

(1) Monitor, t. XIX p. 81.

— Um padre...

— Como tu.

— Não sou padre, disse Chabot.

Puzeram-se ambos a rir.

— Explica a anedocta, redarguiu Montaut.

— Eis o que é. Um padre chamado Cimourdain é delegado com plenos poderes junto a um visconde chamado Gauvain; este visconde commanda a columna expedicionaria do exercito das costas. Trata-se de impedir que o nobre trapaceie e que o padre atraiaçõe.

— A cousa é simples, respondeu Montaut. Basta metter a morte no negocio.

— A isso venho, disse Marat.

Ergueram a cabeça.

— Bom dia, Marat, disse Chabot, raro assistes ás nossas sessões.

— O meu medico recommenda-me banhos, respondeu Marat.

— Cumpre desconfiar dos banhos, continuou Chabot; Seneca morreu em um banho.

Marat sorriu:

— Chabot, aqui não ha nenhum Nero.

— Mas estás tu, disse uma voz rude.

Era Danton que passava e subia para o seu banco.

Marat não se voltou.

Metteu a cabeça entre os dous rostos de Montaut e de Chabot.

— Ouçam, venho para negocio serio, é preciso que um de nós tres proponha hoje um projecto de lei á Convenção.

— Não eu, disse Montaut, não me prestam attenção, sou marquez.

— A mim, disse Chabot, tambem não me dão attenção, sou capuchinho.

— E a mim, disse Marat, não me ouvem, sou Marat.

Reinou entre elles silencio.

A Marat preocupado não era bom interrogar, Montaut no entanto arriscou uma pergunta.

— Marat, que decreto desejas?

— Um decreto que puna com a pena de morte todo o chefe militar que favoreça e evasão de um rebelde prisioneiro.

Chabot interveio.

— Existe esse decreto, votou-se isto pelos fins de Abril.

— Então é o mesmo que si não existisse, disse Marat. Por toda a parte, em toda a Vendéa, porfiam em dar evasão aos, prisioneiros e o asylo não é punido.

— Marat, é que o decreto cahiu em desuso.

— Chabot, cumpre pô-lo de novo em vigor.

— Sem duvida.

— E para isso fallar á Convenção.

— Marat, não é preciso a Convenção; basta a Junta de salvação publica.

— Alcançar-se-ha o mesmo fim, accrescentou Montaut, si a Junta de salvação publica mandar affixar o decreto em todas as communas da Vendéa, e der dous ou tres bons exemplos.

— Em cabeças elevadas, continuou Chabot. Em generaes.

Marat resmoneou:— Com effeito isto bastará.

— Marat, retrucou Chabot, vae tu mesmo dizer á Junta de salvação publica.

Marat encarou-o no meio dos olhos, o que não era agradável, nem para Chabot.

— Chabot, disse elle, a Junta de salvação publica funciona em casa de Robespierre; eu não vou á casa de Robespierre.

— Irei eu, disse Montaut.

— Bom, disse Marat.

No dia seguinte era expedida em toda as direcções ordem da Junta de salvação publica mandando affixar nas cidades e aldeias da Vendéa é determinando que se executasse estrictamente o decreto que inflingia a pena de morte a toda a connivencia na evasão de salteadores e insurgentes prisioneiros.

Esse decreto era apenas o primeiro passo ; a Convenção devia ir ainda mais longe. Alguns mezes depois, a 11 brumario do anno II (Novembro de 1793), a proposito de Laval que abrija as portas aos vendéanos fugitivos, decretou que toda a cidade que dêsse asylo aos rebeldes seria demolida e destruida.

Pela sua parte os principes da Europa, no manifesto do duque de Brunswich, inspirado pelos emigrados e redigido pelo marquez de Linnon, intendente do duque de Orléans, haviam declarado que todo o francez apanhado com as armas na mão seria fuzilado, e que, si cahisse um cabello da cabeça do rei, Pariz seria arrasado.

Selvatiqueza contra barbaria.

FIM DA SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE
NA VENDÉA

LIVRO PRIMEIRO

A VENDÉA

I

AS FLORESTAS

Havia então na Bretanha sete florestas horriveis. A Vendéa é a rebellião-padre. Essa rebellião teve por auxiliar a floresta. As trevas mutuamente se auxiliam.

As sete florestas Negras da Bretanha eram a floresta de Fougères que fecha a passagem entre Dol e Avranches ; a floresta de Princé que tem oito leguas de circuito ; a floresta de Paimpont, cheia de ribanceiras e de regatos, quasi inaccessible do lado de Baignon, com retirada facil para Concornet que era burgo realista ; a floresta de Rennes donde ouvia-se tocar o rebato nas parochias republicanas, sempre numerosas proximo ás cidades ; foi ahi que Puyssaye perdeu Focard ; a floresta de Machecoul que tinha Charette por besta féra ; a floresta de la Garnache que era dos la Trémoilles, dos Gouvains e dos Rohans ; a floresta de Brocéliande que era das fadas.

Um fidalgo na Bretanha tinha o titulo de *senhor das Sete Florestas*. Era o visconde de Fontenay, principe bretão.

Pois o príncipe bretão existia, distincto do príncipe francez. Os Rohans eram príncipes bretões. Garnier de Saints, no seu parecer apresentado á Convenção a 15 nivôse do anno II, qualifica assim o príncipe de Talmont: «Esse Capeto dos salteadores, soberano do Maine e da Normandia.»

A historia das florestas bretãs, de 1792 a 1800, podia ser escripta á parte, e reunir-se-hia á vasta aventura da Vendéa como uma lenda.

A historia tem a sua verdade, a lenda tem a sua. A verdade lendaria é de natureza diversa da verdade historica. A verdade lendaria é a invenção dando como resultado a realidade. Quanto ao mais a historia e a lenda têm os mesmos intuitos, pintar no homem ephemero o homem eterno.

A Vendéa não pôde ser completamente explicada sem que a lenda complete a historia; precisa-se da historia para o conjunto e da lenda para os pormenores.

Digamos que a Vendéa vale a pena. A Vendéa é um prodigio.

Essa guerra dos Ignorantes, tão estúpida e tão esplendida, abominavel e magnifica, desolou e ensobebbeu a França. A Vendéa é uma chaga que é uma gloria.

Em certas occasiões a sociedade humana tem seus enigmas, que para os sabios resolvem-se em luz e para os ignorantes em escuridão, em violencia e em barbaria. O philosopho hesita em accusar. Leva em conta a perturbação que produzem os problemas. Os problemas não passam sem deitarem para baixo de si sombra como as nuvens.

Si quizerem comprehender o que foi a Vendéa, imaginem este antagonismo: de uma parte a revolução franceza, da outra o camponez bretão. Em face desses

acontecimentos incomparaveis, ameaça immensa de todos os beneficios a um tempo, accesso de colera da civilisação, excesso do progresso furioso, melhoramento desmedido e inintelligivel, colloquem esse selvagem grave e singular, esse homem de olhos claros e cabellos compridos, vivendo de leite e de castanhas, limitado ao seu tecto de colmo; á sua sêbe e ao seu fosso, distinguindo cada aldeia da visinhança pelo som do sino, servindo-se apenas da agua para beber, tendo ás costas uma roupa de couro com arabescos de sêda, inculto e bordado, pintando as vestes como os seus antepassados os celtas haviam pintado os rostos, respeitando o senhor no algoz, fallando uma lingua morta, o que é dar um tumulto por morada ao pensamento, aguilhoando os seus bois, afiando a sua fouce, limpando o seu trigo negro. amassando a sua brôa de trigo mourisco, venerando a charrua primeiro, a avó depois, acreditando na Virgem santa e na Dama branca, devoto do altar e tambem da alta pedra mysteriosa em pé no meio da charneca, lavrador na planicie, pescador na costa, ladrão de caça nas matas, amando os seus réis, os seus senhores, os seus padres, os seus piolhos; pensativo, immovel muitas vezes horas inteiras na extensa praia deserta, sombrio escutador do mar.

E pergunte cada qual a si proprio si semelhante cégo podia acceitar semelhante claridade.

II

OS HOMENS

O camponez tem dous pontos de apoio; o campo que o alimenta, o bosque que o occulta.

O que eram as florestas bretãs, imaginar-se-hia com difficuldade; eram cidades. Nada mais surdo, mais

mudo e mais alpestre que esses inextricaveis labyrinthos de rediças e galhos; essas vastas brenhas eram covis de immobildade e de silencio; não havia solidão de apparencia mais morta e mais sepulchral; si fosse possível, de subito e de um só golpe semelhante ao do raio cortar as arvores, ver-se-hia de improviso no meio dessa sombra um formigar de homens.

Poços redondos e estreitos, tapados por fóra com cobertas de pedra e de ramos, verticaes, depois horizontaes, alargando-se debaixo da terra como um funil, e terminando em compartimentos tenebrosos, eis o que Cambyses encontrou no Egypto e o que Wéstermann encontrou na Bretanha; lá era no deserto, aqui era na floresta; nos subterraneos do Egypto havia finados, nos subterraneos da Bretanha havia vivos. Uma das mais selvaticas clareiras do bosque de Misdon, toda perfurada por galerias e cellulas onde andava de uma para outra parte um povo mysterioso, chamava-se «a Grande cidade.» Outra clareira, não menos deserta por cima e não menos habitada por baixo, chama-se «a Praça real.»

Semelhante vida subterranea era immemorial na Bretanha. Em todos os tempos o homem fugira ahi deante do homem. Dahi as covas de reptis abertas sob as arvores. Datava isso dos druidas, e algumas dessas cryptas eram tão antigas como os dolmens. As larvas da lenda e os monstros da historia, tudo havia passado sobre essa sombria região, Teutates, Cesar, Hoël, Neomenes, Godofredo de Inglaterra, Alano-guante-de-ferro, Pedro Mauclerc, a casa franceza de Blois, a casa ingleza de Montfort, os reis e os duques, os nove barões da Bretanha, os juizes dos Grandes-Dias, os condes de Nantes querelando os condes de Rennes. os matreiros, os ladrões, as grandes companhias, Renato II, visconde de Rohan, os vices-reis, o «bom duque de Chaulnes» enforcando nas arvores os camponezes debaixo das janellas

da Sra. de Sévigné, no decimo quinto seculo as carnificinas feudaes, no decimo sexto e no decimo setimo seculo as guerras de religião, no decimo oitavo seculo os trinta mil cães adestrados para a caçada de homens; sob esse tripudiar espantoso o povo tomára a resolução de desaparecer. Successivamente os troglodytas para escaparem aos celtas, os celtas para escaparem aos romanos, os bretões para escaparem aos normandos, os hugonotes para escaparem aos catholicos, os contrabandistas para escaparem aos guardas do fisco, haviam se refugiado primeiro nas florestas, depois embaixo da terra. Recurso de irrationaes. É a isso que a tyrannia reduz as nações. Havia dous mil annos que o despotismo sob todas as suas fórmas, a conquista, o feudalismo, o fanatismo, o fisco, acoçava a misera Bretanha espavorida; montaria inexoravel que apenas cessava sob uma fórma para recommençar sob outra. Os homens sotterravam-se.

O panico, que é como uma colera, estava senhordas animos, e os covis estavam promptos nos bosques, quando a republica franceza irrompeu. A Bretanha insurgiu-se, vendo-se opprimida por essa libertação obri-gatoria. Erro habitual nos escravos.

III

CONVIVENCIA DOS HOMENS E DAS FLORESTAS

As tragicas florestas bretãs reassumiram o seu antigo papel, e foram servas e cúmplices dessa rebelião, como o tinham sido de todas as mais.

O sub-solo de tal floresta era como uma madrepora furada e atravessada em todas as direcções por uma sequencia desconhecida de solapas, de cellulas e de galerias. Cada uma dessas cellulas reconditas abrigava cinco ou seis homens. A difficuldade estava em respirarem ahi.

Temos certos algarismos singulares que dão a conhecer essa poderosa organização da vasta rebellião camponeza. Em Ille-et-Villaine, na floresta de Pertre, asylo do principe de Talmont, não se ouvia uma respiração, não se encontrava vestigio humano, e havia seis mil homens com Focard; no Morbian, na floresta de Meulac, não se via pessoa alguma, e havia oito mil homens. Estas duas florestas, Petre e Meulac, não são no entanto contadas entre as grandes florestas bretãs. Passar por sobre esses sitios, era horrivel. Essas matas hypocritas, pejudas de combatentes escondidos em um como labyrintho subjacente, eram como enormes esponjas desconhecidas, onde, sob a pressão do pé giganteo, a revolução, brotava a guerra civil.

Batalhões invisiveis estavam á espreita. Esses exercitos ignorados serpeavam debaixo dos exercitos republicanos, surgiam de improviso do chão e tornavam a esconder-se, pullulavam e esvaeciam-se, dotados de ubiquidade e de dispersão, avalange, depois poeira, colossos com o dom de minguarem, gigantes para combaterem, anãos para desaparecerem. Jaguares com costumes de toupeiras.

Não havia só as florestas, havia os bosques. Da mesma arte que abaixo das cidades ha as aldeias, abaixo das florestas havia os matos. As florestas ligavam-se entre si pelo dedalo, por toda parte espalhado, dos bosques. Os antigos castellos que eram fortalezas, as aldeias que eram acampamentos, as granjas que eram reductos de traições e ciladas, as herdades, cortadas de fossos e entrincheiradas com arvores, eram as malhas da rede em que cahiram os exercitos republicanos.

A esse conjunto chamava-se a Selva.

Havia o bosque de Mison, no centro do qual abria-se um oantano, e que estava com João Chouan; havia o bosque de Gennes que estava com Taillefer; havia o bosque

de la Huisserie que estava com Gouge-o-Verdelhão; o bosque de la Charnie que estava com Courtillé-o-Bastardo, chamado Apostolo S. Paulo, chefe do campo da Vache Noire; o bosque de Burgault que estava com o inigmatico Sr. Jacques, destinado a um fim mysterioso no subterraneo de Juardeil; havia o bosque de Charreau onde Pimousse e Petit-Prince, atacados pela guarnição de Châteauneuf, iam apanhar á mão, nas fileiras republicanas, granadeiros que levavam prisioneiros; o bosque de la Heurenserie, testemunha da derrota da posição de Longue-Faye; o bosque de l'Aulne donde vigiavam a estrada entre Rennes e Laval; o bosque de la Gravelle que um principe de La Trémoille ganhára a jogar o bola; o bosque de Lorges, no Côtes-du-Nord, onde Carlos de Boishardy reinou depois de Bernardo de Villeneuve; o bosque de Bagnard, perto de Fontenay, onde Lescure offereceu combate a Chalbos, que, sendo um contra cinco, aceitou-o; o bosque de la Durondais que outr'ora disputaram Alano-o-Reemplumado e Hérispoux filhos de Carlos o Calvo; o bosque de Croqueloup, á beira da charneca onde Coquereau tosquiava os prisioneiros; o bosque de la Croix-Bataille que presenciou os insultos homericos de Perna-de-Prata a Morière e de Morière a Perna-de-Prata; o bosque de la Saudraie que vimos explorado por um batalhão de Pariz. Ainda outros muitos.

Em muitas dessas florestas e destes bosques não havia só aldeamentos, mais subterraneos grupados em volta do covil do chefe; mas havia ainda verdadeiras aldeias de cabanas baixas escondidas sob as arvores, e tão numerosas que a floresta estava dellas cheia. Por vezes a fumaça as denunciava. Duas dessas aldeias do bosque de Misdon ficaram celebres, Lorrière, perto do pantano, e de do lado de Saint-Ouen-les-Toits o grupo de cabanas chamado a Rue-de-Bau.

As mulheres viviam nas cabanas e os homens na

cryptas. Utilisavam para essa guerra as gallerias das fadas e as velhas solapas celticas, Levavam comida aos homens escondidos. Houve alguns que, esquecidos, morreram á fome. Foram, de mais a mais, uns desasados que não souberam tornar a abrir os poços. Commumente a tapagem, feita de musgo e de ramos, era tão artisticamente feita, que, sendo impossivel descobri-la da parte de fóra no meio do mato, era muito facil de abrir e fechar pela parle de dentro. Esses antros eram cavados com cuidado. Atiravam algum pantano visinho a terra que tiravam do poço. A parede interna e o solo eram tapeçados de feto e de musgo. Chamavam a esse reducto «a choça.» Estava-se ahi bem, a não ser que se estava sem claridade, sem fogo, sem pão e sem ar.

Subir a gente sem precaução para o meio dos vivos e desenterrar-se inopportunamente, era grave. Podia-se sardir entre as pernas de um exercito em marcha. Bosques temiveis; laços duplamente perigosos. Os azues não ousavam entrar, os brancos não ousavam sair.

 IV

A VIDA DELLES DEBAIXO DA TERRA

Os nomens nesses covis de féras ficavam aborrecidos. A noite, ás vezes, correndo todo o perigo, saham e iam dansar na charneca visinha. Ou então resavam para magarem o tempo. *O dia inteiro*, diz Bourdoiseau, *João Chouan fazia-nos rezar o nosso rosario.*

Era quasi impossivel, quando chegava a occasião, impedir que os do Baixo-Maine sahissem para ir á Festa da Ceifa. Alguns tinham idéas originaes. Diniz, cognominado Racha-Montanha, disfarçava-se em mulher para ir ao theatro em Laval; depois voltava á tóca.

De subito sahiam para fazerem-se matar, deixando a masmorra pelo sepulchro.

A's vezes erguiam a coberta da cóva, e escutavam si se estavam batendo ao longe; acompanhavam com o ouvido o combate. O fogo dos republicanos era regular, o fogo dos realistas era disseminado; isto servia-lhes de guia. Si os fogos de pelotão cessavam subitamente, era signal de que os realistas estavam de máu partido; si os fogos destacados continuavam e perdiam-se no horizonte, era signal de que levavam a melhor. Os brancos perseguiram sempre; os azues nunca, por isso que tinham a terra contra si.

Esses belligerantes subterraneos andavam admiravelmente informados. Nada mais rapido que as suas communicações, nada mais mysterioso. Tinham cortado todas as pontes, tinham desmontado todas as carretas, e achavam meio de tudo dizer uns aos outros e de advertirem-se de tudo. Mudam de portadores achavam-se collocadas de floresta para floresta, de aldeia para aldeia, de herdade para herdade, de cabana para cabana, de mouta para mouta.

Havia camponez que tinha cara atoleimada e que no entanto levava officios no cacete, que era ôco.

Um antigo constituinte, Boétidoux, fornecia-lhes, para irem e virem de um extremo a outro da Bretanha, passaportes republicanos do novo modelo, com os nomes em branco, de que o traidor tinha maços. Era impossivel sorprendêl-os. *Segredos confiados*, diz Puyssaye (1), *a mais de quatrocentos mil individuos foram religiosamente guardados.*

Dir-se-hia que o quadrilatero fechado ao sul pela linha de Sables a Thouars, a léste pela linha de Thouars

(1) Tomo II, p. 35.

a Saumur e pelo rio de Thoué, ao norte pelo Loire e a oeste pelo Oceano, tinha o mesmo aparelho nervoso, e que um ponto desse solo não podia estremecer sem que todo elle se commovesse. Em um relance de olhos estavam informados de Noirmoutier a Luçon e o campo de La Loué sabia o que fazia o campo de la Croix-Morineau. Dir-se-hia que os passaros intervinham. Hoche escrevia, a 7 messidor do anno III: *Parece que têm telegraphos.*

Formavam clans, como na Escossia. Cada parochia tinha o seu capitão. Essa guerra, fêl-a meu pae, e posso fallar della.

V

A VIDA DELLES NA GUERRA

Muitos tinham apenas lanças. As boas carabinas de caça abundavam. Não havia mais dextros atiradores que os ladrões de caça da Selva e os contrabandistas do Loroux. Eram combatentes singulares, medonhos e intrepidos. O decreto da leva de trescentos mil homens fizera tocar o rebate em seiscentas aldeias. O crepitar do incendio estalou a um tempo por toda a parte. O Poitou e o Anjou fizeram explosão no mesmo dia. Cumpre dizer que o primeiro bramido ouvira-se já em 1792, a 8 de Junho, um mez antes do 10 de Agosto, na charneca de Kerbader. Alano Redeler, hoje desconhecido, foi o procurador de La Rochejacquelein e de João Chouan. Os realistas obrigavam, sob pena de morte, todos os homens validos a marcharem. Faziam requisição de animaes, carretas e viveres. Immediatamente Sapinaud teve tres mil soldados, Cathelineau dez mil, Stofffet vinte mil, e Charette ficou senhor de Noirmoutier. O visconde de Scépeaux rebellou o Alto-Anjou, o

cavalheiro de Dienzie o Entre-Vilaine-et-Loire, Tristão-o-Eremita o Baixo-Maine, o barbeiro Gastão a cidade de Gueménée, e o abbade Bernier o resto. Para sublevar essas multidões pouco era preciso. Mettia-se no tabernaculo de um cura juramentado, de um *padre jurador*, como elles diziam, um gordo gato preto que saltava fóra de improviso durante a missa. — *E' o diabo!* gritavam os camponezes, e todo um cantão insurgia-se. Um halito de fogo sahia dos confissionarios. Para assaltarem os azues e transporem as barrancas, tinham os compridos páus de quinze pés de comprimento, a vara, arma de combate e de fuga. No mais travado das pelepas, quando os camponezes atacavam os quadrados republicanos, si deparavam no campo de combate uma cruz ou uma capella, cahiam todos de joelhos e recitavam a sua oração debaixo de metralha; terminado o rosario, os que restavam tornavam a erguer-se e atiravam-se sobre o inimigo. Ai, que gigantes! Carregavam as espingardas correndo; nisso consistia o seu talento. Faziam-nos acreditar no que queriam; os padres mostravam-lhes outros padres, cujos pescoços tornavam vermelhos com um cordão apertado e diziam-lhes: *São guilhotinados que resuscitaram*. Tinham seus rasgos cavalheirosos; honraram a Fesque, porta-estandarte republicano que se deixára cortar à espada sem largar a bandeira. Esses camponezes motejavam; chamavam os padres casados republicanos: *sans-calottes* (sem solidéus) *transformados em sans-culottes* (sem calças)¹. A principio tinham medo dos canhões; depois atiravam-se-lhes em cima armados de cacetes, e tomavam-nos. Tomaram primeiro um excellente canhão de bronze que denominaram o *Missionario*; depois outro do tempo das guerras catholicas e que tinha gravadas as armas de

(1) Denominação dada aos republicanos.

Richelieu e uma effigie da Virgem ; chamaram-o *Maria Joanna*. Quando perderam Fontenay perderam Maria Joanna, em torno da qual cahiram sem arredar um passo seiscentos camponezes ; depois tornaram a tomar Fontenay perderam Maria Joanna, em torno da qual cahiram sem arredar um passo seiscentos camponezes ; depois tornaram a tomar Fontenay afim de tornarem a tomar Maria Joanna, e conduziram-na de novo para baixo do estandarte das flôres de liz, cobrindo-a de grinaldas e dando-a a beijar ás mulheres que encontravam. Mas dous canhões eram bem pouco. Stofflet tomára Maria Joanna : Cathelineau, com inveja, sahiu de Pin-en-Mange, assaltou Jallais, e tomou terceiro canhão ; Forest atacou Saint-Florent e tomou quarto. Outros dous capitães, Chouppes e Saint-Pol, fizeram melhor ; simularam canhões com troncos de arvore cortados, e artilheiros com manequins, e com esta artilheria, da qual riam-se a bandeiras despregadas, fizeram recuar os azues em Mareuil. Essa foi a sua melhor época. Mais tarde, quando Chalbos destroçou La Marsonnière, os camponezes deixaram apoz si no campo de batalha deshonrado trinta e dous canhões com as armas de Inglaterra. A Inglaterra pagava então aos principes francezes, e mandavam-se «fundos á sua excellencia, escrevia Nantiat a 10 de Maio de 1794, porque disseram a M. Pitt que isso era decoroso.» Mellinet, em um parecer de 31 de Março, diz : «O grito dos rebeldes é *vivam os inglezes !* » Os camponezos demoravam-se no saqueio. Esses beatos eram ladrões. Os selvagens têm vicios. É por ahi que os segura mais tarde a civilisação. Puysaye diz no tomo II, pagina 187 : «Livrei muitas vezes o burgo de Plélan de ser saqueado.» E mais adeante, na pagina 434, declara não ter querido entrar em Montfort : «dei uma volta para evitar o saqueio das casas dos jacobinos.» Roubaram Cholet ; saquearam Challans. Depois

de terem deixado escapar Granville, assolaram Ville-Dieu. Chamavam *massa jacobina* aos camponeses que uniam-se aos azues, e a esses exterminavam mais que aos outros. Gostavam da carnificina com soldados, e do morticínio como salteadores. Fuzilar os «basbaques», isto é, os burguezes, aprazia-lhes; chamavam a isso «quebrar o jejum». Em Montenay, um dos sacerdotes delles, o cura Barbotin, derribou um velho com um golpe de sabre. Em Saint-Germain-sur-Ille (1) um dos seus capitães, fidalgo, matou com um tiro de espingarda o procurador da communa e tirou-lhe o relógio. Em Macheoul levavam os republicanos ao talho, a trinta por dia; durou isso cinco semanas; a cada cadeia de trinta chamavam «um rosario». Encostavam a cadeia a uma valla e fuzilavam-nos; os fuzilados cahiam na valla ás vezes ainda vivos; enterravam-nos assim mesmo. Tornamos a ver a mesma pratica. Joubert, presidente do districto, teve os punhos cerrados. Punham nos prisioneiros azues algemas cortantes, forjadas expressamente. Espancavam-nos nas praças publicas ao som de um toque de caça. Clarette, que assignava-se: *Fraternidade*; o cavalheiro *Clarette*; e que trazia á cabeça, como Marat, um lenço atado por cima das sobranceiras, queimou a cidade de Pornic e os habitantes dentro das casas. A esse tempo Carrier era formidavel. O terror replicava ao terror. O insurgente bretão tinha quasi o aspecto do insurgente grego, vestia curta, espingarda lá bandoleira, botas; largas bragas semelhantes á fustanella; o camponez parecia-se com a klephta. Henrique de La Rochejacquelein, aos vinte e um annos, partia para essa guerra com um varapáu e um par de pistolas. O exercito vendeano contava cento e cincoenta e quatro divisões. Punham assedios em regra; tiveram tres dias

(1) Puysage, tomo II, pag. 35.

Bressuire bloqueada. Dez mil camponezes, em uma sexta-feira santa, bombardearam a cidade de Sables com balas ardentes. Succedeu-lhes destruirem em um só dia quatorze aquartelamentos republicanos, de Montigné a Courbeveilles. Em Thuars, em cima da grande muralha, ouvia-se este dialogo magnifico entre La Rochejacquelein e um camponez:—Carlos!—Cá estou.—Chega os hombros que eu quero trepar por elles.—Trepe.—Dá-me a tua espingarda.—Tome.—E La Rochefacquelein saltou dentro da cidade, e tomaram sem escadas essas torres a que Duguesclin puzera assedio. Preferiam um cartucho a um luiz de ouro. Choravam quando perdiam de vista o campanario. Fugir, affigurava-se-lhe cousa simples; então os chefes gritaval:—*Larguem as tamancas, conservem as espingardas!* Quando faltavam munições, resavam o seu rosario e iam buscar polvora nos caixões da artilharia republicana; mais tarde d'Elbée pediu-a aos inglezes. Quando o inimigo approximava-se, si tinham feridos, escondiam-nos no meio do trigo crescido ou dos fetos virgens, e, terminada a acção, voltavam a tomal-os. Não tinham uniformes. As roupas estragavam-se. Camponezes e fidalgos vestiam-se com os primeiros andrajos que encontravam. Roger Mouliniers andava com um turbante e um dolman apanhados no guarda-roupa do theatro de la Flèche; o cavalheiro de Beauvilliers tinha uma roupa de procurador e um chapéu de mulher por cima de um barrete de lã. Andavam todos com a chapa e a cinta branca; os postos differencavam-se pelos laços. Stofflet tinha um laço vermelho; La Rochejacquelein tinha um laço negro; Wimpfen, meio girondino, que aliás não sahio da Normandia, andava com o braçal dos carabineiros de Caen. Tinham mulheres nas fileiras, a Sra. de La Rochejacquelein; Thereza de Mollien, amante de La Rouarie, a qual queimou a lista dos chefes de parochia; a Sra. de La

Rochefoucauld, formosa, moça, de sabre em punho, reunindo os camponeses junto da grande torre do castello de Puy-Rousseau, e essa Antonieta Adams, cognominada cavalleiro Adams, tão valente que, aprisionada, fuzilaram-na, mas de pé, em signal de respeito. Esse tempo épico era cruel. Andavam enfurecidos. A Sra. de Lescure mettia de proposito o cavallo por cima dos republicanos que jaziam fóra de combate; *mortos*, diz ella; feridos talvez. Os homens trahiram algumas vezes, as mulheres nunca. Mademoiselle Fleury, do Theatro Francez, passou de La Rouarie para Marat, mas por amor. Os capitães eram muitas vezes tão ignorantes como os soldados; o Sr. de Sapinaud não sabia orthographia; escrevia: *tiriamos ao noço lado.* Os chefes odiavam-se uns aos outros; os capitães do Marais bradavam: *Abaixo os la de cima!* A sua cavallaria era pouco numerosa e difficil de fórmar. Puysaye escreve: *Ha individuo que me dà de boa mente ambos os filhos e que torna-se frio se lhe peço um dos cavallos.* Varas, forcados, fources, espingardas velhas e novas, facas de caça, espetos, cacetes ferrados e pregados, eram as suas armas; alguns traziam bordada em aspa uma cruz formada com dous ossos de defunto. Atacavam em grita, surgiam subitamente de toda a parte, das collinas, das moutas, dos caminhos cavados, espalhavam-se, isto é, formavam uma meia lua, matavam, exterminavam, fulminavam, e desapareciam. Quando atravessavam algum burgo republicano, cortavam a Arvore da liberdade, queimavam-na e dansavam em derredor do fogo. Todo o seu procedimento era nocturno. Regra do vendéano: apparecer sempre inesperadamente. Andavam quinze leguas em silencio, sem curvarem uma herva na passagem. Apenas cahia a noite, depois de assentado entre os chefes e em conselho de guerra o sitio em que no dia seguinte de manhã deviam surprehender os destaca-

mentos republicanos, carregavam as espingardas, engoloravam a sua oração, tiravam as tamancas e esgueiravam-se em compridas columnas, por meio dos bosques, com os pés descalços por cima das urzes e do musgo, sem um rumor, sem uma palavra, sem um sopro. Andar de gatos nas trevas,

VI

A ALMA DA TERRA PASSA PARA O HOMEM

A Vendéa insurgida não pôde ser avaliada em menos de quinhentos mil homens, mulheres e creanças. Meio milhão de combatentes é o algarismo que dá Tuffin de La Rouarie.

Os federalistas auxiliavam-nos; a Vendéa teve como cúmplice a Gironda. A Lozère mandava á Selva trinta mil homens. Oito departamentos colligavam-se, cinco na Bretanha, tres na Normandia. Évreux, que fraternisava com Caen, fazia-se representar na rebelião por Chaumont, seu maire, e Gardembas, um dos seus homens mais importantes. Buzot, Gorsas e Barbaroux em Caen, Brissot em Moulins, Chassan em Lyon, Rabaut-Saint-Étienne em Nismes, Meillan e Duchâtel na Bretanha, todas essas boccas sopravam a fornalha.

Houve duas Vendéas; a grande que fazia a guerra das florestas, e a pequena que fazia a guerra das moutas: nisso consiste a differença entre Charette e João Chouan. A pequena Vendéa era ingenua, a grande era corrompida; a pequena era preferivel. Charette foi feito Marquez, logar-tenente general dos exercitos do rei, e grã-cruz de S. Luiz; João Chouan ficou João Chouan. Charette approxima-se do bandido, João Chouan do paladino.

Quanto aos chefes magnanimos, Bomchamps, Lescure, La Rochejacquelein, enganaram-se. O grande exer-

cito catholico foi um esforço insensato; o desastre era inevitavel; póde-se lá imaginar um vendaval componez atacando Pariz, uma coaligão de aldeias sitiando o Pantheon, uma matilha de villancetes e de rezas ladrando em torno da Marselheza. a turba de tamancas atirando sobre a legião de espiritos? O Mans e Savenay puniram essa loucura. Passar o Loire era impossivel á Vendéa. Tudo podia, menos dar essa pernada. A guerra civil não conquista. Passar o Rheno completa Cesar e augmenta Napoleão; passar o Loire mata La Rochejacquelein.

A verdadeira Vendéa, é a Vendéa em sua casa; ahí é mais que invulneravel. é impalpavel. O vendeano em sua casa é contrabandista, lavrador, soldado, pastor, ladrão de caça, franco-atirador, cabreiro, sineiro, componez, espião, assassino, sachristão, animal do mato.

La Rochejacquelein é apenas Achilles, João Chouan é Protheu.

A Vendéa abortou. Outras revoltas têm ido por deante, exemplo a Suissa. Ha esta differença entre o insurgente das montanhas como o suisso e o insurgente da floresta como o vendeano, e vem a ser que, quasi sempre, fatal influencia do logar, um combate por um ideal, e outro por preconceitos. Um paira, o outro roja. Um combate pela humanidade, o outro pela solidão; um quer a liberdade, o outro quer o isolamento; um defende a communa, o outro a parochia. Communas! communes! bradavam os heróes de Morat. Um tem de haver-se com os precipicios, o outro com os tremedaes; um é o homem das torrentes e das espumas, o outro é o homem das poças estagnadas donde sahe a febre; um tem sobre a cabeça o azul do céu, o outro uma brenha; um está sobre um cimo, o outro está em uma sombra.

A educação não é a mesma, dada pelas cumiadas ou pelos terrenos baixos.

A montanha é uma cidadella, a floresta uma embos-

cada; um inspira a audacia, a outra a cilada. A antiguidade collocava os deuses nos altos e os satyros nos matos. O satyro é o selvagem; meio-homem, meio-irracional. As nações livres têm Apenninos, Alpes, Pyrenéus, um Olympo. O Parnaso é um monte. O monte Branco era o colossal auxiliar de Guilherme Tell; no fundo e ácima das immensas luctas dos espiritos contra a noite que enchem os poemas da India, avista-se o Himalaya. A Grecia, a Hespanha, a Italia, a Helvecia, têm como rosto a montanha; a Cimmericia, Germania ou Bretanha, tem o bosque. A floresta é barbara.

A configuração do solo aconselha ao homem muitas acções. É mais cúmplice do que se pensa. Deante de certas paizagens medonhas a gente tem vontade de innocentar o homem e incriminar a criação; percebe-se surda provocação da natureza; o deserto é ás vezes funesto á consciencia pouco esclarecida; a consciencia pôde ser gigante, e faz Socrates e Jesus; pôde ser anã, e faz Atreu e Judas. A consciencia mesquinha torna-se depressa reptil; as mattas crepusculares, os cardos, os espinhos, as lagôas sob as ramagens, são para ella commercio fatal; experimenta-se ahi a mysteriosa infiltração das persuasões más. As illusões de optica, as miragens inexplicaveis, as perturbações da hora e do logar, lançam o homem nesse como pavor, meio religioso, meio-bestial, que origina, em tempos normaes, a superstição, e, nas épocas de violencia a brutalidade. As halucinações seguram no facho que alumia o caminho do assassinato. Ha vertigem do bandido. A prodigiosa natureza tem duplo sentido que deslumbra os espiritos elevados e cega as almas embrutecidas. Quando o homem é ignorante, quando o deserto é cheio de visões, a escuridão do deserto augmenta a escuridão da intelligencia; por isso ha no homem fauces de abysmo. Certas penhas, certas barrocas, certas mattas cerradas,

certas claraboias medonhas da noite atravez das arvores, impellem o homem a acções tresloucadas e atrozes. Poder-se-ia quasi dizer que ha logares scele-rados.

Quanta cousa tragica não viu a sombria collina que demora entre Baignon e Plélan !

Os horisontes vastos guiam a alma para as idéas geraes ; os horizontes circumscriptos cream as idéas parciaes ; o que condemna ás vezes grandes corações a serem espirilos mesquinhos : exemplo João Chouan.

As idéas geraes odiadas pelas idéas parciaes, nisso consiste a propria lucta do progresso.

Terra, Patria, são duas palavras que resumem a guerra inteira da Vandéa ; contenda da idéa local contra a idéa universal ; camponezes contra patriotas.

VII

A VENDÉA ACABOU COM A BRETANHA

A Bretanha é rebelde antiga. Toda a vez que se revoltou durante dous mil annos, teve razão ; a ultima vez, não teve. E entretanto no fundo, contra arevolução tanto como contra a monarchia, eontra os representantes em missão tanto como contra os governadores duques e pares, contra a taboa dos assignados tanto como contra a herdade das gabellas, quaesquer que fossem os individuos que combatessem, Nicoláu Rapin, Francisco de La Noue, o capitão Pluviaut e a dama de La Garnache, ou Stofflet, Coquereau e Lechandelier de Pierreville, sob o Sr. de Rohan contra o rei e sob o Sr. de La Rochejacquelein a favor do rei, era sempre e mesma guerra a que a Bretanha fazia, a guerra do espirito local contra o espirito central.

Essas antigas provincias eram um pantano ; correr repugnava a essa agua estagnada ; o vento que soprava

não as vivificava, irritava. Finisterra era o ponto em que acabava a França, em que terminava o campo concedido ao homem e em que parava a marcha das gerações. Pára! bradava o oceano á terra e o barbaria á civilização. Toda a vez que o centro, Pariz, communica um impulso, parta esse impulso da realza ou da republica, seja no sentido do despotismo ou no sentido da liberdade, é uma novidade, e a Bretanha eriça-se. Deixem nos tranquillos. O que nos querem? O Pantano toma o seu forcado, a Selva toma a sua carabina. Todas as nossas tentativas, a nossa iniciativa na legislação e na educação, as nossas encyclopedias, as nossas philosophias, os nossos genios, as nossas glorias, vão quebrar-se deante de Houroux; o toque de rebate de Bazouges ameaça a revolução franceza, a charneca de Faou insurge-se contra as nossas tempestuosas praças publicas, e o sino de Haut-des-Près declara guerra á Torre do Louvre.

Surdez terrivel.

A insurreição vendéana é um erro lugubre.

Refrega colossal, disputa de titans, rebellião desmedida, destinada a deixar apenas na historia uma palavra, a Vendéa, palavra illustre e negra; suicidando-se por ausentes, devotada ao egoismo, gastando o tempo a dedicar á cobardia uma coragem immensa; sem cálculo, sem estrategia, sem tactica, sem plano, sem alvo, sem chefe, sem responsabilidade; mostrando até que ponto a vontade póde ser impotencia; cavalheirosa e barbara; absurdo em furia, construindo contra a luz um parapeito de trevas; ignorancia oppondo á verdade, á justiça, ao direito, á razão, á emancipação, uma longa resistencia estúpida e orgulhosa; panico de oito annos, destruição de quatorze departamentos, devastação dos campos, anniquilamento das searas, incendio das aldeias, ruina das cidades, saqueio das casas, matança de mulheres e

de creanças, fachos nos colmos, espada nos corações, phantasma da civilisação, esperança de M. Pitt; tal foi essa guerra, ensaio inconsciente de parricidio.

Em summa, demonstrando o necessidade de traspasar em todos os sentidos a velha sombra bretã e de atravessar essa matta fechada com todas as flechas da luz, a um tempo, a Vandéa prestou serviço ao progresso. As catastrophes têm sombrio modo de accommodar as cousas.

LIVRO SEGUNDO
AS TRES CREAÇAS

I

PLUS QUAM CIVILIA BELLA

O verão de 1792 fôra muito chuvoso; o verão de 1793 foi muito quente. Em consequencia da guerra civil, já não havia por assim dizer estradas na Bretanha. Viajava-se por toda a parte, graças á belleza da estação. A melhor estrada é a terra enxuta.

Pelo fim de um sereno dia de Julho, cerca de uma hora depois do pôr do sol, um cavalleiro, que vinha das bandas de Avranches, parou deante da pequena estalagem chamada da Croix Branchard, que ficava á entrada de Pontorson e cuja taboleta tinha a seguinte inscripção que ahi se lia ainda ha alguns annos: *Boa cidra para mudar de vaso*. Fizera calor o dia inteiro, mas o vento começava a soprar.

O viajante estava envolto em amplo manto que cobria-lhe as ancas do cavallo. Trazia grande chapéu com tope tricolor, o que não deixava de ser ousadia nessa terra de cercas e tiros de espingarda, onde um tope era um alvo. O manto atado ao pescoço affastava-se para deixar livres os braços e podia ver-se-lhe por baixo de uma banda tricolor e duas coronhas de pistolas sahindo da banda. Uma espada pendente excedia a fimbria do manto.

Ao ruido do cavallo que parava, abriu-se a porta da estalagem, e o estalajadeiro appareceu com uma lanterna na mão. Era a hora intermediaria; ainda era dia na estrada e já era noite em casa.

O estalajadeiro olhou para o tope.

— Cidadão, disse, pára aqui?

— Não.

— Então para onde vae?

— Para Dol.

— Nesse caso, volte para Avranches ou fique em Pontorson.

— Porque?

— Porque batem-se em Dol.

— Ah! disse o cavalleiro.

E continuou:

— Dé aveia ao cavallo.

O estalajadeiro trouxe a gamella, despejou nella um sacco de aveia, e tirou o freio ao cavallo que se poz a bufar e a comer.

O dialogo continuou.

— Cidadão, este é cavallo de requisição?

— Não.

— É seu?

— É. Comprei-o e paguei-o.

— Donde vem o senhor?

— De Pariz.

— Não directamente?

— Não.

— Logo vi, as estradas estão cortadas. Mas o correio ainda anda.

— Até Alençon. Deixei o correio ahi.

— Ah! dentro em breve não haverá mais correios em França. Já não ha cavallos. Um cavallo de trezentos francos custa seiscentos francos, e as forragens estão por um despropósito. Fui alugador de cavallos e

hoje sou taberneiro. De mil tresentos e trespes collegas meus que havia, duzentos pediram demissão. Cidadão, viajou pela nova tarifa?

— De 1º de Maio. Viajei.

— Vinte soldos por posta dentro do carro, doze em cima, cinco soldos na almofada. Foi em Alençon que comprou este cavallo?

— Foi.

— Viajou hoje todo o dia?

— Desde o amanhecer.

— E hontem?

— E antehontem.

— Bem estou vendo. Veio por Domfront e Mortain.

— E Avranches.

— Olhe, descance, cidadão, o senhor deve estar fatigado, não? o cavallo está.

— Os cavallos têm direito de cansarem, os homens não.

O olhar do estalajadeiro fitou-se de novo no viajante. Tinha um semblante grave, calmo e severo, emmoldurado com cabellos grisalhos.

O estalajadeiro deitou um olhar para a estrada que estava deserta até onde a avistava, e disse:

— E viaja assim sósinho?

— Trago uma escolta.

— Que é della?

— Esta espada e estas pistolas.

O estalajadeiro foi buscar um balde d'agua e deu-o a beber ao cavallo, e, enquanto o cavallo bebia, o estalajadeiro examinava o viajante, e dizia consigo mesmo: — Não quer dizer nada, tem-me ares de padre.

O cavalleiro continuou:

— O senhor diz que se batem em Dol?

— Digo. Neste momento devem estar começando.

— Quem é que se bate?

— Um ex contra outro ex.

— O que está dizendo?

— Digo que um nobre que é pela republica bate-se contra outro nobre que é pelo rei.

— Mas já não ha rei.

— Ha o pequeno. E o mais curioso é que estes dous nobres são parentes.

O cavalleiro escutava attentamente. O estalajadeiro proseguiu :

— Um é moço, o outro é velho ; é o sobrinho-neto quem se bate contra o tio-avô. O tio é realista, o sobrinho é patriota. O tio commanda os brancos, o sobrinho commanda os azues. Ah ! fique certo de que não darão quartel um ao outro. É uma guerra de morte.

— De morte?

— É verdade, cidadão. Olhe, quer ver a polidez com que se tratam? Aqui está um cartaz que o velho acha meio de mandar pregar por toda a parte, em todas as casas e em todas as arvores, e que mandou grudar até na minha porta.

O estalajadeiro approximou a lanterna de um papel quadrado, pregado em um dos batentes da porta, e, como o cartaz estava escripto em letras grandes, o cavalleiro, a cavallo, pôde ler :

« O marquez de Lantenac tem a honra de avisar o seu sobrinho-neto, o Sr. visconde Gauvain, de que, si o Sr. marquez tiver a dita de apoderar-se da sua pessoa, mandará de muito boamente arcabusar o Sr. visconde. »

— E, proseguiu o estalajadeiro, aqui está a resposta.

Voltou-se e alumiou com a lanterna outro cartaz collocado defronte do primeiro no outro batente da porta. O viajante leu :

« Gauvain previne a Lantenac de que, si o apanha, manda-o fuzilar. »

— Hontem, disse o estalajadeiro, foi pregado o primeiro cartaz na minha porta, e esta manhã o segundo. A resposta não se fez esperar.

O viajante, á meia voz, e como fallando á si proprio, pronunciou estas palavras que o estalajadeiro ouviu sem comprehender bem :

— É verdade, é mais do que a guerra na patria, é a guerra na familia. Assim é preciso, e está direito. Os grandes rejuvenescimentos dos povos fazem-se por este preço.

E o viajante, levando a mão ao chapéu, com os olhos fictos no segundo cartaz, saudou-o.

O estalajadeiro continuou :

— Quer saber, cidadão? o negocio é este. Nas cidades e nos burgos populosos somos pela revolução, no campo são contra ella; é o mesmo que dizer que nas cidades somos francezes e nas aldeias são bretões. É uma guerra de burguezes com camponezes. Chamam-nos boçaes, nós chamamo-los brutos. Os nobres e os padres estão com elles.

— Nem todos, atalhou o cavalleiro.

— Sem duvida, cidadão, pois temos aqui um visconde contra um marquez.

E accrescentou para si.

— E creio que estou fallando com um padre.

O cavalleiro continuou :

— E qual delles leva a melhor ?

— Até agora o visconde. Mas tem tido o trabalho. O velho é rijo. São ambos da familia Gauvain, nobres cá da terra. É uma familia com dous ramos; ha o ramo mais velho cujo chefe se chama marquez de Lantenac, e o ramo mais novo cujo chefe se chama vinconde Gauvain. Hoje os dous rames combatem. Não se vê isto

nas arvores, mas vê se nos homens. Este marquez de Lantenac é omnipotente na Bretanha; para os camponezes é príncipe. No dia em que desembarcou teve immediatamente oito mil homens; em uma semana trezentas parochias se sublevaram. Si houvesse podido tomar um ponto da costa, os inglezes desembarcariam. Filizmente ahí estava Gouvain; o sobrinho-neto, aventura extravagante. É commandante republicano, e repelliu o tio-avô. E depois quiz a felicidade que esse Lantenac, chegando e mandando matar uma boa porção de prisioneiros, ordenasse que fuzilassem duas mulheres, uma das quaes tinha tres filhos que haviam sido adoptados por um batalhão de Pariz. Então isso transformou o batalhão em um batalhão terrivel. Chama-se o batalhão do Barrete Vermelho. Já não restam muitos desses parizienses, mas são bayonetas temiveis. Foram incorporados á columna do commandante Gouvain. Nada lhes resiste. Querem vingar as mulheres e rehaver as creanças. Não se sabe o que o velho fez dos pequenos. É o que enfurece aos granadeiros de Pariz. Imagine que essas creanças não entram nisso, e esta guerra não seria o que é. O visconde é um excellente e esforçado moço. Mas o velho é um terrivel marquez. Os camponezes chamam a isto a guerra de S. Miguel contra Belzebuth. O senhor talvez saiba que S. Miguel é um anjo cá da terra. Tem uma montanha sua no meio do mar na bahia. Dizem que elle fez cahir o demonio e que o enterrou debaixo de outra montanha que fica perto daqui e que se chama Tombelaine.

— Sim, murmurou o cavalleiro, Tumba Beleni, o tumulo de Belenus, de Belus, de Bel, de Belial, de Belzebuth.

— Vejo que o senhor está bem informado.

E o estalajadeiro disse consigo:

— Decididamente, sabe latim, é padre.

Depois continuou :

— Pois bem, cidadão, para os camponezes é essa guerra que recomeça. Diga-se de passagem que para elles S. Miguel é o general realista, e Belzebuth é o commandante patriota ; mais si ha algum diabo é certamente Lantenac, e si ha algum anjo é Gauvain. O senhor não quer tomar cousa alguma, cidadão ?

— Tenho o meu odre e um pedaço de pão. Mas o senhor não me diz o que se está passando em Dol.

— Ahi vae. Gauvain commanda a columna expedicionaria da costa. O plano de Lantenac era insurgir tudo. Apoiar a Baixa-Bretanha na Baixa-Normandia, abrir a porta a Pitt, e dar auxilio ao grande exercito vendeano com vinte mil inglezes e duzentos mil camponezes. Gauvain frustrou-lhe o plano. Occupa a costa, e repelle Lantenac para o interior e os inglezes para o mar. Lantenac estava aqui e elle desalojou-o ; tornou a tomar-lhe Pontau-Beau ; repelliou-o de Avranches, repelliou-o de Villedieu, impediu-o de chegar a Granville. Manobra de modo a mettê-lo na floresta de Fougères, e ahi cercál-o. Hontem tudo ia bem, Gauvain estava aqui com a sua columna. De improviso, alerta. O velho, que é habil, foi astuto ; sabe-se que marchou sobre Dol. Si elle tomar Dol e si puzer no Monte Dol uma bateria, pois tem artilharia, ahi está um ponto da costa em que os inglezes podem desembarcar, e está tudo perdido. Foi por isso que, não tendo um minuto a perder, Gauvain que é homem de cabeça, deliberou sósinho, não pediu instrucções e nem as esperou, ordenou a marcha, mandou metter os cavallos na artilharia, reuniu a força, tirou a espada, e eis como, em quanto Lantenac atira-se sobre Dol, Gouvain atira-se sobre Lantenac. Em Dol é que essas duas cabeças bretãs vão bater uma de encontro á outra. Ha de ser um formidavel embate. Agora lá estão.

— Que tempo se gasta para ir a Dol ?

— Uma força com trem de artilharia gasta pelo menos tres horas; mas já lá estão.

O viajante prestou ouvidos e disse :

— Com effeito parece-me que estão ouvindo o canhão.

O estalajadeiro escutou.

— É verdade cidadão. É fuzilaria. Estão rompendo panno. O senhor deveria passar a noite aqui. Não póde encontrar nada bom por lá.

— Não posso demorar-me. Devo seguir meu caminho.

— Faz mal. Não sei que negocios tem o senhor, mas o perigo é grande, e a menos que se trate do que o senhor tem mais charo no mundo...

— É com effeito disso que se trata, respondeu o cavalleiro.

— ... De alguma cousa como um filho...

— Pouco mais ou menos, disse o cavalleiro.

O estalajadeiro ergueu a cabeça e disse com os seus botões :

— Este cidadão parece-me no entanto padre.

Depois, apoz alguma reflexão :

— Afinal, um padre tambem póde ter filhos.

— Torne a pôr o freio no meu cavallo, disse o viajante. Quanto lhe devo ?

E pagou.

O estalajadeiro encostou a gamella e o balde á parede, e veio ter de novo com o viajante.

— Já que está resolvido a seguir, ouça este conselho. É claro que o senhor vae a Saint-Malo. Pois bem, não vá por Dol. Ha duas estradas, a estrada que passa por Dol, e a estrada á beira mar. Tão comprida é uma como outra. A estrada á beira-mar segue por Saint-Georges de Brehaigne, Cherrueix e Hirel-le-Vivier. Deixará

Dol ao sul e Cancale ao norte. Cidadão, no fim da rua, encontrará a encruzilhada dos dous caminhos; o de Dol é á esquerda, o de Saint-Georges de Brehaigne é á direita. Veja lá, si o senhor for por Dol, cabirá no meio do morticínio. Por isso não tome á esquerda, tome á direita.

— Obrigado, disse o viajante.

E metten esporas no cavallo.

Estava escuro, mergulhou-se na noite.

O estalajadeiro perdeu-o de vista.

Quando o viajante chegou, no fim da rua, á encruzilhada dos dous caminhos, ouviu a voz do estalajadeiro gritar-lhe de longe:

— Tome á direita.

Tomou a esquerda.

II

DOL

Dol, cidade hespanhola de França na Bretanha, assim a qualificam os livros de registros, não é uma cidade, é uma rua. É uma extensa e velha rua gothica, bordada á direita e á esquerda de casas com pilares, sem alinhamento, formando cabos e cotovellos na rua, aliás mui larga. O resto da cidade é apenas uma rede de viellas que se prendem á grande rua diametral e nella desembocam muralhas, aberta, dominada pelo Monte Dol, não poderia sustentar assedio; mais a rua podia. Os promontorios de casas que ainda lá se viam ha cincoenta annos, e as duas galerias sob pilares que a bordam faziam della uma arena de combate muito solida e resistente. Tantas casas quantas fortalezas; e era preciso tomar uma depois da outra. O velho mercado era mais ou menos no meio da rua.

O estalajadeiro da Croix-Branchard dissera a ver-

dade, uma peleja desesperada enchia Dol no momento em que elle fallava. Um duello nocturno, entre os brancos chegados de manhã e os azues sobrevindos á tarde, rebentára de improviso na cidade. As forças eram deseguaes, os brancos eram seis mil, os azues eram mil e nhentos, mas havia equal encarniçamento. Cousa notavel, foram os mil e quinhentos que atacaram os seis mil.

De uma parte uma turbamulta, da outra uma phalange. De uma parte seis mil camponezes, com corações-de-Jesus nas jaquetas de couro, fitas brancas nos chapéus redondos, divisas christãs nos braçoes, rosarios nos cinturões, com mais forcados que sabres e carabinas sem bayonetas, puxando canhões amarrados com cordas mal equipados, mal disciplinados, mal armados, porém, phreneticos. Da outra parte mil e quinhentos soldados com o chapéu de tres bicos e tópe tricolor, farda com abas compridas e amplas golas, boldrié cruzado, sabre com punhos de cobre e espingarda com bayoneta comprida, habeis, alinhados, doceis e austeros, sabendo obedecer como gente capaz de comandar, voluntarios tambem, mas voluntarios da patria, andrajosos no entanto, e sem sapatos; pela monarchia camponezes paladinos, pela revolução heróes descalços; e cada força tendo por alma o chefe; os realistas um velho, os republicanos um moço. De uma parte Lantenac, da outra Gauvain.

A revolução, a par das figuras moças e giganteas, taes como Danton, Saint-Just e Robespierre, tem as figuras moças e idéaes, como Hoche e Marceau. Gauvain era uma dessas figuras.

Gauvain tinha trinta annos, busto de Hercules, olhar grave de propheta e riso de creança. Não fumava, não bebia, não praguejava. Andava na guerra com tudo quanto era necessario para o toucádor; tinha todo o

cuidado com as unhas, com os dentes, com os cabellos que eram negros e magnificos ; e quando paravam sacudia ao vento a farda de capitão que estava furada pelas balas e branca de pó. Atirando-se de continuo ao mais travado das pelejas, nunca havia sido ferido. A voz suavissima tinha no momento dado o som estridente do commando. Dava o exemplo de deitar-se no chão, ao vento, á chuva, á neve, envolto no manto e com a cabeça encantadora em cima de uma pedra. Era uma alma heroica e innocente. A espada em punho transfigurava-o. Tinha esse modo effeminado que na batalha é formidavel.

No meio de tudo isso pensador e philosopho, moço sabio ; Alcibiades para quem o via, Socrates para quem o ouvia.

Nesse immenso improviso chamado revolução franceza, esse moço tornara-se immediatamente um cabo de guerra.

A columna que commandava, formada por elle, era como a legião romana, um como pequeno exercito completo ; compunha-se de infantaria e de cavallaria ; tinha exploradores, gastadores, sapadores, pontoneiros ; e assim como a legião romana tinha catapultas, ella tinha canhões. Tres peças com bons animaes de tiro tornavam a columna forte sem prejudicar-lhe a agilidade.

Lantenac era tambem um cabo de guerra, e ainda peor. Era a um tempo mais reflectido e mais ousado. Os verdadeiros heróes velhos são mais frios que os moços porque estão longe da aurora, e são mais audazes porque estão perto da morte. O que têm elles a perder ? tão pouco ! Dahi as manobras temerarias, e ao mesmo tempo acertadas, de Lantenac. Mas em summa, e quasi sempre, nessa obstinada lucta do velho e do moço, Gauvain levava a melhor. Era antes felicidade que outra cousa.

Todas as venturas, ainda a ventura terrivel, são predi-
cados da mocidade. A victoria é um tanto rapariga.

Lantenac andava exasperado contra Gauvain; pri-
meiro porque Gauvain batia-o, depois porque era seu
parente. Que lembrança a sua de ser jacobino? Gauvain!
tratante! seu herdeiro, pois o marquez não tinha filhos,
seu sobrinho-neto, quasi seu neto!—*Ah!* dizia o quas
avô, *si o apanho, mato-o como a um cão!*

De resto, a Republica tinha razão de inquietar-se
com o marquez de Lantenac. Mal havia desembarcado,
e já fazia tremer. O seu nome percorrêra a insurreição
vendeano como um rastilho de polvora, e Lantenac,
tornára-se immediatamente centro. Em uma revolta
dessa natureza em que todos têm ciumes uns dos outros
e em que cada um tem a sua matta ou a sua barroca, a
intervenção de um homem prestigioso reúne os chefes
dispersos, eguaes entre si. Quasi todos os capitães dos
bosques se haviam juntado a Lantenac, e, de perto ou
de longe, obedeciam-lhe. Apenas um o deixára, o pri-
meiro que se lhe reunira, Gavard. Porque? Porque
era homem de confiança. Gavard possuira todos os se-
gredos e adoptára todos os planos do antigo systema de
guerra civil que Lantenac vinha supplantar e substituir.
Não se herda um homem de confiança; o sapato de la
Rouarie não pudera servir a Lantenac. Gavard fôra re-
unir-se a Bouchamp.

Lantenac, como homem de guerra, era da escola
de Frederico II; julgava dever combinar a grande com
a pequena guerra. Não queria nem uma «massa confusa»,
como o grosso do exercito catholico e real, multidão
destinada a ser esmagada; nem a dispersão pelas mattas
e florestas, excellente para inquietar o inimigo, impo-
tente para batê-lo. A guerrilha nada acaba, ou acaba
mal; começa-se por atacar uma republica e acaba-se por
assaltar uma diligencia. Lantenac não comprehendia

essa guerra bretã, quer toda em campo aberto como La Rochejacquelein, quer toda na floresta como João Chouan; quer Vendéa, quer Chouanneria; queria a verdadeira guerra; utilizar o camponez, mas apoial-o no soldado. Queria bandos para a estrategia e regimentos para a tactica. Reputava excellentes para o ataque, para a emboscada e para a surpresa, esses exercitos de aldeães, com presteza dispersados; mas achava-os demasiado fluidos; na sua mão faziam-lhe o effeito da agua; queria nessa guerra fluctuante e diffusa crear um ponto solido; queria reunir ao selvatico exercito das florestas uma força regular que fosse o eixo da manobra dos camponezes. Pensamento profundo e medonho; si fosse levado a effeito, a Vandéa seria inexpugnavel.

Mas onde achar uma força regular? onde achar soldados? onde achar regimentos? onde achar um exercito organizado? na Inglaterra. Dahi a idéa fixa de Lantenac: favorecer o desembarque dos inglezes. Assim capitula a consciencia dos partidos; o tópe branco escondia-lhe a farda vermelha. Lantenac tinha apenas uma idéa: apoderar-se de um ponto do littoral, e entregál-o a Pitt. Foi por isso que, vendo Dol indefeso, atirara-se em cima, afim de obter por meio de Dol o Monte Dol, e por meio do Monte Dol a costa.

A posição era bem escolhida. A artilharia do Monte Dol varreria de um lado Fresnois, do outro Sainte-Brelade, manteria em distancia o cruzeiro de Cancale e deixaria toda a praia aberta a um desembarque, de Raz-sur-Couesnon a Saint-Méloir-des-Ondes.

Para levar ao cabo essa tentativa decisiva, Lantenac trouxera comsigo alguma cousa mais que seis mil homens, tudo quanto tinha mais vigoroso nos bandos de que dispunha, e toda a sua artilharia, dez colubrinas de dezeseis, uma bastarda de oito e uma peça de artilharia montada de quatro. Pretendia assestar uma poderosa

bateria em cima do Monte Dol, pelo principio de que mil tiros disparados por dez canhões fazem maior damno que mil e quinhentos tiros disparados por cinco canhões.

O exito affigurava-se-lhe certo. Eram seis mil homens. Nada tinham a receiar, das bandas de Avranches, sinão Gauvain e os seus mil e quinhentos homens, e, das bandas de Dinan, sinão Léchelle. Léchelle, é certo, tinha vinte e cinco mil homens, mas estava a vinte leguas. Lantenac estava pois tranquillo, quanto a Léchelle, em razão da grande distancia contra o grande numero, e, quanto a Gauvain, em razão do pequeno numero contra a pequena distancia. Accrescentemos que Léchelle era imbecil, e que mais tarde deixou esmagar os seus vinte e cinco mil homens nas charnecas de Croix-Bataille, de-sastre que resgatou com o suicidio.

Lantenac estava pois completamente tranquillo. A sua entrada em Dol foi subita e cruel. O marquez de Lantenac tinha terrivel reputação, sabiam que era sem misericordia. Nenhuma resistencia tentaram. Os habitantes aterrados entrincheiraram-se dentro das casas. Os seis mil vendéanos accumulavam-se na cidade com a confusão aldeiã, quasi como em uma feira, sem furiéis, sem sitio determinado, acampando ao acaso, cosinhando ao ar livre, espalhando-se pelas egrejas, trocando as espingardas pelos rosarios. Lantenac foi á pressa com alguns officiaes de artilharia reconhecer o Monte Dol, deixando em seu logar Gouge-o-Verdelhão, a quem nomeára sargento de batalha.

Este Gouge o Verdelhão deixou alguns vestigios na historia. Tinha duas alcunhas, *Esmaga-azul*, em razão das suas matanças de patriotas, e *Imanus*, por ter em si não sei o que de inexprimivelmente horrivel. *Imanus*, derivado de *imannis*, é um velho termo baixo normando que exprime a fealdade sobrehumana e quasi divina no

pavor, o demonio, o satyro, o papão. Um antigo manuscrito diz: *com os meus dous proprios olhos vi o imanus*. Os velhos da selva já não sabem hoje o que vem a ser Gouge o Verdelhão, nem o que significa Esmagazul; mas conhecem confusamente o Imanus. O Imanus anda de envolta com as superstições da terra. Fallam ainda do Imanus em Trémorel e em Plumaugat, duas aldeias em que Gouge-o-Verdelhão deixou a pégada sinistra. Na Vendéa, os mais eram selvagens, Gouge-o-Verdelhão era barbaro. Era um como cacique, marcado com cruces milagrosas e flôres de liz; tinha no rosto o clarão medonho e quasi sobrenatural de uma alma com a qual se não parecia nenhuma outra alma humana. Era infernalmente bravo no combate, e depois feroz. Era um coração cheio de sahidas tortuosas, affeito a todo o genero de dedicação, inclinado a todos os furores. Raciocinaria? Raciocinava, mas como as cobras rojam; em espiral. Partia do heroismo para chegar ao assassinato. Impossivel era adivinhar donde provinham-lhe as resoluções, ás vezes grandiosas, de tão monstruosas que eram. Era capaz de todas as sorpresas horriveis. Possuia a ferocidade épica.

Dahi o cognome disforme, o *Imanus*.

O marquez de Lantenac confiava na sua fereza.

Fereza é o termo, o Imanus não tinha nella competidor; mas em estrategia e em tactica era menos notavel, e talvez o marquez houvesse feito mal em nomeál-o seu sargento de batalha. Seja como fôr, deixou atraz de si o Imanus encarregado de substituil-o e de olhar por tudo.

Gouge-o-Verdelhão, mais guerreiro que militar, era mais proprio para degolar um clan do que para guardar uma cidade. No entanto postou as sentinellas avançadas.

Ao cahir da noite, quando o marquez de Lantenac,

depois de haver reconhecido a posição para a bateria projectada, tornava para Dol, ouviu de subito troar a artilharia. Olhou. Fumo avermelhado erguia-se da rua principal. Havia surpresa, irrupção, assalto; batiam-se na cidade.

Posto que difficil de admirar-se, ficou estupefacto. Não esperava semelhante cousa. Quem poderia ser? evidentemente não era Gauvain. Não se ataca com um contra quatro. Seria Léchelle? Mas nesse caso que marcha forçada! Léchelle não era provavel. Gauvain não era possivel.

Lantenac deu de redeas ao cavallo; em caminho encontrou habitantes que fugiam; dirigiu-lhes perguntas, estavam doudos de medo; gritavam: Os azues! os azues! e quando chegou, as circumstancias eram más.

Eis o que se havia passado.

III

PEQUENOS EXERCITOS E GRANDES BATALHAS

Ao chegarem a Dol, os camponezes, acabamos de ver, tinham-se espalhado pela cidade, cada qual a seu bel prazer, como acontece quando *se obedece por amizade*, como diziam os vendéanos. Genero de obediencia que fórma heróes, mas não soldados. Tinham abrigado a artilharia com a bagagem sob as abobadas do velho mercado, e, cansados, bebendo, comendo, resando o seu resario, tinham-se deitado em confusão atravessados na rua principal, mais obstruida que guardada. Como cahia a noite, a mór parte adormeceu, com a cabeça em cima dos saccoes, alguns com as mulheres ao lado; pois muitas vezes as camponezas acompanhavam aos camponezes; na Vendéa as mulheres pejudas serviam de espiões. Era

por uma amena noite de Julho; as constellações resplandeciam no profundo azul escuro do céu. Todo esse acampamento, que era antes pouso de caravana que acampamento de exercito; poz-se a resonar pacificamente. De subito, á luz do crepusculo, aquelles que não tinham ainda cerrado os olhos viram tres peças de artilharia assestadas na bocca da rua principal.

Era Gauvain. Sorprehendêra as sentinellas avancadas, entrára na cidade, e occupa com a sua columna a cabeça da rua.

Um camponez ergueu-se, bradou: quem vive? e disparou um tiro de espingarda; um tiro de peça respondeu. Depois rebentou uma descarga furiosa de moquetaria. Toda a multidão somnolenta levantou-se sobresaltada. Rude despertar. Adormecerem á luz das estrellas e acordarem debaixo da metralha.

O primeiro momento foi terrivel. Nada tão tragico como o formigar de uma multidão fulminada. Atiraram-se para as armas. Gritavam, corriam, muitos cahiam. Os camponios, assaltados, já não sabiam o que faziam e arcabuzavam-se uns aos outros. Havia gente atordoada que sahia das casas, que tornava a entrar, que sahia de novo, e que errava no meio do tumulto, espavorida. As familias chamavam-se. Combate lugubre, em que havia de envolta mulheres e creanças. As balas sibilando listravam a escuridão. A fuzilaria partia de todos os cantos escuros. Tudo era fumo e confusão. O atravancamento dos caixões e das carretas da artilharia augmentava a difficuldade. Os cavallos disparavam. Andava-se por cima dos feridos. Ouviam-se rugidos no chão. Horror em uns, pasmo em outros. Os soldados e os officiaes procuravam-se. No meio de tudo isto, sombrias indifferenças. Uma mulher amamentava o filho recém-nascido, sentada junto a uma parede, á qual estava encostado o marido que tinha uma perna quebrada

e que, em quanto o sangue corria-lhe, carregava tranquillamente a carabina e atirava ao acaso, matando para deante na sombra. Homens deitados de barriga no chão atiravam por entre as rodas das carretas. A espaços erguia-se um clamor composto de mil clamores. A voz potente do canhão cobria tudo. Era medonho.

Foi como uma derrubada de arvores; cahiam todos, uns apoz outros. Gauvain, emboscado, metralhava certo, e perdia pouca gente.

No entanto a intrepida confusão dos camponezes acabou por collocar-se na defensiva; recuaram para baixo do mercado, vasto reducto escuro, floresta de pilares de pedra. Ahi tornaram a tomar pé; tudo quanto se assemelhava a um bosque inspirava-lhes confiança. O Imanus suppria como podia a ausencia de Lantenac. Tinham artilharia, mas, com grande espanto de Gauvain, não se serviam della; provinha isso de que, tendo os officiaes de artilharia ido com o marquez reconhecer o Monte Dol, os camponezes não sabiam como haver-se com as colubrinas e bastardas; mas crivavam de balas aos azues que os canhoneavam. Os camponezes respondiam com mosquetaria á metralha. Eram elles agora que estavam abrigados. Tinham amontoados os carros, as carroças, as bagagens, todas as vasilhas do velho mercado, e improvisado uma alta barricada com aberturas por onde enfiavam as carabinas. Por esses buracos faziam um fogo de fuzilaria mortifero. Tudo isso fez-se depressa. Em um quarto de hora o mercado apresentou aspecto inexpugnavel.

Isso tornava-se grave para Gauvain. Esse mercado de improvisado transformado em cidadella era para elle o inesperado. Os camponezes ahi estavam, cerrados e solidos. Gauvain conseguira sorprendel-os, mas não conseguira derrotal-os. Apeára-se. Attento, com a espada em punho sob os braços cruzados, de pé ao clarão de

um archote que alumiava-lhe a bateria, contemplava toda essa sombra.

A sua alta estatura no meio dessa claridade tornava-o visível aos homens da barricada. Era alvo, mas nem se lembrava disso.

As descargas de balas da barricada cahiam em torno de Gauvain, pensativo.

Mas contra todas essas carabinas elle tinha artilharia. A bala de artilharia acaba sempre tendo razão. Quem tem a artilharia tem a victoria. A sua bateria bem servida, garantia-lhe a superioridade.

De subido um relampago brilhou no mercado cheio de trevas, ouviu-se um como trovão, e uma bala foi esburacar uma casa acima da cabeça de Gauvain.

A barricada respondia ao canhão com o canhão.

O que era aquillo? Havia novidade. Agora a artilharia já não estava só de um lado.

Segunda bala seguiu a primeira e foi enterrar-se na parede muito perto de Gauvain. Terceira bala atirou-lhe ao chão o chapéu.

As balas eram de grosso calibre. Era uma peça de dezesseis que estava atirando.

— Fazem-lhe pontaria, commandante, bradaram os artilheiros.

E apagaram o archote. Gauvain, meditativo, apanhou o chapéu.

Alguem com effeito fazia pontaria em Gauvain, era Lantenac.

O marquez acabava de entrar na barricada pelo lado opposto.

O Imanus corrêra a ter com elle.

— Meu senhor, fomos sorprendidos.

— Por quem?

— Não sei.

— A estrada de Dinan está livre?

— Creio que está.

— É preciso começar a retirada.

— Já começou. Muitos já fugiram.

— Não se deve fugir, deve-se retirar. Porque não se serve da artilharia?

— Perderam todos a cabeça, e depois os officiaes não estavam aqui.

— Lá vou.

— Meu senhor, dirigi para Fougères toda a bagagem que pude, as mulheres, tudo quanto era inutil. O que devo fazer dos tres prisionerozinhos?

— Ah! as creanças?

— Sim.

— São nossos refens. Mande-os conduzir para a Tourgue.

Dito isto, o marquez dirigiu-se para a barricada. Com a chegada do chefe tudo mudou de aspecto. A barricada estava mal feita para artilharia. Havia apenas logar para dous canhões; o marquez assestou duas peças de dezesseis para as quaes abriram canhoneiras. Inclinando-se sobre uma dessas peças para observar a bateria inimiga pela canhoneira, avistou Gauvain.

— É elle! bradou.

Então tomou elle mesmo a lanada e o soquete, carregou a peça, fixou a guarnição da mira e apontou.

Tres vezes fez pontaria em Gauvain e errou-o. O terceiro tiro conseguiu apenas tirar-lhe o chapéu.

— Desasado! murmurou Lantenac. Um tanto mais baixo e eu tinha-lhe a cabeça.

De subito o archote apagou-se, e teve apenas deante de si as trevas.

— Bom, disse elle.

E voltando-se para os artilheiros camponezes, bradou:

— A' metralha !

Gauvain pela sua parte não estava menos preocupado. As circumstancias tornavam-se graves. Nova phase de combate desenhava-se. A barricada estava a canhoneá lo. Quem sabe si não ia passar da defensiva á offensiva? Tinha deante de si, descontando os mortos e os fugidos pelo menos cinco mil e duzentos homens em estado de servir. O que seria dos republicanos si o inimigo reconhecesse o seu pequeno numero? Inverter-se-hiam os papeis. Eram assaltantes e seriam assaltados. Fizesse a barricada uma sortida, e podia estar tudo perdido.

O que fazer? Não devia pensar em atacar a barricada pela frente; levá-la de vencida á viva força era cousa chimerica; mil e duzentos homens não desalojam cinco mil homens. Acabar de prompto era impossivel, esperar era funesto. Cumpria acabar com isso. Mas como?

Gauvain era da terra, conhecia a cidade; sabia que o velho mercado, onde os vendéanos se haviam assetteirado, ficava encostado a um dedalo de viellas estreitas e tortuosas.

Voltou-se então para o seu logar-tenente que era esse valente capitão Guéchamp, famoso mais tarde por haver limpado a floresta de Concise onde havia nascido João Chouan, e por haver, fechando aos rebeldes a calçada do tanque de la Chaîne, impedido a tomada de Bourgneuf.

— Guéchamp, disse elle, entrego-lhe o commando. Faça todo o fogo que puder. Crive a barricada de tiros de peça. Dê-me occupação a toda aquella gente.

— Comprehendo, disse Guéchamp.

— Mandé cerrar toda a columna, com as armas carregadas, e tenha-a prompta para o ataque.

Accreseatou algumas palavras ao ouvido de Guéchamp.

— Está dito, disse Guéchamp.

Gauvain continuou :

— Todos os nossos tambores estão de pé ?

— Estão.

— Temos nove. Fique com dous e dê-me sete.

Os sete tambores vieram em silencio formar deante de Gauvain.

Então Gauvain bradou :

— A mim o batalhão do Barrete Vermelho.

Doze homens, um dos quaes sargento, sahiram do grosso da força.

— Pego todo o batalhão, disse Gauvain.

— Ei-lo aqui, respondeu o sargento.

— Sois doze !

— Restamos doze.

— Está bom, disse Gauvain,

Este sargento era o bom e rude militar Radoub que adoptára em nome do batalhão as tres creangas encontradas no bosque de la Saudraie.

Só meio batalhão, devem estar lembrados, fôra exterminado em Herbe-en-Pail, e Radoub tivera a fortuna de não fazer parte delle.

Um caixão de forragem estava proximo; Gauvain mostrou-o com o dedo ao sargento.

-- Sargento, mande a sua gente fazer cordas de palha, e que as enrolem depois nas espingardas para se não lhes ouvir o menor ruido, si baterem uma nas outras.

Decorreu um minuto, a ordem foi executada em silencio e no escuro.

— Prompto, disse o sargento.

— Soldados, tirem os sapatos, continuou Gauvain.

— Não os temos, disse o sargento.

Compunham, com os sete tambores, dezenove homens; Gauvain completava os vinte.

Bradou :

— Em uma só fila. Sigam-me. Os tambores atraz de mim. O batalhão depois. Sargento, commande o batalhão.

Poz-se á testa da columna, e, enquanto o canhoneio continuava de ambos os lados, esses vinte homens, deslisando como sombras, mergulharam-se pelas viellas desertas.

Marcharam assim algum tempo serpeando ao longo das casas. Tudo parecia morto na cidade; os burguezes haviam-se escondido nas adegas. Não havia porta que não estivesse atravancada, janella que não estivesse fechada. Não havia luz em parte alguma.

A rua principal fazia no meio desse silencio um fragor medonho; o combate de artilharia continuava; a bateria republicana e a barricada realista cuspiam uma no outra a metralha com furia.

Depois de vinte minutos de marcha tortuosa, Gauvain, que no meio dessa escuridão caminhava com segurança, chegou a extremidade de uma viella que ia dar de novo á rua principal; a unica differença é que ia sahir além do mercado.

A posição estava contornada. Desse lado não havia trincheira, essa é a eterna imprudencia dos constructores de barricadas, o mercado era aberto, e podia-se entrar sob os pilares onde algumas carretas de bagagem já com os animaes estavam promptas para sahirem. Gauvain e os seus dezenove homens tinham deante de si os cinco mil vendéanos, mas de costas e não de frente.

Gauvain fallou em voz baixa ao sargento: tiraram a palha enrolada das espoegardas: os doze granadeiros postaram-se em linha de batalha por traz do angula da

viella, e os sete tambores, com as vaquetas no ar, esperaram.

As descargas de artilharia eram intermittentes. De subito, no intervallo de duas detonações, Gauvain brandiu a espada, e com voz que no meio desse silencio parecia um toque de clarim, bradou:

— Duzentos homens pela direita; duzentos homens pela esquerda, todos todos os mais ao centro!

Os doze tiros de espingarda partiram e os sete tambores tocaram a avançar.

E Gauvain soltou o grito formidavel dos azues:

— A' bayoneta! Carreguemos!

O effeito foi inaudito.

Toda essa massa componeza sentiu-se apanhada por traz, e suppoz ter novo exercito pelas costas. Ao mesmo tempo, ao ouvir o tambor, a columna que occupava a cabeça da rua principal, e que era commandada por Guéchamp, moveu-se, tocando a avançar pelo seu lado, e atirou-se a marche-marche para a barricada; os camponezes viram-se entre dous fogos; o panico é uma machina de augmento, com o panico um tiro de pistola faz o estrondo de um tiro de peça; todo o clamor é phantasma, e o latir de um cão assemelha-se ao bramido de um leão. Acrescentemos que o camponez toma medo como o colmo pega fogo, e com a mesma facilidade com que um fogo de palha torna-se incendio, o medo do camponez torna-se derrota. Foi uma fuga inexprimivel.

Em alguns momentos o mercado ficou vasio, os camponezes aterrados desaggregaram-se, os officiaes nada puderam fazer, o Imanus matou inutilmente dous ou tres fugitivos, só se ouvia o grito: *Livre-se quem poder!* e esse exercito, pelas ruas das cidades como pelos buracos de um razo, espalhou-se pelo campo com rapidez de nuvem arrebatada pelo tufão.

Uns fugiram para Chateauneuf, outros para Pleguer, outros para Antrain.

O marquez de Lantenac viu essa debandada. Encravou com a sua propria mão as peças, depois retirou-se por ultimo, lenta, calmamente, e disse: Decididamente estes camponezes não sabem resistir. Precisamos dos inglezes.

IV

PELA SEGUNDA VEZ

A victoria era completa.

Gauvain voltou-se para os homens do batalhão do Barrete Vermelho, e disse-lhes:

— Sois doze, mais valeis por mil.

Uma palavra do chefe era a condecoração desse tempo.

Guéchamp, mandado por Gauvain até fóra da cidade, perseguiu os fugitivos e aprisionou muitos delles. Accenderam archotes e exploraram a cidade.

Tudo quanto não pôde evadir-se rendeu-se. Illuminaram a rua principal com panellas de fogo. Estava juncada de mortos e feridos. O fim de um combate prolonga-se sempre, alguns grupos desesperados resistiam ainda aqui e alli, cercaram-nos, e depuzeram as armas.

Gauvain notára no meio da confusão desvairada da derrota um homem intrepido, um como fauno agil e robusto, que tinha protegido a fuga dos outros e que não fugira. Esse camponez servira-se magistralmente da sua carabina, atirando com o cano, espancando com a coronha, a ponto de quebrál-a; agora tinha uma pistola em uma das mãos e um sabre na outra. Não ousavam acercar-se delle. De repente Gauvain viu-o vacillar e

apoiar-se a um pilar da rua principal. O homem acabava de ser ferido. Mas conservava ainda nas mãos o sabre e a pistola. Gauvain poz a espada debaixo do braço e dirigiu-se para elle.

— Rende-te, disse-lhe.

O homem contemplou-o fixamente. O sangue escorria-lhe por baixo da roupa de uma ferida que recebera, e fazia-lhe uma poça aos pés.

— És meu prisioneiro, continuou Gauvain.

O homem conservou-se mudo.

— Como te chamas?

O homem disse:

— Chamo-me Dansa-á Sombra.

— És um bravo, disse Gauvain.

E estendeu-lhe a mão.

O homem respondeu:

— Viva o rei!

E reunindo as forças que lhe restavam, erguendo a um tempo ambos os braços, disparou no coração de Gauvain um tiro de pistola e desfechou-lhe na cabeça um golpe de sabre.

Fê-lo com uma presteza de tigre; mas alguém foi ainda mais rapido. Foi um homem a cavallo que acabava de chegar e que ahí estava havia alguns momentos, sem que lhe prestassem attenção. Esse homem, vendo o vendeano levantar o sabre e a pistola, atirara-se entre elle e Gauvain. A não ser esse homem, Gauvain estava morto. O cavallo recebeu o tiro, o homem recebeu o golpe de sabre, e ambos cahiram. Tudo isso fez-se no tempo em que se solta um grito.

O vendeano pelo seu lado cahira na calçada.

O golpe de sabre ferira o homem no meio do rosto; estava no chão desfallecido. O cavallo estava morto.

Gauvain aproximou-se.

— Quem é este homem? perguntou.

Examinou-o. O sangue do gilvaz inundava o ferido, e compunha-lhe uma mascara vermelha. Era impossivel ver-lhe o rosto. Viam-se-lhe cabellos grisalhos.

— Este homem salvou-me a vida, continuou Gauvain. Alguem daqui o conhece?

— Meu commandante, disse um soldado, este homem entrou na cidade ainda agora. Vi-o chegar. Chegou pela estrada de Pontorson.

O cirurgião-mór da columna accudira com o seu estojo. O ferido continuava desacordado. O cirurgião examinou-o e disse:

É um simples gilvaz. Não é nada. Isto cose-se. Em oito dias está de pé. É um bonito golpe de sabre.

O ferido tinha um manto, uma banda tricolor, pistolas e uma espada. Deitaram-no em uma padiola. Despiram-no. Trouxeram um balde de agua fresca, o cirurgião lavou a ferida, o rosto começou a apparecer, Gauvain contemplava-o com profunda attenção.

— Trará papeis consigo? perguntou Gauvain.

O cirurgião apalpou-lhe o bolso do lado, e tirou delle uma carteira que estendeu a Gauvain.

No entanto o ferido, reanimado com a agua fria, voltava a si. Movia levemente as palpebras.

Gauvain examinava a carteira; achou nella uma folha de papel dobrada em quatro, desdobrou-a e leu:

— « Junta de salvagão publica. O cidadão Cimourdain... »

Soltou um grito:

— Cimourdain!

A esse grito o ferido abriu os olhos.

Gauvain estava aturdido.

— Cimourdain! é o senhor! é a segunda vez que o senhor salva-me a vida.

Cimourdain contemplava Gauvain. Ineffavel jubilo illuminava-lhe o rosto ensanguentado.

Gauvain cahiu de Joelhos deante do ferido exclamando :

— Meu mestre !

— Teu pae, disse Cimourdain.

V

A GOTA DE AGUA FRIA

Não se viam a muitos annos, mas os seus corações nunca se haviam deixado ; reconheceram-se como si se tivessem separado na vespera.

Improvisaram uma ambulancia na casa da municipalidade de Dol. Carregaram Cimourdain em um leito para uma camarazinha contigua á grande sala commun dos feridos. O cirurgião, que cosêra o talho, poz fim ás expansões desses dous homens, e disse que era preciso deixar Cimourdain dormir. Gauvain demais a mais era reclamado por esses mil cuidados que constituem os deveres e as preocupações da victoria. Cimourdain ficou só ; mas não dormiu ; estava com duas febres, a febre do ferimento e a febre do jubilo.

Não dormiu, e entretanto não lhe parecia estar acordado. Seria possível ? o seu sonho havia-se realizado. Cimourdain era dos que não acreditam em bom jogo, e tinha-o. Tornava a encontrar Gauvain. Deixara-o menino, e vinha encontrá-lo homem ; vinha encontrá-lo grande, temido, intrepido. Vinha encontrá-lo triumphante, e triumphante pelo povo. Gauvain era na Vendéa o ponto de apoio da revolução, e fôra elle, Cimourdain, quem dera essa columna á republica. Esse triumphador era seu discipulo. Aquillo que via radiar nessa cabeça moça, destinada talvez ao pantheon republicano, era o seu pensamento, d'elle Cimourdain ; o seu discipulo, o filho do seu espirito, já era um heróe e seria

dentro em breve uma gloria ; affigura-se a Cimourdain estar de novo vendo a sua propria alma transformada em Genio. Acabava de ver com os proprios olhos como Gauvain fazia a guerra ; dir-se-hia Chiron tendo visto combater Achilles. Relação mysteriosa entre o padre e o centauro, pois o padre só é homem até metade do corpo.

Todos os azares dessa aventura, de envolta com a insomnia do seu ferimento, enchiam Cimourdain de uma como ebriedade mysteriosa. Um novo destino erguia-se, magnifico, e, o que mais augmentava-lhe o profundo jubilo, tinha plenos poderes sobre esse destino ; mais uma victoria como a que acabava de ver, e Cimourdain não teria mais do que proferir uma palavra para que a republica confiasse a Gauvain um exercito. Nada deslumbra tanto como a admiração de ver tudo sortir bom effeito. Era o tempo em que cada qual tinha o seu sonho militar ; cada qual queria fazer um general ; Danton queria fazer Westermann, Marat queria fazer Rossignol, Hébert queria fazer Ronsin ; Robespierre queria desfazêl-os a todos. Porque não ha de ser Gauvain ? dizia consigo Cimourdain ; e meditava. Tinha deante de si o illimitado ; passava de uma hypothese a outra ; todos os obstaculos desvaneciam-se ; desde que se põe o pé nessa escada, não se pára mais, sóbe-se ao infinito, sahe-se do homem e chega-se á estrella. Um grande general não é mais que um chefe de exercitos ; um grande capitão é ao mesmo tempo um chefe de idéas ; Cimourdain sonhava Gauvain grande capitão. Affigurava-se-lhe, pois o sonho anda depressa, ver Gauvain no Oceano, dando caça aos inglezes ; no Rheno, castigando os reis do Norte ; nos Pyrenéus, repellindo a Hespanha ; nos Alpes, acenando a Roma que se levantasse. Havia em Cimourdain dous homens, um homem terno e um homem sombrio ; ambos estavam contentes ;

pois, sendo o inexoravel o seu idéal, ao mesmo tempo que via Gauvain magnifico, via-o terrivel. Cimourdain pensava em tudo quanto cumpria destruir antes de construir, e, certamente, dizia comsigo, não é este momento para ternuras. Gauvain ha de « estar na altura » da sua missão, expressão em voga nesse tempo. Cimourdain imaginava Gauvain, calcando com a planta as trevas, com uma armadura de luz, com uma irradiação de meteoro na frente, distendendo as amplas azas ideaes da justiça, da razão e do progresso, e com um gladio na mão; anjo, mas exterminador.

No meio desse meditar que era quasi um extase, ouviu, pela porta entreaberta, fallarem na sala grande da ambulancia, visinha ao seu quarto; reconheceu a voz de Gauvain; essa voz, apezar dos annos de ausencia nunca lhe sahira dos ouvidos, e a voz da creança encontramal-a na voz do homem. Escutou. Havia rumor de passos. Soldados diziam:

— Meu commandante, este homem foi o que atirou sobre o senhor. Emquanto não o viam, arrastou-se para uma adega. Encontramol-o. Aqui está.

Então Cimourdain ouviu este dialogo entre Gauvain e o homem:

— Estás ferido?

— Sinto-me perfeitamente em estado de ser fuzilado.

— Ponham este homem num leito. Pensem-no, tratem-no, curem-no.

— Quero morrer.

— Has de viver. Quizeste matar-me em nome do rei; perdôo-te em nome da republica.

Uma sombra passou por sobre a frente de Cimourdain. Despertou como sobresaltado, e murmurou com um como desanimo sinistro:

— Com effeito, é um homem clemente.

VI

PEITO CURADO, CORAÇÃO SANGRANDO

Um gilvaz cura-se depressa; mas havia algures alguém mais gravemente ferido que Cimourdain. Era a mulher fuzilada que o mendigo Tellmarch apanhára no grande lago de sangue da herdade de Herbe-en-Pail.

Michaela Flécharde corria ainda maior perigo do que supuzera Tellmarch; ao buraco que tinha á cima do seio correspondia um buraco na omoplata; ao mesmo tempo que uma bala quebrava-lhe a clavícula, outra bala atravessara-lhe a espadua; mas, como o pulmão não tinha sido offendido, pôde sarar. Tellmarch era «um philosopho,» expressão de camponezes que significa um tanto medico, um tanto cirurgião, e um tanto feiticeiro. Tratou da doente no seu covil de fera, no seu leito de palhas, com essas cousas mysteriosas que se chamam «simples,» e, graças a elle, salvou-se.

A clavícula encanou-se, as feridas do peito e da espadua fecharam; depois de algumas semanas a doente entrou em convalescença.

Uma manhã pôde sahir da cova apoiada em Tellmarch, e foi sentar-se debaixo das arvores ao sol. Tellmarch indagava della pouca cousa, os ferimentos no peito requerem silencio, e, durante a quasi agonia que precedêra a cura, mal proferira uma ou outra palavra. Quando ella queria fallar, Tellmarch obrigava a calar-se: ella porém entregava-se a obstinado scismar, e Tellmarch lia-lhe nos olhos sombrio perpassar de idéas pungentes. Nessa manhã sentia-se forte, podia quasi andar sósinha; um curativo é como uma paternidade, e Tellmarch contemplava-a satisfeito. O bom do velho poz-se a sorrir. Fallou-lhe.

— Está bom, já estamos de pé, não temos feridas.

— Sinão no coração, disse ella.

E continuou :

— Então o senhor não sabe absolutamente onde elles estão ?

— Elles quem ? perguntou Tellmarch.

— Meus filhos.

Esse «então» exprimia todo um mundo de idéas ; significava o seguinte : «já que o senhor não me falla delles, já que ha tantos dias está perto de mim sem abrir-me a bocca, já que me obriga a calar toda a vez que quero romper o silencio, já que parece receiar que eu falle delles, é que ácerca delles nada tem a dizer-me.» Muitas vezes, durante a febre, no meio do delirio, chamára pelos filhos, e bem vira, pois o delirio tambem faz as suas observações, que o velho não lhe respondêra.

É que realmente Tellmarch não sabia o que dizer-lhe. Não é facil fallar a uma mãe nos filhos que perdeu. E depois, o que sabia elle ? nada. Sabia que uma mãe fôra fuzilada, que essa mãe fôra encontrada por elle no chão, que, quando a apanhára, era pouco mais que um cadaver, que esse cadaver tinha tres filhos, e que o marquez de Lantenac, depois de ter mandado fuzilar a mãe, carregára com os filhos. Todas as suas informações cifravam-se nisto. O que era feito dessas creanças ? Estariam ainda vivos ? sabia, por ter perguntado que eram dous meninos e uma menina, apenas desmamada. Nada mais. A si propria fazia ácerca desse grupo malaventurado uma porção de perguntas, mas não lhes achava resposta. A gente da terra a quem interrogára, limitara-se a abanar a cabeça. O Sr. de Lantenac era homem ácerca de quem se não conversava de boamente.

Não se fallava de boamente ácerca de Lantenac e não se fallava de boamente de Tellmarch. Os camponezes têm um genero peculiar de suspeita. Não gostavam de Tellmarch. Tellmarch o Mendigo era um homem in-

commodo. Que tinha elle que estar de continuo a olhar para o céu? o que fazia, e no que pensava, nas suas longas horas de immobildade? era fóra de duvida que era um homem singular. Nessa terra em plena guerra, em plena conflagração, em plena combustão, onde todos os homens tinham apenas uma occupação, devastar, e apenas um trabalho, matar, onde todos porfiavam em queimar uma casa, degolar uma familia, exterminar um destacamento, saquear uma aldeia, onde só se pensava em fazer emboscadas, em apparelhar ciladas, e em assassinarem-se uns aos outros, esse solitario, absorto na contemplação da natureza, como submerso na paz immensa das cousas, a colher hervas e plantas, apenas occupado com as flôres, com os passaros e com as estrellas, era evidentemente perigoso. Via-se que não estava no goso da razão; não se emboscava por traz de uma mouta, não dava um tiro de espingarda em pessoa alguma. Dahi certo receio que o cercava,

— Este homem é doudo, diziam os transeuntes.

Tellmarch era mais que um homem isolado, era um homem evitado.

Não lhe dirigiam perguntas e não lhe davam resposta. Não pudera pois informar-se tanto como desejára. A guerra espalhara-se além, tinham ido combater mais longe, o marquez de Lantenac desapparecêra no horizonte, e no estado de espirito em que estava Tellmarch, para que elle pensasse na guerra, fóra preciso que ella lhe puzesse o pé em cima.

Depois destas palavras—*meus filhos*,—Tellmarch deixára de sorrir, e a mãe puzera-se a meditar. O que se passaria nessa alma? Estava como no fundo de um abysmo. De subito olhou para Tellmarch, e bradou-lhe de novo e quasi com um accento de colera:

— Meus filhos!

Tellmarch baixou a cabeça como um culpado.

Pensava nesse marquez de Lantenac que certamente não pensava nelle, e que provavelmente nem sequer lembrava-se de que elle existia. Tinha consciencia disso, e dizia consigo: — Um nobre, quando corre perigo, conhece a gente; quando se vê livre, não nos conhece mais.

E perguntava a si mesmo: — Mas então porque salvei esse nobre?

E respondia a si mesmo: — Porque é um homem.

Meditou algum tempo nisso, e continuou consigo: — Estarei bem certo disto?

E repetiu consigo o seu dito acerbo:

— Ah que si eu soubesse!...

Tudo isso o acabruhava; pois no que elle fizera, via um como enigma. Meditava dolorosamente. Uma boa acção pôde pois ser uma má acção. Quem salva o lobo mata os cordeiros. Quem cura a aza do abutre torna-se responsavel pelas garras delle.

Sentia-se com effeito culpado. A colera inconsciente dessa mãe tinha razão.

No entanto, ter salvo essa mãe consolava o de ter salvo esse marquez.

Mas os filhos?

A mãe tambem meditava. Esses dous pensamentos seguiam de par um com o outro e, sem que um ao outro o dissesse, encontravam-se talvez, nas trevas do meditar.

Entretanto o olhar della, no fundo do qual estava a noite, fitou de novo Tellmarch.

— Isto não pôde no entanto ficar assim, disse.

— Silencio! disse Tellmarch, e pôz o dedo nos beiços.

Ella continuou:

— O senhor fez mal em salvar-me, e quero-lhe mal por isso. Preferiria ter morrido, porque tenho certeza

de que os tornaria a vêr. Saberá aonde estão. Elles não me veriam, mais eu estaria perto delles. Uma defunta deve poder proteger.

Elle segurou-lhe no braço e tomou-lhe o pulso :

— Socegue, assim volta-lhe a febre.

Ella perguntou-lhe quasi asperamente :

— Quando me poderei ir embora ?

— Ir-se embora ?

— Sim. Andar.

— Nunca, si não tiver juizo. Amanhã, se fôr prudente.

— O que entende o senhor por ser prudente ?

— Ter confiança em Deus.

— Deus ! onde me pôz elle os filhos ?

Como que se transviára. A voz tornou-se-lhe muito meiga.

— O senhor bem vê, disse ella, que eu não posso ficar assim. O senhor não teve filhos, eu tive. Ahi está a differença. A gente não pôde avaliar uma cousa quando não sabe o que ella é. O senhor nunca teve filhos, não é assim ?

— Nunca, respondeu Tellmarch.

— Eu nunca tive outra cousa. Sem meus filhos existirem siquer ? Queria que me explicassem porque não estou com meus filhos. Bem vejo que ha qualquer cousa, visto que eu não comprehendo. Mataram-me meu marido, fuzilaram-me, mas é o mesmo, não sei o que isto quer dizer.

— Vamos, disse Tellmarch, eil-a outra vez com a febre. Não falle mais.

Ella olhou para o velho, e calou-se.

Desse dia em deante não fallou mais.

Tellmarch foi mais obedecido do que queria. A misera passava largas horas acocorada perto da velha arvore, estupefacta. Scismava e calava-se. O silencio dá

não sei que abrigo ás almas simples que foram sinistra-mente penetrada pela dor. Parecia renunciar á comprehensão. Em certo gráu o desespero torna-se incomprehensivel para o desventurado.

Tellmarch observava-a, commovido. Deante desse sofrimento, esse velho tinha pensamentos de mulher.— Oh sim, dizia comsigo, os labios della não fallam, mas fallam os olhos, bem vejo o que ella tem, uma idéa fixa. Ter sido mãe, e não sê-lo mais! ter amamentado os filhos, e não amamentar mais! Não pôde resignar-se. Pensa na pequenina que amamentava não ha muito tempo. Pensa nisso, pensa, pensa. Realmente deve ser tão agradável sentir uma boccazinha de rosa tirar-nos a alma de dentro do corpo e com a nossa vida fazer uma vida para si!

E emmudecia tambem, comprehendendo, deante de tal acabrunhamento, a impotencia da palavra. O silencio de uma idéa fixa de mãe? A maternidade não tem sabida; não se discute com ella. O que torna uma mãe sublime é ser um como animal irracional. O instincto materno é divinamente animal. A mãe não é mais mulher, é leôa.

Os filhos são cachorrinhos.

Dahi resulta que ha na mãe alguma cousa de inferior e de superior ao racciocinio. Uma mãe tem faro. A immensa vontade tenebrosa da criação existe nella, e guia-a. Cégueira cheia de videncia.

Agora era Tellmarch quem queria que a malaventurada fallasse; não o conseguia. De uma vez disse-lhe:

— Infelizmente sou velho e já não posso andar. Cheguei mais depressa ao cabo de minhas forças que ao cabo do meu caminho. Si ando um quarto de hora, as pernas recusam-se-me ir além, e forçoso é que eu pare; não ser isso poderia acompanhál-a. Afinal é talvez

melhor que eu não possa. Ser-lhe-hia mais perigoso que util; aqui toleram-me; mas sou suspeito aos azues como camponez e aos camponezes como feiticeiro.

Esperou que ella respondesse. Ella nem siquer ergueu os olhos.

Uma idéa fixa vae dar na loucura ou no heroismo. Mas de que heroismo pôde ser capaz uma misera camponeza? de nenhum. Pôde ser mãe, e nada mais. Cada dia mergulhava-se mais na sua scisma. Tellmarch observava-a.

Procurou occupá-la; trouxe-lhe linha, agulhas, um dedal; e com effeito, o que encheu de satisfação o mendigo, poz-se a coser; scismava mas trabalhava, o é que signal de saude; as forças voltavam-lhe pouco a pouco; concertou a roupa branca, o vestido, os sapatos; mas a pupilla continuava-lhe vidrada. Enquanto cosia cantava á meia-voz canções desconhecidas. Murmurava nomes, provavelmente nomes de creanças, não tão distinctamente que Tellmarch os ouvisse. Interrompia o que estava fazendo e ouvia os passaros, como si elles tivessem novas a dar-lhe. Examinava que tal estava o tempo. Movia os labios. Fallava baixinho consigo mesma. Fez um sacco e encheu-o de castanha. Uma manhã Tellmarch viu-a pôr-se a caminho, com o olhar sito ao acaso nas profundezas da floresta.

— Onde vae? perguntou-lhe.

Ella respondeu:

— Vou procurá-os.

Não tentou retê-la.

VII

OS DOUS POLOS DA VERDADE

Ao cabo de algumas semanas cheias de tocos os vae-vens da guerra civil, não se fallava na terra de Fougères sinão nos dous homens, um dos quaes era o inverso do outro, e que no entanto empenhavam-se na mesma obra, isto é, pelejavam a par um do outro a grande pelega revolucionaria.

O barbaro duello vendeano continuava, mas a Vendéa perdia terreno. Em Ile-et-Vilaine peculiarmente, graças ao moço commandante que, em Dol, havia tão a tempo respondido á audacia dos seis mil realistas com a audacia dos mil e quinhentos patriotas, a insurreição estava, sinão extincta, ao menos muito diminuida e muito circumscripta. Muitos lances felizes tinham-se seguido áquelle, e d'sses multiplicados successos nascêra uma situação nova.

As cousas tinham mudado de face, mas sobrevieru uma singular complicação.

Em toda essa parte de Vendéa republica levava a melhor, isso era fóra de duvida; mas que republica? No triumpho que começava a despontar, duas fórmulas de republica achavam-se em face uma da outra, a republica do terror e a republica da clemencia, uma querendo vencer por meio do rigor e a outra por meio da doçura. Qual dellas prevaleceria? Essas duas fórmulas, a fórmula conciliadora e a fórmula implacavel, eram representadas por dous homens, tendo cada qual a sua influencia e a sua autoridade, um commandante militar, o outro delegado civil; qual desses dous homens venceria? Desses dous homens, um, o delegado, tinha temiveis pontos de apoio chegára trazendo a ameaçadora senha da communa de Pariz aos batalhões de Santerre: «Nem perdão, nem

quartel!» Tinha, para tudo submeter à sua autoridade, o decreto da Convenção comminando «pena de morte a quem quer que puzesse em liberdade e dêsse evasão a um chefe rebelde prisioneiro,» plenos poderes emanados da Junta de salvação publica, e uma ordem expressa para que lhe obedecessem, a elle delegado, assignada pelos tres, ROBESPIERRE, DANTON, MARAT. O outro soldado, só tinha por si esta força, a compaixão.

Só tinha por si o seu braço, que combatia os inimigos, e o seu coração, que lhes perdoava. Vencedor, julgava-se com direito de poupar os vencidos.

Dahi um conflicto latente, mas profundo, entre esses dous homens. Estavam ambos em nuvens diferentes, ambos combatendo a rebellião, e cada qual tendo o seu raio proprio, um a victoria, o outro o terror.

Em toda a Selva só delles fallavam; e o que augmentava a anciedade dos olhares fitos nelles de toda a parte, era que esses dous homens, tão absolutamente oppostos, eram ao mesmo tempo estreitamente unidos. Esses dous antagonistas eram dous amigos. Nunca sympathia mais nobre e mais profunda reunira dous corações; o feroz tinha salvado a vida ao beneyolo, e tinha ainda diso um gilvaz no rosto. Esses dous homens eram a incarnação, um da morte, o outro da vida; um era o principio terrivel, o outro era o principio pacifico, e amavam-se. Problema singular. Imagine-se Orestes misericordioso e Pylades inclemente. Imagine-se Arimane irmão de Ormo.

Accrescentemos que aquelle dos dous que diziam «feroz» era ao mesmo tempo o mais fraternal dos homens; pensava os feridos, tratava dos doentes, passava os dias e as noites nas ambulancias e nos hospitaes, tinha pena de creanças descalças, nada guardava para si, dava tudo aos pobres. Quando combatiam, ia ver; marchava á testa das columnas e para o mais renhido da peleja, armado,

pois levava á cinta uma espada e duas pistolas, e desarmado, pois nunca o tinham visto puxar a espada ou tocar nas pistolas. Affrontava os golpes, e não os retribuia. Diziam que havia sido padre.

Um desses homens era Gauvain, o outro era Cimourdain.

A amizade era entre os dous homens, mas o odio era entre os dous principios; era como uma alma cortada em duas e compartilhada; Gauvain com effeito recebera metade da alma de Cimourdain, mas a metade meiga. Dir-se-hia que Gauvain recebera o raio branco, e que Cimourdain reservára para si o que se poderia chamar o raio negro. Dahi um desaccordo intimo. Essa guerra surda não podia deixar de rebentar. Uma manhã a batalha começou.

— Em que ponto estamos?

Gauvain respondeu :

— Sabe-o tão bem como eu! Dispersei os bandos de Lantenac. Já não tem consigo mais que alguns homens. Eil-o acuada na floresta de Fougères. Dentro em oito dias estará cercado.

— E dentro em quinze dias?

— Estará preso.

— E depois?

— Viu o meu cartaz?

— Vi. E então?

— Será fuzilado.

— Ainda a clemencia. Cumpre que seja guilhotinado.

— Eu, disse Gauvain, sou pela morte militar.

— E eu, replicou Cimourdain, pela morte revolucionaria.

Encarou Gauvain e disse-lhe :

— Porque mandaste pôr em liberdade as religiosas do convento de Saint-Marc-le-Blanc?

— Porque não faço a guerra contra mulheres, respondeu Gauvain.

— Essas mulheres odeiam o povo. E o odio de uma mulher equivale a dez homens. Porque não quizeste mandar ao tribunal revolucionario todo esse rebanho de velhos padres fanaticos apauhadados em Louvigné?

— Porque não faço a guerra contra velhos.

— Um padre velho é peor que um moço. A rebelião é mais perigosa, pregada pelos cabellos brancos. Tem se fé nas rugas. Nada de falsa compaixão, Gauvain. Os regicidas são os libertadores. Tem os olhos fitos na torre do Templo.

— Na torre do Templo! Eu tiraria de lá o delphim. Não faço a guerra contra creanças.

O olhar de Cimourdain tornou-se severo.

— Gauvain, fica sabendo que se deve fazer guerra á mulher quando ella se chama Maria Antonieta, ao velho quando elle se chama Pio IV, papa, e á creança quando ella se chama Luiz Capeto.

— Meu mestre, eu não sou homem politico.

— Trata de não seres um homem perigoso. Porque, no ataque do posto de Cossé, quando o rebelde João Treton, encurralado e perdido, atirou-se sósinho de espada na mão, contra toda a tua columna, gritaste: *Abram fileiras. Deixem-no passar?*

— Porque não se formam mil e quinhentos homens para matar um.

— Porque em la Cailleterie d'Astillé, quando viste que os teus soldados iam matar o vendeano José Bézier, que estava ferido e que arrastava-se, gritaste: *Marchem para a frente! Fica por minha conta!* e disparaste o tiro de pistola para o ar?

— Porque não se mata um homem deitado.

— E fizeste mal. Ambos são hoje chefes de bandos; José Bézier é agora Bigode, e João Treton é Perna-de-

Prata. Salvando esses dous homens, déste dous inimigos á republica.

— É fóra de duvida que eu quizera dar-lhe amigos, e não dar-lhe inimigos.

-- Porque, depois da victoria de Landéan, não mandaste fuzilar os teus tresentos camponezes prisioneiros?

— Porque tendo Bonchamp perdoado aos prisioneiros republicanos, quiz que se dissesse que a republica perdoava aos prisioneiros realistas.

— Mas então, si apanhares Lantenac, perdoar-lhe-has?

— Não.

— Porque? Pois não perdoaste aos tresentos camponezes?

— Os camponezes são uns ignorantes; Lantenac sabe o que faz.

— Mas Lantenac é teu parente!

— A França é mais parente ainda.

— Lantenac é um velho.

— Lantenac é estrangeiro. Lantenac não tem idade. Lantenac chama os inglezes. Lantenac é a invasão. Lantenac é o inimigo da patria. O duello entre elle e mim só pôde acabar com a morte delle, ou com a minha.

— Gauvain, lembra-te destas palavras.

— Estão ditas.

Houve uma pausa, e ambos encararam-se.

E Gauvain continuou:

— Ha de ser uma data sanguinolenta este anno de 93 em que esta nos.

— Toma cuidado, exclamou Cimourdain. Os deveres terriveis existem. Não accuses o que se não deve accusar. Queres que a molestia seja culpa do medico? Sim, o que caracteriza este anno enorme, é ser desapiedado. Porque? porque é o grande anno revolucionario. Este anno em que estamos incarna a revolução. A revolução

tem um inimigo, a velha sociedade, e é desapiedada para com ella, da mesma arte que o cirurgião tem um inimigo, a gangrena, e é desapiedado com ella. A revolução extirpa a realeza no rei, a aristocracia do nobre, o despotismo no soldado, a superstição no padre, a barbaria no juiz, em summa, tudo o que é tyrannia em tudo o que é tyranno. A operação é medonha, a revolução fê-la com mão segura. Quanto á quantidade de carne sã que ella sacrifica, pergunta a Boerhave qual a sua opinião. Que tumor a furar não traz perda de sangue? Que incendio a apagar não exige o quinhão do fogo? Essas necessidades terriveis são uma condição indispensavel do bom exito. Um cirurgião assemelha-se a um carnicheiro; um homem que cura pôde parecer um algoz. A revolução consagra-se á sua obra fatal. Mutila, mas salva. Que! pedis-lhe compaixão para o virus! quereis que seja clemente para com aquillo que é venenoso! A revolução não ouve. Tem nas mãos o passado, acabará com elle. Abre na civilisação uma incisão profunda donde sahirá a saude do genero humano. Soffreis com isso? por certo. Quanto tempo levará isso? o tempo da operação. Depois viveis. A revolução amputa a sociedade. Dahi esta hemorragia, 93.

— O cirurgião é calmo, disse Gauvain, e os homens que eu vejo são violeutos.

— A revolução, replicou Cimourdain, requer para ajudál-a operarios austeros. Repelle toda a mão que treme. Só tem fé nos inexoraveis. Danton é o homem terrivel, Robespierre é o inflexivel, Saint-Just é o irreductivel, Marat é o implacavel. Toma cuidado, Gauvain. Esses nomes são necessarios. Para nós valem exercitos. Hão de atterrar a Europa.

— E talvez o futuro tambem, disse Gauvain.

Parou, e redarguiu :

— Afinal, meu mestre, o senhor está enganado, eu

não accuso a pessoa alguma. Na minha opinião, o verdadeiro ponto de vista da revolução é a irresponsabilidade. Ninguém é innocente, ninguém é culpado. Luiz XVI é um carneiro atirado ao meio de leões. Quer fugir, quer salvar-se, procura defender-se, morderia, si pudesse. Mas não é leão quem quer sê-lo. A sua velleidade é tida em conta de crime. O carneiro furioso mostra os dentes. Traidor! dizem os leões. E comem-no. Feito isto, lutam uns com os outros.

— O carneiro é um irracional.

— E os leões o que são?

Esta réplica obrigou Cimourdain a reflectir. Ergueu a cabeça e disse:

— Esses leões são consciencias. Esses leões são idéas
Esses leões são principios.

— Cream terror.

— Um dia a revolução ha de ser a justificação do Terror.

— Assim não seja o Terror a calumnia da revolução.
E Gauvain continuou:

— Liberdade, Egualdade, Fraternidade, são dignas de paz e de harmonia. Porque dar-lhes um aspecto assustador? O que queremos nós? conquistar os povos para a republica universal. Pois bem, não lhes inculcamos medo. De que serve a intimidacão? Assim como as passaros, os povos não são attrahidos pelo espantalho. Não se deve fazer o mal para fazer o bem. Não se derriba o throno para se deixar o cadafalso de pé. Morte aos reis e vida ás nações. Arranquemos as corôas, poupemos as cabeças. A revolução é a concordia, e não o panico. As idéas meigas são mal servidas pelos homens inclementes. Amnistia é para mim a palavra mais bella da linguagem humana. Não quero derramar sangue sinão arriscando o meu. De resto sei apenas combater, e não passo de um soldado. Mas, si não se póde perdoar, não

vale a pena vencer. Sejamos, durante a batalha, inimigos dos nossos inimigos e, depois da victoria, irmãos delles.

— Toma cuidado, repetiu Cimourdain pela terceira vez. Gauvain, és para mim mais que um filho, toma cuidado!

E accrescentou, pensativo:

— Em um tempo como o nosso, a compaixão pôde ser uma das fórmulas da traição.

Ouvindo fallar esses dous homens, suppôr-se-hia ouvir o dialogo da espada e do machado.

VIII

DOLOROSA

No entanto a mãe procurava os seus pequenos.

Ia por deante. Como vivia? É impossivel dizê-lo. Nem ella o sabia. Caminhou dias e noites; mendigou, comeuervas, deitou-se no chão, dormiu ao ar livre, nos matos, sob as estrellas, algumas vezes á chuva e ao vento.

Errava de aldeia em aldeia, de herdade em herdade, buscando informações. Parava nos limiares. Tinha o vestido em farrapos. As vezes acolhiam-na, outras vezes expulsavam-na. Quando não podia entrar nas casas, ia para os bosques.

Não conhecia a terra, ignorava tudo, excepto Sis-coignard e a parochia de Azé, não tinha itinerario, voltava sobre os proprios passos, recommçava o caminho já percorrido, andava inultimente. Seguia ora a calçada, ora as trilhas de alguma carreta, ora as sendas das mat-tas. Nessa vida ao acaso estragára os miseraveis vestidos.

Caminhára a principio com os sapatos, depois com os pés descalços, depois com os pés ensanguentados.

Caminhava por meio da guerra, por meio dos tiros de espingarda, sem nada ouvir, sem nada ver, sem nada evitar, procurando os filhos. Como estava tudo em rebellião, já não havia gendarmes, já não havia maires, já não havia autoridades. Só tinha de haver-se com os transeuntes.

Fallava-lhes. Perguntava :

— Viram por ahí tres creancinhas?

Os transeuntes levantavam a cabeça.

— Dous meninos e uma menina, dizia ella.

Continuava :

— João Renato, Gordo Alano, Georgina. Não os viram?

Proseguia :

— O mais velho tem quatro annos e meio, a pequenina tem vinte mezes.

Accrescentava :

— Sabem onde estão? tomaram-mos.

Olhavam para ella e mais nada.

Vendo que a não entendiam, dizia :

— É que são meus filhos. Ahí está porque pergunto por elles.

Os transeuntes iam seu caminho.

Então ella parava e não dizia mais cousa alguma. e rasgava o peito com as unhas.

Um dia, no emtanto, um camponez prestou-lhe attenção. O lapuz começou a reflectir.

— Ora espere, disse. Tres creanças ?

— Sim.

— Dous meninos?...

— E uma menina.

— É isso que está procurando ?

— É.

— Ouvi fallar de um senhor que tinha apanhado tres creanças e que as taha comsigo.

— Onde está este homem, bradou ella. Onde estão elles?

O camponez respondeu :

— Vá á Tourgue.

— Lá é que tenho de encontrar meus filhos?

— Póde bem ser que sim.

— Onde?

— Na Tourgue.

— O que vem a ser a Tourgue?

— É um logar.

— É aldeia? é castello? é herdade?

— Nunça fui lá.

— É longe?

— Não é perto.

— Para que ban las fica?

— Para as bandas de Fougères.

— Por onde se vae?

— Aqui é Vantortes, disse o camponez; deixe Ernée á esquerda e Coxelles á direita, passe por Lorchamp e atravesse Leroux.

E o camponez ergueu a mão na direcção do occidente.

— Sempre na sua frente, andando para a banda em que o sol entra.

Antes que o camponez tivesse abaixado o braço, já ella puzera-se a caminho.

O camponez gritou-lhe:

— Mas tome sentido. A guerra anda por lá.

Ella não voltou-se para responder, e continuou a caminhar para deante.

IX

UMA BASTILHA DE PROVINCIA

I

A TOURGUE

O viajante que a quarenta annos, entrando na floresta de Fougères da lado de Laignelet sahia pelo lado de Parigné, tinha no aceiro dessa profunda matta um alcantro sinistro. Desemboccando do bosque, tinha de improviso deante de si a Tourgue.

Não a Tourgue viva, mas a Tourgue morta. A Tourgue fendida, arrombada, rachada, desmantelada. A ruina está para o edificio como o phantasma está para a imagem. Não havia visão mas lugubre que a Tourgue. O que a gente tinha deante dos olhos, era uma alta torre redonda, sósinha no angulo do bosque como um alfefeitor. Essa torre, erguida sobre uma rocha a pique, tinha quasi aspecto romano, tão correcta e solida era, e a casada estava à idéa da quédia a idéa do dominio dessa massa robusta. Não deixava de ser um tanto romana, por isso que era da epocha romã: começada no nono seculo, fôra terminada no duodecimo, depois da terceira cruzada. As impostas salientes dos suas canhoneiras marcavam-lhe a idade. O viandante approxima-se subia a escarpa, dava com uma brecha, abalançava-se a entrar, penetrava, o interior da torre estava vasto. Era como o interior de uma trombeta de pedra collocada em pé no solo. De cima abaixo nenhum diafragma; nem telhado, nem tectos, nem soalhos; esgargas de abobadas e de chaminés, canhoneiras para alconetes, em alturas diversas, cordões de modilhões

de granito e algumas traves transversaes indicando os andares, nas traves o excremento dos passaros nocturnos, muralha colossal, quinze pés de espessura na base e doze no alto, aqui e alli fendas, e buracos que haviam sido portas, por onde entreviam-se escadas no interior tenebroso da muralha. O viandante que ali penetrava á noite ouvia os gritos dos mochos, das corujas, dos corvos nocturnos e outros hospedes da noite, e via sob os pés sarças, pedras, reptis, e sobre a cabeça, atravez de um circulo negro que era o alto da torre e que assemelhava-se á bocca de enorme poço, as estrellas.

Dizia a tradição que nos andares superiores dessa torre havia portas secretas feitas, como as portas dos tumulos dos reis de Judá, com uma grande pedra que gyrava sobre um eixo, abrindo-se, depois tornando a fechar-se, e desapparecendo na muralha; uso architectonico trazido das cruzadas com a ogiva. Quando taes portas estavam fechadas era impossivel dar com ellas, tanto se confundiam com as outras pedras da parede. Vêem-se ainda hoje dessas portas nas mysteriosas cidades do Anti-Libano, escapas ao terremoto das doze cidades no reinado de Tiberio.

II

A BRECHA

A brecha por onde se entrava na ruina era um buraco de mina. Para um conhecedor, familiar com Errard, Sardi e Pagan, essa mina havia sido habilmente feita. O forninho em fórmula de barrete de padre era proporcionado á resistencia da torre que tinha de rebentar. Devera ter contido ao menos dous quintaes de polvora. Chegava-se ahi por um caminho torturoso que é prefe-

...rivel ao caminho em linha recta; o esboroamento pro-
...duzido pela mina punha a descoberto na abertura da
...pedra o sacco de polvera que tinha o diametro reque-
...brido de um ovo de gallinha. A explosão produzira na
...muralha uma ferida profunda por onde os sitiante pu-
...deram entrar. Essa torre havia evidentemente susten-
...tado em diferentes epochas verdadeiros assedios em
...regra; estava crivada de metralha; e essa metralha não
...era toda do mesmo tempo; cada projectil tem o seu
...modo de marcar uma fortificação; e todos tinham dei-
...xado nessa torre a sua cicatriz, desde as balas de pe-
...dra do decimo quarto seculo até as balas de ferro do
...decimo oitavo.

A brecha abria passagem para o que devia ter sido
...o andar terreo. Defronte da brecha, na muralha da torre,
...abria-se o postigo de uma crypta aberta na rocha e que
...se prolongava nos fundamentos da torre até embaixo do
...andar terreo.

Essa crypta, com tres quartas partes entulhadas, foi
...desobstruida em 1855 graças aos cuidados do Sr. Au-
...gusto Le Prévost, o antiquario de Bernay.

III

O CALABOUÇO

Essa crypta era o calabouço. Toda a torre tinha o
...seu. Essa crypta, como muitas masmorras dessa epocha,
...tinha dous andares. O primeiro andar, onde se pene-
...trava pelo postigo, era uma vasta sala abobadada, no
...mesmo nivel da sala do rez do chão. Viam-se na parede
...dessa quadra dous sulcos parallellos e verticaes que iam
...de uma parede á outra passando pela abobada, onde
...estavam profundamente cavados, e faziam lembrar
...duas trilhas de rodas. Eram com effeito vestigios de duas

rodas. Esses dous sulcos haviam sido cavados por duas rodas. Out'ora, nos tempos feudaes, era nesse logar que fazia-se o esquartejamento, por um processo menos ruidoso que os quatro cavallo. Havia ahi duas rodas, tão fortes e tamanhas que chegavam ás paredes e á abobada. Amarravam a cada uma dessas rodas um braço e uma perna do paciente, depois moviam as duas rodas em sentido inverso, com o que despedaçavam o homem. Era preciso força; dahi as trilhas cavadas nas pedras onde as rodas roçavam. Póde-se ainda hoje vêr uma camara desse genero em Vianden.

Por baixo dessa camara havia outra. Esse era o verdadeiro calabouço. Não se entrava para elle por uma porta, penetrava-se por um buraco; o paciente, nú, era descido, por meio de uma corda passada por baixo dos braços, para a camara inferior por um respiradouro aberto no meio das lages que ladrilhavam a camara superior. Si persistia em viver, atiravam-lhe a alimentação por esse buraco. Vê-se ainda hoje um buraco desse genero em Bouillon.

Por esse buraco entrava vento. A camara inferior, cavada sob a sala do pavimento terreo, era mais um poço que uma camara. Terminava dentro d'agua e uma atmosphaera glacial enchia-a, Esse ar que matava o preso de baixo dava vida ao preso de cima. Arejava a prisão. O preso de cima, ás apalpadelas sob a sua abobada, só recebia ar por esse buraco. Quanto ao mais, quem ahi entrava, ou quem ahi cahia, não sabia mais. Cumpria ao preso precaver-se no meio da escuridão. Um passo em falso podia transformar o paciente de cima no paciente de baixo. Isso era cousa que ficava ao seu cuidado. Si tinha apego á vida, esse buraco era o seu perigo; si se aborrecia della, esse buraco era o seu recurso. O andar superior era a masmorra, o andar inferior era o tumulo. Superposição parecida com a sociedade de então.

Era a isso que nossos avós chamavam « uma enxovia ». Tendo desaparecido a consa, o nome para nós já não tem significação. Graças á revolução, ouvimos pronunciar essas palavras com indiferença.

Da parte de fóra da torre, por cima da brecha que, a quarenta annos, era alli a unica entrada, via-se uma canhoneira mais larga que as outras setteiras, da qual pendia uma grade de ferro despregada e torta.

IV

A PONTE ACASTELLADA

A essa torre, e do lado opposto á brecha, prendia-se uma ponte de pedra com tres arcos pouco damnificados. A ponte sustentára um edificio de que restavam alguns pedaços. Esse edificio, em que estavam visiveis os vestigios de um incendio, tinha apenas um vigamento ennegrecido, uma como ossada atravez da qual coava a claridade, a erguer-se junto da torre, como um esqueleto ao lado de um phantasma.

Essa ruina está hoje completamente demolida, e nenhum vestigio della existe. O que fizeram muitos seculos e muitos reis, bastou um dia e bastou um camponez para desmanchar.

A *Tourgue*, abreviatura camponeza, significa *Tour-Gauvain*, da mesma arte que *Jupelle* signica *Jupellière*, e que o nome de um corcunda chefe de bando, *Pinson-le-Tort* significa *Pinson-le-Tortu*.

A *Tourgue*, que a quarenta annos era uma ruina e que hoje é uma sombra, era em 1793 uma fortaleza. Era a velha bastilha dos *Gauvains*, velando do lado do occidente á entrada da floresta de *Fougères*, floresta que tambem hoje é apenas um bosque.

Tinham construido essa cidadella sobre uma dessas moles de schisto que abundam entre Mayenne e Dinan, e que acham-se por toda a parte espalhadas por meio das mattas e das charneças, como si servissem de projectis a titans.

A fortaleza consistia na torre; debaixo da torre o rochedo, na base do rochedo uma dessas correntes de agua que o mez de Janeiro transforma em torrentes caudaes e que o mez de Junho exhaure.

Simplificada a esse ponto, essa fortaleza era na idade média quasi inexpugnavel. A ponte a enfraquecia. Os Gauvains gothicos tinham-na edificado sem ponte. Transpunha-se a agua em uma dessas pinguelas oscilantes que era bastante uma machadada para cortarem-se. Emquanto os Gauvains foram viscondes, a torre serviu-lhes assim, e estavam com isso contentes; mas quando subiram a marquezes, e quando trocaram a caverna pela cõrte, lançaram tres arcos sobre a torrente, e tornaram-se accessiveis do lado da plainicie da mesma arte com que se haviam tornado accessiveis do lado do rei. Os marquezes no decimo setimo seculo, e os marquezes no decimo oitavo, não cuidavam mais em ser inexpugnaveis. Copiar Versalhes substituiu isto: continuar os avós.

De frente da torre, do lado occidental, havia uma esplanada bastante elevada que ia ter á planicie; essa esplanada vinha quasi tocar na torre, e era apenas della separada por uma grotta muito funda onde corria a torrente que vem a ser um dos affluentes do Couesnon. A ponte, passadiço entre a fortaleza e a esplanada, foi construida em boa altura sobre pilares; e sobre esses pilares construíram, como em Chenonceaux, um edificio no estylo Mansard, mais habitavel que a torre. Mas os costumes eram ainda muito rudes: os castellões conservaram o habito de morar nos aposentos da torre seme-

lhantes a masmorras. Quanto ao edificio de cima da ponte, o qual era um como pequeno castello, fizeram-lhe uma comprida corredoura que servia de entrada e a que chamavam sala dos guardas; por cima dessa sala dos guardas, que era uma como sobre loja, puzeram uma bibliotheca, e por cima da bibliotheca um celleiro. Compridas janellas com vidraças de vidros pequenos da Bohemia, pilastras entre as janellas, medalhões esculpidos na parede; tres andares; em baixo, partasanas e mosquetes; no meio, livros; em cima, saccos de aveia; tudo isto era um tanto barbaro e muito nobre.

A torre ao lado era carrancuda.

Dominava essa construcção casquilha com toda a sua lugubre altura. Do eirado podia-se fulminar a ponte.

Os dous edificios, um abrupto, o outro polido, contrastavam mais do que se approximavam. Os dous estylos não estavam de accordo; posto que dous semicirculos pareçam dever ser identicos, nada se assemelha menos ao arco romano que a archivolta classica. Essa torre, digna das florestas, era uma singular vizinha dessa ponte, digna de Versalhes. Imagine-se Alano Caratorta dando o braço a Luis XIV. O conjunto era terrifico. Das duas magestades combinadas resaltava não sei que de feróz.

No ponto de vista militar, a ponte, insistamos nisto, quasi entregava a torre. Embellezava-a e desarmava-a; ganhando em ornato, perdêra em força. A ponte punha-a no nivel da esplanada. Ainda inexpugnavel pelo lado da floresta, era então vulneravel do lado da plainicie. Outr'ora dominava a esplanada, agora a esplanada a dominava. Um inimigo intrincheirado alli estaria dentro em pouco senhor da ponte. A bibliotheca e o celleiro eram a favor do sitiante, e contra a fortaleza. Uma bibliotheca e um celleiro parecem-se nisto: em que os livros e a palha são combustiveis. Para um sitiante que

recorra ao incendio, queimar Homero ou queimar um punhado de feno, contanto que isso arda, é a mesma cousa. Os francezes provaram-no aos allemães queimando a bibliotheca de Heidelberg, e os allemães provaram-no aos francezes queimando a bibliotheca de Strasburgo. Essa ponte, addicionada á Tourgue, era pois estrategicamente uma falta ; mas no decimo setimo seculo, no tempo de Colbert e Louvois, os principes Gauvains, assim como os principes de Rohan ou os principes de la Trémoille, não se julgavam já ameaçados de assedio. No entanto, os constructores da ponte haviam tomado algumas precauções. Em primeiro logar, tinham previsto um incendio ; por baixo das tres janellas, da parte para onde corria a agua, tinham prendido transversalmente, a ganchos, que ainda lá se viam a meio seculo, uma reforçada escada, cujo comprimento era a altura dos dous primeiros andares da ponte, altura que excedia a de tres andares communs ; em segundo logar, tinham prevenido um assalto ; tinham isolado a ponte da torre por meio de uma pesada e baixa porta de ferro ; essa porta era abobadada ; fechavam-na com uma grande chave, que era conservada em um escondrijo que só o castellão conhecia, e, uma vez fechada, essa porta podia desafiar o ariete, e quasi affrontar uma bala de artilharia.

Era forçoso passar pela ponte para ir ter a essa porta, e passar por essa porta para penetrar na torre. Não havia outra entrada.

V

A PORTA DE FERRO

O segundo andar do castello da ponte, erguido sobre as pilastras, correspondia com o segundo andar da torre ; fôra nessa altura que, por maior segurança, tinha sido collocada a porta de ferro.

A porta de ferro dizia do lado da ponte para a bibliotheca e do lado da torre para uma grande sala abobadada com um pilar no centro. Essa sala, acabamos de dizê-lo, era o segundo andar da torre. Era redonda como a torre ; compridas setteiras, dando para o campo, alumiam-na, A muralha, rude, era núa, e nada lhe occultava as pedras, aliás mui symétricamente superpostas. Subia-se a essa sala por uma escada em caracol aberta na muralha, cousa muitos simples quando as muralhas têm quinze pés de espessura. Na idade média tomava-se uma cidade viella por viella, uma viella casa por casa, uma casa aposento por aposento. Sitiava-se uma fortaleza andar por andar. A Tourgue era sob esse ponto de vista habilmente disposta e muito inacessivel e difficil. Subia-se de um andar a outro por uma escada em espiral de accesso incommodo ; as portas eram de travez e não tinham a altura de um homem, era forçoso abaixar a cabeça para passar por ellas ; ora, cabeça abaixada é cabeça partida ; e, em cada porta, o sitiado esperava o sitiante.

Havia por baixo da sala redonda da columna duas camaras semelhante, que eram o primeiro andar e o andar terreo, e por cima tres ; por cima dessas seis camaras superpostas a torre fechava-se com uma coberta de pedra que vinha a ser o eirado, onde se ia ter por meio de uma estreita passagem.

Os quinze pés de espessura da muralha que tiveram

de perfurar para ahi collocar a porta de ferro, e no meiodos quaes estava chumbada, punham-na sob uma extensa abobada; de fôrma que a porta, quando estava fechada, ficava, tanto do lado da torre como do lado da ponte; debaixo de um portico de seis ou sete pés de fundo; quando estava aberta, os dous porticos confundiam-se e formavam a abobada da entrada.

Debaixo do portico do lado da ponte abria-se na espessura da parede o postigo baixo de uma escada em espiral presa a uma columna, que levava á corredoura do primeiro andar sob a bibliotheca; essa era ainda outra difficuldade para o sitiante. O castello da ponte appresentava apenas na extremidade do lado da esplanada uma muralha a pino, e a ponte acabava ahi. Uma ponte levadiça, adaptada a uma porta baixa, punha-a em communicação com a esplanada, e essa ponte levadiça, que, em razão da altura da esplanada, nunca se abaixava sinão como um plano inclinado, ia ter á longa corredoura, chamada sala dos guardas. Uma vez senhor des a corredoura, o sitiante, para chegar á porta de ferro, era obrigado a tomar á viva força a escada em espiral apoiada á columna que levava ao segundo andar.

VI

A BIBLIOTHECA

Quanto á bibliotheca, era uma sala oblonga com a largura e o comprimento da ponte, e uma porta unica, a porta de ferro. Uma porta falsa, acholchoada de panno verde, e que era bastante empurrar, mascarava pela parte de dentro a abobada da entrada da torre. As paredes da bibliotheca eram de alto a baixo, e do soalho ao tecto, revestidas de ornamentos envidraçados no for-

moso gosto da marcenaria do decimo setimo seculo. Seis grandes janellas, tres de cada lado, uma por cima de cada arco, alumiavam essa bibliotheca. Por essas janellas, de fóra e de cima da esplanada, via-se o interior. Nos intervallos dessas janellas erguiam-se sobre escabellos de carvalho esculpido seis bustos de marmore, Hermolau de Bizancio, Atheneu, grammatico naucratico, Suidas, Casaubon, Clovis, rei de França, e seu chanceller Anachalo, o qual afinal era tão chanceller como Clovis era rei.

Havia nessa bibliotheca livros sem importancia. Um ficou celebre. Era um velho in-quarto com estampas, tendo como titulo em letras grandes *São Bartholomeu* e como titulo secundario *Evangelho segundo S. Bartholomeu, precedido de uma dissertação de Pantenus, philosopho christão, ácerca da questão de saber se este evangelho deve ser reputado apocrypho e si S. Bartholomeu e o mesmo que Nathanael*. Esse livro, considerado como exemplar unico, estava sobre uma estante no meio da bibliotheca. No seculo passado iam vél-o por curiosidade.

VII

O CELLEIRO

Quanto ao celleiro, que tinha, como a bibliotheca, a fórmula oblonga da ponte, era simplesmente o vão do vigamento do telhado. Era um grande paiol atulhado de palha e de feno, e alumiado por seis trapeiras. Não tinha outro ornato mais que uma effigie de S. Barnabé esculpida sobre a porta, e por baixo este verso :

Barnabus sanctus falcem jubet ire per herbam.

Assim uma alta e grossa torre de seis andares, atravessada aqui e acolá por algumas setteiras, tendo

por entrada e por sahida unica uma porta de ferro dando para uma ponte acastellada fechada por uma ponte levadiça : por traz da torre a floresta; deante da torre uma esplanada coberta de moutas, mais alta que a ponte, mais baixa que a torre ; debaixo da ponte, entre a torre e a esplanada, uma grotta funda, estreita, cheia de matto, torrente no inverno, regato na primavera, fosso pedregoso no estio, eis o que era a Tour-Gauvain, chamada Tourgue.

X

OS REFENS

Decorreu o mez de Julho, veio Agosto, um halito heroico e fero percorria a face da França, dous espectros acabavam de atravessar o horizonte, Marat com uma faca no peito, Carlota Corday sem cabeça ; tudo tornava-se formidavel ; quanto á Vendéa, derrotada na grande estrategia, acolhia-se á pequena, mais temivel, já o dissemos ; essa guerra era então uma immensa batalha, esparsa pelos bosques ; os desastres do grande exercito, chamado catholico e real, começavam ; um decreto mandava á Vendéa o exercito de Mayence ; oito mil vendeanos eram mortos em Ancenis ; os vendeanos eram repellidos de Nantes, desalojados de Montaigu, expulsos de Thouars, repellidos de Noirmoutier, atirados para fóra de Chollet, de Mortagne e de Saumur ; evacuavam Parthenay ; abandonavam Ciisson ; fugiam em Châtillon ; perdiam uma bandeira em Saint-Hilaire, eram batidos em Pornic, em Sables, em Foutenay, em Doué, em Château-d'Eau, em Ponts-de-Cé ; estavam encurralados em Luçon, batiam em retirada em la Chataigneraye, eram derrotados em la Roche-sur-Yon ; mas

por um lado ameaçavam a Rochella, e por outro lado, nas aguas de Guernesey, uma frota ingleza, sob as ordens do general Craig, tendo, de envolta com os melhores officiaes da marinha franceza, muitos regimentos inglezes, esperava apenas um signal do marquez de Lanthenac para dar um desembarque. Esse desembarque podia tornar a dar victoria á rebellião realista. Pitt era demais a mais um melleitor de Estado; na politica ha a traição do mesmo modo que na panoplia ha o punhal; Pitt apunhalava a nossa patria e trahia a sua; era trahir a patria, deshonorá-la; a Inglaterra, sob elle e por elle, fazia a guerra punica. Espiava, defraudava, mentia. Ladra de caça e falsaria, nada lhe repugnava; descia até ás mínuncias do odio. Mandava monopolisar o sebo, que estava por cinco francos a libra; apanhou-se em Lille, em um inglez, uma carta de Prigent, agente de Pitt na Vendéa, em que liam-se estas linhas: «Rogo-lhe que não poupe dinheiro. Esperamos que os assassinatos façam-se com prudencia, os padres disfarçados e as mulheres são os mais proprios para essa operação. Mande sessenta mil libras para Ruão e cincoenta mil libras para Caen.» Essa carta foi lida por Barère na Convenção a 1º de Agosto. A essas perfidias respondiam as barbaridades de Parrein e mais tarde as atrocidades de Carrier. Os republicanos de Metz e os republicanos do Meiodia pediam para marchar contra os rebeldes. Um decreto ordenava a formação de vinte e quatro companhias de gastadores para incendiarem as sebes e as cercas da Selva. Crise inaudita. A guerra apenas parava em um ponto para recomeçar em outro. Nada de misericordia! nada de prisioneiros! era o grito de ambos os partidos. A historia estava pejada com uma sombra terrivel.

Nesse mez de Agosto a Tourgue estava sitiada.

Umo noite, emquanto as estrellas erguiam-se, na

calma de um crepusculo canicular, não se movendo uma folha na floresta, não estremecendo uma hervinha na planicie, ouviu-se um som de trombeta. Esse som de trombeta partia do alto da torre.

A esse som de trombeta respondeu um toque de clarim que partia de baixo.

No alto da torre havia um homem armado; na base, no meio da sombra, havia um acampamento.

Distinguia-se confusamente na escuridão, em volta da Tour-Gauvain um formigar de vultos negros. Esse formigar era um exercito. Alguns fogos começavam de accender-se debaixo das arvores da floresta e entre as moutas da esplanada, e abriam aqui e alli pontos luminosos no meio das trevas, como si a terra quizesse cobrir-se de estrellas ao mesmo tempo que o céu. Sombrías estrellas essas da guerra! O acampamento do lado da esplanada prolongava-se até a planicie e do lado da floresta mergulhava no bosque. A Tourgue estava bloqueada.

A extensão do acampamento dos sitiantes indicava exercito numeroso.

O acampamento apertava a fortaleza estreitamente, e vinha do lado da torre até ao rochedo e do lado da ponte até á grotta.

Houve segundo toque de trombeta a que seguiu-se segundo toque de clarim.

A trombeta Interrogava e o clarim respondia.

A trombeta era a torre que perguntava ao acampamento: Podemos fallar-lhe? e o clarim era o acampamento que respondia que sim.

Nesse tempo, como os vendeanos não eram considerados pela Convenção como belligerantes, e havendo um decreto que prohibia trocar com «os bandidos» parlamentarios, suppriam como podiam as communições

que o direito das gentes autorisa na guerra commum e prohibe na guerra civil.

Dahi nascia nas occasiões proprias certa intelligencia entre a trombeta camponeza e o clarim militar. O primeiro toque não passava de uma entrada em materia, o segundo toque perguntava: Quereis ouvir? Si, a este segundo toque, o clarim ficava calado, é que recusava; si o clarim respondia, é que assentia. Isso significava: Tregua de alguns instantes.

Tendo o clarim respondido ao segundo toque, o homem que estava no alto da torre fallou, e ouviram-lhe isto:

— Homens que me ouvis, sou Gouge-o-Verdelhão, cognominado Esmaga azues, porque exterminei muitos dos vossos, e cognominado tambem Imanus, porque hei de matar ainda mais do que tenho matado; cortaram-me um dedo com um golpe de sabre em cima do cano da minha espingarda no ataque de Granville, e mandastes guilhotinar em Laval meu pae e minha mãe e minha irmã Jacqueline, com dezoito annos de idade. Eis quem sou.

«Fallo-vos em nome de meu senhor o marquez Gauvain de Lantenac, visconde de Fontenay, principe bretão, senhor destas florestas, meu amo.

«Sabei antes de tudo que meu senhor o marquez, antes de se fechar nesta torre em que o tendes bloqueado, distribuiu a guerra entre seis chefes, seus lugar-tenentes; deu a Delière a região entre a estrada de Brest e a de Ernée; a Treton a região entre la Roë e Laval; a Jacquet, por alcunha Talhaferro, o azeiro do bosque do Alto-Maine; a Gualier, chamado Gran-Pierre, Château-Gouthier; a Lecomte, Craon; Fougères ao Sr. Dahois-Guy, e toda a Mayenne ao Sr. de Rochambeau; de fórma que não concluis cousa alguma com a tomada desta fortaleza, e que, ainda quando meu se-

nhor o marquez morra, a Vendéa de Deus e do Rei não morrerá.

«O que vos estou dizendo, ficae sabendo, é para advertir-vos. Meu senhor aqui está a meu lado. Sou a bocca por onde passam as suas palavras. Homens que nos sitiaes, silencio.

«Fis o que cumpre que ouçaes :

Não vos esqueçaes de que a guerra que nos fazeis não é justa. Somos homens que habitamos a nossa região, e combatemos honradamente, e somos simples e puros sob a vontade de Deus como a herva sob o orvalho. Foi a republica que nos atacou ; ella veio perturbar-nos nos nossos campos, e queimou as nossas granjas, e nossas mulheres e nossos filhos viram-se obrigados a fugir descalços pelas mattas enquanto a toutinegra do inverno ainda cantava.

«Vós que aqui estaes e me ouvis, encurrelastes-nos na floresta e encerrastes-nos nesta tarre ; matastes ou dispersastes os que se haviam juntado a nós ; tendes artilharia ; reunistes á vossa columna as guarnições e postos de Mortain, de Barenton, de Teilleul, de Landivy, de Evran, de Tinténiaç e de Vitré, o que faz com que sejaes quatro mil e quinhentos soldados a atacarem-nos, e nós somos dezenove homens a defendermo-nos.

«Temos viveres e munições.

«Conseguistes abrir uma mina e fazer saltar um pedaço do nosso rochedo e um pedaço da nossa muralha.

«Isso produziu um buraco na base da torre, e esse buraco é uma brecha pela qual podeis entrar, posto que ella não seja descoberta e a torre, ainda forte e de pé, fórma uma abobada por sobre ella.

«Agora apparelhae o assalto.

«E nós, em primeiro logar meu senhor o marquez, que é príncipe da Bretanha e prior secular da abbadia de Santa Maria de Lantenac, onde uma missa quotidiana

foi instituída pela rainha Joanna, em seguida os demais defensores da torre, entre os quaes o abbade Turmeau, na guerra Grand-Francœur, o meu camarada Guinoiseau, que é capitão do Camp-Vert, o meu camarada Canta no inverno, que é capitão do campo de l'Avoine, o meu camarada Gaita de folle, que é capitão do campo de Fourmis, e eu, camponez, que nasci no burgo de Daon, por onde corre o ribeiro Moriandro, todos nós temos uma cousa a dizer-vos.

« Homens que estaes na base desta torre, ouvi.

« Temos em nossas mãos tres prisioneiros, que são tres creanças. Essas creanças foram adoptadas por um dos vossos batalhões, e pertencem-vos. Propomo-vos a restituição dessas tres creanças.

« Com uma condição.

« É que nos deis sahir livremente.

« Si recusades, ouvi bem, vós não podeis atacar sinão de dous modos: pela brecha, do lado da floresta; ou pela ponte, do lado da esplanada. O edificio de cima da ponte tem tres andares; no andar de baixo eu, Imanus, que vos fallo, mandei pôr seis pipas de alcatrão e cem fachinas de galhos seccos; no andar do meio ha livros e papeis; a porta de ferro que communica a ponte com a torre está fechada, e meu senhor tem a chave comsigo; eu fiz por baixo da porta um furo, e por esse furo passa um rastilho com enxofre, uma ponta do qual está em uma das pipas de alcatrão e a outra ponta ao alcance da minha mão, no interior da torre; pôr-lhe-hei fogo quando me aprouver. Si recusaes deixar-nos sahir, as tres creanças serão levadas para o segundo andar da ponte entre o andar em que termina o rastilho com enxofre e onde está o alcatrão, e o andar em que está a palha, e a porta de ferro fechar-se-ha sobre ellas. Si atacardes pela ponte, sereis vós que incendiareis o edificio; si atacardes pela brecha, seremos nós; si ata-

cardes a um tempo pela brecha e pela ponte, o fogo será posto a um tempo por vós e por nós; e, em todo o caso as tres creanças morrerão.

« Agora, acceitae ou recusae.

« Si acceitae, sahimos.

« Si recusae, as creanças morrem.

« Tenho dito. »

O homem que fallava de cima da torre, calou-se.

Uma voz bradou de baixo:

— Recusamos.

A voz era secca e austera. Outra voz menos aspera, e no entanto firme, accrescentou:

— Damos-vos vinte quatro horas para que vos rendaeis á discrição.

Houve uma pausa, e a mesma voz continuou:

— Amanhã, á mesma hora, si não vos houverdes rendido, assaltaremos.

E a primeira voz continuou:

— E então nada de quartel.

A esta voz féra, outra voz respondeu do alto da torre. Viu-se entre duas ameias debruçar-se um comprido vulto no qual, á luz das estrellas, pôde-se reconhecer a temida cabeça do marquez de Lantenac, e essa cabeça cujo olhar mergulhava-se na sombra e parecia procurar alguém, exclamou:

— Oh! és tu, professor!

— Sou eu, sim, traidor! respondeu a voz rude de baixo.

XI

MEDONHO COMO ANTIGAMENTE

A voz implacavel com effeito era a voz de Cimourdain; a voz mais moça e menos absoluta era a de Gauvain.

O marquez de Lantenac, reconhecendo o padre Cimourdain, não se enganára.

Em poucas semanas, nessa região ensanguentada pela guerra civil, Cimourdain, é sabido, tornara-se famoso; não havia notoriedade mais lugubre que a sua; dizia-se: Marat em Pariz, Châlier em Lyon, Cimourdain na Vendéa. Profligava-se o padre Cimourdain com tanta acrimonia quanto havia sido o respeito que lhe haviam consagrado antes; era o effeito das vestes sacerdotaes viradas pelo avesso. Cimourdain inspirava horror. Os homens austeros são infelizes; quem lhes vê os actos condemna-os; quem lhes visse a consciencia absolvê-los-hia talvez. Um Lycurgo que não é explicado parece um Tiberio. Fosse como fosse, dous homens, o marquez de Lantenac e o padre Cimourdain pesavam egualmente na balança do odio; a maldição dos realistas contra Cimourdain contrabalançava a execração que os republicans votavam a Lantenac. Cada qual desses dous homens era para o campo opposto um monstro; a tal ponto que deu-se o facto singular de, que ao passo que Prieur do Marne em Granville punha a premio a cabeça de Lantenac, Charrete em Noirmoutiers punha a premio a cabeça de Cimourdain.

Cumpre dizê-lo, ambos esses homens, o marquez e o padre, eram até certo ponto o mesmo homem. A mascara de bronze da guerra civil tem dous perfis, um voltado para o passado, o outro voltado para o futuro, mas tão tragico um como o outro. Lantenac era o primeiro

desses perfis, Cimourdain era o segundo ; a differença unica era que o ricto acerbo de Lantenac estava coberto de sombra e trevas, e na fronte fatal de Cimourdain havia um clarão de aurora.

No entanto a Tourgue sitiada tinha uma dilacão.

Graças á intervençãõ de Gauvain, acabamos de vê-lo, uma como tregua de vinte quatro horas tinha sido convencionada.

O Imanus, de resto, estava bem informado, e, em consequencia das requisições de Cimourdain, Gauvain tinha então sob suas ordens quatro mil e quinhentos homens, tanto de guarda nacional como de tropa de linha, com os quaes cercava Lantenac na Tourgue, e pudera assestar contra a fortaleza doze peças de artilharia, seis do lado da torre, á beira da floresta, em bateria enterrada, e seis do lado da ponte, na esplanada, em bateria alta. Pudera deitar fogo á mina, e abrir brecha na base da torre.

Assim, apenas expirassem as vinte quatro horas de treguas, a luta ia travar-se nas condições seguintes :

Na esplanada e na floresta, eram quatro mil e quinhentos.

Na torre, dezenove.

Os nomes desses dezenove sitiados podem ser encontrados pela historia nos cartazes que os punham fóra da lei. Encontrál-os-hemos talvez.

Para commandar esses quatro mil e quinhentos homens que eram quasi um exercito, Cimourdain tinha querido que Gauvain consentisse em ser nomêado ajudante general. Gauvain havia recusado, e havia dito : « Depois que Lantenac for apanhado, veremos então. Por ora nada mereço. »

Esses grandes commandos com postos humildes estavam de mais a mais nos costumes republicanos. Bo-

naparte mais tarde foi ao mesmo tempo capitão de artilharia e general em chefe do exercito da Italia.

A Tour Gauvain tinha singular destino : um Gauvain atacava-a, um Gauvain defendia-a. Dahi certa reserva no ataque, mas não na defesa, pois o Sr. de Lantenac era desses homens que nada poupam, e demais havia principalmente habitado em Versalhes e não tinha superstição alguma pela Tourgue, que mal conhecia. Viera ali refugiar-se, não tendo já outro asylo, eis tudo ; mas era capaz de demolil-a sem escrupulo. Gauvain era mais respeitoso.

O ponto fraco da fortaleza era a ponte ; mas na bibliotheca, que ficava em cima da ponte, estavam os archivos da familia ; si o assalto fosse dado por ahi, o incendio da ponte era inevitavel ; parecia a Gauvain que queimar os archivos era atacar seus paes. A Tourgue era o solar dos Gauvains ; era dessa torre que governavam todos os seus feudos da Bretanha, da mesma arte que todos os feudos da França eram governados da torre do Louvre ; as recordações domesticas dos Gauvains ahi estavam ; elle proprio ahi nascêra, a fatalidade tortuosa da vida obrigava-o a atacar, homem, essas muralhas venerandas que haviam-no protegido menino. Commetterea para com essa habitação a impiedade de reduzil-a a cinzas ? Talvez o seu proprio berço, delle Gauvain, estivesse algum canto do celleiro da bibliotheca. Certas reflexões são emoções. Gauvain deante do solar sentia-se commovido. Fôra por isso que poupára a ponte. Limitara-se a tornar toda a sahida ou toda a evasão impossivel por esse lado e a dominar a ponte com uma bateria, e escolhêra para o ataque o lado opposto. Dahi a mina e a sapa na base da torre.

Cimourdain deixa-o obrar ; mas exprobrava-lho intimamente ; pois a sua severidade fazia-o carregar os

sobrolhos deante de todas essas antigualhas gothicas, e não queria mais indulgencia para com os edificios que para com os homens. Poupar um castello era um começo de clemencia. Ora a clemencia era o lado fraco de Gauvain, Cimourdain, já o sabemos, fiscalisava-o e detinha-o nesse plano inclinado, a seus olhos funesto. No entanto elle proprio, e não o reconheceria sem colera, não tornára a ver a Tourgue sem secreto abalo; sentia-se enternecido deante dessa sala de estudo onde estavam os primeiros livros que dere a ler a Gauvain; tinha sido a cura da aldeia proxima, Parigné; elle Cimourdain havia habitado no celleiro da ponte acastellada; fôra na bibliotheca que tivera entre os joelhos Gauvain pequenino a aprender o alphabeto; fôra entre essas quatro velhas paredes que vira o discipulo bem amado, o filho de sua alma, crescer como homem e augmentar como espirito. Iria fulminar e incendiar a bibliotheca, esse castello, essas paredes cheias de suas proprias bençãos? Perdoava-lhes. Não sem remorsos.

Deixára Gauvain começar o assedio no ponto opposto. A Tourgue tinha o seu lado barbaro, a torre, e o seu lado civilisado, a bibliotheca. Cimourdain consentira que Gauvain só batesse em brecha o lado barbaro.

Quanto ao mais, atacado por um Gauvain, defendido por um Gauvain, o velho solar tornava, em plena revolução franceza, aos seus habitos feudaes. As guerras entre parentes constituem a historia da idade média; os Eteocles e os Polynices são tão gothicos como gregos, e Hamleto faz em Elseneur o que Orestes fez em Argos.

XII

DELINEA-SE A SALVAÇÃO

A noite inteira passou-se de uma e outra parte em preparatorios.

Logo depois do sombrio parlamento que se acabou de ouvir, o primeiro cuidado de Gauvain foi chamar o seu logar-tenente.

Guéchamp, que cumpre conhecer um tanto, era um homem de segundo plano, honrado, intrepido, mediocre, melhor soldado que chefe, vigorosamente intelligente até ao ponto em que o dever é não comprehender, nunca enternecido, inaccessivel á corrupção, fosse ella qual fosse, tanto á venalidade que corrompe a consciencia como á compaixão que corrompe a justiça. Tinha sobre a alma e sobre o coração estes dous apagadores, a disciplina e a ordem, da mesma arte que um cavallo tem a olhos em ambos os olhos, e caminhava para deante no espaço que assim lhe ficava livre. Caminhava em linha recta, mas o seu caminho era estreito.

Quanto ao mais era homem com quem se podia contar; rigido no ordenar, exacto no obedecer.

Gauvain dirigiu com vivacidade a palavra a Guéchamp :

- Guéchamp, uma escada.
- Meu commandante, não na temos.
- Precisamos tél-a.
- Para a escalada?
- Não, para a salvação.

Guéchamp reflectiu e respondeu :

— Entendo. Mas para o que o senhor a quer, é preciso que seja muito alta.

— Ao menos da altura de tres andares.

— Sim, meu commandante, essa deve ser pouco mais ou menos a altura.

— E é preciso ir além dessa altura, porque é preciso ter certeza do exito.

— Por certo.

— Mas como é que o senhor não tem uma escada?

— Meu commandante, o senhor não julgou acertado sitiar a Tourgue pela explanada; contentou-se com bloqueal-a por este lado; quiz atacar, não pela ponte, mas pela torre. Occupamo-nos apenas com a mina, e renunciámos à escalada. Eis ahí por que estamos sem escadas.

— Mande fazer uma immediatamente.

— Uma escada da altura de tres andares não se improvisa.

— Mande reunir muitas escadas curtas.

— Era preciso tê-las.

— Procure-as.

— Não é possível obtê-las. Os camponezes por toda a parte destroem as escadas, da mesma arte que desmontam as carretas e cortam as pontes.

— É verdade, querem paralyzar a Republica.

— Querem que fiquemos na impossibilidade de puxar um trem, passar um rio, ou escalar uma muralha.

— No entanto careço de uma escada.

— Estou pensando nisso, meu commandante; ha em Javené, perto de Fougères, uma grande carpintaria. Póde-se lá ir buscar uma.

— Não temos um minuto a perder.

— Para quando quer a escada?

— Para amanhã, a esta hora o mais tardar.

— Vou mandar a Javené um proprio a toda brida. Lévará a requisição. Ha em Javené um posto de caval

aria que fornecerá a escolta. A escada pó-le estar aqui amanhã antes do pôr do sol.

— Está bom, é quanto basta, disse Gauvain, mande depressa. Vá.

Dez minutos depois Guéchamp voltou e disse a Gauvain :

— Meu commandante, o proprio já seguiu para Javené.

Gauvain subiu a esplanada e permaneceu muito tempo com os olhos fixos na ponte acastellada que atravessava a grotta. A empena do castellino, sem outra entrada além da porta baixa, fechada pela ponte levadiça quando levantada, ficava defronte da escarpa da grotta. Para ir da esplanada á base dos pilares da ponte, era preciso descer ao longo da escarpa, o que não era impossivel, de mouta em mouta. Uma vez no fosso, ficava o assaltante exposto a todos os projectis que podiam chover dos tres andares. Gauvain acabou de capacitar-se de que, no ponto em que estava o assedio, o verdadeiro ataque era pela brecha da torre.

Tomou todas as precauções para que fosse impossivel toda e qualquer fuga; completou o bloqueio vigoroso da Tourgue; apertou as malhas dos seus batalhões de modo que nada pudesse passar por entre elles. Gauvain e Cimourdain repartiram entre si o investimento da fortaleza; Gauvain ficou com o lado da floresta e deu a Cimourdain o lado da esplanada. Ficou assentado que, enquanto Gauvain, secundado por Guéchamp, levasse o assalto pela sapa, Cimourdain, com todos os morrões da bateria alta accesos, observaria a ponte e a grotta.

XIII

O QUE FAZ O MARQUEZ

Emquanto fóra tudo se aprestava para o ataque, dentro tudo se aprestava para a resistencia.

Não é sem real analogia que uma torre assemelha-se a uma pipa, e abre-se ás vezes uma torre com o estouro de uma mina como uma pipa com um golpe de punção. A muralha abre-se como um batoque. Fôra o que succedêra á Tourgue.

O potente golpe de punção dado por dous ou tres quintaes de polvora furára de lado a lado a muralha enorme. O buraco começava na base da torre, atravessava a muralha na sua maior espessura e ia terminar em arcada uniforme no andar terreo da fortaleza. De fóra os sitiantes, afim de tornar esse buraco praticavel ao assalto, haviam-no alargado e afeiçoado a tiros de peça.

O andar terreo em que penetrava essa brecha era uma vasta sala redonda, toda despida, com um pilar no centro sustentando o fecho da abobada. Essa sala que era a mais vasta de toda a torre, não tinha menos de quarenta pés de diametro. Cada um dos andares da torre compunha-se de uma camara semelhante, menos vasta porém, com casinholas nos vãos das setteiras. A sala do andar terreo não tinha setteiras, não tinha respiradouros, não tinha trapeiras; tinha tanta claridade e ar como um tumulo.

A porta do calabouço, feita mais de ferro que de madeira, era na sala do andar terreo. Outra porta dessa sala dava para uma escada que conduzia ás camaras superiores. Todas as escadas eram praticadas na espessura da muralha.

Era a essa sala baixa que os sitiantes tinham proba-

habilidade de chegar pela brecha que haviam aberto. Tomada essa sala, tinham ainda de tomar a torre.

Nunca se havia respirado nessa sala baixa. Ninguém passava ali vinte quatro horas sem ficar asphyxiado. Agora, graças á brecha, podia-se ali viver.

Foi essa a razão pela qual os sitiados não fecharam a brecha.

De mais, para que? A artilharia tê-la-hia tornado a abrir.

Enterraram no muro um braço de ferro, puzeram-lhe um brandão, e isso allumiou o andar terreo.

No entanto como defenderem-se ali?

Murar o buraco era facil, mas inutil. Uma trincheira era preferivel. Uma trincheira interior vem a ser um intrincheiramento com angulo reentrante, uma como barricada mantelada que permite fazer convergir o fogo sobre os assaltantes, e que deixando externamente a brecha aberta, fecha-a inteiramente. Não lhes faltavam materiaes, construíram uma trincheira, com aberturas para passarem os canos das espingardas. O angulo da trincheira apoiava-se no pilar do centro; as duas alas iam ter á muralha de ambos os lados. Feito isto, dispuzeram nos pontos mais convenientes algumas pequenas minas.

O marquez tudo dirigia. Inspirador, ordenador, guia e senhor, alma terrivel.

Lantenac pertencia a essa raça de homens de guerra do decimo oitavo seculo que, aos oitenta annos, salvavam cidades. Parecia-se com esse conde de Alberg que, quasi aos cem annos, repelliu de Riga o rei da Polonia.

— Coragem, amigos, dizia o marquez, no começo deste seculo, em 1713, em Bender, Carlos XII, encerrado em uma casa, fez frente com tresentos suecos a vinte mil turcos.

Levantaram barricadas nos dous andares de baixo,

fortificaram as camaras, abriram setteiras nas alcovas, especaram as portas com vigas enterradas a malho que formavam umas como escoras; apenas deixaram livre a escada em espiral que punha em communição todos os andares, pois tinham necessidade de percorrer todos elles; e trancál-a ao sitiante, fôra trancál-a ao sitiado. A defesa das praças tem sempre assim um lado fraco.

O marquez, infatigavel, vigoroso como um mancebo, erguendo traves, carregando pedras, dava o exemplo, punha hombros á empreza, ordenava, ajudava, fraternisava, ria-se com o bando feroz, permanecendo no entanto fidalgo, altivo, familiar, elegante, fero.

Não havia replicar-lhe. Dizia: *Si una metade de vós-outros se revoltasse, mandál-a-ia fuzilar pela outra metade, e defenderia a praça com os que ficassem.* Estas cousas tornam um chefe adorado.

XIV

O QUE FAZ O IMANUS

Em quanto o marquez tratava da brecha e da torre, o Imanus tratava da ponte. Desde o começo do assedio a escada de salvação suspensa transversalmente pela parte de fóra e por baixo das janellas do segundo andar, tinha sido recolhida por ordem do marquez, e collocada pelo Imanus na sala da bibliotheca. Era talvez essa escada que Gauvain queria substituir. As janellas do primeiro andar ou sobreloja, chamada sala dos guardas, eram defendidas por triplice linha de varões de ferro chumbados na pedra, e não se podia entrar ou sahir por ahi.

Não havia grade nas janellas da bibliotheca, mas eram muito altas.

O Imanus foi acompanhado por tres homens, como

elle capazes de tudo e a tudo resolvidos. Esses homens eram Hoisnard, chamado Ramo-de-Ouro, e os dous irmãos Lanças-de-Páu. O Imanus tomou uma lanterna furta-fogo, abriu a porta de ferro, e visitou minuciosamente os tres andares da ponte acastellada. Hoisnard Ramo-de-Ouro era tão implacavel como o Imanus, pois os republicanos lhe haviam matado um irmão.

O Imanus examinou o andar de cima, atulhado de feno e de palha, e o andar de baixo, para o qual mandou carregar algumas parellas de fogo, que reuniu ás pipas de alcatrão; mandou pôr o monte de fachinas de ramas em contacto com as pipas de alcatrão, e verificou si estava perfeito o rastilho com enxofre, cujas pontas estavam uma na ponte e outra na torre. Espalhou no soalho, por baixo das pipas e das fachinas, um lago de alcatrão onde mergulhou a extremidade do rastilho enxofrado; depois mandou collocar na sala da bibliotheca, entre o andar inferior em que estava o alcatrão e o celeiro em que estava a palha, os tres berços em que estavam João Renato, Gordo Alano e Georgina, mergulhados em profundo somno. Carregaram os berços devagarinho para não despertarem os pequenos.

Eram simples cestos de campanha, umas como cestas de vime muito baixas que assentam no chão, o que permite á creança sahir do berço sósinha e sem auxilio. Junto de cada berço o Imanus mandou pôr uma escudella de sôpa com uma colher de páu. A escada de salvação, tirada dos ganchos fóra collocada no soalho, encostada á parede; o Imanus mandou enfileirar os tres berços ao longo da outra parede defronte da escada. Depois, imaginando que as correntes de ar podiam ser uteis, escancarou as seis janellas da bibliotheca. Era uma noite de estio, azulada e tepida.

Mandou os irmãos Lanças-de-Páu abrirem as janellas do andar inferior e do andar superior; notára na

fachada oriental do edificio um grande e velho pé de hera secco, côr de isca, a cobrir um lado inteiro da ponte de cima a baixo e a emoldurar as janellas dos tres andares. Imaginou que esse pé de hera não faria mal. O Imanus deitou para toda a parte um ultimo lance de vista ; depois do que os quattros homens sahiram do castellino e tornaram para a torre. O Imanus tornou a fechar a pesada porta de ferro com duas voltas, observou attentamente a fechadura enorme e terrivel, e examinou, fazendo um signal de satisfação com a cabeça, o rastilho com enxofre que passava pelo buraco aberto por elle, e era então a communicacão unica entre a torre e a ponte. O rastilho sahia da camara redonda, passava por baixo da porta de ferro, entrava por baixo da abobada, descia a escada do andar inferior da ponte, serpava sobre os degráus em espiral, rastejava sobre o soalho da corredoura ou sobreloja, e ia terminar no lago de alcatrão sobre o monte de fachina secca. O Imanus calculára que era preciso cerca de um quarto de hora para que o rastilho, accendido no interior da torre, ateiasse fogo ao lago do alcatrão por baixo da bibliotheca. Tomadas todas estas precauções, e feitas todas estas inspecções, entregou a chave da porta de ferro ao Marquez de Lantenac que metteu-a no bolso.

Cumpria vigiar todos os movimentos dos sitiantes. O Imanus foi postar-se de vedeta, com a sua guampa á cinta, na guarita do eirado, no alto da torre. Emquanto observava, ora a floresta, ora a esplanada, tinha perto de si, no vão da trapeira da guerita, um polvarinho, um sacco de fazenda de linho cheio de balas de espingarda, e jornaes velhos que rasgava, e fazia cartuchos.

Quando o sol surgiu, alumiou na floresta oito batalhões, de sabre ao lado, cartucheira a tiracollo, bayoneta calada, promptos para o assalto ; na esplanada uma bateria de canhões, com caixões, saquinhos e caixas de

metralha ; na fortaleza dezenove homens carregando bacamartes, mosquetes, pistolas e trabucos, e nos tres berços tres creanças adormecidas.

LIVRO TERCEIRO

A MATANÇA DE S. BARTHOLOMEU

I

As creanças acordaram.

Acordou primeiro a pequenina.

Um despertar de creanças é um desabrochar de flôres ; parece que exalam perfume esses almas candidas.

Georgina, a que tinha vinte mezes, a mais moça dos tres, que ainda em Maio mamava, levantou a cabecinha-sentou-se no berço, olhou para os pés, e poz-se a papaguear.

Um raio da manhã brincava-lhe no berço ; difficil fôra dizer qual era mais rosado, si o pé de Georgina, si o da aurora.

Os outros dous ainda dormiam ; os homens são mais pesados ; Georgina, alegre e calma, papagueava.

João Renato tinha cabellos negros, Gordo Alano tinha-os castanhos, Georgina louros. Essa differença na côr dos cabellos, na infancia de accordo com a idade, pôde modificar-se mais tarde. João Renato parecia um Herculezinho ; dormia de barriga para baixo, com ambos os punhos nos olhos. Gordo Alano tinha ambas as pernas fôra da camazinha.

Todos tres estavam cobertos de andrajos ; as roupas que lhes havia dado o batalhão do Barrete Vermelho tinham-se ido embora aos pedaços ; o que tinham sobre o corpo não era siquer uma camisa ; os dous meninos estavam quasi nús, Georgina estava enfronhada em seus

trapos que tinham sido uma saia e que já não eram sequer uma camisola. Quem tratava destas creanças? não fôra possível dizê-lo. Não tinham mãe. Esses selvagens camponios insurgidos, que os levavam consigo de floresta em floresta, davam-lhe rações de sopa. Eis tudo. Os pequenos arranjavam-se como podiam. Tinham a todos por senhor e a ninguem por pae. Mas os andrajos das creanças são luminosos. Eram encantadores.

Georgina papagueava.

O que um passaro canta uma creança papaqueia. O hymno é o mesmo. Hymno indistincto, balbuciado, profundo. A creança tem de mais que o passaro o sombrio destino humano deante de si. Dahi a tristeza dos homens que ouvem misturada com a alegria da creança que canta. O canto mais sublime que é dado ouvir na terra é o balbuciar da alma humana nos labios da infancia. Esse susurrar confuso de um pensamento, que não é ainda mais que instincto, encerra não sei que appello inconsciente para a justiça eterna; é talvez um protesto no limiar antes de entrar; protesto humilde e pungente; essa ignorancia a sorrir para o infinito compromette toda a criação na sorte que tiver o ente fraco e desarmado. O infortunio, se vier, será um abuso de confiança.

O murmurar da creança é mais e é menos que a palavra; não são notas, e é um canto; não são syllabas, e é uma linguagem; esse murmurio começou no céu e não terminará na terra; é anterior ao nascimento, e continúa, é uma sequencia. Esse balbuciar compõe-se do que a creança dizia quando era anjo e do que dirá quando fôr homem; o berço que tem um Hontem assim como o tumulo tem um Amanhã; esse amanhã e esse hontem misturam nesse gorgear obscuro o seu duplo mysterio; e nada prova tanto a existencia de Deus, a eternidade, a responsabilidade, a dualidade do destino,

como essa sombra formidavel nessa alma côr de rosa.

O que Georgina balbuciava não a entristecia, pois todo o seu formoso semblante era um sorriso. A bocca sorria-lhe, os olhos sorriam-lhe, as covinhas das faces sorriam-lhe. Desprendia-se desse sorriso mysterioso acolhimento da manhã. A alma tem fé no raio. O céu estava azul, o ar era tepido, o tempo estava bonito. A fraca creatura, sem nada saber, sem nada conhecer, sem nada comprehender, indolentemente mergulhada na scisma que não pensa, sentia-se em segurança no seio dessa natureza, dessas arvores honradas, dessa vegetação sincera, desse prado puro e calmo, desses rumores de ninhos, de fontes, de moscas, de folhas, por cima dos quaes resplendia a immensa innocencia do sol.

Depois de Georgina, João Renato, o mais velho, o crescido, que tinha quatro annos feitos, acordou. Poz-se de pé, passou virilmente a perna por cima da borda do berço, viu a sua escudella, achou tudo isso muito simples, sentou-se no chão e começou a comer sua sopa.

O papaguear de Georgina não despertára Gordo Alano, mas ao ruido da colher na escudella virou-se sobresaltado, e abriu os olhos. Gordo Alano era o que tinha tres annos. Viu a sua escudella, não tinha mais que estender o braço, apanhou-a, e, sem sahir da cama, com a escudella nos joelhos e a colher em punho, fez o mesmo que João Renato, poz-se a comer.

Georgina não os ouviu, e as ondulações da voz della dir-se-ia que modulavam o embalar de um sonho. Com os olhos bem abertos olhava para cima, e tinha-os divinos; seja qual fôr o tecto da abobada que uma creança tenha por sobre a cabeça, o que se lhe reflecte nos olhos é o céu.

Quando João Renato acabou, raspou com a colher o

fundo da escudella, suspirou, e disse com dignidade :—
Comi a minha sopa.

Isso tirou Georgina da sua scisma.

— Pópôpa, disse.

E vendo que João Renato tinha comido e que Gordo Alano comia, apanhou a escudella de sopa que lhe estava ao lado, e comeu, não sem levar a colher muito maior numero de vezes á orelha que á bocca.

De tempos a tempos renunciava á civilidade e comia com os dedos.

Gordo Alano, depois de haver, como o irmão, raspado o fundo da escudella, fôra ter com elle e atraz d'elle corria.

II

De improviso ouviu-se fôra, embaixo, do lado da floresta, um toque de clarim, uma como chamada altiva e severa. A este toque de clarim respondeu do alto da torre um toque de trombeta.

Desta vez era o clarim que chamava e a trombeta que rospndia.

Houve segundo toque de clarim a que seguiu-se segundo toque de trombeta.

Depois, do aceiro da floresta ergueu-se uma voz distante, mas clara, que bradou distintamente assim :

— Salteadores! intimo-vos. Si vos não renderdes á discripção até o pôr do sol, atacaremos.

Uma voz, que semelhava um bramido, respondeu do eirado da torre :

— Atacae.

A voz de baixo continuou :

— Dispararemos um tiro de peça, como ultima advertencia, meia hora antes do assalto.

E a voz de cima repetiu :

— Atacae.

Essas vozes não chegavam até onde estavam as creanças, mas o clarim e a trombeta soavam mais alto e mais longe, e Georgina, ao primeiro toque de clarim, estendeu o pescoço, e parou de comer; ao toque de trombeta, poz a colher na escudella; ao segundo toque de clarim, levantou o indicezinho da mão direita, e abaixando-o e erguendo-o alternativamente, acompanhou as cadencias do toque, prolongadas pelo segundo toque de trombeta; quando a trombeta e o clarim calaram-se, ella permaneceu pensativa com o dedinho para o ar e murmurou em voz baixa :— Muca.

Supponmos que queria dizer « musica. »

Os dous mais velhos, João Renato e Gordo Alano, não tinham prestado attenção á trombeta e ao clarim; estavam absortos com outra cousa; uma centopeia ia atravessando a bibliotheca.

Gordo Alano deu com ella e exclamou :

— Um bicho.

João Renato accudiu.

— Gordo Alano continuou.

— Elle morde.

— Não mecha com elle, disse João Renato.

E ambos puzeram-se a contemplar o transeunte.

No entretanto Georgina acabára de comer a sopa; procurou com os olhos os irmãos João Renato e Gordo Alano estavam no vão de uma janella, acorados e graves por cima da centopeia; tinham as cabeças encostadas uma na outra e confundiam os cabellos; retinham a respiração, maravilhados, e contemplavam o bicho, que parára e não se mexia, pouco satisfeito com tamanha admiração.

Georgina, vendo os irmãos contemplativos, quiz saber o que seria aquillo. Não era facil ir ter com elles,

mas tentou-o; o trajecto estava cheio de obstaculos; havia cousas pelo chão. Tamborettes cahidos, montões de papeis, caixões despregados e vasios, bahuís, montes diversos em volta dos quaes tinha de andar, um archipelago em summa de escolhos; Georgina abalançou-se. Começou por sahir do berço, primeiro trabalho; depois metteu-se por meio dos arrecifes, serpeou pelos estreitos, empurrou um tamborete, arrastou-se entre dous cofres, passou cima de uma papelada, subindo por um lado e voltando pelo outro, mostrando com candura a sua misera nudez, e chegou assim ao que um maritimo chamaria alto mar, isto é, a um bom pedaço de soalho que não estava já obstruido e onde não havia já perigo; então atirou-se, atravessou esse pedaço que era todo o diametro da sala, de quatro pés, com uma rapidez de gato, e chegou perto da janella; ahí havia um obstaculo temivel; a comprida escada deitada ao longo da parede vinha terminar nessa janella, e a extremidade da escada excedia um tanto a aresta da parede do vão; isso punha entre Georgina e os irmãos um como cabo a transpor; reparou e reflectiu; terminando o seu monologo intimo, tomou uma resolução; agarrou-se resolutamente com os dedinhos rosados a um dos degráus, os quaes eram verticaes e não horizontaes, porque a escada estava deitada; tentou pôr-se de pé e cahiu; recomeçou duas vezes, nada conseguiu; da terceira vez sim; então direita e de pé, apoiando-se successivamente em cada um dos degráus, poz-se a andar ao longo da escada; chegando á extremidade e faltando-lhe o ponto de apoio, tropeçou, mas agarrando-se com as mãozinhas á ponta da perna da escada que era enorme, tornou a levantar-se sobre o promontorio, olhou para João Renato e Gordo Alano, e riu se.

III

Nesse momento João Renato, satisfeito com o resultado das suas observações sobre a centopeia, erguia a cabeça e dizia :

— É femea.

O riso de Georgina fez rir João Renato, e o riso de João Renato fez rir Gordo Alano.

Georgina reuniu-se aos irmãos, e formaram uma cenaculozinho sentado no chão.

A centopeia porém, desaparecera.

Aproveitara-se do riso de Georgina para metter-se em um buraco do soalho.

Outros acontecimentos succederam á centopeia.

Primeiro vieram umas andorinhas. Tinham provavelmente os ninhos debaixo da beira do telhado. Vieram esvoaçar junto da janella, um tanto assustadas por amor da prole, descrevendo grandes circulos no ar e soltando o seu terno gritosinho da primavera. Isso fez com que as tres creanças erguessem os olhos e a centopeia ficou esquecida.

Georgina apontou com o dedinho para as andorinha e gritou :—Nini !

João Renato reprehendeu-a.

— Menina, não se diz nini, diz-se passalinhos.

— Lili, disse Georgina.

E todos tres olharam para as andorinhas.

Depois entrou uma abelha.

Nada se parece tanto com uma alma como uma abelha. Anda de flôr em flôr como uma alma de estrella em estrella, e traz o mel como a alma traz a luz.

Essa fez grande rumor ao entrar, zumbia em voz alta, e parecia dizer : Aqui estou, acabou de vêr as rosas, sem tardança venho vêr as creanças. O que ha por aqui?

Uma abelha é uma dona de casa, e ralha cantando.

Emquanto a abelha ahi esteve, os tres pequenos não a perderam de vista.

A abelha percorreu toda a bibliotheca, esquadri-nhou todos os cantos, esvoaçou como si estivesse em casa e em uma colmeia, e adejou, alada e melodiosa, de armario em armario, olhando atravez das vidraças para os titulos dos livros, como si fôra um espirito.

Acabada a sua visita, foi-sé embora.

— Vae para a casa della, disse João Renato.

— É um bicho, disse Gordo Alano.

— Não, retrucou João Renato, é uma mosca.

— Môca, disse Georgina.

Nisto Gordo Alano; que acabava de achar no chão um cordão, na extremidade do qual havia um nó, segurou entre o pollegar e o indicador a ponta opposta ao nó, deu ao cordão movimenta de funda, e poz-se a vê-lo girar com profunda attenção.

Pela sua parte Georgina, pondo-se de novo de quatro pés e tornando ás suas caprichosas correrias pelo soalho, tinha descoberto uma veneravel poltrona esto-fada e carcomida, cujo cabello sahia por varios buracos. Parára junto dessa poltrona. Alargava-lhe os buracos e puxava-lhe e cabello com recolhimento.

De subito levantou um dedo, o que queria dizer:— Escutem.

Os dous irmãos voltaram a cabeça.

Vago e longinquo rumor soava fóra; era provavelmente o campo de ataque desde que executava algum movimento estrategico na floresta; relinchavam cavallos, soavam tambores, rufavam caixas, correntes batiam umas nas outras, toques militares chamavam o respondiam, confusão de ruidos selvagens que reunidos tornavam-se uma como harmonia; as creanças escutavam, encantadas.

— É papae do ceu quem faz isto, disse João Renato.

IV

O rumor cessou.

João Renato permanecêra pensativo.

Como se decomporão e se recomporão as idéas nesses cerebrozinhos? Qual será a circumvolução mysteriosa dessas memorias ainda tão confusas e curtas? Operou-se nessa meiga cabeça pensativa uma associação de idéas do papae do ceu com a prece, as mãos postas, não sei que terno sorriso que tinham dantes sobre si, e que agora já não tinham, e João Renato murmurou baixinho:—
Mamãe.

— Mamãe, disse Gordo Alano.

— Mman, disse Georgina.

E depois João Renato poz-se a saltar.

Vendo o que, Gordo Alano saltou.

Gordo Alano reproduzia todos os movimentos e todos os gestos de João Renato; Georgina não. Tres annos não copiam quatro annos; mas vinte mezes mantêm a sua independencia.

Georgina conservou-se sentada, dizendo de tempos a tempos uma palavra. Georgina não gostava de phrases.

Era uma pensadora; fallava por apophthegmas. Era monosyllabica.

Ao cabo de algum tempo, no entanto, o exemplo tornou-se contagio, e ella acabou por tratar de fazer o mesmo que os irmãos, e esses tres parezinhos de pés descalços puzeram-se a dansar, a correr e a vacillar na poeira do velho soalho de carvalho polido, sob o grave conspecto dos bustos de marmore para os quaes Geor-

gina deitava de quando em quando de esguelha olhares inquietos, murmurando :— Momomo !

Na linguagem de Georgina um «momomo» era tudo quanto parecia-se, com um homem, mas não era homem. Os seres só se appresentam á creança de envolta com os phantasmas.

Georgina, mais vacillando que andando, acompanhava os irmãos, mas com maior facilidade engatinhando.

De repente João Renato, tendo-se approximado de uma janella, ergueu a cabeça, depois baixou-a, e foi esconder-se por traz da aresta da parede do vão da janella. Acabava de deparar alguém que o contemplava. Era um soldado azul do acampamento da esplanada que, aproveitando-se da tregua e infringindo-a talvez um tanto, abalançara-se a ir até á beira da escarpa da grotta, donde avistava-se o interior da bibliotheca. Vendo João Renato esconder-se, Gordo Alano escondeu-se; metteu-se ao lado de João Renato, e Georgina foi esconder-se atraz delles. Permaneceram ahi silenciosos, immoveis, e Georgina pôz o dedinho nos labios. Ao cabo de alguns momentos João Renato abalançou-se a adeantar a cabeça; o soldado ainda lá estava. João Renato recolheu a cabeça com vivacidade; e os tres pequenos não ousaram siquer respirar. Durou isso bastante tempo. Emfim esse medo aborreceu Georgina, revestiu-se de animo, e olhou. O soldado tinha-se ido embora. Puzeram-se de novo a correr e a brincar.

Gordo Alano, apesar de imitador e admirador de João Renato, tinha sua especialidade, os achados. O irmão e a irmã viram-no de repente corcovear como um doudo, a puxar um carrinho de quatro rodas que desenterrára não sei onde.

Esse carro de boneca ahi estava havia annos na poeira, esquecido, em boa visinhança com os livros dos

genios e os bustos dos sabios. Era talvez um dos brincos com que entretivera-se Gauvain em creança.

Gordo Alano fizera do seu cordão um chicote com o qual dava estalos; estava satisfeitissimo. Assim são os descobridores. Quando não descobrem a America, descobrem um carrinho. É sempre assim.

Mas foi obrigado a dividir com os outros a descoberta. João Renato quiz puxar o carro e Georgina quiz entrar dentro d'elle.

Procurou sentar-se. João Renato fez de cavallo. Gordo Alano fez de cocheiro. Mas o cocheiro não sabia o officio e o cavallo eusinou-lho.

João Renato bradou para Gordo Alano :

— Diga : Hupa !

— Hupa ! repetiu Gordo Alano.

O carro virou. Georgina rolou no chão. Os anjos gritam. Georgina gritou.

Depois teve um vago desejo de chorar.

— Menina, disse João Renato, você é muito grande.

— Mim grande, disse Georgina.

E a grandeza consolou-a da quêda.

A cornija que corria por baixo das janellas era muito larga; a poeira dos campos que voára da esplanada acabára por amontoar-se ahi; as chuvas haviam tornado a fazer terra dessa poeira; o vento para ahi trouxera sementes, e dest'arte uma amoreira sylvestre aproveitara-se desse pedaço de terra para ahi nascer. Esse pé era da especie vivaz chamada *amoreira de raposa*. Corria o mez de Agosto, o pé estava coberto de amoras, e um galho entrava por uma janella. Esse galho pendia quasi até ao chão.

Gordo Alano, depois de ter descoberto o cordão, depois de ter descoberto o carrinho, descobriu a amoreira. Approximou-se della.

Colheu uma amora e comeu-a.

— Estou com fome disse João Renato.

E Georgina, correndo sobre os joelhos e sobre as mãos, acercou-se dos dous.

Os tres assaltaram o galho e comeram todas as amoras. Embriagaram-se com ellas e ficaram todos pintados, e, tintos com a purpura da amoreira, os tres seraphinzinhos acabaram por transformarem-se em tres faunozinhos, cousa que teria incommodado a Dante e encantado a Virgilio. Riam-se ás gargalhadas.

De tempos a tempos a amoreira sylvestre picave-lhes os dedos. Pouco se lhes dava.

Georgina estendeu a João Renato o dedo onde estava como uma perola uma gotazinha de sangue e disse mostrando o galho:—Móde.

Gordo Alano, picado tambem, olhou para o galho com desconfiança e disse:

— É um bicho.

— Não é bicho. respondeu João Renato, é pau.

— Que pau mau, disse Gordo Alano.

Georgina ainda dessa vez teve vontade de chorar, mas poz-se a rir.

V

No entretanto João Renato, com inveja talvez das descobertas do irmão mais moço Gordo Alano, concebera um grande projecto. Havia algum tempo que, enquanto colhia amoras e picava os dedos, voltava frequentemente os olhos para o lado da estante presa a uma columna e isolada como um monumento no meio da bibliotheca. Era nesta estante que estava aberto o celebre volume *S. Bartholomeu*.

Era realmente um in-quarto magnifico e memoravel. Esse *S. Bartholomeu* fôra publicado em Colonia pelo fa-

moso editor da Biblia de 1682, Blœuw; em latim Cœsius. Tinha sido fabricado por prensas de encaixe e de nervos de boi; tinha sido impresso, não em papel de Hollanda, mas nesse bello papel arabe, téo admirado por Edrisi, feito de seda e algodão e sempre claro; a encadernação era de couro dourado e os fechos eram de prata; os cantos eram desse pergaminho que os mercadores de Pariz juravam comprar na sala Saint-Mathurin «e não em outra parte.» O volume estava cheio de gravuras em madeira e em cobre e de figuras geographicas de muitas regiões; era precedido de um protesto dos impressores, fabricantes de papel e livreiros, contra o edito de 1635 que lançavam um imposto sobre «os couros, as cervejas, o gado de unha rachada, o peixe do mar e o papel,» e no verso do frontespicio lia-se uma dedicatória dirigida aos Gryphos, que são para Lyon o que os Elzevires são para Amsterdam. De tudo isso resultava um exemplar illustre, quasi tão raro como o *Apostol* de Moscow.

O livro era bonito; era por isso que João Renato contemplava-o, em demasia talvez. O volume estava exactamente aberto em uma grande estampa representando S. Bartholomeu carregando a pelle no braço. A estampa via-se de baixo. Depois de comidas todas as amoras, João Renato contemplou-a com terrivel olhar amoroso, e Georgina, cujos olhos seguiam a direcção dos olhos do irmão, deu com a estampa e disse:--
Gimage.

Esta palavra pareceu resolver João Renato. Então com grande pasmo de Gordo Alano, fez uma cousa extraordinaria.

Uma pesada cadeira de carvalho estava em um angulo da bibliotheca; João Renato encaminhou-se para a cadeira, agarrou nella e arrastou-a sósinho até á estante, trepou em cima della e poz os dous punhos em cima do livro.

Collocado nessa altura, reconheceu a necessidade de ser munificente: pegou no «gimage» pelo canto de cima e rasgou-a cuidadosamente; esse despedaçamento de S. Bartholomeu foi atravessado, mas não foi por culpa de João Renato; deixou no livro todo o lado esquerdo com um olho e um pedaço da aureola do velho evangelista apoérypho, e deu a Georgina a outra metade do santo e toda a pelle d'elle. Georgina recebeu o santo e disse:—Momomo.

— E para mim! exclamou o Gordo Alano.

Succede com a primeira pagina arrancada o que succede com o primeiro sangue derramado. Abre a porta á carnificina.

João Renato virou a folha; por traz do santo havia o commendador, Pantœnus; João Renato entregou Pantœnus a Gordo Alano.

No entanta Georgina rasgou o pedaço grande em dous menores, depois os dois menores em quatro, de tal arte que a historia poderia dizer que S. Bartholomeu, depois de ter sido esfolado na Armenia, foi esquartejado na Bretanha.

VI

Terminado o esquartejamento, Georgina estendeu a mão a João Renato e disse:—Outo!

Apoz o santo e o commendador vinham, retratos carrancudos, os glosadores. O primeiro em data era Gavantus, João Renato arrancou-o e eutregou-o nas mãos de Georgina.

Todos os glosadores de S. Bartholomeu por elles passaram.

Dar é uma superioridade. João Renato não reservou cousa alguma para si. Gordo Alano e Georgina contem-

plavam-no; isso bastava-lhe; contentou-se com a admiração dos seus espectadores.

João Renato, inexgotavel e magnanimo, offereceu a Gordo Alano, Fabricio Pignatelli e a Georgina o padre Stilting; offereceu a Gordo Alano Affonso Tostat e a Georgina *Cornelius a Lapide*, Gordo Alano ganhou Henrique Hammond, e Georgina o podre Roberti, augmentado com uma vista da cidade de Doual, onde nasceu em 1619. Gordo Alano recebeu o protesto dos fabricantes de papel e Georgina alcançou a dedicatória aos Gryphos. Tambem havia mappas. João Renato distribuiu-os. Deu a Ethiopia a Gordo Alano e a Lycaonia a Georgina. Feito isto, atirou com o livro ao chão.

Foi um momento atterrador. Gordo Alano e Georgina viram com extase cheio de espanto João Renato franzir as sobrancelhas, entesar as curvas das pernas, crispar as mãos e atirar da estante fóra o massivo in-quarto. Um alfarrabio magestoso que perde a sua gravidade é cousa tragica. O pesado volume desmontado pendeu um momento, hesitou, oscillou, depois tombou, e roto, amarrotado, lacerado, arrancado da capa, deslocado dos fechos, achatou-se lamentavelmente no soalho. Felizmente não cahiu em cima das creanças.

Ficaram deslumbrados, mas não esmagados. Nem todas as aventuras de conquistadores acabam tão bem.

Como todas as glorias, essa levantou grande ruido e uma nuvem de poeira.

Tendo derribado o livro, João Renato desceu da cadeira.

Houve um instante de silencio e de terror, a victoria traz seus pavores. As tres creanças seguraram nas mãos uns dos outros e conservaram-se distantes, contemplando o amplo volume desmantelado.

Mas apoz alguma reflexão, Gordo Alano acercou-se-lhe energicamente e deu-lhe um pontapé.

Estava acabado. O appetite da destruição é uma cousa que existe. João Renato deu o seu pontapé, Géorgina deu o seu pontapé, com o que foi ao chão, mas sentada; aproveitou-se disso para atirar-se sobre S. Bartholomeu; desappareceu todo o prestigio; João Renato precipitou-se para elle. Gordo Alano atirou-se, e alegres, desvairados, triumphantes, implacaveis. despedaçando as estampas, rasgando as folhas, arrancando as fitas, arranhando a encadernação, descollando o couro dourado, despregando os pregos dos cantos de prata, rompendo o pergaminho, pondo em tiras o texto augusto, trabalhando com pés, mãos, unhas, dentes, corados, risonhos, ferozes, os tres anjos de rapina cahiram sobre o evangelista indefeso.

Aniquilaram a Armenia, a Judéa, o Benevento onde estão as reliquias do santo, Nathanael que é porventura o mesmo Bartholomeu, o papa Gelasio, que declarou apocrypho o evangelho Bartholomeu-Nathanael, todas as as figuras, todos os mappas, e a tal ponto absorveu-os a execução inexoravel do velho livro que um ratinho passou sem que dessem delle fé.

Foi um exterminio.

Despedaçar a historia, a lenda, a sciencia, os milares verdadeiros ou falsos, o latim da Egreja, as superstições, os fanatismos, os mysterios, rasgar toda uma religião de alto a baixo, é trabalho para tres gigantes, e até para tres creanças; correram as horas nesse labor, mas chegaram ao cabo; não ficou cousa alguma de São Bartholomeu.

Quando acabaram, quando arrancaram a derradeira folha, quando puzeram no chão a derradeira estampa, quando do livro não restaram mais que pedaços de texto e de imagens no esqueleto da encadernação, João Renato poz-se de pé, olhou para o soalho juncado com todas essas folhas esparsas, e bateu palmas.

Gordo Alano bateu palmas.

Georgina apanhou no chão uma dessas folhas, levantou-se, arrimou-se á janella que batia-lhe pelo queixo e poz-se a picar em pedacinhos e a deitar fóra a larga pagina.

Vendo o que, João Renato e Gordo Alano fizeram outro tanto. Apanharam e picaram, tornaram a picar, na janella como Georgina; e, paginaa por pagina, reduzido a migas por esses dedinhos encarniçados, quasi todo o antigo livro foi levado pelo vento. Georgina pensativa, viu os enxames de papelinhos brancos dispersarem-se no ar, e disse:

-- Boboleta.

E a matança terminou por uma dispersão no espaço.

VII

Tal foi a segunda execução de S. Bartholomeu, que já havia sido pela primeira vez martyr no anno 49 de Jesus Christo.

No entanto a noite cahia, o calor augmentava, o torpor estava na atmosphaera, os olhos de Georgina tornavam-se vagos. João Renato foi a seu berço, tirou delle o sacco de palha que lhe servia de colchão, arrastou-o até á janella, estendeu-se em cima e disse:—Deitemonos. Gordo Alano poz a cabeça em cima de João Renato, Georgina poz a cabeça em cima do Gordo Alano, e os tres malfeitos adormeceram.

Tepidos effluvios entraram pelas janellas abertas; perfumes de flôres sylvestres, voando das grotas e das collinas, erravam de envolta com as aragens da noite; o espaço estava calmo e misericordioso; tudo irradiava, tudo estava tranquillo, tudo dizia amor: o sol dava á

reação uma carícia, a luz; sentia-se por todos os poros a harmonia que se desprende da doçura colossal das águas; havia um que de materno no infinito; a criação um prodígio em plena expansão, completa a sua enormidade com a sua bondade; dir-se-hia sentir-se um ser visível tomar essas mysteriosas precauções que no teível conflicto dos seres protegem os fracos entre os fortes; ao mesmo tempo era bello; o esplendor equalava a mansuetude. A paisagem, ineffavelmente languida, tinha esse achamalotado magnifico que produzem sobre os prados e sobre os rios as deslocações da sombra e da aridade; o fumo subia para as nuvens como sonhos e visões; os passaros voavam em bandos revoltos por cima da Tourgue; as andorinhas espiavam pelas janellas e parecia que vinham ver si as creanças dormiam tranquillias. Essas estavam graciosamente grupadas uma sobre a outra, immoveis, seminuas, em posição de amor; estavam adoraveis e candidas, todas tres não preziam nove annos, sonhavam com o paraizo e os sonhos reflectiam-se-lhes na bocca em vagos sorrisos, Deus falava-lhes talvez ao ouvido, eram os que todas linguas humanas chamam fracos e bemaventurados, eram os innocentes veneraveis; tudo estava silencioso como si a espiração dos seus debeis peitos fosse o intuito do universo, e a ouvisse a criação inteira, as folhas não ruorejavam, as hervinhas não estremeciam; dir-se-hia que o vasto mundo estellifero continha a respiração para não perturbar aos tres humildes dormentes angelicos, nada era mais sublime que o immenso respeito da natureza em torno dessa pequenez.

O sol ia pôr-se e chegava quasi ao horizonte. De repente, no meio dessa paz profunda, estalou um relampago que sahiu da floresta, depois de um estrepido megalotico. Acabavam de disparar um tiro de peça. Os olhos apoderaram-se desse estrondo e fizeram delle um

fragor. O bramido prolongado de collina em collina foi monstruoso. Acordou Georgina.

A menina ergueu a meio a cabeça, levantou o dedinho, escutou e disse :

— Pum !

O fragor cessou, tudo voltou ao silencio, Georgina tornou a pousar a cabeça em cima de Gordo Alano, e adormeceu de novo.

LIVRO QUARTO

MÃE

I

A MORTE PASSA

Nessa tarde a mãe, que vimos caminhando quasi ao acaso, andára o dia inteiro. Era aliás a sua historia de todos os dias; caminhar sempre para deante e nunca parar. Pois esses somnos de fadiga ahi em qualquer canto davam-lhe tanto repouso, como o que comia aqui e alli, qual passarinho, dava-lhe alimento. Comia e dormia exactamente quanto era bastante para não cahir morta.

Fôra em uma granja abandonada que passára a noite precedente; as guerras civis cream essas ruinas; encontrára em um campo deserto quatro paredes, uma porta aberta, um pouco de palha sob um resto de telhado, e deitara-se sobre essa palha e sob esse telhado, sentindo por entre a palha correrem os ratos e vendo atravez do telhado erguerem-se os astros. Dormira algumas horas; depois acordára no meio da noite, e puzera-se de novo a caminho afim de andar o mais que pudesse antes do grande calor do dia. Para quem viaja a pé no verão meia noite é hora mais clemente que meio dia.

Seguia como podia o simples itinerario que lhe indicára o camponoz de Vantortes; encaminhava-se o mais que lhe era possivel para o poente. Quem estivesse perto della, ouvil-a-hia dizer continuamente em voz

baixa :— A Tourgue.—Além dos nomes dos tres filhos já não sabia outra palavra.

Emquanto caminhava ia reflectindo. Pensava nas aventuras que tinha atravessado; pensava em tudo quanto havia soffrido, em tudo quanto havia accedido; nos encontros, nas indignidades, nas condições estabelecidas, nas transações propostas e soffridas, ora por um asylo, ora por um pedaço de pão, ora simplesmente para conseguir que lhe mostrassem o caminho. Uma mulher miseravel é mais desgraçada que um homem miseravel porque é instrumento de prazer. Medonho caminhar erratico! Afinal tudo lhe era indifferente, contanto que tornasse achar os filhos.

A primeira cousa que encontrou nesse dia foi uma aldeia á beira da estrada; mal rompia a alvorada; tudo estava ainda banhado com as sombras da noite; no entanto algumas portas estavam já entreabertas na rua principal da aldeia, e cabeças curiosas sahiam das janellas. Os habitantes tinham a agitação de uma colmeia inquieta. Nascia isso de um rumor de rodas e ferragens que se tinha ouvido.

Na praça defronte da egreja, um grupo estupefacto, olhando para cima, via descer alguma cousa pela estrada do alto da collina para a aldeia. Era uma carreta de quatro rodas puxada por cinco cavallos presos com correntes. Em cima da carreta via-se uma agglomeração que assemelhava-se a um monte de compridas traves, no meio das quaes havia não sei que de informe; trazia por cima uma grande coberta, que parecia-se com um sudario. Dez homens a cavallo vinham na frente da carreta e outros dez atraz. Esses homens tinham chapous de tres bicos e viam-se-lhes sahir por cima dos hombros pontas que pareciam sabres desembainhados. Todo esse sequito, adeantando-se lentamente recortava o seu perfil negro no horizonte. A carrera parecia negra, os cavallos

pareciam negros, negros pareciam os cavalleiros. Por traz do grupo a luz da manhã era livida.

O grupo entrou na aldeia e dirigiu-se para a praça.

Clareára um tanto o dia emquanto descia a carreta e pôde-se ver distinctamente o sequito, que assemelhava-se a um grupo de sombras, pois não sahia delles uma palavra.

Os cavalleiros eram gendarmes. Traziam com effeito os sabres desembainhados. A coberta era preta.

A misera mãe errante entrou pelo seu lado na aldeia e approximou-se do grupo de camponezes no momento em que chegavam á carreta e os gendarmes. No meio da multidão vozes murmuravam perguntas e respostas :

— O que será isto ?

— É a guilhotina que passa.

— Donde virá ?

— De Fougères.

— Para onde irá ?

— Não sei. Dizem que vae para um castello perto de Parigué.

— Para Parigué !

— Vá lá para onde quizer, contanto que não pare aqui !

A grande carreta com a sua carga coberta com um sudario, os cavallo, os gendarmes, o ruido das correnças, o silencio dos homens, a hora crepuscular, todo esse conjuncto era espectral.

O grupo atravessou a praça e sahiu da aldeia ; a aldeia ficava em um valle entre uma subida e uma descida ; no fim de um quarto de hora os camponezes, que ficaram como petrificados, viram reaparecer a lugubre procissão no alto da collina que ficava ao occidente. As filhas imprimiam solavancos ás grossas rodas, as cor-

rentes tremiam ao vento da manhã, os sabres brilhavam; o sol erguia-se, a estrada vez uma volta, tudo desapareceu.

Nesse mesmo momento Georgina na sala da bibliotheca acordava ao lado dos irmãos ainda adormecidos, e dava os bons dias aos seus pés rosados.

II

A MORTE FALLA

A mãe vira passar essa cousa escura, mas nada comprehendêra, nem procurára compreender, tendo deante dos olhos outra visão, os filhos perdidos nas trevas.

Ella tambem sahio da aldeia pouco depois do sequito que acabava de desfilar, e seguiu o mesmo caminho alguma distancia atraz da segunda escolta de gendarmes. Subitamente a palavra «guilhotina» occorreu-lhe «guilhotina» pensou ella comsigo; essa camponeza, Michaela Fléchar, não sabia o que isso era; mas o instincto advertiu-a; sentiu, sem saber porque, um estrelecimento, parecia-lhe horrivel caminhar atraz d'aquillo, e tomou á esquerda, deixou a estrada, e metteu-se sob as arvores que formavam a floresta de Fougères.

Depois de errar algum tempo, avistou um campario e telhados, era uma das aldeias da beira do bosque dirigiu-se para lá. Estava com fome.

Essa aldeia era uma d'aquellas em que os republicanos haviam estabelecido postos militares.

Foi até a praça da *mairie*.

Tambem nessa aldeia havia commoção e anciedade. Um ajuntamento premava-se deante de uma escada de alguns degráus que constituiam a entrada da *mairie*. Nessa escada via-se um homem escoltado por soldados

ndo na mão um grande cartaz aberto. Esse homem tinha á direita um tambor e á esquerda um pregador e cartazes que carregava um vaso de colla e uma rocha.

Na sacada por cima da porta estava de pé o maire, com a sua faixa tricolor por cima das roupas de camonez.

O homem do cartaz era pregoeiro.

Trazia um cinturão de viagem ao qual estava suspensa uma pequena saccola, o que indicava que ia de aldeia em aldeia e tinha alguma cousa a pregoar em da aquella região.

No momento em que Michaela Fléhard approxiou-se, elle acabava de desdobrar o cartaz, e começou lê-lo. Disse em voz alta :

— « Republica franceza. Uma e indivisivel. »

O tambor rufou. Houve na multidão certo ondular. Alguns tiraram os barretes; outros enterraram os chapeus. Nesse tempo e nessa região podia-se quasi conhecer a opinião dos individuos pelo que traziam á cabeça; os chapeus eram realistas, os barretes eram republicanos. Os murmurios de vozes confusas cessaram, e o pregoeiro leu :

« ... Em virtude das ordens a nós dadas e dos poderes a nós delegades pela Junta de salvação publica... »

Houve segundo rufo de tambor. O pregoeiro proferiu :

« ... E em cumprimento do decreto da Convenção nacional que põe fóra da lei os rebeldes apanhados com as armas na mão, e que inflinge pena capital a todo quelle que der asylo ou favorecer a evasão... »

Um caponez perguntou em voz baixa ao visinho :

— O que vem a ser pena capital ?

— O visinho respondeu :

— Não sei.

O pregoeiro agitou o cartaz:

« ... Em vista do artigo 17 da lei de 30 de Abril que confere todo o poder aos delegados e subdelegados contra os rebeldes.

« São postos fóra da lei... »

Fez uma pausa e continuou:

« ... Os individuos designados pelos nomes e sobrenomes seguintes... »

Todo o ajuntamento prestou attenção.

A voz do pregoeiro trovejou. Disse:

« ... Lantenac, salteador... »

— É o nosso senhor, murmurou um camponez.

E ouviu-se no meio da multidão este murmúrio:—
É o nosso senhor.

O pregoeiro continuou:

« ... Lantenac, outr'ora marquez, salteador.—O
Imanus, salteador... »

Dous camponezes olharam um para o outro.

— É Gouge-o-Verdelhão.

— Sim, o Esmaga-azues.

O pregoeiro continuava a ler a lista:

— « ... Grand-Francœur, salteador... »

A multidão murmurou:

— É um padre.

— É, é o Sr. abbade Turmeau,

— Sim, ahi algures para as bandas ao bosque de la
Chapelle, é elle cura.

— E salteador, disse um individuo de barrete.

O pregoeiro leu:

— « ... Boismouveau, salteador.—Os dous irmãos
Lanças-de-pau, salteadores,—Houzard, salteador... »

— É o Sr. de Quélen, disse um camponez.

— « ... Panier, salteador... »

— E o Sr. Sepher.

— « ... Praça Limpa, salteador... »

— É o Sr. Jamois.

O pregoeiro proseguiu na sua leitura sem importar com esses commentarios.

— « ... Guinoiseau, salteador.—Chatenay, chamado bi, salteador... »

Um camponez disse baixinho :

— Guinoiseau é o proprio le Blond, Chatenay é de int-Ouen.

— « ... Hoisnard salteador, » continuou o pregoeiro.

— E ouviu-se na multidão :

— É de Ruillé.

— Sim, é Ramo-de-Ouro.

— Teve o irmão morto no ataque de Pontorson.

— Sim, Hoisnard-Malonnière.

— Um rapagão, de dezenove annos.

— Attenção, disse o pregoeiro. Aqui vae o fim da a.

— « ... Bella-Vinha, salteador.—Gaita-de-Folle, salteador.—Espadeirada, salteador.—Amorzinho, salteador... »

Um rapaz deu no cotovello de uma rapariga. A rapariga sorriu.

O pregoeiro continuou :

— « Canta-no-inverno, salteador.—O Gato, salteador. »

Um camponez disse :

— É Moulard.

— « ... Tehouze, salteador... »

Um camponez disse :

— É Gauffre.

— Os Gauffres são dous, accrescentou uma mulher.

— Todos excellentes, resmoneou um camponio.

O pregoeiro agitou o cartaz e o tambor annunciou o pregão.

O pregoeiro continuou a leitura :

— « ... Os supra mencionados, em qualquer lugar que sejam apanhados, e depois de verificada a sua identidade, serão immediatamente executados. »

Houve um movimento.

O pregoeiro continuou :

— « ... Todo aquelle que lhes der asylo ou favorecer-lhes a evasão será levado ao tribunal militar, e justicado. Assignado... »

O silencio tornou-se profundo.

— « ... Assignado: o delegado da Junta de salvação publica, *Cimourdain*. »

— Um padre, disse um camponez.

— Antigo cura de Perigué, disse outro.

Um burguez accrescentou :

— Turmeau e Cimourdain. Um padre branco e um padre azul.

— Ambos negros, disse outro burguez.

O maire, que estava na sacada levantou o chapéu e gritou :

— Viva a republica »

O rufar do tambor annunciou que o pregoeiro não tinha acabado. Este fez com effeito um signal com a mão

— Attenção, disse. Eis as quatro ultimas linhas da ordem do governo. Estão assignadas pelo chefe da columna expedicionaria das Costas do Norte, o commandante Gauvain.

— Escutem ! disseram vozes no meio da multidão

E o pregoeiro leu :

— « Sob pena de morte... »

Calaram-se todos.

— « ... Fica prohibido, em cumprimento da ordem supra, dar auxilio e soccorro aos dezenove rebeldes supra mencionados que estão a esta hora investidos e cercados na Tourgue. »

— Hein? disse uma voz.

Era uma voz de mulher. Era a voz da mãe.

III

ZUMBIDO DE CAMPONEZES

Michaela Fléchard, estava confundida com a multidão. Nada escutára, mas o que não se escuta, ouve-se. Ouvira esta palavra, a Tourgue. Levantára a cabeça.

— Hein? repetiu, a Turgue?

Olharam para ella. Tinha o olhar desvairado. Estava coberta de andrajos. Algumas vozes murmuraram: — Esta parece uma salteadora.

Uma camponeza que trazia broas de trigo em uma cesta acercou-se della e disse-lhe em voz baixa:

— Cale-se.

Michael Fléchard olhou para essa mulher com pasmo. Tornava a nada compreender. Esse nome a Tourgue, passára como um relampago, e a noite tornára a fechar-se. Não teria por ventura o direito de informar-se? Porque encaravam-na então assim?

No entretanto o tambor tocára de novo, o pregador tinha collado o cartaz, o maire tinha tornado a entrar na mairie, o pregoeiro tinha seguido para outra aldeia, e o ajuntamento dispersava-se.

Um grupo ficára defronte do cartaz. Michaela Fléchard dirigiu-se para esse grupo.

Commentavam os nomes dos homens postos fóra da lei.

Havia ahi camponezes e burguezes; isto é, brancos e azues.

Um camponez dizia:

— Não faz mal, não agarraram todos. Dezenove são

só dezenove. Não agarraram Riou, não agarraram Benjamin Moulins, não agarraram Goupil, da parochia de Andouillé.

— Nem Lorieul, de Monjean, disse outro.

Outros accrescentaram:

— Nem Brice-Denys.

— Nem Francisco Dudouet.

— É verdade, o de Laval.

— Nem Huet, da Launey-Villiers.

— Nem Grégis.

— Nem Pilon.

— Nem Filleul.

— Nem Méricent.

— Nem Guéharrée.

— Nem os tres irmãos Logerais.

— Nem o Sr. Lechandelier de Pierreville.

— Patetas ! disse um velho austero de cabellos brancos. Agarraram tudo, si agarraram Lantenac.

— Ainda não o agarraram, murmurou um dos moços.

O ancião continuou :

— Apanhado Lantenac, está apanhada a alma, Morto Lantenac, a Vendéa está morta.

— Quem é então esse Lantenac? perguntou um burguez.

Um burguez respondeu:

— É um ex.

E outro continuou :

— É dos taes que fuzilam mulheres.

Michaela Fléchard ouviu, e disse :

— É verdade.

Voltaram-se.

E ella accrescentou :

— Si me fuzilaram a mim !...

O dito era singular ; produziu o effeito de uma mu-

lher viva que se diz morta. Puzeram-se a examinál-a um tanto de esguelha.

Causava realmente inquietação vèl-a, sobresaltando-se com tudo, espavorida, tremula, com uma anciedade feroz, e tão assustada quanto estava assustadora. Ha na desesperação da mulher não sei o que de fraco que é terrível. Affigura-se que estamos vendo um ente suspenso á extremidade da sorte. Mas os camponezes tomam a cousa muito mais em grosso. Um delles resmoneou:—Esta sugeita bem póde ser algum espião de saias.

— Cale-se, ande, e vá-se embora, disse-lhe baixinho a boa mulher que já lhe tinha fallado.

Michaela Fléchard respondeu:

— Não faço mal a ninguem. Ando á procura de meus filhos.

A boa mulher olhou para aquelles que oihavam para Michaela Fléchard, poz o dedo na testa piscando o olho, e disse:

— É uma coitada.

Depois tomou-a de parte, e deu-lhe uma brôa de trigo.

Michaela Fléchard, sem agradecer, comeu avidamente a brôa.

— É verdade, disseram os camponezes, come como um animal, é alguma coitada.

E o resto do ajuntamento dispersou-se. Foram-se todos um apoz outro.

Quando Michaela Fléchard acabou de comer, disse á camponeza,

— Está bom, já comi. Agora vou á Tourgue.

— Ahi lhe volta a mania! exclamou a camponeza.

— Preciso ir a Tourgue. Ensine-me o caminho da Tourgue.

— Nada! disse a camponeza. Para que a matem,

não! Demais a mais não sei. Então está realmente douda? Ouça, mulher, parece fatigada. Quer descansar em minha casa?

— Eu não descanso, disse a mãe.

— Está com os pés todos esfolados, murmurou a camponeza.

Michaela Flécharde continuou :

— Si lhe estou dizendo que ronbaram-me os filhos. Uma menina e dous meninos. Venho do covil que existe na floresta. Podem perguntar por mim a Tellmarch-o Mendigo. E tambem ao homem que encontrei além no campo. Foi o mendigo que me curou. Parece que eu tinha alguma cousa quebrada. Tudo isto foram cousas que succederam. Ha tambem o sargento Radoub. Podem perguntar-lhe. Elle ha de dizer. Si foi elle quem nos encontrou no bosque. Tres. Quero dizer tres filhos. Por signal que o mais velho chama-se João Renato. Posso provar tudo isto. O outro chama-se Gordo Alano, e a outra chama-se Georgina. Meu marido morreu. Mata-ram-no. Era rendeiro em Siscoignard. A senhora parece ser uma boa mulher. Eusine-me o caminho. Não sou douda, sou mãe. Perdi meus filhos. Procuro por elles. Ahi está. Não sei bem donde venho. Dormi esta noite em cima da palha em uma granja. Vou para Tourgue, eis para onde vou. Não sou nenhuma ladra. Bem está vendo que estou dizendo a verdade. Deviam ajudar-me a encontrar meus filhos. Não sou desta terra. Fui fuzilada, mas não sei onde.

A camponeza meneou a cabeça e disse :

— Ouça, mulher. Em tempo de revolução não se deve dizer cousas que se não entendem. Podem prendê-la por isso.

— Mas a Tourgue! bradou a mãe. Senhora, por amor do menino Jesus e da Santissima Virgem do Pa-

raiso, peço-lhe, senhora, rogo-lhe, supplico-lhe, diga-me por onde se vae para ir á Tourgue !

A camponeza encolerizou-se.

— Não sei! e embora soubesse não lho diria! São maus sitios esses. Ninguem vae lá.

— Mas eu vou, disse a mãe.

E poz-se a caminho.

A camponeza viu-a affastar-se e resmoneou :

— É no entanto preciso que ella coma.

Correu atraz de Michaela Fléchard e poz-lhe uma brôa de trigo negro na mão.

— Aqui está para ceiar.

Michaela Fléchard accitou o pão de trigo mourisco, não respondeu, não voltou a cabeça, e seguiu seu caminho.

Sahiu da aldeia. Ao chegar as ultimas casas, encontrou tres creancinhas esfarrapadas e descalças, que passavam. Aproximou-se dellas e disse :

— Estes são duas meninas e um menino.

E vendo que elles olhavam para o pão, deu-lho.

As creanças tomaram o pão e tiveram medo;

Ella internou-se na floresta.

IV

UM ENGANO

Entretanto nesse mesmo dia, antes que surgisse a alvorada, na escuridão indistincta da floresta, no pedaço de caminho que vae de Javené a Lécousse, passou-se isto :

Na Selva tudo é caminho cavado, e, dentre todas, a estrada de Javené a Parigné por Lécousse é muito funda. Além disto é tortuosa. É mais uma grota que um caminho. Essa estrada vem de Vitré e teve a honra de

fazer virar o carro da Sra. de Sévigné. É como murada á direita e á esquerda pelas cercas. Não ha melhor logar para uma emboscada.

Nessa manhã, uma hora antes que Michaela Flé-chard, em outro ponto da floresta, chegasse a essa primeira aldeia em que tivera a sepulchral apparição da carreta escoltada por gendarmes, havia na matta que a estrada de Javené atravessa ao sahir da ponte sobre o Couesnon um formigar de homens invisivels. As ramagens escondiam tudo. Os homens eram camponezes, todos vestidos de grigo, saio de pello de que usavam os reis da Bretanha no decimo sexto seculo e os camponezes do decimo oitavo. Esses homens estavam armados, uns de espingardas, outros de machados. Os que tinham machados acabavam de preparar em uma clareira uma como fogueira de gravetos seccos e toros de madeira a que não havia mais do que pôr fogo. Os que tinham espingardas estavam grupados de ambos os lados do caminho em posição de quem espera. Quem pudesse vêr atravez das folhas, enxergaria por toda a parte dedos nos gatilhos e canos de espingardas descansados nas aberturas que formam os cruzamentos dos ramos. Essa gente estava á espreita, Todas as espingardas convergiam para a estrada, que o nascer do dia clareava.

No meio desse crepusculo vozes baixas dialogavam.

- Estás certo disto?
- Com a brecá, dizem-no.
- Passa por aqui?
- Dizem que está na terra.
- É preciso que d'aqui não sahia.
- É preciso queimal-a.
- Somos tres aldeias que aqui vimos para isso.
- Sim, mas a escolta?
- Mataremos a escolta.

- Mas passará por esta estrada ?
- Dizem que sim.
- Então virá de Vitré ?
- Porque não ?
- Mas dizem que ella vinha de Fougères.
- Venha de Fougères ou Vitré, vem do diabo.
- Vem.
- É preciso que para lá não volte.
- É.
- Então tinha de ir para Parigué ?
- Creio que sim.
- Não ha de ir.
- De certo.
- Não, não e não !
- Attenção.

Ia sendo bom com effeito calarem-se, pois começava a amanhecer.

De subito os homens emboscados retiveram a respiração ; ouviu-se um ruido de rodas e de cavallos. Olharam por entre os ramos e distinguiram confusamente no caminho cavado uma comprida carreta, uma escolta a cavallo, alguma cousa na carreta ; isso dirigia-se para elles.

- Eil-a ! disse o que parecia o chefe.
- Sim, disse um dos da emboscada, com a escolta.
- Quantos homens traz a escolta ?
- Doze.
- Diziam que eram vinte.
- Doze ou vinte, matemos todos.
- Esperemos que nos fiquem ao alcance.

Pouco depois, em uma volta do caminho, a carreta e a escolta appareceram.

- Viva o rei ! bradou o chefe camponez.

Cem tiros de espingarda foram disparados a um tempo.

Quando desapareceu a fumaça, a escolta também tinha desaparecido. Sete cavalleiros tinha cahido, cinco tinham fugido. Os camponezes correram para a carreta.

— Olhem, exclamou o chefe, não é a guilhotina. É uma escada.

A carreta tinha com effeito por carga unica uma comprida escada.

Os dous cavalloos haviam cahido ferido ; o carreteiro havia sido morto, mas não intencionalmente.

— Não faz mal, disse o chefe, uma escada escoltada é suspeita. Ia para as bandas de Perigué. Era para a escalada da Tourgue, não tem que vêr.

— Queimemos a escada, bradaram os camponezes. E queimaram a escada.

Quanto á funebre carreta que esperavam, essa seguia por outra estrada e estava já duas leguas adeante, nessa aldeia em que Michaela Fléchard viu-a passar ao nascer do sol.

V

· VOX IN DESERTO

Michaela Fléchard, deixando as tres creanças a quem dera o pão puzera-se a caminhar ao acaso pelo meio do bosque.

Visto que não lhe queriam mostrar o caminho, era forçoso que ella o achasse sózinha. Ás vezes sentava-se, e tornava a levantar-se, e sentava-se de novo. Sentia essa fadiga lugubre que a principio sente-se nos musculos, e que depois passa para os ossos ; fadiga de escravo. Ella era com effeito escrava. Escrava dos filhos que perdêra. Era preciso enconral-os ; cada minuto

que decorria podia ser a perda delles; quem tem semelhante dever não tem mais direito algum; era-lhe vedado tomar folego. Estava, porém, muito cansada. Nesse estado de aniquilamento cada passo mais é uma pergunta. Podel-a-hia fazer? Estava andando desde pela manhã; não tornára mais a encontrar aldeia, nem casa sequer. Tomou a principio a senda que devia tomar, depois a que não devia, e afinal perdeu-se no meio de trilhas semelhantes umas ás outras. Approximar-se-hia do alvo? tocaria ao termo da sua paixão? Estava na Via Dolorosa, e sentia o acabrunhamento do derradeiro passo. Estaria para cahir na estrada e expirar ahí? Em certo momento, andar ainda, parecia-lhe impossivel, o sol declinava, a floresta estava escura, as sendas haviam-se apagado sob o matto, e não soube mais o que era de si. Sô tinha a Deus. Poz-se a chamar, ninguém respondeu.

Olhou em torno de si, viu um claro nos ramos, dirigiu-se para esse lado, e de improviso achou-se fóra do bosque.

Tinha deante de si um valle estreito como uma brecha, no fundo do qual corria por entre pedras limpo fio de agua. Reparou então que estava com sede abrazadora. Caminhou para a agua, ajoelhou-se e bebeu.

Aproveitou-se do facto de estar de joelhos para rezar.

Ao levantar-se, procurou orientar-se.

Saltou o regato.

Além do vallezinho estendia-se a perder de vista uma vasta esplanada coberta de moutas baixas, a qual desde a margem do regato subia em plano inclinado e enchia todo o horizonte. A floresta era uma solidão, essa esplanada era um deserto. Na floresta, por traz de cada mouta podia-se deparar alguém; na esplanada,

tão longe quanto o olhar podia alcançar; nada se avis-tava. Alguns passaros que pareciam fugir, voavam nas charneças.

Então, em face desse deserto immenso, sentindo dobrarem-se-lhe os joelhos, e tornando-se como insensata, a mãe desvairada soltou na solidão este grito extranho:—Haverá alguém aqui?

E esperou que lhe respondessem.

Responderam.

Uma voz surda e profunda echoou, a voz vinha do fundo do horizonte, repercutiu de echo em echo; parecia-se com um trovão sinão com um tiro de peça; e dir-se-hia que essa voz respondia á pergunta da mãe e dizia:—Ha.

Depois restabeleceu-se o silencio.

A mãe ergueu-se reanimada; havia ahí alguém. Affigurava-se-lhe que tinha agora a quem fallar; acanhava de beber e de orar; voltavam-lhe as forças, poz-se a subir a esplanada na direcção em que ouvira a enorme voz distante.

De repente viu sahir da extrema do horizonte uma alta torre. Essa torre estava só nessa paizagem alpestre; um raio do sol poente coloria-a de purpura. Estava a mais de uma legua de distancia. Por traz dessa torre na bruma perdia-se extensa vegetação que era a floresta de Fougères.

A torre apparecia-lhe no mesmo ponto do horizonte donde partira o bramido que parecêra-lhe uma resposta. Seria a torre que teria feito aquelle ruido?

Michaela Fléchard chegára ao alto da esplanada; tinha apenas deante de si uma planicie.

Encaminhou-se para a torre.

VI

CONJUNCTURA

O momento chegára.

O inexoravel segurava o implacavel.

Cimourdain tinha Lantenac na mão.

O velho realista rebelde estava preso na tóca; evidentemente não podia escapar; e Cimourdain era de opinião que o marquez fosse decapitado em seu solar, alli mesmo, nas suas terras, e de alguma sorte na sua casa, afim de que a habitação feudal visse cahir a cabeça do homem feudal, e o exemplo fosse memoravel.

Por isso mandára buscar a Fougères a guilhotina. Acabamos de vê-la em viagem.

Matar Lantenac era matar a Vandéa; matar a Vandéa era salvar a França. Cimourdain não hesitou. Esse homem sentia-se á vontade na ferocidade do dever.

O marquez parecia perdido; por esse lado Cimourdain estava tranqüillo, mas estava inquieto por outro lado. A luta devia ser certamente medonha; Gauvain dirigia-a, e desejava porventura metter-se nella; havia alguma cousa de soldado no moço chefe; era homem capaz de atirar-se nesse pugilato; contanto que não o matassem! Gauvain! seu filho! a unica affeição que tinha na terra! Gauvain fôra feliz até então, mas a felicidade cansa. Cimourdain tremia. O seu destino tinha a singularidade de pô-lo entre dous Gauvains, de um dos quaes desejava a morte e do outro a vida.

O tiro de peça que despertára Georgina no berço e chamára a mãe do fundo da solidão não havia feito só isso. Fosse acaso, fosse intenção do artilheiro, a bala, que no entanto não era mais do que uma bala de aviso,

batêra, furára e arrancára a meio a grade de ferro que mascarava e fechava a grande setteira do primeiro andar da torre. Os sitiados não tinham tido tempo de reparar essa avaria.

Os sitiados tinham-se gabado. Estava com muito poucas munições. A posição delles, insistamos nisso, era ainda mais critica do que os sitiantes suppunham. Si tivessem bastante polvora, fariam saltar a Tourgue comsigo e com o inimigo dentro; era o seu sonho; mas todas as suas reservas estavam esgotadas. Apenas tinham trinta tiros para cada homem. Tinham muitas espingardas, bacamartes e pistolas, e poucos cartuchos. Carregaram todas as armas afim de fazerem fogo nutrido; mas quanto tempo duraria esse fogo? Deviam ao mesmo tempo mantel-o e poupal-o. Ahi estava a difficuldade. Felizmente—sinistra felicidade—a luta tinha de ser corpo a corpo, e á arma branca; á espada e a punhal. Atracar-se-hiam mais do que atirariam uns sobre os outros. Lutariam a machado; essa era a sua esperanza.

O interior da torre parecia inexpugnavel. Na sala baixa em que acabava a abertura da brecha, estava a trincheira, barricada habilmente construida por Lan-tenac, a qual obstruia a entrada. Por traz da trincheira uma comprida mesa estava coberta de armas carregadas, bacamartes e carabinas, mosquetes e espadas, machadinhas e punhaes. Não tendo podido utilizar, para fazer saltar a torre, o calabouço-crypta que communicava com a sala baixa, o marquez mandára fechar a porta desse subterraneo. Por cima da sala baixa estava a camara redonda do primeiro andar, para a qual subia-se por uma escada de caracol apertadissima; essa camara, mobiliada, como a sala baixa, com uma mesa coberta de armas promptas e das quaes não tinham mais que lançar mão, era alumiada pela grande setteira,

cuja grade a bala acabava de arrombar ; por cima dessa camara a escada em espiral levava á camara redonda do segundo andar, em que havia a porta de ferro que dava para a ponte acastellada. Essa camara do segundo andar chamava-se *a camara da porta de ferro ou a camara dos espelhos* por causa de muitos espelhos pequenos, suspensos na pedra núa a velhos pregos enferrujados, luxo singular misturado com barbaria. Como as camaras de cima não podiam ser utilmente defendidas, essa camara dos espelhos era o que Manesson-Mallet, o legislador das praças fortes, chama « a derradeira posição em que os sitiados capitulam. » Tratava-se, já o dissemos, de vedar que os sitiantes chegassem até ahi.

Essa camara redonda do segundo andar era alumiada per setteiras ; no entanto ardia ahi um brandão. Esse brandão fincado em um braço de ferro semelhante ao da sala baixa, tinha sido accendido pelo Imanus que puzera-lhe ao lado a extremidade do rastilho com enxofre. Precauções horriveis.

No fundo da sala baixa, em cima de uma comprida mesa de cavalletes, havia comida, como em uma caverna homérica ; grandes pratos de arroz, sopa de trigo negro, picado de carne de vacca, tortas de caça, pirão e frutos cosidos n'agua, sobremesa, vasos com cidra. Bebia e comia quem queria.

O tiro de peça pôl-os todos de promptidão. Não tinham mais que meia hora deante de si.

O Imanus, do alto da torre, observava a approximação dos sitiantes. Lantenac ordenára que não atirassem e que os deixassem chegar. Dissera : — Elles são quatro mil e quinhentos. Matar fóra é inutil. Não matem sinão dentro. Dentro restabelece-se a egualdade.

E accrescentára rindo-se : — Egualdade, Fraternidade.

Estava combinado que, apenas o inimigo começasse a mover-se, o Imanus, com a trombeta, daria o signal.

Todos silenciosos, postados por traz da trincheira, ou nos degráus da escada, estavam á espera, com uma das mãos no mosquete e a outra no rosario.

As circumstancias desenhavam-se claramente, e eram estas :

Para os assaltantes, uma brecha a subir, uma barricada a forçar, tres salas superpostas a tomar em renhida pugna uma apoz outra, duas escadas em espiral a levar de vencida degráu por degráu, sob uma nuvem de metralha ; para os sitiados, morrer.

VII

PRELIMINARES

Ganvain pela sua parte ordenava o ataque. Dava as ultimas instrucções a Cimourdain, que, estará o leitor lembrado, devia, sem tomar parte na acção, guardar a esplanada, e a Guéchamp que devia ficar de observação com o grosso do exercito no acampamento da floresta. Estava entendido que nem a bateria baixa do bosque nem a bateria alta da esplanada fariam fogo, salvo si houvesse sortida ou tentativa de evasão. Gauvain reservava para si o commando da columna da brecha. Era isso o que encommodava Cimourdain.

O sol acabava de pôr-se.

Uma torre em campo aberto assemelha-se a um navio no alto mar. Deve ser atacada do mesmo modo. Mais por abordagem que por assalto. Nada de artilharia. Nada de inutilidades. Para que canhonear muralhas com quinze pés de espessura? Um furo na portinhola, uns a

forçarem-na, outros a defenderem-na, machados, facas, pistolas, punhos e dentes. Não é preciso mais.

Gauvain sabia que não havia outro meio de tomar a Tourgue. Nada ha mais mortifero que um ataque em que se vê o branco dos olhos. Conhecia o formidavel interior da torre, ahi estivera em creança.

Meditava profundamente.

No entretanto, alguns passos de distancia o seu logar-tenente, Guéchamp, com um oculo na mão, examinava o horizonte das bandas de Parigué. De repente Guéchamp exclamou:

— Ah! emfim!

Esta exclamação tirou Gauvain da sua meditação.

— O que é Guéchamp?

— Meu commandante, é que chegou a escada.

— A escada de salvação?

— Sim.

— Como? pois ainda não a tínhamos?

— Não, commandante. E eu estava inquieto. O proprio que eu mandára a Javané tinha voltado.

— Sei.

— Disse que encontrára na carpintaria de Javené a escada com a dimensão precisa; que a requisitára, que mandára pôr a escada em uma carreta, que reclamára uma escolta de doze praças de cavallaria, e que a vira seguir para Parigué a carreta; a escolta e a escada. Feito o que voltára á toda a brida.

— E referira-nos tudo isso. E accrescentára que a carreta, puxada por excellentes parelhas e em caminho desde as duas horas da madrugada, aqui devia estar antes do pôr do sol. Sei de tudo isto. E o qua ha?

— O que ha, meu commandante, é que o sol acabava de entrar e a carreta que tras a escada ainda não chegou.

— Será possivel? Mas cumpre entretanto que ata-

quemos. O momento é chegado. Si nos demorássemos, os sitiados seriam capazes de acreditar que recuamos.

— Commandante, póde-se atacar.

— Mas a escada de salvação é necessaria.

— De certo.

— E não a temos.

— Temol-a.

— Como?

— Foi o que me fez dizer; Ah! emfim! A carreta não chegava; peguei no meu oculo, e examinei a estrada de Parigué á Tourgue, e, meu commandante, estou contente. A carreta ahi vem com a escolta; desce uma encosta. Póde vê-la.

Gauvain pegou no oculo e olhou.

— Realmente. Eil-a. Já não ha claridade bastante para distinguir tudo. Mas vê-se a escolta, é isso mesmo. No entanto a escolta parece-me mais numerosa do que o senhor dizia-a, Guéchamp.

— Tambem a mim me parece.

— Estão mais ou menos a um quarto de legua.

— Meu commandante, a escada de salvação deve aqui estar dentro de um quarto de hora.

— Podemos atacar.

Era com effeito uma carreta que chegava, mas não era a que elles suppunham.

Gauvain, ao voltar-se, viu por traz de si o sargento Radoub, perfilado, com os olhos baixos, na attitude da continencia militar.

— O que é, sargento Radoub?

— Cidadão commandante, nós os homens do batalhão da Barrete Vermelho, temos uma mercê a pedir-lhe.

— Qual?

— De fazer-nos matar.

— Ah! disse Gauvain.

— Póde fazes-nos este favor ?

— Mas... tem seus conformes, disse Gauvain.

— Aqui está, commandante. Depois da acção de Dol, o senhor poupa-nos. Ainda somos doze.

— E então ?

— Isso humilha-nos.

— Os senhores pertencem á reserva.

— Preferimos ser da vanguarda.

— Mas preciso dos senhores para decidir da victoria no fim de uma acção. Conservo-os.

— Demasiado.

Não importa. Os senhores estão na columna. Marcham.

— Atraz. Pariz tem direito de marchar na frente.

— Hei de vêr, sargento Radoub.

— Veja hoje, meu commandante. Aqui está uma occasião. Temos que dar ou que receber uma sanca-dilha. Ha de ser rija. A Tourgue ha de queimar os dedos de quem lhe tocar. Pedimos a mercê de entrar nisso.

O sargento parou, torceu o bigode, e continuou com voz commovida :

-- E depois, veja, meu commandante, nesta torre estão os nossos pecurruchos. Temos lá nossos filhos, os filhos do batalhão, nossos tres filhos. Essa medonha cara de idiota infernal, o tal Esmaga-azues, o tal Imanus, Gouge-le-Bruand, Bouge-le-Gruand, Fouge-le-Truand, esse homem do diabo, maus raios o partam ! ameça nossos filhos. Nossos filhos, nossos marrecos, meu commandante. Ainda quando o proprio demo tenha de tremer, não queremos que lhes aconteça uma desgraça. Está ouvindo, autoridade ? Não o queremos. Ainda a pouco aproveitei-me do facto de não nos estarmos batendo, subi á esplanada, e vi-os por uma janella, sim, estão realmente ahi, podem ser vistos da beira da bar-ranca, e eu os vi, e ficaram com medo de mim os amo-

rezinhos. Meu commandante, si cahe um fio de cabello das suas cabecinhas de cherubins, eu sargento Radoub, juro, com a bréca! por tudo quanto ha de sagrado que atraco-me á ossada do Padre Eterno. E aqui está o que diz o batalhão: queremos vêr salvos os nossos pecuruchos, ou queremos todos morrer. Estamos no nosso direito, com mil bombas! sim queremos todos morrer. E agora, adeus, meu commandante.

Gauvain estendeu a mão a Radoub, e disse:

— Os senhores são uns bravos. Entrarão na columna de ataque. Divido-os em duas filas. Ponho seis na vanguarda, para que a columna avance, e ponho os outros seis na retaguarda, para que a columna não recúe.

— E eu é que continuo a commandar os doze?

— Certamente.

— Então, meu commandante, obrigado. Pois sou da vanguarda.

Raboub fez a continencia militar e tornou a entrar nas fileiras.

Gauvain tirou o relógio, disse algumas palavras ao ouvido de Guéchamp, e a columna de ataque começou a formar.

VIII

O VERBO E O RUGIDO

No entretanto Cimourdain, que não havia ainda subido para o seu posto na esplanada, e que estava ao lado de Gauvain, aproximou-se de um clarim.

— Chama a trombeta, disse-lhe.

O clarim sóou, a trombeta respondeu.

Um toque de clarim e um toque de trombeta trocaram-se ainda.

— O que é isto? perguntou Gauvain a Guéchamp. O que quererá Cimourdain?

Cimourdain adeantára-se para a torre com um lenço branco na mão.

Ergueu a voz.

— Homens que estaes na torre conheceis-me?

Uma voz, a voz do Imanus, respondeu do alto da torre:

— Conhecemos.

As duas vozes então fallaram uma á outra e uma á outra responderam, e ouviu-se isto:

— Sou enviado da Republica.

— Tu és o antigo cura de Parigné.

— Sou o delegado da Junta de salvação publica.

— Tu és um padre.

— Sou o representante da lei.

— Tu és um renegado.

— Sou o commissario da Revolução.

— Tu és um apostata.

— Sou Cimourdain.

— Tu és o demonio.

— Conheceis-me?

— Execramos-te.

— Estimarieis ter-me em vosso poder?

— Estamos aqui dezoito que dariamos as nossas cabeças para apanharmos a tua.

— Pois bem, venho entregar-me a vósoutros.

Ouviu-se no alto da torre uma gargalhada selvagem e este grito:

— Vem!

Reinava no campo profundo silencio de espera.

Cimourdain continuou:

— Com uma condição.

— Qual?

— Ouvi.

— Falla.

— Odiaes-me?

— Odiamos-te.

— Pois eu amo-vos. Sou vosso irmão.

A voz do alto da torre respondeu :

— Sim, Caim.

Cimourdain redarguiu com singular inflexão, que era a um tempo altiva e affavel :

— Insultae, mas ouvi. Venho aqui como parlamentar. Sim, sois meus irmãos. Sois uns malaventurados a quem transviaram. Sou vosso amigo. Sou a luz e fallo á ignorancia. A luz contém sempre alguma fraternidade. De mais, não temos todos por ventura a mesma mãe, a patria? Pois bem, ouvi-me. Sabereis mais tarde, ou saberão vossos filhos, ou saberão os filhos de vossos filhos, que tudo quanto se faz neste momento faz-se em cumprimento de leis superiores, e que o que ha na Revolução é Deus. Emquanto não chega a hora em que todas as consciencias, ainda as vossas, comprehendam, e em que todos os fanatismos, ainda o nosso, se desvançam, emquanto não se abre esse grande clarão, ninguem terá compaixão das vossas trevas? Venho ter convosco, offereço-vos a minha cabeça; faço mais, estendo-vos a mão. Peço-vos a mercê de deitar-me a perder para salvar-vos. Tenho plenos poderes, e o que eu digo, posso. O momento é supremo; empenho derradeiro esforço. Sim, o homem que vos falla é um cidadão, e nesse cidadão ha um padre. O cidadão combate-vos, mas o padre vos supplica. Ouvi-me. Muitos dentre vós têm mulheres e filhos. Tomo a defesa de vossos filhos e de vossas mulheres. Tomo a defesa delles contra vós. Oh meus irmãos...

— Anda, prega o teu sermão! motejou o Imanus.

Cimourdain continuou :

— Meus irmãos, não deixeis soar a hora execravel.

Vamos matar-nos uns aos outros. Muitos dentre nós que aqui estamos diante de vós não verão o sol de amanhã; sim, muitos dentre nós perecerão, e vós, vós todos, ides morrer. Tenham compaixão de si próprios. Para que derramar todo esse sangue quando é inutil? Para que matar tantos homens quando dous bastam?

— Dous? perguntou o Imanus.

— Sim. Dous.

— Quaes?

— Lantenac e eu.

E Cimourdain ergueu a voz:

— Dous homens são de mais, Lantenac para nós, eu para vós. Eis o que vos proponho, e salvareis todos a vida: dae-nos Lantenac, e tomae-me a mim. Lantenac será guilhotinado, e fareis de mim o que quizerdes.

— Padre, bramiu o Imanus, si te apanhassemos, queimar-te-hiamos a fogo lento.

— Aceito, disse Cimourdain.

E continuou:

— Vós outros condemnados que estaes nesta torre, podeis todos dentro de uma hora estar vivos e livres. Trago-vos a salvação. Aceitae?

O Imanus prorompeu:

— Tu não és só scelerado, tu és doudo. Então, porque vens incommodar-nos? Quem te pediu que nos viesses fallar? Nós entregarmos o nosso amo! O que queres tu?

— A cabeça delle. E offereço-vos...

— A tua pelle. Pois esfolar-te-hiamos como a um cão, cura Cimourdain. Pois bem, não queremos, a tua pelle não vale a cabeça delle. Salta.

— Isto vae ser uma cousa horrivel. Mais uma vez, reflecti.

Cahia no entanto a noite emquanto ouviam-se estas palavras sombrias quer dentro quer fôra da torre. O mar-

quez de Lantenac conservava-se calado e deixava que os outros procedessem como entendessem. Os chefes têm esses sinistros egoismos. É um dos direitos da responsabilidade.

O Imanus bradou por sobre Cimourdain:

— Homens que nos atacaes, conheceis a nossa proposta, está feita, e nada temos que mudar-lhe. Accetade-a, sinão, ai de todos! Quereis? Restituir-vos-hemos as tres creanças que aqui estão, e garantir-nos-heis a todos quantos aqui somos, a liberdade e a vida.

— Sim, a todos, respondeu Cimourdain, excepto a um.

— Qual?

— Lantenac.

— Nosso amo! entregar nosso amo! Nunca.

— Queremos Lantenac.

— Nunca.

— Só podemos tratar com essa condição.

— Então começae.

Restabeleceu-se o silencio.

O Imanus, depois de haver dado com a trombeta o signal, tornou a descer; o marquez empunhou a espada; os dezenove sitiados gruparam-se em silencio na sala baixa, por traz da trincheira, e puzeram-se de joelhos; ouviam a marcha cadenciada da columna de ataque que avançava para a torre no meio da escuridão; esse ruido approximava-se; de repente ouviram-no perto de si, á entrada da brécha. Então todos, ajoelhados, apontaram por entre as fendas da barricada as espingardas e os bacamartes, e um delles, Grand-Francœur, que era o padre Turmeau, poz se de pé, e, com uma espada desembainhada na mão direita e um crucifixo na mão esquerda, disse com voz grave:

— Em nome do Padre, do Filho e do Espirito-Santo!

Fizeram todos fogo a um tempo, e a luta empenhou-se.

IX

TITANS CONTRA GIGANTES

Foi com effeito medonho.

Essa luta corpo a corpo excedeu tudo quanto se havia imaginado.

Para deparar alguma cousa semelhante, fôra preciso remontar aos encarniçados duellos de Eschylo ou ás antigas carnificinas; a esses « *ataques com armas curtas* » que duraram até ao decimo seculo, quando se penetrava nas praças de guerra pelos eirados, assaltos tragicos, em que, no dizer do velho sargento da provincia do Alentejo, « tendo as minas produzido o seu effeito, os sitiantes adeantar-se-hão carregando taboas cobertas de laminas de aço, armados de broqueis e mantas, e providos de muita granada, obrigarão aos da praça a desampararem as trincheiras ou estacadas, e dellas se apoderarão, carregando vigorosamente os sitiados. »

O ponto do ataque era horrivel; era uma dessas brechas que em linguagem propria chamam-se *brechas sob abobada*, isto é, estarão lembrados os leitores, uma fenda que atravessava a muralha de parte a parte e não uma abertura dando para o ar livre. A polvora operára como uma verruma. O effeito da mina havia sido tão violento que a torre tinha sido fendida pela explosão a mais de quarenta pés ácima do forninho, mas não passava de uma fenda, e o rasgão praticavel que servia de brecha e dava accesso para a sala baixa assemelhava-se mais a uma lançada, que atravessa, do que a uma machadada, que abre.

Era uma estocada no flanco da torre, uma comprida b
fractura penetrante, alguma cousa parecida com um
poço deitado no chão, corredoura a serpear e a subir
como um intestino pela muralha de quinze pés de espes-
sura, não sei que informe cylindro atulhado de obsta-
culos, ciladas e explosões onde dava-se com a cabeça
no granito, com os pés no cascalho, com os olhos nas
trevas.

Os assaltantes tinham deante de si esse portico
negro, fauce de abysmo tendo por maxillas, da parte
de baixo e da parte de cima, todas as pedras da mu-
ralha desconjuntada; uma bocca de tubarão não tem
maior cópia de dentes que esse rasgão formidavel. Era
preciso penetrar nessas fauces e sahir.

Dentro estourava a metralha, fóra erguia-se a trin-
cheira. Fóra, isto é, na sala baixa do rez do chão.

Só os encontros dos sapadores nas galerias cobertas
quando a contramina acaba de cortar a mina, só as car-
nificinas a machado nas cobertas dos navios na abor-
dagem dos combates navaes, têm tal ferocidade. Com-
bater no fundo de uma cóva é o ultimo gráu do horror.
É medonho matarem-se uns aos outros com uma abo-
hada sobre a cabeça. No momento em que a primeira
onda de sitiantes entrou, toda a barricada cobriu-se de
relampagos, dir-se-hia que o raio estourava debaixo do
chão. O trovão que assaltava respondeu ao trovão em-
boscado. As detonações altercaram; ergueu-se o brado
de Gauvain: Carreguemos! Depois o brado de Lan-
tenac: Firme contra o inimigo! Depois o brado de
Imanus: A mim, filhos do Meno! Depois estrepitos, sa-
bres, contra sabres, e, umas sobre outras, formidaveis
descargas mortíferas. O brandão preso á muralha alu-
miava vagamente todo esse quadro medonho. Era im-
possivel distinguir cousa alguma; estavam dentro de
uma escuridão avermelhada; quem lá entrava ficava

subitamente surdo e cego, surdo com o estrepito, cego com a fumaça. Os homens postos fóra de combate jaziam por entre os destroços. Andavam sobre cadaveres, pisavam chagas, esmagavam membros quebrados donde erguiam-se ruidos, os pés eram mordidos pelos agonizantes; a espaço reinava silencio mais medonho que todo o fragor. Atracavam-se, ouvia-se o horrivel arquejar dos peitos, depois ranger de dentes, estertores, imprecações, e o trovão recomeçava. Um regato de sangue escorria da torre pela brecha e espalhava-se na sombra. A poça escura fumegava debaixo das hervas.

Dir-se-hia que era a propria torre que sangrava e que essa gigante estava ferida.

Cousa surprehendente, isso quasi se não ouvia fóra. A noite estava muito escura, e na planicie e na floresta havia em torno da fortaleza investida uma como paz funebre. Dentro era o inferno, fóra o sepulchro. O combate dos homens a exterminarem-se nas trevas, as descargas de mosquetaria, os clamores, os brados de colera, todo esse tumulto expirava sob a mole das muralhas e das abobadas, faltava o ar ao fragor, e á carnificina ajuntava-se a suffocação. Fóra da torre tudo isso mal se ouvia. As creanças estavam talvez então dormindo.

O encarniçamento crescia. A barricada resistia. Nada mais difficil de tomar que essas barricadas em angulo reentrante. Si os sitiados tinham contra si o numero, tinham a seu favor a posição. A columna de ataque perdia muita gente. Enfileirada e estendida fóra na base da torre enterrava-se lentamente na abertura da brecha e ia encurtando, como uma cobra a entrar em um buraco.

Gauvain, que commettia imprudencias de chefe moço, estava na sala baixa no mais travado da pugna,

rodeado pela metralha. Acrescentemos que tinha a confiança do homem que nunca foi ferido.

Ao voltar para dar uma ordem, o clarão de uma descarga de mosquetaria alumiu um rosto perto do seu.

— Cimourdain ! exclamou, o que vem o senhor fazer aqui?

Era com effeito Cimourdain. Cimourdain respondeu:

— Venho ficar junto de ti.

— Mas o senhor vem fazer-se matar !

— E tu o que estás fazendo ?

— Eu sou preciso aqui. O senhor não.

— Já que aqui estás, é preciso que eu esteja.

— Não, meu mestre.

— Sim, meu filho !

E Cimourdain conservou-se junto de Gauvain.

Os mortos amontoavam-se nas lages da sala baixa.

Postoque a barricada não houvesse ainda succumbido, o numero evidentemente devia acabar por vencer. Os assaltantes estavam a descoberto e os assaltados estavam abrigados ; dez sitiantes cahiam por um sitiado, mas os sitiantes renovavam-se. Os sitiantes cresciam e os sitiados descreciam.

Os dezenove sitiados estavam todos por traz da barricadas, pois além estava o ataque. Tinham mortos e feridos. Quinze quando muito combatiam ainda. Um dos mais ferozes, Canta-no-inverno, fôra medonhamente mutilado. Era um bretão membrudo e hirsuto, da especie pequena e vivaz. Estava com um olho vasado e o queixo partido. Ainda podia andar. Arrastou-se pela escada em espiral, e subiu á camara do primeiro andar, contando poder ahi rezar e morrer.

Arrimara-se á muralha junto da setteira em busca de algum ar.

Em baixo o morticinio deante da barricada era cada

vez mais horrivel. Em uma intermittencia, entre duas descargas, Cimourdain ergueu a voz :

— Sitiados! bradou. Para que derramarmos sangue por mais tempo? Estaes seguros. Rendeis-vos. Reparae que somos quatro mil e quinhentos contra dezenove, isto é, mais de duzentos contra um. Rendei-vos.

— Acabemos com estes discursos, respondeu o marquez de Lantenac.

E vinte balas replicaram a Cimourdain.

A barricada não subia até a abobada; isso permitia aos sitiados atirarem por cima; mas isso permitia tambem aos sitiantes escalá-la.

— Assim á barricada! bradou Gauvain. Ha alguém disposta a escalar a barricada?

Eu, disse o sargento Radoub.

X

RADOUB

Neste ponto os assaltantes ficaram pasmos. Radoub entrára pelo buraco, á testa da columna de ataque, com um grupo de que era o sexto, e desses seis homens do batalhão pariziense, quatro já haviam cahido. Depois de soltar o brado : Eu ! viram-no, não avançar, mas recuar, e, abaixado, curvado, quasi de rastos por entre as pernas dos combatentes, tornar á abertura da brecha, sahír. Seria fuga? Semelhante homem fugir? O que que-riera isso dizer?

Chegando fóra da brecha, Radoub, ainda cego com a fumaça, esfregou os olhos como si quizera dissipar o horror e as trevas, e, á luz das estrellas, olhou para a muralha da torre. Fez com a cabeça esse gesto de satisfação que quer dizer : Não me tinha enganado.

Radoub notára que a fenda profunda da explosão da mina subia acima da brecha até essa setteira do primeiro andar cuja grade de ferro uma bala arrombára e despregára. A grade de varões quebrados pendia quasi arrancada, e um homem podia por alli passar.

Um homem podia por alli passar, mas um homem poderia alli subir? Pela fenda podia, com a condição de ser um gato.

Era o que Radoub era. Pertencia a essa raça a que Pindaro chama «athletas ageis». Póde-se ser a um tempo soldado velho e homem moço; Radoub, que fóra da guarda franceza, não tinha quarenta annos. Era um Hercules lesto.

Radoub descansou no chão o mosquete, tirou o correame, depois a farda e o collete, e apenas ficou com as duas pistolas que enfiou na cintura da calça e com o sabre desembainhado que segurou nos dentes. As coronhas das duas pistolas sahiam-lhe para fóra da cintura.

Assim alliviado do que era inutil, e acompanhado no escuro pelos olhos de todos quantos da columna de ataque não tinham ainda entrado na brecha, poz-se a subir pelas pedras da fenda como pelos degráus de uma escada. Foi-lhe util estar sem sapatos; nada sobe com um pé descalço; crispava os artelhos nos buracos das pedras. Guindava-se com os punhos e segurava-se com os joelhos. A subida era terrivel. Dir-se-hia uma ascensão ao longo dos dentes de uma serra.—Felizmente, dizia elle comsigo, não ha gente na camara do primeiro andar, pois do contrario não me deixariam escalar assim.

Não tinha menos de quarenta pés a subir desse modo. A' proporção que subia, um tanto embaraçado pelas coronhas salientes das suas pistolas, a fenda ia-se estreitando, a ascensão tornava-se cada vez mais dif-

ficil. O risco da quédá augmentava ao mesmo tempo que a profundidade do precipicio.

Afinal chegou ao resalto da setteira; affastou a grade torcida e despregada, tinha amplamente por onde passar, guindou-se com esforço potente, apoiou o joelho na cornija do resalto, segurou com uma das mãos em um pedaço de varão á direita, com a outra outro pedaço de varão á esquerda, e ergueu-se até a altura de meio corpo deante da abertura da setteira, com o sabre nos dentes, suspenso pelas mãos acima do abysmo.

Não tinha mais que pa-sar a perna para saltar na sala do primeiro andar.

Mas uma cara appareceu na setteira.

Radoub viu de improviso deante de si na sombra alguma cousa pavorosa; um olho vasado, um queixo quebrado, uma mascara ensanguentada.

Essa mascara, que tinha apenas uma pupilla, encavava-o.

Essa mascara tinha duas mãos; essas duas mãos sahiram da sombra e adeantaram-se para Radoub; uma, de uma só vez, tirou-lhe as duas pistolas da cintura, a outra tirou-lhe o sabre dos dentes.

Radoub estava desarmado. O joelho escorregava-lhe no plano inclinado da cornija, as duas mãos crispadas nos pedaços da grade mal bastavam para sustere-mo, e tinha por traz de si quarenta pés de precipicio.

A mascara e as mãos pertenciam a Canta-no-inverno.

Canta-no-inverno, suffocado pelo fumo que subia da sala baixa, conseguira entrar na abertura da setteira, ahi o ar externo reanimara-o, o frescor da noite estancara-lhe o sangue, e cobrára alguma força; de repente vira surgir fóra deante da abertura o busto de Radoub; então, como Radoub estava com as mãos agarradas ao varões de ferro e podia apenas escolher entre o

deixar-se cahir ou deixar-se desarmar, Canta-no-inverno, formidavel e tranquillo, tirara-lhe as pistolas da cintura e o sabre dos dentes.

Travou-se um duello inaudito. Duello entre desarmado e ferido.

Evidentemente o vencedor era o moribundo. Bastava uma bala para atirar Radoub no abysmo que lhe estava sob os pés.

Felizmente para Radoub, Canta-no-inverno, estando com ambas as pistolas em uma só mão, não pôde disparar uma dellas e viu-se obrigado a servir-se do sabre. Deu uma estocada no hombro de Raboub. Esse golpe feriu Radoub e salvo-o.

Radoub, sem armas, mas com toda a sua força, pouco se importou com o seu ferimento, que aliás não offendêra ao osso, deu um pulo para deante, largou os varões e saltou na setteira.

Ahi achou-se face a face com Canta-no-inverno, que atirára com o sabre para traz de si e que empunhava ambas as pistolas, uma em cada mão.

Canta-no-inverno, erguido sobre os joelhos, fez pontaria em Radoub quasi á queima-roupa, mas o braço enfraquecido tremia-lhe, e não disparou immediatamente.

Radoub aproveitou essa demora para rir ás gargalhadas.

— Diz-me cá, meu Cara-Suja, exclamou, então pensas que me mettes medo com essa bocca escalada? Com a bréca, como te desmantelaram os queixos!

Canta-no-inverno fazia-lhe pontaria.

Radoub continuou:

— Não quero desfazer em ti, mas a metralha amarrotou-te soffrivelmente a carranca. Misero rapaz, Bel-lona poz-te a physiognomia em trapos. Anda, anda, cospe o teu tirozinho, de pistola, meu pateta.

O tiro partiu e passou tão perto da cabeça que arrancou a Radoub metade da orelha. Canta-no-inverno ergueu o outro braço armado com a segunda pistola, mas Radoub não lhe deu tempo a fazer a pontaria.

— Uma orelha de menos já basta, bradou. Feriste-me duas vezes. Agora toca-me a vez!

E atirou-se sobre Canta-no-inverno, deu-lhe no braço, fêl-o disparar o tiro que foi para o ar, e travou-lhe do queixo deslocado, que saccudiu.

Canta-no-inverno soltou um rugido e desfalleceu.

Radoub passou-lhe por cima e deixou-o na setteira.

— Agora que já te apresentei o meu ultimatum, disse, não te mexas. Fica para ahí, lesma perversa. É bem de vêr que eu agora não me hei de divertir a dar-te cabo da pelle. Arrasta-te á vontade pelo chão, concidadão dos meus sapatos velhos. Morre, sempre te occuparás em alguma cousa. Agora é que tu vás vêr que o teu cura só te dizia asneiras. Recolhe-te ao grande mysterio, camponez.

E saltou sala do primeiro andar.

— Não vejo pitada, resmoneou.

Canta-no-inverno agitava-se convulsivo e rugia agouanisando. Radoub voltou-se.

— Silencio! faze-me o favor de te calares, cidadão sem o saber. Já não me embaraço comtigo. Não me digno acabar comtigo. Deixa-me em paz.

E, inquieto, metteu as mãos nos cabellos, olhando para Canta-no-inverno.

— E agora, o que vou eu fazer? tudo isto está muito bom, mas eu estou desarmado. Tinha meus dous tiros. Tu mos estragaste, animal! E ainda de mais a mais esta maça que faz aos olhos um mal dos diabos!

E encontrando a orelha despedaçada:

— Ai! disse.

E continuou:

— Adeantaste muito, bifando-me uma orelha! realmente, antes ter isto de menos que outra cousa, isto não passa de um enfeite. Tambem me arranhaste o hombro, mas não é cousa que valha a pena. Expira, aldeião, eu te perdô-o.

Escutou. O ruido na sala baixa era pavoroso. O combate estava mais acceso que nunca.

— Isto lá por baixo vae bem. Está bom, berram: viva o rei! Estouram nobremente.

Os pés bateram-lhe no sabre no chão. Apanhou-o, e disse a Canta-no-inverno que já se uão movia e que estava porventura morto:

— Olha, homem do matto, para o que eu queria fazer, o meu sabre ou nada é a mesma cousa. Apanho-o por amisade. Mas precisava das minhas pistolas. Os diabos te carreguem, selvagem! E agora, o que vou eu fazer? Para nada presto aqui.

Adeantou-se peia sala procurando ver e orientar-se. De repente na penumbra, por traz do pilar do centro, deu com uma comprida mesa, e em cima dessa mesa alguma cousa que brilhava indistinctamente. Apalpou. Eram bacamartes, pistolas, carabinas, uma fila de armas de fogo disposta em ordem e parecendo apenas á espera de mãos que as apanhassem; era a reserva de combate preparada pelos sitiados para a segunda phase do ataque; todo um arsenal.

— Que banquete! exclamou Radoub.

E atirou-se em cima deslumbrado.

Tornou-se então formidavel.

A porta da escada que communicava com os andares de cima e de baixo, estava patente, escancarada, ao lado da mesa coberta de armas. Radoub deixou cahir o sabre, agarrou em duas pistolas de dous cannos e descarregou-as a um tempo ao acaso para baixo da porta na escada em espiral, depois pegou em um trabuco e

descarregou-o, depois empunhou um bacamarte cheio de quartos de bala e descarregou-o. O bacamarte, vomitando quinze balas parecia um tiro de metralha. Então Radoub, tomando folego, bradou com voz atroadora na escada: Viva Pariz!

E apoderrando-se do segundo bacamarte de cano mais grosso que o primeiro, assestou-o sob a abobada tortuosa da escada em caracol, e esperou.

A confusão na sala baixa foi indescriptivel. Esses espantos imprevistos desagregam a resistencia.

Duas das balas da triplice descarga de Radoub haviam acertado; uma matára o mais velho dos irmãos Lauças-de-pau, a outra matára Houzard, que era o Sr. de Quélen.

— Elles estão lá em cima! bradou o marquez,

Este brado foi o signal de desampararem a barricada, um bando de passaros não foge mais depressa, e porfiaram todos em subir a escada. O marquez aco-roçoava a fuga.

— Vamos, depressa, dizia. Aqui o valor é fugir. Subamos todos ao segundo andar! Lá recomeçaremos.

Foi o ultimo a deixar a barricada.

Este acto de bravura salvou-o.

Radoub, emboscado em cima do primeiro lance da escada com o dedo no gatilho do bacamarte, esperava pela debandada. Os primeiros que mostraram-se na volta da espiral receberam a descarga na cara, e cahiram fulminados. Si o marquez ahi viesse, estaria morto. Antes que Radoub houvesse tido tempo de lançar mão de outra arma, os outros passaram, o marquez atraz de todos, e mais lento que os outros. Suppunham a camara do primeiro andar cheia de sitiantes, não se detiveram ahi, e subiram á sala do segundo, á camara dos espe- thos. Ahi, é que estava a porta de ferro, ahi é que estava

o rastilho com enxofre, ahí é que cumpria capitular ou morrer.

Gauvain, tão admirado como elles com as detonações da escada e não sabendo qual a explicação do soccorro que lhe apparecia, aproveitara-se d'elle sem tratar de decifral-o, saltára com os seus a barricada, e carregára os sitiados á ponta de espada até o primeiro andar.

Ahi encontrou Radoub.

Radoub começou pela continencia militar e disse :

— Um momento, meu commandante. Fui eu quem fez isto. Lembrei-me de Dol. Fiz o que o senhor fez. Metti o inimigo entre dous fogos.

— Excellente discipulo, disse Gauvain sorrindo.

Quando se permanece certo tempo no escuro, os olhos acabam por affazerem-se á sombra como os dos passaros nocturnos ; Gauvain notou que Radoub estava todo ensanguentado.

— Mas tu estás ferido, camarada !

— Não faça caso, meu commandante. O que tem lá uma orelha de mais ou de menos ? Recebi tambem um golpe de sabre, mais estou me ninando. Quando a gente quebra uma vidraça, sempre se corta um bocado. Demais só se derramou o meu sangue.

Fizeram uma como parada na sala do primeiro andar, conquistada pelo sargento Radoub. Trouxeram uma lanterna. Cimourdain reuniu-se a Gauvain. Deliberaram. Tinham realmente no que reflectir. Os sitiados não conheciam as circumstancias dos sitiados ; ignoravam a sua penuria de communicações ; não sabiam que os defensores da praça estavam quasi sem polvora ; o segundo andar era o ultimo posto de resistencia ; os sitiados deviam suppor a escada minada.

A que era fóra de duvida era o que o inimigo não podia escapar. Os que não tinham morrido, ahí es-

tavam como debaixo de chave. Lantenac estava na ratoeira.

Com esta certeza, podiam levar algum tempo a procurarem o melhor desenlace que fosse possivel. Contavam já muitos mortos. Deviam tratar de não perder muita gente nesse derradeiro assalto.

O perigo desse ataque supremo devia ser grande. Tinham provavelmente de supportar uma primeira descarga formidavel.

O combate estava interrompido. Os sitiantes, senhores do andar terreo e do primeiro andar, aguardavam, para continuarem, ordem de chefe. Gauvain e Cimoretain deliberavam. Radoub assistia calado a deliberação delles.

Abalançou-se á nova continencia militar, tímido.

— Meu commandante...

— O que é, Radoub?

— Terei direito a uma recompensazinha?

— Sem duvida. Pede o que quizeres.

— Peço para ser o primeiro a subir.

Não lho podiam recusar. Demais, tel-o-hia feito sem permissão.

XI

OS DESESPERADOS

Emquanto deliberavam no primeiro andar entrincheiravam-se no segundo. A victoria produz furor, a derrota produz raiva. Os dous andares iam embater-se temerosos. Estar perto da victoria é uma ebriedadê. Em baixo havia a esperança, que seria a maior força humana, si não existisse o desespero.

Em cima reinava o desespero.

Desespero calmo, frio, sinistro.

Chegados a essa sala de refugio, além da qual nada mais havia para elles, o primeiro cuidado dos sitiados foi trancar a entrada. Fechar a porta era inutil, obstruir a escada era preferivel. Em casos taes um obstaculo atravez do qual se pôde vêr e combater é melhor que uma porta fechada.

O brandão, preso ao braço de ferro chumbado na muralha pelo Imanus junto do rastilho com enxofre, alumiaava-o.

Havia nessa sala do segundo andar uma dessas bojudas e pesadas arcaes de carvalho em que fechavam-se os vestidos e a roupa branca antes de inventarem-se os moveis com gavetas.

Arrastaram a arca e puzeram-na ao alto na porta da escada. Ahi ficava solidamente encaixada e trancava a entrada. Deixava apenas, perte da abobada, uma abertura estreita, que podia dar passagem a um homem, excellente para se ir matando um por um os assaltantes. Era duvidoso que a isso se abalançassem.

A entrada obstruida dava-lhes algum tempo,
Contaram-se.

Os dezenove estavam reduzidos a sete, no numero dos quaes o Imanus. Com excepção do Imanus e do marquez, todos estavam feridos.

Os cinco que estavam feridos, mas bem vivos, pois no calor do combate toda a ferida que não é mortal deixa andar de uma para outra parte, eram Chatenay, cognominado Robi, Guinoiseau, Hoisnard Ramo-de-Ouro, Amorzinho e Grand-Francœur. Os mais tinham morrido.

Já estavam sem munições. As cartucheiras estavam vasias. Contaram os cartuchos. Os sete quantos tiros tinham para dar? Quatro.

Tinham chegado a esse momento em que resta

apenas cahir. Estavam apertados na escarpa hiante e terrivel. Era difficil estar mais perto do abysmo.

No entretanto o ataque recommçára ; lento porém, e tanto mais seguro. Ouvia-se o bater das coronhas das espingardas dos sitiantes, sondando a escada de gráu por de gráu.

Não havia meio de fugirem. Pela bibliotheca ? Havia na esplanada seis canhões assestados e morrões accesos. Pelas camaras superiores ? Para que ? Iam ter ao eirado. Ahi tinham apenas o recurso de atirarem-se da torre abaixo.

Os sete sobreviventes desse bando épico viam-se inexoravelmente encerrados e presos por essa espessa muralha que os protegia e que os entregava. Ainda não tinham sido apanhados ; mas já estavam prisioneiros.

O marquez ergueu a voz :

— Meus amigos, está tudo acabado.

E depois de uma pausa, accrescentou :

— Grand-Francœur volta a ser o abbade Turmeau.

Ajoelharam-se todos com os rosarios na mão. As coronhadas dos assaltantes approximavam-se.

Grand-Francœur, todo ensanguentado com uma bala que esflorara-lhe o craneo e arrancara-lhe o couro cabbelludo, ergueu com a mão direita o crucifixo. O marquez, sceptico no fundo, poz um joelho em terra.

— Confesse cada qual os seus peccados em voz alta, disse Grand-Francœur. Falle, Sr. marquez.

O marquez respondeu.

— Eu matei.

— Eu matei, disse Hoisnard.

— Eu matei, disse Guinoiseau.

— Eu matei, disse Amorzinho.

— Eu matei, disse Chatenay.

— Eu matei, disse o Imanus.

E Grand-Francœur continuou :

— Em nome da Santissima Trindade eu os absolvo.
Vão as suas almas em paz.

— Amen, responderam todas as vozes.

O marquez poz-se de pé.

— Agora, disse, morramos.

— E matemos, disse, o Imanus.

As coronhadas começavam a abalar a arca que trancava a porta.

— Pensem em Deus, disse o padre. A terra já não existe para nós.

— É verdade, disse o marquez, estamos dentro do tumulo.

Curvaram todos a fronte e bateram nos peitos. Só o marquez e o padre estavam de pé. Os olhares estavam fictos no chão, o sacerdote orava, os camponezes oravam, o marquez meditava. A arca, como batida por malhos, soava lugubrementemente.

Nesse momento uma voz clara e forte, vibrando subitamente por traz delles, exclamou :

— Eu bem lhe tinha dito meu senhor !

Todas as cabeças voltaram-se, estupefactas.

Um buraco acabava de obrir-se na muralha.

Uma pedra, perfeitamente igual ás outras, mais não cimentada, e com um eixo em cima e um eixo em baixo, acabava de girar sobre si mesma, como se fôra um molinete, e girando abrira a muralha. Tendo a pedra feito evolução sobre o eixo, a abertura era dupla e mostrava duas passagens, uma á direita, outra á esquerda, estreitas, mas sufficientes para deixarem passar um homem. Além dessa porta inesperada viam-se os primeiros degraus de uma escada em espiral. Um rosto de homem estava da abertura.

O marquez reconheceu Halmalo.

XII

SALVADOR

— És tu, Halmalo ?

— Eu mesmo, meu senhor. Já vê que as pedras que movem-se, existem, e que pode-se sahir daqui. Chego a tempo, mas andem depressa. Em dez minutos estarão no meio da floresta.

— Deus é grande, disse o padre.

— Fuja, Sr. marquez, bradaram todas as vozes.

— Primeiro os senhores todos, disse o marquez.

— Primeiro o senhor, disse o abbade Turmeau.

— Eu em ultimo lugar.

E o marquez continuou com voz severa :

— Nada de lutas de generosidade. Não temos tempo para magnanimidades. Os senhores estão feridos. Ordeno-lhes que vivam e fujam. Depressa ! e aproveitem esta passagem. Obrigado, Halmalo.

— Sr. marquez, disse o abbade Turmeau, vamos separar-nos ?

— Lá embaixo, por certo. Nunca se foge sinão um a um.

— O Sr. marquez não nos designa o sitio em que devemos tornar a reunir-nos ?

— Disigno. Uma clareira na floresta. A Pedra Gauvain. Conhecem o lugar ?

— Todos nós conhecemos.

— Lá estarei amanhã ao meio-dia. Quantos poderem andar vão lá ter.

— Iremos.

— E recomeçaremos a guerra, disse o marquez.

No entretanto Halmalo, empurrando a pedra move-diga, acabava de verificar que já se não movia. A abertura não podia mais fechar-se.

— Meu senhor, disse, vamos, a pedra agora resiste. Pude abrir a passagem, mas não poderei fechá-la.

A pedra, com effeito, depois de largo tempo durante o qual não se movêra, estava como ankylosada nos gonzos. Já não era possível imprimir-lhe movimento.

— Meu senhor, continuou Halmalo, contava poder tornar a fechar a passagem, e os azues, ao entrarem, não encontrariam pessoa alguma, nada entenderiam, e eram capazes de suppor que os senhores haviam-se transformado em fumo. Mas aqui está a pedra que não quer. O inimigo ha de ver a sahida aberta e poderá perseguir. Ao menos não percamos um minnto. Depressa todos á escada.

O Imanus poz a mão no hombro de Halmalo :

— Camarada, que tempo é preciso para sahir por esta passagem e chegar salvo á floresta?

— Ninguém está gravemente ferido? perguntou Halmalo.

Responderam :—Ninguém.

— Então basta um quarto de hora.

— Portanto, continuou o Imanus, si o inimigo só aqui entrasse daqui a um quarto de hora...

— Podia perseguir-nos, que já não nos alcançava.

— Mas, disse o marquez, estarão aqui em cinco minutos, pois esta velha arca não os embarçará por mais tempo. Algumas coronhadas mais, e estará tudo acabado. Um quarto de hora! quem os deterá um quarto de hora?

— Eu, disse o Imanus.

— Tu, Gouge-o-Verdelhão?

— Eu, sim, meu senhor. Ouça. De nós seis, estão feridos cinco. Eu não tenho um arranhão.

— Nem eu, disse o marquez.

— O senhor é chefe, meu senhor. Eu sou soldado. De chefe a soldado vae grande differença.

— Bem sei, temos cada qual dever differente.

— Não, meu senhor, temos ambos, o senhor e eu, o mesmo dever, que é salvar-o.

O Imanus voltou-se para os camaradas.

— Camaradas, trata-se de fazer frente ao inimigo e de demorar a perseguição o mais que for possível. Escutem. Estou com todas as minhas forças, não perdi uma gota de sangue; como não estou ferido, resistirei mais tempo do que outro. Saiam todos. Deixem-me as suas armas. Farei dellas uso conveniente. Incumbo-me de deter o passo ao inimigo durante uma boa meia hora. Quantas pistolas ha carregadas?

— Quatro.

— Ponham-nas no chão.

Fizeram-lhe a vontade.

— Está direito. Eu fico. Acharão com quem fallar. Agora, depressa, saiam.

As conjecturas extremas supprimem os agradecimentos. Gastaram apenas o tempo necessario para apertarem-lhe a mão.

— Até breve, disse-lhe o marquez.

— Não, meu senhor. Conto que não. Até breve, não; pois vou morrer.

Metteram-se todos, um apoz outro, na estreita escada, os feridos adeante. Emquanto os outros desciam, o marquez tirou o lapis da carteira e escreveu algumas palavras na pedra que ja se não movia e que deixava a passagem aberta.

— Venho, meu senhor, só falta o senhor, disse Halmalo.

E Halmalo começou a descer.

O marquez acompanhou-o.

O Imanus ficou só.

XIII

ALGOZ

As quatro pistolas tinham sido postas sobre as la-
ges, pois essa sala não tinha soalho. O Imanus segurou
em duas, uma em cada mão.

Approximou-se obliquamente da entrada da escada
que a arca obstruia e mascarava.

Os assaltantes receiavam evidentemente alguma sor-
preza, alguma dessas explosões finaes que são a um
tempo a catastrophe do vencedor e do vencido. Tão im-
petuoso havia sido o primeiro ataque, quão lento e
prudente era o ultimo. Não haviam podido, não haviam
querido talvez, quebrar violentamente a arca; tinham-lhe
arrancado o fundo a coronhadas e furado a tampa á
bayoneta, e por esses buracos procuravam ver a sala
antes de abalançarem-se a entrar.

A luz das lanternas com que alumiam a escada
coava atravez desses furos.

O Imanus percebeu em um desses furos uma dessas
pupillas que observavam. Encostou de subito nesse bu-
raco o cano de uma das pistolas e puxou o gatilho. O
tiro sahiu; e o Imanus, contente, ouviu um grito horri-
vel. A bala varára o olho e atravessára a cabeça; o sol-
dado que espiava acabava de cahir de costas na es-
cada.

Os assaltantes tinham damnificado bastante a parte
inferior da tampa em dous logares, e ahi tinham aberto
duas como setteiras; o Imanus aproveitou uma dessas
aberturas, enfiou por ella o braço, e disparou ao acaso
no grupo dos sitiantes o seu segundo tiro de pistola. A
bala ricochetou, provavelmente, pois ouviram-se muitos
gritos, como si tres ou quatro individuos fossem mortos

ou feridos, e houve na escada grande tumulto de homens que fogem e que recuam.

O Imanus atirou fóra as duas pistolas que acabava de descarregar, e pegou nas duas que restavam; depois, com ambas as pistolas em punho, olhou pelos furos da arca.

Verificou o primeiro effeito produzido.

Os assaltantes haviam tornado a descer a escada. Moribundos contorciam-se nos degráus; a volta da espiral apenas deixava ver tres ou quatro degráus.

O Imanus esperou.—É tempo ganho, disse consigo.

No entretanto viu um homem, deitado de barriga para baixo, subir rojando pelos degráus da escada, e ao mesmo tempo, mais embaixo, uma cabeça de soldado mostrou-se por traz da columna central da espiral. O Imanus fez pontaria nessa cabeça e desfechou o tiro. Ouviu-se um grito, o soldado cahiu, e o Imanus passou da mão esquerda para a mão direita a ultima pistola carregada que lhe restava.

Nesse momento sentiu uma dôr horrivel, e foi elle quem por sua vez soltou um bramido. Um sabre revolveu-lhe as entranhas. Um punho, o punho do homem que rojava, acabava de passar atravez da segunda seteira da parte inferior da arca, e esse punho enterrára um sabre no ventre do Imanus.

O ferimento era medonho. O ventre estava aberto de lado a lado.

O Imanus não cahiu. Rangen os dentes, e disse: Está bom!

Depois cambaleando e arrastando-se, recuou até junto do brandão que ardia ao lado da porta de ferro, descansou a pistola nas lages e empunhou o brandão, segurando com a mão esquerda os intestinos que sa-

hiam-lhe, com a mão direita abaixou o brandão e poz fogo ao rastilho com enxofre.

O fogo ateou-se, o rastilho accendeu-se. O Imanus largou o brandão, que continuava a arder no pavimento, tornou a segurar a pistola, e, cahido nas lages, mas soerguendo-se ainda, atçou o rastilho com o curto sopra que lhe restava.

A chamma correu, passou por baixo da porta de ferro e entrou na ponte acastellada.

Então, vendo o execrando exito, mais contente talvez com o seu crime, que com a sua virtude, esse homem que acabava de ser heróe e que não era mais que assassino, e que ia morrer, sorriu.

— Hão de lembrar-se de mim, murmurou. Vingo nos pequenos delles o nosso pequeno, o rei que está no Templo.

XIV

TAMBEM O IMANUS SE EVADE

Nesse momento ouviu-se grande ruido, a arca violentamente empurrada arrombou-se, e abriu passagem a um homem que atirou-se na sala, com o sabre em punho.

— Sou eu, Radoub; o que querem? Aborrece-me esperar. Arrisco-me. Não importa, acabo em todo caso de estripar um. Agora ataco-os a todos. Sigam-me ou não me sigam, aqui estou. Quantos são aqui?

Era Radoub, com effeito, e estava só. Depois da matança que o Imanus acabava de fazer na escada, Gauvain, temendo alguma mina occulta, mandára recuar a sua gente e entendia-se com Cimourdain.

Radoub com o sabre na mão sobre o limiar, no meio

dessa escuridão em que o brandão quasi apagado mal deixava alguma claridade repetiu a pergunta.

— Eu sou um. Quantos são os senhores?

Nada ouvindo, adeantou-se. Um desses clarões que exhalam a espaços os fogos agonisantes e que poder-se-hiam chamar soluços de luz, desprendeuse do brandão e illuminou a sala toda.

Radoub viu um dos espelhozinhos pendurados na parede, approximou-se delie, olhou para o proprio rosto ensanguentado e para a orelha dependurada, e disse:

— Estrago medonho.

Depois voltou-se, estupefacto ao ver a sala vazia.

— Não está aqui ninguem! exclamou. Nove fóra, nada.

Deu com a pedra que girára, com a abertura e com a escada.

— Ah! entendo. Deram ás villa Diogo. Venham todos! camaradas, venham! foram-se embora. Raspam-se, derreteram-se, afundaram-se, amolaram as canellas. Esta estúpida torre velha estava furada. Aquí está o buraco por onde passaram, canalha! Como querem que demos conta de Pitt e de Cobourg com semelhantes farças! Foi o Deus do diabo que lhes veio em auxilio! Não está aqui ninguem!

Um tiro de pistola desfechou-se, uma bala esflorou-lhe o cotovello e foi achatar-se na muralha.

— Está sim! está aqui alguem. Quem foi que teve a bondade de fazer-me este cumprimento?

— Eu, disse uma voz.

Radoub estendeu a cabeça e distinguiu na meia escuridão alguma cousa que era o Imanus.

— Ah! bradou. Cá está um. Os outros raspam-se, mas tu não te rasparás.

— Suppões isso? respondeu o Imanus.

Radoub deu um passo, e parou.

— Olá, homem que estás no chão, quem és?

— Sou o homem que está no chão, e que escarnece dos que estão de pé.

— O que tens tu na mão direita?

— Uma pistola.

— E na mão esquerda?

— As minhas tripas.

— És meu prisioneiro.

— Boas!

E o Imanus, debruçando-se sobre o rastilho em combustão, consagrando o ultimo alento ao incendio, expirou. Momentos depois, Gauvain e Cimourdain, e todos, estavam na sala. Viram todos a abertura. Revisitaram os cantos, sondaram a escada; ia ter a uma porta na grotta. Verificaram a evasão. Sacudiram o Imanus, estava morto. Gauvain com uma lanterna na mão examinou a pedra que dera sahida aos sitiados; ouvira fallar dessa pedra movediça, mas tambem elle tinha como fabula essa lenda. Ao examinar a pedra, deparou alguma cousa escripta a lapis; approximou a lanterna e leu isto:

— *Até á vista, Sr. Visconde.* —

LANTENAC.

Guéchamp reunira-se a Gauvain. A perseguição era evidentemente inutil, a fuga estava consummada e completa, os evadidos tinham a seu favor toda a região, a mouta, a grotta, a matta, o habitante; deviam estar já bem longe; não havia meio de os tornar a encontrar; e a floresta de Fougères inteira era um immenso escondrijo. O que fazer? Tinham de começar tudo de novo. Gauvain e Guéchamp trocaram as suas decepções e conjecturas.

Cimourdain escutava, grave, sem proferir palavra.

— E' verdade, Guéchamp, disse Gauvain, e a escada ?

— Commandante, não chegou.

— No entanto vimos chegar uma carreta escoltada por gendarmes.

Guéchamp respondeu :

— Não trazia a escada.

— Então o que trazia ?

— A guilhotina, disse Cimourdain.

XV

NÃO SE DEVE METTER NO MESMO BOLSO UM RELOGIO E
UMA CHAVE

O marquez de Lantenac não estava tão longe como suppunham.

Tambem não estava completamente livre e fóra do alcance delles.

Acompanhára Halmalo.

A escada por onde Halmalo e elle haviam descido, traz dos outros fugitivos, terminava perto da grotta e dos arcos da ponte em uma corredoura abobadada. Essa corredoura dava para uma profunda abertura natural no solo que de uma parte ia ter á grotta, e da outra á floresta. Essa abertura, completamente a coberto dos galhates, serpeava por baixo de vegetações impenetraveis. Era impossivel tornar a apanhar ahi um homem. Uma pessoa que se evadia, uma vez chegada a essa abertura, não tinha mais que fugir como uma cobra, e era impossivel descobri-la. A entrada da corredoura secreta da escada estava por tal arte obstruida com sarças e espinhos que os constructores da passagem sbterranea julgaram inutil fechal-a de outro modo.

Agora o marquez não tinha mais que ir-se em paz. Não tinha que incomodar-se com um diafarce. Desde que chegára á Bretadha não deixára as suas roupas de camponez, julgando-se maior fidalgo assim.

Limitara-se a tirar a espada, cujo cinturão desafiavelára e jogára fóra.

Quando Halmalo e o marquez desembocaram da corredoura na abertura, os outros cinco, Guinoisseau, Hoisnard Ramo-de-Ouro, Amorzinho, Chatenay e o abbade Turmeau, já ahi não estavam.

— Não levaram muito tempo a abrir o vôo, disse Halmalo.

— Faze o mesmo disse o marquez.

— Meu senhor quer que eu o deixe ?

— Por certo. Já t'ô disse. A gente só se evade bem sózinho. Por onde um passa, não passam dous. Juntos chamariamos a atenção. Far-me-hias prender, assim como eu faria com que te prendessem.

— Meu senhor conhece o lugar ?

— Conheço.

— Meu senhor sempre quer que vamos á Pedra Gauvain ?

— Amanhã. Ao meio-dia.

— Lá estarei. La estaremos.

Halmalo atalhou.

— Ah ! meu senhor, quando imagino que estivemos no alto mar, que estavamos sós, que eu queria matal-o, que o senhor era meu amo, que podia dizer-me e que não o disse ! Que homem que é o senhor !

O marquez continuou :

A Inglaterra. Já não ha outro recurso. E' preciso que dentro em quinze dias os inglezes estejam em França.

— Tenho muitas contas a prestar a meu amo. Desempenhei as suas commissões.

— Fallaremos de tudo isso amanhã.

Até amanhã, meu senhor.

— E' verdade, estás com fome?

— Alguma, meu senhor. Estava com tanta pressa de chegar que nem sei si hoje comi.

— O marquez tirou do bolso um pau de chocholate, partiu-o em dous pedaços, deu metade a Halmalo e poz-se a comer a outra metade.

— Meu senhor, disse Halmalo, á sua direita está a grotta ; á sua esquerda está a floresta.

— Está bom, Deixa-me. Segue teu caminho.

Halmalo obedeceu. Immergiu-se na escuridão. Ouviu-se um rumor de galhos quebrados, depois nada mais. Ao cabo de alguns segundos fôra impossivel ir-lhe no encalço. A selva, eriçada e inextricavel, auxiliava a fuga. Não se desapparecia, desvanecia-se. Era essa facilidade de dispersões rapidas que fazia com que os nossos exercitos hesitassem deante dessa Vendéa sempre a recuar, e deante dos seus combatentes a fugirem de modo tão formidavel.

O marquez conservou-se immovel. Era do numero desses homens que esforçam-se por não experimentar commoções; mas não pôde subtrahir-se á emoção de respirar o ar livre depois de haver respirado tanto sangue e morticinio. Sentir-se completamente salvo depois de ter estado completamente perdido ; depois do tumulto visto tão de perto, entrar na posse da mais absoluta segurança ; sahir da morte e tornar a entrar na vida, era, ainda para um homem como Lantenac, um abalo ; e, posto que hevesse já atravessado conjuncturas semelhantes, não pôde forrar a alma imperturbavel a um sobresalto de alguns instantes. Confessou a si proprio que estava contente. Domou depressa esse movimento que assemelhava-se quasi ao jubilo. Tirou o relógio, e fel-o dar horas. Que horas eram ?

Com grande admiração sua, eram apenas dez horas. Quando a gente acaba de atravessar uma dessas peripécias da vida humana em que tudo é posto em perigo, fica sempre admirado de que minutos tão cheios não sejam mais longos que os outros. O tiro de peça de advertencia tinha sido disparado um tanto antes do pôr do sol, e a Tourgue tinha sido investida pela columna de ataque meia hora depois, entre sete e oito horas, ao cair da noite. Assim o combate colossal, começado ás oito horas, acabára ás dez. Toda essa epopéa durará cento e vinte minutos. As vezes as catastrophes têm rapiôez de relampago. Os acontecimentos têm essas reduções surprehendedoras.

Reflectindo-se, porém, o contrario é que devia causar admiração; uma resistencia de duas horas de tão diminuto numero contra numero tamanho era extraordinaria, e certamente não fôra curta, nem depressa terminada, essa batalha de dezenove homens contra quatro mil.

No entanto ia sendo tempo de se ir embora, Halmalo já devia estar longe, e o marquez julgou que não era necessario conservar-se ahi mais tempo. Tornou a metter o relógio no collete, não no mesmo bolso, pois acabava de reparar que nesse estava em contacto com a chave da porta de ferro que lhe entregára o Imanus, e que o vidro do relógio podia quebrar de encontro a essa chave; e dispoz se a ganhar por sua vez a floresta. Indo tomar pela esquerda, affigurou-se-lhe que um como vago clarão penetrava até onde estava.

Voltou-se, e, atravez das moutas claramente recordadas sobre um fundo vermelho e de improviso tornadas visiveis até nos mais minuciosos pormenores, viu um grande clarão na grotta. Apenas alguns passos separavam-no da grotta. Caminhou para lá, depois reflectiu e achou inutil expor-se a esse clarão; fosse elle o que

fosse, nada tinha com isso afinal ; tornou a tomar a direcção que Halmalo lhe mostrára e deu alguns passos para a floresta.

De subito, profundamente escondido e occulto sob as sarças, ouviu por cima da cabeça um grito terrivel ; esse grito parecia sahir da propria aresta da esplanada por cima da grotta. O marquez ergueu os olhos, e parou.

LIVRO QUINTO
IN DÆMONE DEUS

I

ACHADOS, MAS PERDIDOS

Quando Michaela Fléhard deu com a torre avermelhada pelo sol poente, estava a mais de uma legua. Ella que mal podia dar um passo, não hesitára deante dessa legua que tinha de andar. As mulheres são fracas, mas as mães são fortes. Puzera-se a caminho.

O sol entrára; viera o crepusculo, depois a escuridão profunda; ouvira, sempre a andar, soarem ao longe, em um campanario que se não via, oito horas, depois nove horas. O campanario era provavelmente o de Parigné. De tempos a tempos parava para ouvir uns como tiros surdos, que eram talvez vagos fragores da noite.

Caminhava direito para a frente, quebrando o tojo e os estrepes agudos com os pés ensanguentados. Era guiada por frouxa claridade que desprendia-se da torre longinqua, fazia-a destacar, e dava á torre no meio da sombra mysteriosa irradiação. Essa claridade tornava-se mais viva quando os rumores tornavam-se mais distinctos, depois apagava-se.

A vasta esplanada por onde seguia Michaela Fléhard era apenas coberta de hervas e tojaes, sem uma

casa e sem uma arvore ; subia insensivelmente, e a perder de vista, apoiava a comprida linha recta e dura no sombrio horizonte estrellado. O que a amparou nessa subida foi ter de continuo a torre á vista.

Via a crescer lentamente.

As denotações abafadas e os pallidos clarões que saham da torre tinham, acabamos de dizel-o, intermitencias ; paravam, depois continuavam, propondo não sei que pungente enigma á miseria mãe angustiada.

De improviso cessaram ; tudo se extinguiu, rumor e claridade ; houve um momento de completo silencio, houve uma como paz lugubre.

Foi nesse momento que Michaela Fléchard chegou ao fim da esplanada.

Viu a seus pés uma grotta cujo fundo perdia-se na descorada espessura da noite ; alguma distancia, no alto da esplanada, um atravancamento de rodas, de taludes e de canhonheiras que vinha a ser uma bateria de canhões, e deante de si, confusamente alumiado pelos morrões accesos da bateria, um enorme edificio que parecia construído com trevas mais negras que todas as outras que a rodeavam.

O edificio compunha-se de uma ponte cujos arcos mergulhavam-se na grotta e de um como castello que levantava-se sobre a ponte, e castello e ponte apoiavam-se a uma alta rotundidade escura, que era a torre para a qual a misera mãe caminhára de tão longe.

Viam-se luzes passando de uma para outra parte pelas setteiras da torre, e, pelo rumor que sahia della, adivinhava-se que estava cheia com uma multidão de homens, alguns vultos dos quaes mostravam-se no alto até do eirado.

Havia junto da bateria um acampamento cujas vedetas Michaela Fléchard distinguia, mas no meio do escuro e do matto não tinha sido notada.

Chegára ao extremo da esplanada, tão perto da ponte que parecia-lhe quasi poder tocar-lhe com a mão. A profundidade da grotta separava-a della. Distinguia na sombra os tres andares do castello da ponte.

Permaneceu não sei que tempo, pois a medida do tempo apagava-se-lhe do espirito, absorta e muda deante dessa grotta hiante e dessa construcção tenebrosa. O que seria isto? O que se passava ahi? Seria o Tourgue? Tinha avertigem de não sei que indecisão que assemelhava-se á chegada e á partida. A si mesma perguntava porque estava alli.

Olhava, escutava.

De subito nada mais viu.

Um veu de fumo acabava de interpor-se entre ella e aquillo que contemplava. Agro ardor fel-a fechar os olhos. Apenas acabára de cerrar as palpebras, estas se lhe avermelharam e tornaram-se-lhe luminosas. Tornou a abril-as.

Já não eram trevas que tinha deante de si, era luz; mas uma luz funesta, a luz que sahe do fogo. Tinha sob as vistas o começo de um incendio.

A fumaça de negra tonara-se escarlata, e uma grande chamma estava dentro; essa chamma apparecia e desaparecia, com essas torsões ferozes que possuem os relampagos e as serpentes.

A chamma sahia como uma lingua de alguma cousa parecida com uma guela e que era uma janella cheia de fogo. Essa janella, engradada com varões de ferro já rubros, era uma das janellas do andar inferior do castello construido sobre a ponte. De todo o edificio via-se apenas essa janella. O fumo cobria tudo, a propria esplanada, e distinguia-se apenas a aresta da escarpa, negra por sobre a chamma vermelha.

Michaela Fléchar, admirada, olhava: O fumo é nuvem, a nuvem é scisma: já não sabia o que estava

vendo. Deveria fugir? Sentia-se quasi fóra da realidade.

Uma rajada de vento passou e rasgou a cortina de fumo, e no meio do rasgão a tragica bastilha, de improvise desmacarada, surgiu inteira, torre, ponte, castello, fascinante, horrivel, com o magnifico dourado do incendio, que reverberava sobre ella de alto a baixo. Michaela Fléchard pôde vêr tudo com nitidez sinistra do fogo.

O andar inferior do castello, construido sobre a ponte, ardia.

Por cima distinguiam-se os outros dous andares ainda intactos, mas como sustentados por uma corbelha de chammas. Da beira da esplanada, onde estava Michaela Fléchard, via-se-lhes vagamente o interior atravez das interposições do fogo e do fumo. Todas as janellas estavam abertas.

Pelas janellas do segundo andar que eram muito rasgadas, Michaela Fléchard avistava, ao longo das paredes, armarios que pareciam-lhe cheios de livros, e deante de uma das janellas, no chão, na penumbra, um grupozinho indistincto, alguma cousa que tinha o aspecto vago e confuso de um ninho ou de uma ninhada, e que parecia-lhe vêr mover-se a espaços.

Olhava para isso.

Que grupozinho sombrio seria esse?

Em certos momentos accudia-lhe á mente que isso assemelhava-se a fórmulas vivas, tinha febre, não tinha comido desde pela manhã, andára sem parar, estava estenuada, sentia uma como hallucinação de que instinctivamente desconfiava; no entanto os olhos cada vez mais fictos não se lhe podiam arredar desse confuso monte de objectos indefinidos, provavelmente inanimados, e na apparencia inertes, que jazia alli no soalho daquela sala superposta ao incendio.

De repente o fogo, como si tivesse uma vontade, estendeu de baixo uma das linguas para a crescida hera secca que cobria exactamente a fachada que Michaela Fléhard contemplava. Dir-se-hia que a chama acabava de descobrir essa rede de ramos seccos; nma faisca apoderou-se della avidamente, e poz-se a subir pelos sarmentos com a agilidade medonha dos rastilhos de polvora. Em um relance de olhos a chamma attingiu o segundo andar. Então, de cima, alumiou o interior do primeiro andar. Vivo clarão poz subitamente em relevo tres entezinhos adormecidos.

Era um grupozinho encantador, braços e pernas confundidos, palpebras cerradas, louras cabeças risonhas.

A mãe reconheceu os filhos.

Soltou um grito pavoroso.

Esse grito de inexprimivel angustia só o possuem as mães. Nada ha mais feroz e mais tocante. Quando uma mulher solta-o, suppõe-se ouvir uma loba; quando uma loba solta-o, suppõe-se ouvir uma mulher.

Esse grito de Michaela Fléhard foi um bramido. Hecuba latiu, diz Homero.

Era esse grito que o marquez de Lantenac acabava de ouvir.

Já vimos que elle parára.

O marquez estava entre a sahida da passagem, por onde Halmalo fizera-o evadir-se, e a grota. Por entre o matto tecido sobre a sua cabeça, viu a ponte em chamas, a Tourgue rubra com a reverberação, e, pela aberta de dous ramos, avistou por cima de si, do outro lado, á beira da esplanada, defronte do castello ardendo e alumuada pelo fóco do incendio, uma flgura desvairada e lamentavel, uma mulher debruçada sobre a grota.

Fôra dessa mulher que partira aquelle grito.

Essa figura já não era Michaela Fléhard, era Gor-

gone. Os miseráveis são formidáveis. A camponesa transformara-se em Eumenide. Essa aldeã desconhecida, vulgar, ignorante, inconsciente, acabava de assumir de improviso as proporções épicas do desespero. As grandes dores são uma dilatação gigante da alma; essa mãe era a maternidade; tudo quanto resume a humanidade é sobre-humano; erguia-se ahi, á beira desse abysmo, deante desse incendio, deante desse crime, como uma potencia sepulchral; tinha o grito da féra e o gesto da deusa; o rosto, donde cahiam imprecações, assemelhava-se a uma mascara chammejante. Nada tão soberano como o brilho de seus olhos rasos de lagrimas; com o olhar fulminava o incendio.

O marquez escutava. As exclamações cahiam-lhe sobre a cabeça; ouvia não sei que sons inarticulados e despedaçadores, antes soluços que palavras.

— Ah! meu Deus! meus filhos? São meus filhos! socorro! fogo! fogo! fogo! Então os senhores são bandidos! Não ha ahi um homem? meus filhos vão arder! Ah! que cousa horrivel! Georgina! meus filhos! Gordo Alano, João Renato! Mas o que quer isto dizer? Quem poz então alli meus filhos? Dormem. Estou louca! Isto não é possivel. Socorro!

Entretanto operava-se grande movimento na Tourgue e na esplanada. O acampamento inteiro corria para junto do fogo que acabava de atear-se. Os sitiantes, depois de verem-se a braços com a metralha, viam-se a braços com o incendio. Gouvain, Cimourdain, Guéchamp davam ordens. O que fzer? Mal havia alguns baldes de agua no pequeno regato da grotta. A angustia crescia. Toda a beira da esplanada estava coberta de semblantes espavoridos a olharem.

O que viam era pavoroso.

Olhavam, e nada podiam.

A chamma, pela hera que se incendiára, ganhára

o andar superior. Ahi encontrára o celleiro cheio de palha e precipitara-se por elle dentro. Agora o celleiro todo ardia. A chamma dansava; o jubilo da chamma é uma cousa lugubre. Parecia que um sopro scelerato aticava a fogueira. Dir-se-hia que o medonho Imanus ahi estava transformado em turbilhão de scentelhas, vivendo da vida mortifera do fogo, e que essa alma monstruosa tornara-se incendio. O andar da bibliotheca não estava ainda contaminado, a altura do tecto e a espessura das paredes espaçavam o momento em que devia atear-se-lhe o fogo, mas esse momento fatal aproximava-se; lambia-o o incendio do primeiro andar, acariciava-o o incendio do terceiro. O beijo medonho da morte esflorava-o. Em baixo uma adega de lavas, em cima uma abobada de brazas; bastava abrir-se um buraco no soalho, para que desmoronasse tudo na cinza rubra; bastava abrir-se um buraco no tecto, para que tudo se sepultasse sobre um brazeiro. João Renato, Gordo álano e Georgina não havia ainda acordado, dormiam o somno profundo e simples da infancia, e, por entre as dobras da chamma e do fumo que alternativamente cobriam e descobriam as janellas, viam-nos nessa gruta de fogo, no fundo de um clarão de metéoro, tranquilllos, graciosos immoveis, como tres confiantes meninos Jesus adormecidos dentro de um inferno; e um tigre houvera chorando ao vêr essas rosas nessa fornalha e esses berços nesse tumulo.

No entretanto a mãe torcia os braços:

— Fogo! estou gritando fogo! estão surdos! não apparecem! queimam-me meus filhos! venham, oh homens que ahi estão. Ha dias e dias que caminho, e é assim que venho encontral-os! Fogo! soccorro! são anjos! vejam que são anjos! O que fizeram estes innocentes? a mim fusilaram-me, a elles queimam-nos! quem é eutão que faz estas cousas! soccorro! salvem

meus filhos! não me ouvem? de uma cadella, de uma cadella teriam compaixão! meus filhos! meus filhos! estão dormindo! ah! Georgina! estou-lhe vendo o barriguinha! João Renato! Gordo Alano! é assim que se chamam, Estão vendo que sou mãe delles. O que succede neste tempo é abominavel. Andei dias e noites. Ainda esta manhã fallei com uma mulher. Soccorro! soccorro! fogo! então são monstros! E' uma cousa horrivel! o mais velho ainda não tem cinco annos, a mais moça ainda não tem dous annos. Estou-lhes vendo as perninhas nuas. Dormem, minha, minha Virgem santa! a mão do ceu m'os restitue e a mão do inferno m'os toma. E andei tanto! Filhos que criei com o meu leite! e eu julgava-me infeliz por não tornar a encontral-os! Tenham pena de mim! Quero meus filhos, preciso de meus filhos! A verdade é que alli estão no fogo! Vejam os meus miseros pés como estão ensanguentados. Soccorro! Não é possivel que haja homem no mundo e que deixem estes coitadinhos morrer assim! soccorro! assassino! Nunca se viu cousa igual. Ah! salteadores! Que casa medonha é esta? Roubaram-nos para matarem-mos! Jesus crucificado! quero meus filhos. Oh! não sei o que faria! Não quero que morram! soccorro! soccorro! soccorro! Oh! si elles tivessem de morrer assim, eu mataria a Deus!

De envolta com a supplica terrivel da mãe vozes erguiam-se na esplanada e na grotta:

- Uma escada!
- Não temos escada!
- Agua!
- Não temos agua!
- Lá em cima, na torre, no segundo andar, ha uma porta!
- É de ferro.

— Arrombem-na!

— Não é possível!

E a mãe dobrava de gritos de desesperação :

— Fogo ! socorro ! Mas andem ! Então matem-me ! Filhos ! filhos ! Ah ! que fogo horrivel ! tirem-nos dalli, sinão atirem-me lá tambem !

Nos intervallos desses clamores ouvia-se e crepitar tranquillo do incendio.

O marquez apalpou o bolso e sentiu a chave da porta de ferro. Então, curvando-se sob a abobada pela qual evadira-se, tornou a entrar na passagem donde acabava de sahir.

II

DA PORTA DE PEDRA A' PORTA DE FERRO

Um exercito inteiro espavorido com uma salvação impossivel ; quatro mil homens sem poderem socorrer tres creanças ; tal era a conjectura.

Não tinham com effeito uma escada, a escada mandada de Javené não tinha chegado ; o incendio ampliava-se como uma cratera que se abre ; tentar apagal-o com o regato da grotta quasi secco era irrisorio ; era o mesmo que lançar um copo de agua num vulcão.

Cimourdain, Guéchamp e Radoub haviam descido para a grotta ; Gauvain havia subido á sala do segundo andar da Tourgue onde estavam a pedra giratoria, a sahida secreta e a porta de ferro da bibliotheca. Fôra ahi que estivera o rastilho com enxofre accendido pelo Imanus : fôra dahi que sahira o incendio.

Gauvain levára comsigo vinte sapadores. O unico recurso que havia era arrombar a porta de ferro. Estava pavorosamente trancada.

Começaram por machadadas. Os machados quebraram-se. Um sapador disse :

— O aço parece vidro neste ferro.

A porta era com effeito de ferro batido, e feita de duplas laminas, presas com cavilhas, tendo cada uma tres pollegadas de espessura.

Lançaram mão de barras de ferro e serviram-se dellas como alavancas debaixo da porta. As barras de ferro quebraram-se.

— Como phosphoros de pau, disse o sapador.

Gauvain, sombrio, murmurou :

— Só uma bala de artilharia poderia abrir esta porta. Seria preciso poder trazer para aqui um canhão.

— E ainda assim não sei ! disse o sapador.

Houve um instante de desacorçoamento. Todos esses braços impotentes pararam. Mudos, vencidos, consternados, esses homens olhavam para a horrivel porta inabalavel. Vermelha reverberação coava por baixo della. Por traz o incendio crescia.

O cadaver medonho do Imanus ali estava qua triumphador sinistro.

Mais alguns minutos talvez, e tudo ia ruir por terra.

O que fazer ? já não havia esperança.

Gauvain exasperado exclamou com os olhos fectos na pedra giratoria da muralha e no caminho aberto da evasão :

— Foi no entanto por alli que o marquez de Lan-tenac se foi embora !

— E que volta, disse uma voz.

E uma cabeça branca desenhou-se na moldura de pedra da passagem secreta.

Era o marquez.

Havia largos annos que Gauvain não o via de tão perto. Recuou.

Quantos alli estavam quedaram petrificados.

O marquez tinha uma grande chave na mão, affastou com altivo olhar alguns sapadores que lhe ficavam na frente, foi direito á porta de ferro, curvou-se sob a abobada e enfiou a chave na fechadura. A fechadura rangeu, a porta abriu-se, viu-se um abysmo de chammas, o marquez entrou.

Entrou com passo firme, cabeça alta.

Seguiam-no todos com a vista, tremulos.

Apenas o marquez dera alguns passos na sala incendiada, o soalho minado pelo fogo e abalado pelos seus tacões abateu-se apoz elle e interpoz entre elle e a porta um precipicio. O marquez não voltou a cabeça e seguiu em frente. Desappareceu no meio da fumaça.

Nada mais se viu.

Teria conseguido ir por deante? Novo abysmo de fogo ter-se-lhe-hia aberto sob os pés? Não teria alcançado mais que deitar-se tambem a perder? Nada se podia dizer. Erguia-se de permeio uma muralha de fumo e de chamma. O marquez estava além, morto ou vivo.

III

EM QUE VEMOS ACORDAREM AS CREENÇAS QUE VIMOS ADORMECEREM

No entretanto as creanças abriram afinal os olhos.

O incendio, que ainda nao tinha penetrado na sala da bibliotheca cobria o tecto com um reflexo cõr de rosa. As creanças não conheciam esse genero de aurora. Olharam para ella. Georgina contemplou-a.

Todos os esplendores do incendio desdobravam-se; a hydra negra e o dragão escarlata surgiam na fumaça

monstruosa, magnificamente sombria e vermelha. Compridas fagulhas voavam longe e listravam a sombra; dir-se-hiam cometas combatentes, a correrem uns apoz outros. O fogo é uma prodigalidade; os brázeiros estão cheios de escrínios atirados ao ar; não é de balde que o carvão é idêntico ao diamante. Abriram-se na parede do terceiro andar buracos por onde o brazido despejava na grotta cascatas de pedrarias; os montes de palha e de aveia que ardião no celeiro começavam a jorrar pelas janellas em avalanches de ouro em pó, e os grãos de aveia transformavam-se em amethystas, e os pedacinhos de palha em carbunculos.

— Minito! disse Georgina.

Tinham-se todos tres sentado.

— Ah! bradou a mãe, acordam!

João Renato levantou-se, então Gordo Alano levantou-se, então Georgina levantou-se.

João Renato distendeu os braços, ençaminhou-se para a janella e disse:—Está quente.

— Tá tente, repetiu Georgina.

A mãe chamou-os.

— Meus filhos! Renato! Alano! Georgina!

As creanças olharam em torno de si. Procuravam entender aquillo. Quando os homens estão aterrados, as creanças estão curiosas. Quem se admira facilmente, difficilmente se assusta; a ignorancia encerra esta intrepidez. As creanças têm tão pouco direito ao inferno que, se o vissem, admiral-o-hiam.

A mãe repetiu:

— Renato! Alano! Georgina!

João Renato voltou a cabeça; essa voz tirou-o da distracção em que estava; as creanças têm a memoria curta, mas a lembrança rapida; o passado inteiro é para elles hontem; João Renato viu a mãe, achou isso

muito natural, e, rodeado como estava de cousas estranhas, sentindo vaga necessidade de apoio, gritou :

— Mamãe !

— Mamãe ! disse Gordo Alano.

— Mman ! disse Georgina.

E estendeu os bracinhos.

E a mãe bramiu :—Filhos !

Todos tres chegaram á janella ; por felicidade esse lado não estava abrazado.

— Estou com muito calor, disse João Renato.

Accrescentou :

— Está queimando.

E procurou a mãe com os olhos.

— Anda, mamã !

— An mman, repetiu Georgina.

A mãe desgrenhada, despedaçada, ensanguentada, deixara-se cahir de mouta em mouta na grotta. Cimourdain ahi estava com Guéchamp, tão impotentes ahi em baixo como Gauvain em cima. Os soldados desesperados de serem inuteis formigavam em volta delles. O calor estava insuportavel, ninguem sentia-o, pensavam na escarpa da ponte, na altura dos arcos, na elevação dos andares, nas janellas inaccessiveis, e na necessidade de agirem immediatamente. Subir tres andares ! Sem meio algum de lá ir ! Radoub, ferido, com um golpe de sabre no hombro, com uma orelha arrancada, banhado de suor e de sangue, accudira : viu Michaela Flechard. —Olhem, disse a mulher fuzilada ! então resuscitou ? —Meus filhos ! disse a mãe.—Está direito, respondeu Radoub ; não temos tempo a occupar-nos com almas do outro mundo. E poz-se a escalar a ponte, tentativa inutil, enterrou as unhas na pedra, subiu por alguns instantes ; mas as fiadas de pedra eram lisas, não bavia uma fenda, um resalto, a muralha tinha as juntas tão correctamente tomadas como uma muralha nova, e Ra-

doub tornou a cahir. O incendio continuava pavoroso; viam-se emmolduradas pela janella rubra as tres cabeças louras. Radoub então mostrou o punho ao ceu, como si procurasse alguém com o olhar, e disse: Então isto se faz, senhor Deus? A mãe abraçava de joelhos os pilares da ponte bradando: Misericordia!

Surdos estalos confundiam-se com o crepitar do brazeiro. Os vidros dos armarios da bibliotheca partiam-se e cahiam com estrepito. Via-se o madeiramento ceder. Nenhuma força humana conseguiria cousa alguma. Ainda um momento e tudo ia desmoronar-se. Esperava-se apenas a catastropho. Ouviam-se as vozes nhas repetindo: Mamãe! mamãe! Chegara-se ao paroxismo do pavor.

De improviso, na janella proxima áquella em que estavam as creanças, sobre o fundo rubro do incendio, surgiu um vulto de elevada estatura.

Todas as cabeças ergueram-se, todos os olhos tornaram-se fictos. Um homem estava lá em cima, um homem estava na sala da bibliotheca, um homem estava na fornalha. O vulto recortava-se negro na chamma, mas tinha cabellos brancos. Reconheceram o marquez de Lantenac.

Desappareceu, depois tornou a apparecer.

O temeroso velho appresentou-se á janella com uma enorme escada na mão. Era a escada de salvação guardada na bibliotheca que fôra buscar onde estava encostada e que arrastára até á janella. Agarrou-a por uma ponta, e, com a agilidade magistral de um athleta, fez-a escorregar pelo peitoril, sobre o resalto do apoio externo, até ao fundo da grotta. Radoub, embaixo aturdido, estendeu as mãos, recebeu a escada, apertou-a nos braços e gritou:—Viva a Republica!

O marquez respondeu:—Viva o Rei!

E Radoub resmoneou:—Grita lá o que quizeres, e dize as asneiras que te parecer, és Deus em pessoa.

A escada estava collocada; a communição estabelecera-se entre a sala incendiada e a terra; vinte homens correram para ella, com Radoub na frente, e em um relance de olhos enfileiraram-se de cima a baixo, apoiados aos degraus, como pedreiros que sobem e descem pedras. Ficou assim superposta á escada de madeira uma escada humana. Radoub, no alto da escada, chegava á janella. Estava de frente para o incendio.

O pequeno exercito, espalhado pelos tojaes e pelas encostas, premava-se, agitado a um tempo por todas as emoções, na esplanada, na grotta, no eirado da torre.

O marquez desapareceu outra vez, depois tornou a apparecer, trazendo uma creauça.

Houve uma salva immensa de palmas.

Era o primeiro que o marquez apanhára ao acaso. Era Gordo Alano.

Gordo Alano gritava:—Estou com medo!

O marquez entregou Gordo Alano a Radoub, que passou-o para traz e para baixo de si a um soldado que passou-o a outro, e, enquanto Gordo Alano, assustadissimo e a gritar, chegava assim de braço em braço á baze da escada, o marquez, um momento ausente, voltou á janella com João Renato que resistia e chorava e que deu em Radoub na occasião em que o marquez passou-o ao sargento.

O marquez tornou a entrar na sala cheia de chamas. Georgina ficára só. Dirigiu-se para ella. Ella sorriu. Esse homem de granito sentiu alguma cousa humida accudir-lhe aos olhos. Perguntou á menina:—Como te chamas?

— Gini, disse ella.

Tomou-a nos braços, a menina continuava a sorrir, e, na occasião em que a entregava a Radoub, essa consciencia tão altiva e tão obseccada sentiu o deslumbramento da innocencia, o velho deu um beijo na creança.

— É a pecurrucha! disseram os soldados; Georgina por sua vez desceu de braço em braço até ao chão entre gritos de adoração. Batiam palmas, tripudiavam; os velhos granadeiros soluçavam, e ella sorria-lhes.

A mãe estava no sopé da escada, offegante, insensata, inebriada com todas essas cousas inesperadas, atirada sem transição do inferno ao paraíso. O excesso de jubilo magôa o coração a seu modo. Estendeu os braços, recebeu primeiro Gordo Alano, depois João Renato, depois Georgina, cobriu-os promiscuamente de beijos, depois disparou a rir e cahiu desfallecida.

Ergueu-se um grande brado :

— Estão todos salvos!

Estavam todos salvo com effeito, excepto o ancião.

Mas ninguem pensava nisso, nem elle mesmo talvez.

Permaneceu alguns instantes meditativo á janella, como si quizesse dar ao abysmo de chammas tempo de tomar uma resolução. Depois sem pressa, lenta, altivamente, galgou o peitoril da janella, e, sem voltar-se, erecto, de pé, apoiando-se ao degráus, tendo atraz de si o incendio, voltado para o precipicio, poz-se a descer a escada silencioso, com magestade de phantasma. Os que estavam na escada atiraram-se no chão, todos os presentes estremeceram, em torno desse homem que vinha de cima recuaram todos com sacro horror como em torno de uma visão. Elle entretanto immergia-se gravemente na sombra que tinha deante de si; ao passo que elles recuavam, approximava-se elle; a sua palidez marmorea não tinha uma ruga, o seu olhar de espectro

não tinha um lampejo ; a cada passo que dava para esses homens cujas pupillas espavoridas fictavam-no nas trevas, parecia crescer, a escada tremia-lhe e soava-lhe sob a planta lugubre, dir-se-hia a estatua do commendador descendo de novo ao sepulchro.

Quando o marquez chegou a baixo, quando deixou o ultimo degráu e poz o pé em terra, uma mão tocou-lhe na gola. Voltou-se.

— Estás preso, disse Cimourdain.

— Fazes bem, disse Lantenac.

LIVRO SEXTO

É DEPOIS DA VICTORIA QUE TRAVA-SE
O COMBATE

I

LANTENAC PRESO

Fôra com effeito ao sepulchro que o marquez tornára a descer.

Conduziram-no.

O calabouço do andar terreo da Tourgue tornou-se immediatamente a abrir sob o olhar severo de Cimourdain ; puzeram-lhe uma candeia, uma bilha d'agua e um pão de munição, atiraram-lhe uma braçada de palha, e, em menos de um quarto de hora depois do momento em que a mão do padre segurou o marquez, a porta do calabouço fechava-se de novo sobre Lantenac.

Feito isso, Cimourdain foi ter com Gauvain ; nessa occasião a egreja distante de Parigné dava onze horas da noite ; Cimourdain disse a Gauvain :

— Vou convocar o tribunal militar, não tomarás parte nelle. És Gauvain e Lantenac é Gauvain. És parente demasiado proximo para poderes ser juiz, e eu censuro á Egualdade ter julgado o Capeto. O tribunal militar constituir-se-ha com tres juizes, um official, o capitão Guéchamp, um inferior, o sargento Radoub, e eu, que presidirei. Com tudo isto nada mais tens. Conformar-nos-hemos com o decreto da Convenção ; limitar-

nos-hemos a verificar a identidade do outr'ora marquez de Lantenac. Amanhã o tribunal militar, depois de amanhã a guilhotina. A Vendéa está morta.

Guavain não replicou palavra, e Cimourdain, preocupado com o acto supremo que tinha de praticar, deixou-o. Cimourdain tinha que marcar horas e escolher logares. Tinha como Lequinio em Granville, como Tallien em Bordeaux, como Châlier em Lyon, como Saint-Just em Strasbourg, o costume, tido como exemplo proficuo, de assistir pessoalmente ás execuções; o juiz ia ver funcionar o algoz; uso copiado pelo Terror de 93 dos parlamentos de França e da inquisição de Hespanha.

Gauvain tambem estava preocupado.

Frio vento soprava da floresta. Gauvain, deixando Guéchamp dar as ordens necessarias, foi á sua tenda que erguia-se no campo á beira do bosque, ao pé de Tourgue e tomou o seu capote com capuz, no qual envolveu-se. Esse capote era orlado com o galão simples que, de conformidade com a moda republicana, sobria de ornatos, designava o commandante em chefe. Poz-se a passear no campo ensanguentado em que começára o assalto. Estava ahí sosinho. O incendio continuava, já agora despresado; Radoub estava junto das creanças e da mãe, quasi tão maternal como ella; o castello da ponte acabava de arder, os sapadores separavam os mortos, pensavam os feridos, tinham demolido a barricada, desobstruiam de cadaveres as salas e as escadas, alimpavam o logar da carnificina, varriam o terrivel montão de fezes da victoria, os soldados faziam com presteza militar o que se poderia chamar uma arrumação de batalha terminada. Gauvain nada via de tudo isso.

Mal lançava um olhar, atravez da sua scisma, para a sentidella da brecha, dobrada por ordem de Cimourdain.

A brecha, avistava-a elle no escuro, cerca de duzentos passos do canto do prado onde parecia haver-se refugiado. Via a abertura negra. Fôra por ahi que o ataque principiára, havia tres horas ; fôra por ahi que elle Gauvain penetrára na torre ; ahi estava o andar terreo onde erguia-se a barricada ; era para esse andar terreo que abria a porta da masmorra em que estava o marquez. Aquella sentinella da brecha guardava essa masmorra.

Ao passo que o olhar avistava vagamente a brecha, aos ouvidos soavam-lhe de novo e confusamente, como um dobre funebre, estas palavras : Amanhã o tribunal militar, depois de amanhã a guilhotina.

O incendio, que estava circumscripto e sobre o qual os sapadores lançavam toda a agua que puderam encontrar, não se extinguia sem resistencia e deitava chammas intermittentes ; ouvia-se a espaço estalarem os tectos e cahirem um sobre o outro os andares deruidos ; então voavam turbilhões de faiscas como desprendidas de um facho sacudido, um clarão de relampagos alumiaava a extrema do horizonte, e a sombra da Tourgue, de subito gigantea, estendia-se até a floresta.

Gauvain passeiava a passos lentos nessa sombra e defronte da brecha do assalto. A's vezes cruzava as mãos atraz da cabeça coberta com o capuz de guerra. Meditava.

II

GAUVAIN PENSATIVO

A sua meditação era insondavel.

Uma mutação inaudita acabava de operar-se.

O marquez de Lantenac havia-se transfigurado.

Gauvain fôra testemunha dessa transfiguração.

Nunca houvera acreditado que semelhante coisa pudesse resultar de uma complicação de incidentes, fossem elles quaes fossem. Nunca houvera imaginado, ainda mesmo em sonho, que tal pudesse succeder.

O imprevisto, essa não sei que ousadia que zomba do homem, apoderava-se de Gauvain e tinha-o preso.

Gauvain tinha deante de si o impossivel tornado real, visivel, palpavel, inevitavel, inexoravel.

O que dizia elle Gauvain a isso ?

Não se tratava de tergiversar ; forçoso éra chegar a uma conclusão.

Propunham-lhe uma questão ; não podia fugir deante della.

Quem propunha ?

Os acontecimentos.

E nem só os acontecimentos.

Pois quando os acontecimentos, que são variaveis, nos propõem uma questão, a justiça, que é immutavel, intima-nos que respondamos,

Por traz da nuvem, que nos dá sombra, ha a estrella, que nos dá luz.

Não nos podemos forrar quer á luz quer á sombra.

Gauvain estava submettido a um interrogatorio.

Comparecia perante alguém.

Perante alguém a quem temia.

Perante a propria consciencia.

Gauvain sentia que tudo vacillava dentro de si. As

suas resoluções mais inabalaveis, as suas promessas mais firmemente feitas, as suas decisões mais irrevogaveis, tudo isso oscillava-lhe nas profundezas da vontade.

Ha terremotos na alma.

Quanto mais reflectia no que acabava de ver, mais transtornado ficava.

Gauvain, republicano, suppunha estar, e estava no absoluto. Um absoluto superior acabava de revelar-se.

Acima do absoluto revolucionario ha o absoluto humano.

O que estava passando não podia ser illudido ; o facto era grave ; Gauvain tinha participação nesse facto ; estava dentro d'elle, não havia fugir-lhe ; e, posto que Cimourdain lhe houvesse dito :— « Agora isto já se não entende contigo, »—sentia em si alguma cousa semelhante ao que sente a arvore quando arrancam-na da sua raiz.

Todo o homem tem uma base ; um abalo nessa base produz uma perturbação profunda ; Gauvain sentia essa perturbação.

Apertava a cabeça nas mãos, como si quizera fazer brotar della a verdade. Precisar semelhante posição não era facil ; nada havia mais difficil ; tinha deante de si algarismos formidaveis cuja somma cumpria fazer ; fazer a addição do destino, que vertigem ! era o que tentava ; procurava convencer-se ; empenhava-se em reunir as idéas, em disciplinar as resistencias que dentro em si proprio sentia, e em recapitular os factos.

Expunha-os a si mesmo.

A quem não terá succedido fazer a si mesmo uma exposição, e a si mesmo perguntar, em circumstancias supremas, ácerca do itinerario a seguir, já para adeantar-se, já para recuar ?

Gauvain acabava de assistir a um prodigio.

A par do combate terrestre, houvera um combate celeste.

O combate do bem contra o mal.

Um coração medonho acabava de ser vencido.

Dado o homem com tudo quanto nelle é mau, violencia, erro, cegueira, obstinação indecorosa, orgulho, egoismo, Gauvain acabava de ver um milagre.

A victoria da humanidade sobre o homem.

A humanidade vencêra o deshumano.

E por que meio? de que modo? como derribára esse colosso de colera e de odio? que armas empregára? que machina de guerra? o berço.

Um deslumbramento acabava de passar por cima da cabeça de Gauvain. Em plena guerra social, em plena conflagração de todas as inimizades e de todas as vinganças, no momento mais escuro e mais furioso do tumulto, na hora em que o crime despedia toda a sua chamma e o odio todas as suas trevas, nesse instante das lutas em que tudo torna-se projectil, em que a peleja é tão funebre que ja se não sabe onde está o justo, onde está o honesto, onde está o verdadeiro; de improvizo o Desconhecido, o avisador mysterioso das almas, acabava de fazer resplandecer, por sobre os clarões e negroses humanos, o immenso clarão eterno.

Por cima do sombrio duello entre o falso e o relativo, nas profundezas, a face da verdade mostrara-se de subito.

De repente a força dos fracos intervira.

Viu-se tres miseros entes, nascidos havia pouco, inconscientes, abandonados, orphãos, sós, balbuciantes, sorrindo, tendo contra si a guerra civil, a lei de Talião, a medonha logica das represalias, o assassinio, a carnificina, o fratricidio, a colera, o odio todas as Gorgones, triumpharem; viam-se o aborto e a derrota de

um infame incendio, encarregado de commetter um crime; viram-se as premeditações atrozes desnorteadas e illudidas; viu-se a antiga ferocidade feudal, o velho desden inexoravel, a pretendida experiencia das necessidades da guerra, a razão de Estado, todos os arrogantes propositos da velhice cruel, desvanecerem-se ante o olhar azul daquelles que ainda não tinha vivido; e a razão é simples, pois aquelle que ainda não viveu, tambem não praticou o mal, é a justiça, é a verdade, é a candura, e os immensos anjos do ceu estão nas creancinhas.

Espectaculo util; conselho; lição; os combatentes freneticos da guerra desapiedada tinham de repente visto, em face de todas as malvadezas, de todos os attentados, de todos os fanatismos, do assassinato, da vingança, ateando as fogueiras, da morte, apresentando-se com um brandão na mão, acima da enorme legião dos crimes, erguer-se essa omnipotencia, a innocencia.

E a innocencia vencêra.

E podia-se dizer: Não, a guerra civil não existe, a barbaria não existe, o odio não existe, o crime não existe, as trevas não existem; para dissipar esses espectres foi bastante esta aurora, a infancia.

Nunca em combate algum, Satan fôra mais visivel, e Deus.

Esse combate tivera por arena uma consciencia.

A consciencia de Lantenac.

Agora recommçava, porventura mais encarniçado e mais decisivo ainda, em outra consciencia.

A consciencia de Gauvain.

Que campo de batalha que é o homem!

Entregam-nos a esses deuses, a esses monstros, a esses gigantes, chamados nossos pensamentos.

Muitas vezes esses belligerantes terriveis calcam aos pés a nossa alma.

Gauvain meditava.

O marquez de Lantenac, cercado, bloqueado, condemnado, posto fóra da lei, apertado, como a féra no circo, como o prego na tenaz, encerrado no proprio covil transformado em prisão, circumdado por toda a parte por uma muralha de ferro e de fogo, conseguira escapar. Fazera o milagre de fugir. Consequira levar avante essa obra-prima, a mais difficil entre todas em semelhante guerra, a fuga. Tornára a entrar na posse da floresta para nella entrincheirar-se, da região para nella combater, da sombra para nella desaparecer. Era de novo o formidavel viandante, o vagabundo sinistro, o capitão dos invisiveis, o chefe dos homens subterraneos, o senhor dos bosqnes. Gauvain ficava com a victoria, mas Lantenac ficava com a liberdade. Lantenac dahi em deante tinha a segurança, a carreira illimitada deante de si, a escolha inexgotavel dos asylos. Estava livre de ser apanhado, achado, era inacessivel. O leão cahira no fosso, e sahira delle.

Pois bem, tornára a entrar para elle,

O marquez de Lantenac havia, voluntaria espontaneamente, de seu pleno arbitrio, deixado a floresta, a sombra, a segurança, a liberdade, para tornar a correr o mais formidavel perigo, intrepidamente da primeira vez, Gauvain vira-o, precipitando-se no meio do incendio em risco de ficar nelle submerso, da segunda vez, descendo essa escada que entregava-o aos seus inimigos e que escada de salvação para os outros, era para elle escada de perdição.

E porque fizera isso?

Para salvar tres creanças.

E agora o que iam fazer desse homem?

Guilhotinal-o.

Assim, esse homem, por amor de tres creanças, suas? não; de sua familia? não; de sua casta? não; por amor de tres pobrezinhos, deparados ao acaso, engeitados, desconhecidos, andrajosos, descalços, esse fidalgo, esse principe, esse ancião, salvo, livre vencedor, pois a evasão é um triumpho, tudo arriscára, tudo compromettêra, tudo puzera em duvida, e, altivo, ao mesmo tempo que restituia as creanças, trouxera a propria cabeça, e essa cabeça, até então torrivel, agora augusta, offerecêra-a.

E o que iam fazer?

Acceital-a.

O marquez de Lantenac tivera nas suas mãos a escolha entre a vida de outrem e a sua; nessa opção maggestosa decidira-se pela propria morte.

E iam dar-lha.

Iam matal-o.

Que recompensa de heroismo!

Corresponder a um acto generoso com um acto selvagem!

Dar essa posição inferior á revolução!

Que humilhação para a republica!

Ao passo que o homem dos preconceitos e da servidão, subitamente transformado, tornava á humanidade, elles, os homens da emancipação e da liberdade, manter-se-hiam na guerra civil, na rotina sanguinaria, no fratricidio!

E a elevada lei divina do perdão, da abnegação, da redempção, do sacrificio, existiria para os combatentes do erro, e não existiria para os soldados da verdade!

Que! não lutarem em magnanimidade! resignarem-se a essa derrota, sendo os mais fortes, serem os mais fracos, sendo os vencedores, serem os assassinos, e autorisarem que dissessem que havia do lado da

monarchia homens que salvavam creanças, e do lado da republica homens que matavam velhos !

Veriam o grande cabo da guerra, o octogenario poderoso, o combatente desarmado, mais arrebatado que preso, apanhado em flagrante boa acção, seguro com o proprio assentimento, tendo ainda na fronte o suor da dedicação sublime, subir os degráus do cadafalso como sobem-se os degráus de uma apothese ! E poriam sob o cutelo essa cabeça, em torno da qual voariam supplicantes as tres almas dos anjinhos salvos ! e, deante desse supplicio infamante para os algozes, veriam o sorriso no semblante desse homem, e nas faces da republica o rubor !

E isso far-se-hia deante de Gauvain chefe !

E podendo impedil-o, abster se-hia ! E contentar-se-hia com essa despedida altiva, — *Isto já se não entende contigo !* — E não diria a si mesmo que em taes casos a abdicção é cumplicidade ! E não notaria que, em acção de tal enormidade, entre o que faz e o que deixa fazer, o que deixa fazer é peor, por isso que é o cobarde !

Mas não tinha elle promettido esta morte ? elle Gauvain, o homem clemente, não tinha declarado que Lantenac abria excepção á clemencia, e que entregaria Lantenac a Cimourdain ?

Devia essa cabeça. Pois bem, pagava-a. Eis tudo.

Mas seria realmente essa mesma cabeça ?

Até então Gauvain não vira em Lantenac mais que o combatente barbaro, o fanatico pela realeza e pelo feudalismo, o matador de prisioneiros, o assassino suscitado pela guerra, o homem sanguinario. Não temia a esse homem ; proscreveria a esse proscritor ; esse homem implacavel achal-o-hia implacavel. Nada mais simples, o caminho estava traçado e era lugubrememente facil de seguir, tudo estava previsto, matariam aquelle

que matava, estavam na linha recta do horror. Inopinadamente essa linha recta quebrara-se, um desvio imprevisito revelava um horizonte novo, operara-se uma metamorphose. Um Lantenac inesperado entrava em scena. Do monstro sahia um heróe; mais que um heróe, um homem. Mais que uma alma, um coração. Já não era um matador que Gauvain tinha deante de si, mas um salvador. Gauvain via-se derribar por uma onda de claridade celeste. Lantenac acabava de fulminal-o com um raio de bondade.

E Lantenac transfigurado não transfiguraria Gauvain! Que! esse raio de luz ficaria sem refracção! O homem do passado caminhará para deante e o homem do futuro para traz! O homem da barbaria e das superstições abrirá subitamente as azas, e veria rojar por baixo de si, no lodaçal e na noite, o homem do ideal! Gauvain conservar-se-hia de barriga para baixo na velha senda feroz, ao passo que Lantenac iria sublime percorrer os ceus!

Ainda outra cousa.

E a familia!

Esse sangue que ia derramar,—pois deixal-o derramar, era derramal-o com as proprias mãos,—não era o seu proprio sangue, o sangue dos Gauvains? O avô morrerá, mas o tio-avô estava vivo; e esse tio-avô era o marquez de Lantenac. Porventura o irmão que estava no tumulto não se levantaria para vedar que o outro lá entrasse? Porventura não ordenaria ao neto que respeitasse dahi em deante essa cabeça de cabellos brancos, irmã da sua propria aureola? Porventura não estaria ahi, entre Gauvain e Lantenac, o olhar indignado de um espectro?

Então a revolução teria por alvo desnaturar o homem? Seria para quebrar os laços de familia, seria para apagar a humanidade, que ella ter-se-hia feito? Bem

pelo contrario. Fôra para afirmar essas realidades supremas, e não para negá-las, que 89 surgira. Derribar as bastilhas, é libertar a humanidade; abolir o feudalismo é fundar a familia. Sendo o autor o ponto de partida da autoridade, e estando a autoridade incluída no autor, não ha outra autoridade além da paternidade; dahi a legitimidade da abelha rainha que crea o seu povo, e que, sendo mãe, é rainha; dahi o absurdo do homem rei, que, não sendo pae, não pôde ser senhor; dahi a suppressão do rei; dahi a republica. O que vem a ser tudo isto? A familia, a humanidade, a revolução. A revolução é a exaltação do pavo; e, em fundo, o Povo é o homem.

Tratava-se de saber si, quando Lantenac acabava de voltar á humanidade, Gauvain iria por sua vez voltar á familia.

Tratava-se de saber si o tio e o sobrinho iriam reunir-se na luz superior, ou então si a um progresso do tio corresponderia um retrocesso do sobrinho.

A questão, nessa discussão pathetica de Gauvain com a consciencia, chegava a ficar assim assentada, e a solução parecia surgir por si mesma: salvar Lantenac.

Sim, mas a França?

Aqui o vertiginoso problema mudava subitamente de aspecto.

Que! a França estava em perigo! a França estava trahida, aberta, desmantelada! já não tinha fossos, a Allemanha atravessava o Rheno, já não tinha muralhas, a Italia transpunha os Alpes e a Hespanha os Pyrenêus. Restava-lhe o grande abysmo, o Oceano. Tinha por si o barathro. Podia nelle reclinar-se, e, gigante, apoiada em todo o mar, combater a terra inteira. Posição, afinal, inexpugnavel. Pois bem, essa posição ia faltar-lhe. Esse Oceano já não lhe pertencia. Nesse Oceano havia a Inglaterra. A Inglaterra, é verdade, não

sabia como atravessal-o. Pois bem, um homem ia deitar-lhe a ponte, um homem ia estender-lhe a mão, um homem ia dizer a Pitt, a Craig, a Cornwallis, a Dundas, aos pirotas: vinde! um homem ia bradar: Inglaterra, toma a França! Esse homem era o marquez de Lantenac.

Esse homem tinham-no preso. Depois de tres mezes de caça, de perseguição, de encarniçamento, tiuham-no enfim apanhado. A mão da revolução acabava de cahir sobre o maldito; o punho crispado de 93 agarrára o homicida realista pela gola; por um desses effeitos da premeditação mysteriosa que se intromette do alto nas cousas humanas, era na propria masmorra do seu solar que o parricida aguardava agora a punição; o homem feudal estava no calabouço feudal; as pedras do seu castello erguiam-se contra elle e sobre elle fechavam-se, e aquelle que queria entregar a patria era entregue pela propria casa. Deus tinha evidentemente edificado tudo isso; a hora justa scára; a revolução aprisionára esse inimigo publico: já não podia mais combater, já não mais podia lutar, já não podia mais trazer damno; nessa Vendéa em que elle possuia tantos braços, era o cerebro unico; acabado elle, a guerra civil estava acabada; tinham-no nas mãos; desenlace tragico e feliz; depois de tantas matanças e carnificinas, elle ahi estava, elle, o homem que matára, e chegára a sua vez de morrer.

E haveria alguém que o salvasse!

Cimourdain, isto é, 93, tinha preso Lantenac, isto é, a monarchia, e haveria alguém que tirasse dessas garras de bronze a presa! Lantenac, o homem em quem se concentrava esse feixe de flagellos que se chama o passado, o marquez de Lantenac, estava no tumulo, a pesada porta da eternidade fechara-se sobre elle, e viria alguém da parte de fóra suspender o ferrolho! o malfeitor social estava morto, e com elle a rebelião, a

luta fratricida, a guerra brutal, e alguém resuscitá-lo-hia.

Oh! como essa caveira riria!

Como esse espectro diria: está bom, eis-me vivo, imbecis!

Como de novo poria hombrosa sua obra medonha! como Lantenac se tornaria a mergulhar, implacavel e contente, no abysmo de odio e de guerra! como tornariam a vêr, logo no dia seguinte, as casas queimadas, os prisioneiros executados, os feridos acabados, as mulheres fuziladas!

E afinal essa acção que fascinava Gauvain, Gauvain não a exageraria?

Tres creanças estavam perdidas; Lantenac salvara-as.

Mas então quem as deitára a perder?

Não fôra Lantenac?

Quem puzera esses berços nesse incendio?

Não fôra o Imanus?

Quem era o Imanus?

O logar-tenente do marquez.

O responsavel era o chefe.

Consequentemente o incendiario, o assassino era Lantenac.

Que cousa tinha então elle feito, tão digna de admiração?

Não persistira e nada mais.

Depois de haver construido o crime, recuara deante d'elle. Causára horror a si proprio. O grito da misera mãe despertára nelle esse fundo de velha compaixão humana, esse como deposito da vida universal, que existe em todas as almas, ainda as mais fataes. A esse grito voltára sobre os propios passos. Da noite em que immergia-se, retrogradára para o dia. Depois de ter

felto o crime, desfizera-o. Todo o seu merito consistia nisto: não ter sido um monstro até ao fim.

E por tão pouco restituir-lhe tudo! restituir-lhe o espaço, os campos, as planicies, o ar, o dia, restituir-lhe a floresta de que se aproveitaria para o banditismo, restituir-lhe a liberdade de que se aproveitaria para a escravidão, restituir-lhe a vida de que se aproveitaria para a morte!

Quanto a procurar entender-se com elle, quanto a querer tratar com essa alma sobranceira, quanto a propor-lhe a liberdade condicionalmente, quanto a perguntar-lhe si consentiria, mediante a vida salva, em abster-se dahi em deante de toda e qualquer hostilidade e revolta; que erro não seria semelhante offerecimento, que vantagem não lhe dariam, com que desdem não iriam encontrar-se, como não esbofetearia a pergunta com a resposta! como não diria: guardem as vergonhas para si. Matem-me!

Nada havia com effeito a fazer com esse homem, sinão matal-o ou soltal-o. Era um homem ingreme. Estava sempre prompto para voar ou para sacrificar-se; era a um tempo a aguia e o precipicio de si mesmo. Alma singular.

Matal-o? que anciedade! livral-o? que responsabilidade?

Salvo que fosse Lantenac, teriam de recommençar tudo com a Vendéa como com a hydra enquanto se lhe não decepa a cabeça. Em um relance de olhos, e com uma carreira de meteoro, toda a chamma, extincta com o desaparecimento desse homem, tornaria a accender-se. Lantenac não descansaria enquanto não houvesse realisado este plano execravel, pôr, como uma lapida de tumulo, a monarchia sobre a republica e a Inglaterra sobre a França. Salvar Lantenac, era sacrificar a França; a vida de Lantenac era a morte de uma mul-

tidão de seres innocentes, homens, mulheres, creanças, tornados a apanhar pela guerra domestica; era o desembarque dos inglezes, o recuar da revolução, as cidades saqueadas, o povo despedaçado, a Bretanha ensanguetada, a presa restituída á garra. E Gauvain, no meio de todos esses como clarões incertos e claridades encontradas, via vagamente esboçar-se na sua meditação e erguer-se deante de si este problema: a libertação do tigre.

E depois a questão reaparecia sob o seu primeiro aspecto; a pedra de Sisypho, que não é mais que a contenda do homem consigo mesmo, tornava a rolar: Lan-tenac seria um tigre?

Talvez houvesse sido; mas sêl-o-hia ainda? Gauvain passava por essas espiraes vertiginosas do espirito voltando sobre si proprio, os quaes tornam o pensamento semelhante á cobra. Definitivamente, ainda depois de exame, poder-se-hia negar a dedicação de Lan-tenac, a sua abnegação estoica, o seu desinteresse magnanimo? Que! deante das fauces da guerra civil abertas dar testemunho de humanidade! que! ao conflicto das verdades inferiores trazer a verdade superior! que! provar que acima das revoluções, acima das questões terrenas, está a immensa ternura da alma humana, a protecção devida aos fracos pelos fortes, a salvação devida aos que se perderam pelos que se salvaram, a paternidade devida a todas as creanças por todos os velhos! Provar estas cousas magnificas, e proval-as offerecendo a propria cabeça! que! ser general e renunciar á estrategia, á batalha, á desforra! que! ser realista, tomar uma balança, pôr em uma das conchas o rei de França, uma monarchia de quinze seculos, as velhas leis a restabelecer, a antiga sociedade a restaurar, e na outra tres camponezinhos desconhecidos, e achar o rei, o throno, o sceptro e os quinze seculos de monar-

chia mais leves do que o peso desses tres innocentes ! que ! tudo isto nada seria ! que ! o homem que fizera isso continuaria tigre e deveria ser tratado como o besta féra ! não ! não ! não ! não era um monstro o homem que acabava de alumiar com a claridade de uma acção divina o principio das guerras civis ! o porta-espada metamorphoseara-se em porta-luz. O infernal Satan transmudara-se de novo em Lucifer celeste. Lantenac resgátara todos os seus actos de barbaria com um acto de sacrificio ; deitando-se a perder materialmente, salvara-se moralmente ; innocentara-se ; assignára o proprio perdão. Não existirá porventura o direito de nos perdoarmos a nós mesmos ? Dahi em deante era venerando.

Lantenac acabava de ser extraordinario. Agora tocava a vez de Gauvain.

Gauvain estava incumbido de responder-lhe.

A luta das paixões boas e das paixões más produzia nesse momento no mundo o chaos ; Lantenac, dominando esses chaos, acabava de tirar d'elle a humanidade ; cumpria agora a Gauvain tirar d'elle a familia.

Que iria elle fazer ?

Iria Gauvain illudir a confiança de Deus ?

Não. E balbuciava dentro de si mesmo :— Salvemos Lantenac.

Então esta bom. Vae, favorece aos inglezes. Deserta. Passa para o inimigo. Salva Lantenac e trahe a França.

E estremecia.

Tua solução não é solução, sonhador !— Gauvain via na sombra o sorrir sinistro da esphinge.

Essa conjunctura era uma como encruzilhada temivel onde as verdades combatentes vinham ter e confrontar-se, e onde se encaravam fixamente as tres idéas supremas do homem, humanidade, familia, patria.

Cada uma dessas vozes tomava por sua vez a palavra, e cada uma por sua vez dizia a verdade. Como escolher? cada um por sua vez parecia achar a junctura da sabedoria e da justiça, e dizia: Faze isto. Seria isto o que devia fazer? Era. Não era. O raciocinio dizia uma cousa; o sentimento dizia outra; os dous conselhos eram oppostos. O raciocinio é apenas a razão; o sentimento é muitas vezes a consciencia; um procede do homem, o outro de mais alto.

É o que faz com que o sentimento tenha menos clareza e mais poder.

Que força no entanto tem a razão austera!

Gauvain hesitava.

Perplexidade cruel.

Dous abysmos abriram-se deante de Gauvain. Condemnar o marquez? ou salvá-lo? Tinha de precipitar-se para um ou para outro lado.

Qual destes dous abysmos era o dever?

III

O CAPUZ DO CHEFE

Era, effectivamente, do dever que se tratava.

O dever erguia-se sinistro deante de Cimourdain, formidavel deante de Gauvain.

Simple, deante de um; multiplo, diverso, tortuoso, deante de outro.

Deu meia noite, depois uma hora da manhã.

Gauvain tinha-se, sem dar por tal, insensivelmente approximado da entrada da brecha.

O incendio lançava apenas uma reverberação difusa e apagava-se.

A esplanada, do outro lado da torre, reflectia-o, e apparecia a espaços, depois eclypsava-se, quando a fu-

maça cobria o fogo. Esse clarão, avivado intermitentemente e cortado por subita escuridão, tornava-se desproporcionados os objectos e dava ás sentinellas do acampamento aspecto de larvas. Gauvain, por entre a sua meditaçãd, considerava vagamente esse occultar do fumo pela chamma, e da chamma pelo fumo. Esse apparecer e desapparecer da claridade, a seus olhos, tinha não sei que analogia com o apparecer e desapparecer da verdade em seu espirito.

De subito, entre dous turbilhões de fumo, uma fagulha que voára do brazeiro decrescente alumiou claramente o alto da esplanada e fez com que se desenhasse o perfil vermelho de umã carreta. Gauvain olhou para essa carreta; estava cercada de cavalleiros com chapéus de gendarmes. Pareceu-lhe ser a carreta que o oculo de Guéchamp mostrara-lhe no horizonte algumas horas antes, no momento em que o sol entrava. Em cima da carreta havia homens que pareciam occupados em descarregar-a. O que tiravam da carreta parecia pesado, e soava ás vezes como ferragem; fôra difficil dizer o que aquillo seria; assemelhava-se a um andaime; dous delles tiraram e pozeram no chão uma caixa que, a julgar pela fórma, devia conter um objecto triangular. A fagulha apagou-se, tudo tornou a cahir em trévas; Gauvain, com o olhar flxo, ficou pensativo deante do que alli estava na escuridão.

Tinham accendido lanternas, andavam de um para outro lado na esplanada, mas as fórmas que se moviam eram confusas, e demais a mais Gauvain da parte de baixo, e do outro lado da grotta, não podia ver sinão o que passava-se bem á beira da esplanada.

Ouvia vozes, mas não percebia as palavras. A espaços havia pancadas em paus. Ouvia-se tambem não sei que ranger metalico semelhante ao amolar de uma fouce.

Soaram duas horas.

Gauvain, lentamente, e como quem de boamente daria dous passos para deante e tres para traz, enca-minhou-se para a brecha. Ao approximar-se, reconhecendo na penumbra o capote e o capuz agolado do commandante, a sentinella apresentou-lhe armas. Gauvain entrou na sala do andar terreo, transformada em corpo de guarda. Uma lanterna estava pendurada á abobada. Alumiava apenas quanto era bastante para que se pudesse atravessar a sala sem pisar os soldados do posto, deitados no chão em cima de palhas, e pela maior parte adormecidos.

Estavam ahi deitados; tinham-se ahi batido algumas horas antes; a metralha espalhada por baixo delles em pedaços de ferro e de chumbo, e mal varrida, encommodava-os um tanto para dormirem; mas estavam fatigados e repousavam. Essa sala fôra o logar horrivel; ahi haviam atacado; ahi haviam rugido, bramido, rangido, ferido, matado, espirado; muitos dos seus tinham cahido mortos nessas lages em que deitavam-se somnolentos; a palha que convidava-os ao somno, bebia o sangue de seus camaradas; agora estava acabado, o sangue estancara-se, os sabres estavam enchutos, os mortos estavam mortos; elles dormiam tranquillos. Assim é a guerra. E depois, amanhã, todos terãe o mesmo somno.

Quando Gauvain entrou, alguns desses homens adormecidos levantaram-se, entre outros o official que commandava o posto. Gauvain apontou-lhe para a porta da masmorra:

— Abra, disse.

Correram os ferrolhos, a porta abriu-se.

Gauvain entrou na masmorra.

A porta tornou a fechar-se atraz delle.

LIVRO SETIMO

FEUDALISMO DA REVOLUÇÃO

I

O ANTEPASSADO

Uma candeia estava collocada na lage da crypta, ao lado do respiradouro quadrado do calabouço.

Viam-se tambem no chão a bilha cheia d'agua, o pão de munição e a braçada de palha. Como a crypta era aberta na rocha, o preso que tivesse a phantasia de pôr fogo á palha, fal-o-hia em balde; não havia risco algum de incendio para a prisão e havia certeza de asphyxia para o preso.

No momento em que a porta rodou sobre os quicios, o marquez passeava na masmorra; andar machinal proprio de todas as feras na jaula.

Ao ruido que fez a porta abrindo-se e depois tornando a fechar-se, ergueu a cabeça, e a candeia que estava no chão entre Gauvain e o marquez deu de chapa no rosto desses dous homens.

Olharam-se, e esse olhar foi tal que pol-os a ambos immoveis.

O marquez soltou uma gargalhada e exclamou:

— Bons dias, senhor. Ora ha já um numero soffri-vel de annos que não tenho a dita de encontral-o. Faz-me a mercê de vir vêr-me. Muito obrigado. Nada desejo tanto como conversar um pouco. Já me ia aborrecendo.

Os seus amigos esperdiçam o tempo, verificações de identidade, tribunaes militares, tudo isto é interminavel. Eu decidiria isto mais depressa. Estou aqui na minha casa. Tenha a bondade de entrar. Então, o que me diz de quanto se está passando? É original, não é? Era um dia um rei e uma rainha; o rei era o rei; a rainha era a França. Deceperam a cabeça ao rei e casaram a rainha com Robespierre; este senhor e esta dama tiveram uma filha chamada Guilhotina, com a qual parece travarei relações amanhã. Terei nisso muita satisfação. Como tenho em vel-o. Virá o senhor para isso? Terá subido de posto? Será porventura algoz? Si é simples visita de amizade, sensibilisa-me. Sr. visconde, o senhor talvez já não saiba o que é um fidalgo. Pois bem, aqui está um, eu. Olhe para isto. É curioso, isto crê um Deus, crê na tradição, crê na familia, crê nos maiores, crê no exemplo paterno, na fidelidade, na lealdade, no dever para com o principe, no espirito para com as velhas leis, na virtude, na justiça; e mandal-o-hia fuzilar com prazer. Tenha a bondade, peço-lhe, de sentar-se. No chão, é verdade; pois não ha poltrona neste salão; mas quem vive na lama pôde sentar-se no chão. Não digo isto para offendel-o, pois ao que chamamos lama, chamam os senhores nação. Creio que não exige que eu brade Liberdade, Egualdade, Fraternidade. Isto aqui é uma antiga camara da minha casa; outr'ora os fidalgos aqui mettiam os villões; agora os villões aqui mettem os fidalgos. Essas parvoices chamam-se uma revolução. Parece-me que me cortarão o pescoço d'aqui a trinta e seis horas. Não vejo nisso inconveniente. Mas, si fossem delicados, ter-me-hiam mandado a minha boceta de rapé, que ficou lá em cima na camara dos espelhos, onde o senhor brincou em creança e onde eu o fiz pular em cima dos meus joelhos. Senhor, vou dizer-lhe uma cousa, o senhor chama-se Gauvain, e, cousa extravagante, tem

sangue nobre nas veias, com a bréca, o mesmo sangue que o meu, e esse sangue que faz de mim um homem honrado, faz do senhor um maltrapilho. Taes são as circumstancias. O senhor dir-me-ha que a culpa não é sua. Nem minha. Com effeito, pôde-se ser malfeitor sem o saber. Isso depende do ar que se respira; em tempos como estes, ninguem é responsavel pelo que faz, a revolução é para todos uma birbanta; e todos os seus grandes criminosos são grandes innocentes. Que necios! A começar pelo senhor. Consinta que o admire. Sim, admiro um rapaz como o senhor, que, homem qualificado, bem collocado no Estado, tendo nobre sangue a derramar pelas nobres causas, visconde desta Torre-Gauvain, principe da Bretanha, podendo ser duque por direito e par de França por herança, o que é pouco mais ou menos quanto pôde desejar neste mundo um homem sensato, diverte-se, sendo o que é, em ser o que o senhor é, a ponto de parecer aos inimigos um scelerado e aos amigos um imbecil. É verdade, cumprimente da minha parte ao padre Cimourdain.

O marquez fallava á vontade, tranquillo, sem sua blinhar cousa alguma, com a sua voz de boa sociedade, com o seu olhar claro e calmo, com ambas as mãos nas cavas do collete. Parou, respirou amplamente, e continuou:

— Não lhe occulto que fiz o que pude para matal-o. Tal e qual me está vendo, por tres vezes, eu mesmo, em pessoa, fiz-lhe pontaria com uma peça. Proceder descortez, confesso; mas seria estribar-se em pessima maxima supôr que na guerra o inimigo trata de nos ser agradável. Pois estamos em guerra, senhor meu sobrinho. Leva-se tudo a fogo e sangue. É bem verdade que mataram o rei. Bonito seculo.

Parou ainda, depois continuou:

— Quaudo a gente imagina que nada disto tudo succederia, si tivessem enforcado Voltaire e mettido Rousseau nas galés ! Ah ! os homens de espirito, que flagello ! Diga-me, o que tem a dizer desta monarchia ? é verdade mandava-se o abbade Pucelle para a sua abbadia de Corbigny, deixando-lhe que escolhesse o carro e todo o tempo que quizesse para lá chegar, e quanto ao seu Sr. Titon, que, faça-me o favor, fôra um refinado libertino, e que ia á casa das raparigas antes de ir aos milagres do diacono Pariz, transferiam no do castello de Vincennes para o castello de Ham na Picardia, que é, concordo, pessimo sitio. Eis do que os senhores se queixam ; lembro-me ; tambem no meu tempo gritei ; fui tão pateta como o senhor.

O marquez apalpou o bolso como á procura da bo-ceta, e continuou :

— Mas não tão mau. Fallava-se por fallar. Havia tambem o alboroto das inquerições e das petições, e depois vieram os senhores philosophos, queimaram-lhes os escriptos em vez de queimarem os autores, mettem-se de permeio as cabalas da côrte ; appareceram todos estes idiotas, Turgot, Quesnay, Malesherbes, os physiocratas, et cætera, e a garabulha começou. Nasceu tudo dos escrevinhadores e dos versejadores. A Encyclopedia ! Diderot ! d'Alembert ! Ah ! que corja de velhacos ! Um homem bem nascido como o rei da Prussia cahir nessa ! Eu, eu teria supprimido todos os rabisca-dores de papel. Ah ! nós outros sabiamos fazer justiça. Podem ainda ver aqui nas paredes a marca das rodas de esquartejar. Não brincavamos com estas cousas. Não, não, nada de escrevinhadores ! Emquanto houver Arouets, ha de haver Marats. Emquanto houver ignorantos que rabisquem, ha de haver tratantes que assassinem ; emquanto houver tinta, ha de haver negror ; emquanto a mão do homem pegar na penna de pato, as

parvoices frivolas hão de originar as parvoices atrozes. Os livros produzem os crimes. A palavra chimera tem duas significações, quer dizer sonho e quer dizer monstro. Quanto disparate! O que querem dizer na sua com os seus direitos? Direitos do homem! Direitos do povo! Já se viu cousa mais ôca, mais estúpida, mais imaginaria, mais vasia de sentido? Quando eu digo: Havoise, irmã de Conan II, trouxe o condado da Bretanha a Hoel, conde de Nantes e de Cornouailles, que deixou o throno a Alano Fergant, tio de Bertha, que desposou Alano-o-Negro, senhor de la Rcche-sur-Yon, e delle teve Conan-o-Pequeno, avô de Guy ou Gauvaiu, de Thouars, nosso antepassado, digo uma cousa clara, e eis ahi um direito. Mas os patifes, os velhacos, os farroupilhas lá dos senhores ao que é que chamam seus direitos? Ao deicidio e ao regicidio. Pois isto não é horrivel! Ah! marotos! Sinto-o pelo senhor; o senhor é deste altivo sangue da Bretanha; o senhor e eu temos Gauvain de Thouors por avô; temos tambem por avô o grande duque de Montbazon que foi par de França e condecorado com o collar das ordens, que atacou as cercanias de Tours e foi ferido no combate de Arques, e que morreu monteiro-mór de França na sua casa de Couzières na Touraine, na edade de oitenta e seis annos. Poder-se-hia ainda fallar de duque de Laudunois, filho da dama de la Garnache, de Claudio de Lorrena, duque de Chevreuse, e de Henrique de Lenoncourt, e de Francisca de Laval-Boisdauphin. Mas para que? O senhor tem a honra de ser um idiota, e porfia em ser igual ao meu palafreheiro. Fique sabendo disto, eu já era homem de edade quando o senhor era ainda um fedelho. Assoei-lhe o nariz, bofe! e tornarei a assoal-o ainda. Crescendo, o senhor descobriu meio de diminuir. Desde que não nos tornamos a vêr, fomos cada qual para o seu lado, eu para o lado da honradez, e o senhor para o lado

opposto. Ah ! não sei como acabará tudo isto ; mas os
taes senhores seus amigos são uns soffríveis miseráveis.
Ah ! sim, é bonito, concordo, o progresso é magnifico,
supprimiram no exercito a pena do quartilho d'agua
inflingida tres dias consecutivos ao soldado bebado ; têm
o maximo, a Convenção, o bispo Gobel, o Sr. Chaumette
e o Sr. Hébert, e exterminam em massa o passado inteiro,
desde a Bastilha até ao almanak. Substituem os santos
pelos legumes. Bem, senhores cidadãos, sejam os donos
da terra, reinem, tenham os seus gozos, repartam-nos,
não façam cerimonia. Tudo isto não impedirá que a re-
ligião seja religião, que a realza encha quinhentos
annos da nossa historia, e que a antiga nobreza da
França, apezar de decapitada, seja mais alta que os se-
nhores. Quanto ás suas chicanas acerca do direito his-
torico das raças reaes, levantamos os hombros. Chilpe-
rico no fim de contas não passava de um monge cha-
mado Daniel ; foi Rainfredo quem inventou Chilperico
para encommendar a Carlos Martel ; sabemos dessas
cousas tão bem como os senhores. Mas a cousa não é
essa ; A cousa é esta : sermos um grande reino ; sermos
a velha França, sermos a nação magnificamente arran-
jada, onde respeitam-se, em primeiro lugar a pessoa
sagrada dos monarchas, senhores absolutos do Estado,
depois os principes, depois os officiaes da corôa, para
os exercitos de terra e mar, para a artilharia, direcção e
superitendencia das finanças. Depois vem a justiça so-
berana e subalterna, seguida da administração das ga-
bellas e das rendas geraes, e emfim a policia do reino
nas suas tres ordens. Eis o que estava bella e nobre-
mente organizado ; os senhores destruíram-no. Os se-
nhores destruíram as provincias, como lamentáveis igno-
rantes que são, sem saberem sequer o que eram as pro-
vincias. O genio da França compõe-se do proprio genio
do continente, e cada uma das provincias da França re-

presentava uma virtude da Europa; a franqueza da Allemanha estava na Picardia, a generosidade da Suecia na Champanha, a industria da Hollanda na Borgonha, a actividade da Polonia no Languedoc, a gravidade da Hespanha na Gasconha, a prudencia da Italia na Provença, a subtileza da Grecia na Normandia, a fidelidade da Suissa no Delphinado. Os senhores não sabiam cousa alguma disto; cortaram, metralharam, fraccionaram, demoliram e nisto mostraram-se os senhores pura e simplesmente irracionaes. Ah! não querem mais ter nobres! Está bem, não os terão. Mas ponham luto por elles. Não terão mais paladinos, não terão mais herões. Dêem as boas noites ás glorias antigas. Mostre-me um d'Assas neste tempo! Todos os senhores receiam pela pelle. Não terão mais cavalleiros de Fontenoy que saudavam antes de matar, não terão mais os combatentes de meias de seda do assedio de Lerida; não terão mais as famosas jornadas militares em que os pennachos passavam como metéoros; os senhores são um povo morto; não hão de soffrer uma violação, a invasão; si Alarico II voltar, não sahirá mais a combatel-o Clovis; si Abderraman voltar, não sahirá mais a combatel-o Carlos Martel; si os saxões voltarem, não sahirá mais a combatel-os Pepino; os senhores não terão mais Agnadel, Rocroy, Lens, Staffarde, Nerwinde, Steinkerque, la Marsaille, Raucoux, Lawfeld, Mahon; não terão mais Marignan com Francisco I; não terão mais Bouvines com Philippe Augusto tomando prisioneiros, com uma mão, Rinaldo, conde de Bolonha, e com a outra Ferrand, conde de Flandres. Terão Azincourt, mais não terão mais para ahi fazer-se matar, envolto na sua bandeira o senhor de Bacqueville, o grande porta-oriflamme! Andem! Andem! vão por deante! Sejam homens novos. Tornem-se pequenos!

O marquez ficou um momento silencioso, e proseguiu:

-- Mas deixem-nos com a nossa grandeza. Matem os reis, matem os nobres, matem os padres, derribem, arruinem, degolem, calquem tudo aos pés; ponham as maximas antigas sob o tacão das botas, pizem o throno, tripudiem sob o altar, esmaguem a Deus, e dansem em cima! Isso é la com os senhores. Os senhores são traidores e cobardes incapazes de dedicação e sacrificio. Tenho dito. Agora mande-me guilhotinar, Sr. visconde. Tenho a honra de ser seu humilissimo servidor.

F accrescentou :

— Ah ! digo-lhe verdades ! Que importa isto ? Estou morto.

— Está livre, disse Gauvain.

E Gauvain adeantou-se para o marquez, tirou o capote de commandante, atirou-lho nos hombros e puxou-lhe o capuz para a frente. Eram ambos da mesma estatura.

— Então, o que fazes ? perguntou o marquez.

Gauvain levantou a voz e bradou :

— Tenente, abra.

A porta abriu-se.

Gauvain accrescentou :

— Torne a fechar a porta atraz de mim.

E empurrou para fóra o marquez estupefacto.

A sala baixa, transformada em corpo de guarda, tinha, estará o leitor lembrado, para alumial-a, uma lanterna de chifre que dava a tudo uma côr indecisa, e produzia mais sombra do que luz. No meio desse baço clarão, os soldados que não estavam dormindo viram passar por elles, dirigindo-se para a brécha, um homem de alta estatura com o capote e o capuz agaloados de commandante em chefe; fizeram-lhe a continencia militar, e o homem passou.

O marquez, lentamente, atravessou o corpo do guar-

da, atravessou a brécha, não sem nella dar com a cabeça mais de uma vez, e sahiu.

A sentinella, suppondo ver Gauvain, apresentou-lhe armas.

Quando viu-se fóra, tendo sob os pés a herva do campo, a duzentos passos da floresta, e deante de si o espaço, a noite, a liberdade, a vida, parou e permaneceu um momento immovel como um homem que deixou-se levar por outrem, que cedeu á surpresa, e que, tendo-se aproveitado de uma porta aberta, indaga si procedeu bem ou mal, hesita antes de ir além, e attende a uma derradeira idéa. Depois de alguns segundos de profunda scisma, levantou a mão direita, deu um estalo com o dedo medio e com o pollegar e disse:—Ora, adeus!

E foi-se embora.

A porta da masmorra tornára a fechar-se. Gauvain ficava dentro.

II

O TRIBUNAL MILITAR

Então os tribunaes militares tudo era mais ou menos discrecionario. Dumas na Assembléa legislativa apresentára um esboço de legislação militar, retocado mais tarde por Talot no conselho dos Quinhentos, mas o código definitivo dos conselhos de guerra só foi redigido sob o imperio. É do tempo do imperio que data, diga-se entre parentheses, a obrigação imposta aos tribunaes militares de só recolherem os votos começando pela patente inferior. No tempo da revolução esta lei não existia.

Em 1793 o presidente de um tribunal militar quasi que resumia em si todo o tribunal; escolhia os mem-

bros, classificava a ordem das patentes, regulava o modo de votar; era a um tempo senhor e juiz.

Cimourdain designára para pretorio do tribunal militar a mesma sala do andar terreo onde estivera a barricada e onde então estava o corpo da guarda. Queria abreviar tudo, o caminho da prisão ao tribunal e o trajecto do tribunal ao cadafalso.

Ao meio-dia, de conformidade com as suas ordens, o tribunal estava em sessão com o apparatus seguinte: tres cadeiras de palha, uma mesa de pinho, duas velas accesas, um tamborete deante da mesa.

As cadeiras eram para os juizes e o tamborete para o accusado. Nas duas pontas da mesa havia outros dous tamboretos, um para o auditor que era um forriell, e o outro para o escrivão que era um cabo de esquadra.

Havia sobre a mesa um pau de lacre vermelho, o sello da Republica feito de cobre, dous tinteiros, maços de papel em branco, e dous cartazes impressos, ambos desdobrados, contendo uma declaração de ser posto fóra da lei, e o outro o decreto da Convenção.

A cadeira do meio estava encostada a um tropheu de bandeiras tricolores; nesses tempos de rude simplicidade punha-se depressa uma decoração, e pouco tempo era preciso para transformar um corpo de guarda em tribunal de justiça.

A cadeira do meio, destinada ao presidente, ficava defronte da porta da masmorra.

Por publico os soldados.

Dous gendarmes estavam de guarda ao banco do reu.

Cimourdain estava sentado na cadeira do meio, tendo á direita o capitão Guéchamp, primeiro juiz, e á esquerda o sargento Radoub, segundo juiz.

Tinha na cabeça o chapéu de pennacho tricolor, ao lado a espada, na cinta as duas pistolas. A cicatriz,

que era muito vermelha, tornava-lhe o semblante mais féro.

Radoub acabára por pedir que o pensassem. Tinha em volta da cabeça um lenço no qual crescia lentamente uma nodoa de sangue.

Ao meio-dia a audiência não estava ainda aberta, um estafeta, cujo cavallo ouvia-se patear fóra, estava de pé junto da mesa do tribunal. Cimourdain escrevia. Escrevia isto :

« Cidãos membros da Junta de salvação publica.

« Lantenac está preso. Será executado amanhã. »

Datou e assignou, dobrou e fechou o officio, e entregou-o ao estafeta, que partiu.

Feito isto, Cimourdain disse em voz alta :

— Abram a prisão.

Os dous gendarmes correram os ferrolhos, abriram a masmorra, e entraram nella.

Cimourdain ergueu a cabeça, e cruzou os braços, olhou para a porta, e bradou !

— Conduzam o preso.

Um homem appareceu entre os dous gendarmes sob o arco da porta aberta.

Era Gauvain.

Cimourdain estremeceu.

— Gauvain ! exclamou.

E continuou :

— Peço o preso.

— Sou eu, disse Gauvain.

— Tu ?

— Eu.

— E Lantenac ?

— Está solto.

— Sim.

— Evadido ?

— Evadido.

Cimourdain balbuciou tremulo :

— Com effeito este castello pertence-lhe, conhece-lhe todas as sahidas, o calabouço communica-se talvez com alguma sahida, eu devia ter-me lembrado disto, bem póde ter achado meio de fugir, sem ter precisão para isso de auxilio de possoa alguma.

— Foi auxiliado disse Gauvain.

— Para evadir-se?

— Para evadir-se.

— Quem auxiliou?

— Eu.

— Tu!

— Eu.

— Estás sonhando!

— Entrei na masmorra, estava a sós com o prisioneiro, tirei o meu capote, pul-o nos hombros delle, puxei-lhe o capuz para a frente, sahiu em meu logar e eu fiquei no delle. Aqui estou.

— Tu não fizeste isto!

— Fiz.

— E' impossivel.

— É real.

— Tragam-me Lantenac!

— Já não està aqui. Os soldados. vendo-lhe o capote de commandante, tomaram-no por mim e deixaram-no passar. Ainda era noite.

— Estás doudo.

— Estou dizendo a verdade.

Houve silencio. Cimourdain gaguejou :

— Então tu mereces...

— A morte, disse Gauvain.

Cimourdain estava pallido como uma cabeça cortada. Estava immovel como um homem sobre quem acaba de cahir um raio. Dir-se-hia não respirava. Grossas bagas de suor aljofravam-lhe a frente.

Tornou a voz firme e disse :

— Gendarmes, façam sentar o accusado.

Gauvain sentou-se no tamborete.

Cimourdain continuou :

— Gendarmes, desembainhem os sabres.

Éra a fórmula usada quando o accusado estava sob o peso de sentença capital.

Os gendarmes desembainharam os sabres.

A voz de Cimourdain readquirira o tom ordinario

— Accusado, disse, levante-se.

Não atuou mais Gauvain.

III

OS VOTOS

Gauvain levantou-se.

— Como se chama ? perguntou Cimourdain.

Gauvain respondeu :

— Gauvain.

Cimourdain continuou o interrogatorio,

— Quem é o senhor ?

— Sou commandante em chefe da columna expedicionaria das Costas do Norte.

— É parente ou affirm do homem que se evadiu ?

— Sou sobrinho d'elle.

— Conhece o decreto da Convenção ?

— Estou vendo o cartaz em cima da mesa.

— O que tem a dizer ácerca desse decreto ?

— Que o rubriquei, que ordenei a execução d'elle, e que fui eu quem mandou fazer este cartaz por laixo do qual está o meu nome.

— Escolha um defensor.

— Defender-me-hei a mim mesmo.

— Tem a palavra.

Cimourdain tornara-se de novo impassível. Apenas a sua impassibilidade assemelhava-se menos á calma de um homem que á tranquillidade de um rochedo.

Gauvain ficou um momento silencioso e como recolhido.

Cimourdain continuou:

— O que tem a dizer em sua defesa?

Gauvain ergueu lentamente a cabeça, não olhou para pessoa alguma, respondeu:

— O seguinte: uma cousa impediu-me de ver a outra; uma boa acção, vista de muito perto, occultou-me cem acções criminosas; de uma parte um velho, da outra creanças; tudo isso interpoz-se entre mim e o dever. Esqueci as aldeias incendiadas, os campos talados, os prisioneiros mortos, os feridos exterminados, as mulheres fuziladas, esqueci a França entregue á Inglaterra; puz em liberdade o assassino da patria. Sou culpado. Fallando dest'arte, parece que fallo contra mim; é um engano. Fallo em meu favor. Quando o culpado reconhece o crime, salva a só causa que vale a pena salvar, a honra.

— É isto, perguntou Cimourdain, tudo quanto tem a dizer em sua defesa?

— Accrescentarei que, sendo eu o chefe, devia dar o exemplo, e que os senhores por sua vez, sendo juizes, devem dal-o.

— Que exemplo requer?

— A minha morte.

— Acha-a justa?

— É necessaria.

— Sente-se.

O furriel auditor levantou-se e eu, primeiro a sentença que punha fóra da lei o outr'ora Marquez de Lantenac; em segundo logar o decreto da Convenção

comminando pena capital contra todo aquelle que favorecesse a evasão de um rebelde prisioneiro. Terminou pelas poucas linhas impressas por baixo do decreto, prohibindo «prestar auxilio e soccorros aos rebeldes supramencionado sob pena de morte» e assignado o *commandante em chefe da columna expedieianaria*, GAUVAIN.

Terminada a leitura, o auditor tornou a sentar-se. Cimourdain cruzou os braços, e disse:

— Accusado, attenção. Cidadãos presentes, escutem, vejam e calem-se. Os senhores têm deante de si a lei. Vae-se proceder á votação. A sentença será proferida por maioria de votos. Cada juiz opinará por sua vez, em voz alta, na presença do accusado, pois a justiça nada tem que occultar.

Cimourdain continuou:

— Tem a palavra o primeiro juiz. Falle, capitão Guéchamp

Dir-se-hia que o capitão Guéchamp não via nem Cimourdain, nem Gauvain. As palpebras abaixadas escondiam-lhe os olhos immovelmente pregados no cartaz do decreto e contemplando como si contemplasse um abysmo. Disse:

— A lei é formal. Um juiz é mais e é menos que um homem, pois não tem coração; é mais que um homem, pois tem o gladio. No anno 414 de Roma, Manlio condemnou á morte seu proprio filho por ter vencido sem ordem sua. A disciplina violada exigia reparação. Aqui foi a lei que foi violada; e a lei ainda está acima da disciplina. Em consequencia de um movimento de compaixão a patria está de novo em perigo. A compaixão pôde assumir proproção de crime. O commandante Gauvain deu evasão ao rebelde Lantenac. Gauvain é criminoso. Voto pela morte.

— Escreva, escrevão, disse Cimourdain.

O escrivão escreveu: «Capitão Guéchamp: pela morte.»

Gauvain ergueu a voz.

— Ghéchamp, disse, o senhor votou muito bem, e agradeço-lhe.

Cimourdain continuou:

— Tem a palavra o segundo juiz. Falle, sargento Radoub.

Raboub levantou-se, voltou-se para Gauvain e fez ao acusado a continencia militar. Depois exclamou:

— Si é assim, então guilhotinem-me, pois dou aqui, com os seiscentos! a minha palavra de honra que desejava ter feito, primeiro o que fez o velho, e depois o que fez o meu commandante. Quando vi aquelle sugeito de oitenta annos atirar-se ao fogo para tirar delle os tres pecurruchos, disse; Velhote, és um homem de bem! e quando vejo que foi o meu commandante quem salvou o velho da vossa estúpida guilhotina, com mil bombas! digo: Meu commandante, o senhor deveria ser meu general, e o senhor é um verdadeiro homem, e eu, com a bréca! dar-lhe-hia a cruz de S. Luiz, si ainda houvesse cruces, si ainda houvesse santos, e si ainda houvesse luizes! Sim, pois agora vamos ficar imbecis? Si foi para isto que ganhamos a batalha de Jemmapes, a batalha de Valmy, a batalha de Fleurus e a batalha de Wattignies, então digam logo. O que! pois o commandante Gauvain ha quatro mezes leva todos os estes sendeiros realistas a toque de caixas, salva a republica, com a sua espada faz a cousa de Dol, em que era preciso, sou um seu creado, ter bola, e quando os senhores têm semelhante homem, tratam de não tel-o! e, em vez de fazel-o general, querem cortar-lhe o percoço! é para um homem atirar-se de cabeça para baixo por cima do parapeito da Ponte Nova, e tambem ao senhor, cidadão Gauvain, meu commandante si, em vez de ser meu general, fosse meu

cabo de esquadra, sempre lhe diria que ainda a pouco disse bem boas asneiras. O velho fez muito bem em salvar as creanças, o senhor fez muito bem em salvar o velho, e se guilhotinam a gente porque pratica boas acções, então vão-se para todos os diabos, que já não sei o que querem. Não ha mais razão para pararem. Não acham que é verdade tudo isto? Belisco-me a ver si estou acordado. Não entendo. Pelo que estou vendo creio que queriam que o velho deixasse os marrecos queimarem-se vivos, e que o men commandante deixasse cortar o pescoço ao velho. Olhem, guilhotinem-me. Prefiro isto. Supponhamos que os pequeninos morressem, o batalhão do Barrete Vermelho ficava deshonrado. Era isto que queriam? Então comamo-nos logo uns aos outros. Entendo de politica tão bem como os senhores que ahi estão, fui do club da secção das Lanças. Com mil bombas! estamos ficando uns brutos afinal! Resumo o meu modo de ver. Não gosto de cousas que têm o inconveniente de fazerem com que a gente não saiba mais em que ponto está. Então para que diabo nos fazemos matar? Para que nos matem o nosso chefe! Isto não, Liseta. Quero o meu chefe! Preciso de meu chefe. Ainda gosto mais d'elle hoje do que hontem. Mandal-o guilhotinar! dá-me vontade de rir! Tudo isto, não, não queremos. Escutei. Digam lá o que quizerem. Mas vou-lhes dizendo desde já que não é possivel.

E Radoub tornou a sentar-se. A ferida tornara-se-lhe a abrir. Um fio de sangue, que sahia-lhe do aparelho, escorria-lhe pelo pescoço, do lugar onde existira a orelha.

Cimourdain voltou-se para Radoub.

— Vota que o reu seja absolvido?

— Voto, disse Radoub, que o façam general.

— Pergunto-lhe si vota que elle seja posto em liberdade.

— Voto que o façam o primeiro homem da republica.

— Sargento Radoub, vota que o commandante Gouvain seja posto em liberdade, sim ou não?

— Voto que me cortem a cabeça em lugar d'elle.

— Pela absolvição, dissa Cimourdain. Escreva, escrevão.

O escrevão escreveu: «Sargento Radoub: pela absolvição.

Depois o escrevão disse:

— Um voto pela morte. Um voto pela absolvição. Empate.

Era a vez de Cimourdain votar.

Levantou-se tirou o chapéu e pô-lo em cima da mesa.

Já não estava pallido, nem livido. Tinha as faces cõr de terra.

Ri todos quantos ahi estavam presentes estivessem amortalhados, o silencio não seria mais profundo.

Cimourdain disse com voz grave, lenta e firme.

— Accusado Gouvain, o tribunal ouviu a causa. Em nome da republica o tribunal militar, por maioria de dous votos contra um....

Interrompeu o que ia dizendo, fez uma como parada; hesitaria deante da morte, hesitaria deante da vida? todos os peitos estavam offegantes. Cimourdain continuou.

— Condemna-o á pena de morte.

No rosto tinha a expressão da tortura do triumpho sinistro. Ruãdo Jacob nas trevas fez-se abençoar pelo anjo a quem derribára, devia estar com esse sorriso assustador.

Foi um como clarão que passou. Cimordain tornou a ficar de marmore, tornou a sentar-se, tornou a pôr o chapéu na cabeça, e accrescentou:

- Gauvain, o senhor será executado amanhã ao nascer do sol.

Gauvain ergueu-se, cortejou e disse :

— Agradeço ao tribunal.

— Conduzam o condemnado, disse Cimourdain.

Cimourdain fez um signal, a porta da masmorra tornou a abrir-se, Gauvain entrou, a masmorra tornou a fechar-se. Os dous gendarmes ficaram de sentinella de ambos os lados da porta, com os sabres desembainhados.

Carregaram Radoub, que acabava de cahir sem sentidos.

IV

DEPOIS DE CIMOURDAIN JUIZ, CIMOURDAIN SENHOR

Um acampamento é um ninho de vespas. Em tempo de revolução principalmente. O ferrão civico que existe no soldado, sahe facilmente e rapido, e não lhe custa muito picar o chefe depois de haver expellido o inimigo. A valente tropa que tomára a Tourgue teve varios zumbidos, primeiro contra o commandante Gauvain quando soube-se da evasão de Lantenac. Quando viram Gauvain sabir da masmorra em que suppunham Lantenac preso, houve uma como commoção electrica, e em menos de um minuto todo o corpo de exercito era sabedor. Levantou-se um murmurio no pequeno exercito, o primeiro murmurio foi :—Vão julgar Gauvain. Mas é por honra da firma. Fie-se lá a gente nos ex e coroados! Acabamos de ver um visconde salvar a um marquez, e vamos ver um padre absolver a um nobre!—Quando souberam da condemnação de Gauvain houve segundo murmurio :

—Isto é demais! o nosso chefe, o nosso valente chefe, o nosso moço commandante, um heróe! É visconde, é verdade, tanto maior é o seu merito em ser republican o! como! elle, o libertador de Pontorson, de Villedieu, de Pont-au-Beau! o vencedor de Dol e da Tourgue! o homem por amor do qual somos invenciveis! o homem que é a espada da republica na Vendéa! o homem que ha cinco mezes faz frente aos chouans e endireita todas as asneiras de Léchelle e dos outros! O tal Cimourdain ousa condemnal-o á morte! porque? porque salvou a um velho que havia salvado tres creanças! um padre matar um soldado!

Assim rugia o acampamento victorioso e descontente. Sombria colera cercava Cimourdain. Quanto mil homens contra um só, parece que é uma força; pois não é. Esses quatro mil homens eram uma multidão, e Cimourdain era uma vontade. Sabiam que Cimourdain franzia facilmente as sobranceiras, e não era preciso mais para impôr ao exercito respeito. Nesses tempos severos bastava que a sombra da Junta de salvação publica estivesse por traz de um homem para torna-lo terrivel e para fazer com que a imprecação fosse acabar em murmurio e o murmurio em silencio. Quer antes quer depois dos murmurios, Cimourdain era sempre o arbitro da sorte de Gauvain, assim como da sorte de todos. Sabiam que nada tinham a pedir-lhe e que só obedeceria á sua consciencia, voz sobrehumana só d'elle ouvida. Tudo dependia d'elle. O que fizera como juiz militar só elle podia desfazer como delegado civil. Só elle podia perdoar. Tinha plenos poderes; com um aceno podia pôr Gauvain em liberdade; era senhor da vida e da morte; dava ordens á guilhotina. Nesse momento tragico era o homem supremo.

Apenas podiam esperar.

A noite cahiu.

V

A MASMORRA

A sala do tribunal voltára a corpo de guarda ; a guarda era dobrada como na vespera ; duas sentinellas guardavam a porta fechada da masmorra.

Pela meia-noite, um homem com uma lanterna na mão, atravessou o corpo da guarda, deu-se a conhecer e mandou que lhe abrissem a prisão. Era Cimourdain.

Entrou e a porta ficou entreaberta atraz delle.

A masmorra estava tenebrosa e silenciosa. Cimourdain deu um passo nessa escuridão, pôz no chão a lanterna e parou. Ouvia-se na sombra o resonar tranquillo de um homem adormecido. Cimourdain escutou, pensativo, esse calmo rumor.

Gauvain estava no fundo da masmorra sobre palhas. Era a sua respiração que se ouvia. Dormia profundamente.

Cimourdain adeantou-se com o menor ruido que pôde, chegou muito perto e pôz-se a contemplar Gauvain ; uma mãe que contemplasse o filhinho a dormir, não teria mais terno e mais inexprimivel olhar. Esse olhar era talvez mais forte que Cimourdain ; Cimourdain pôz, como fazem ás vezes as creanças, ambos os punhos nos olhos, e permaneceu um momento immovel. Depois ajoelhou-se, ergueu devagarinho a mão de Gauvain e beijou-a.

Gauvain fez um movimento. Abriu os olhos, com a vaga admirração do despertar sobresaltado. A lanterna alumiava frouxamente o subterrano. Reconheceu Cimourdain.

— Ah, disse, é o senhor, meu mestre ?

E accrescentou :

— Estava sonhando que a morte beijava-me a mão.

Cimourdain sentiu esse abalo que ás vezes produz em nós a brusca invasão de uma onda de idéas ; ás vezes essa onda é tão alta e tão tempestuosa que afigura-se-nos que vae submergir-se a alma. Nada sahiu do profundo coração de Cimourdain. Pòde apenas dizer : Gauvain !

E ambos contemplaram-se : Cimourdain com os olhos cheios dessas chammas que queimam as lagrimas, Gauvain com o seu mais meigo sorriso. Gauvain ergueuse sobre o cotovelle e disse :

— Esta cicatriz que atravessa-lhe o rosto, é o golpe de sahre que o senhor recebeu por mim. Ainda hontem o senhor esteve na peleja ao meu lado e por minha causa. Si a providencia não tivesse posto ao lado do meu berço, onde estaria eu hoje ? nas trévas. Si tenho a noção do dever, do senhor a tenho. Nasci tolhido. Os preconceitos são ligaduras, o senhor tirou-mas, restituiu á liberdade o meu crescimento, e do que já não passava de uma mumia, tornou o senhor a fazer uma creança. No monstro provavel pôz uma consciencia. A não ser o senhor, eu teria crescido pequeno. Existo porque o senhor o quiz. Era eu apenas um nobre, o senhor fez de mim um cidadão. Era eu apenas um cidadão ; o senhor fez de mim um espirito ; o senhor educou-me, como homem, para a vida terrestre, e como alma para a vida celeste. Deu-me, para entrar na realidade humana, a chave da verdade, e para ir além, a chave da luz. Oh ! meu mestre, obrigado ! Foi o senhor quem creou-me.

Cimourdain sentou se na palha ao lado de Gauvain e disse-lhe :

— Venho ceiar comtigo.

Gauvain partiu o pão negro e deu-lho. Cimourdain tomou um pedaço ; depois Gauvain estendeu-lhe a bilha d'agua.

— Bebe primeiro, disse Cimourdain.

Gauvain bebeu e passou a bilha a Cimourdain que bebeu depois delle.

Gauvain bebêra um gole.

Cimourdain bebeu a largos haustos.

Nessa ceia Gauvain comia e Cimourdain bebia, signal da calma de um e da febre do outro.

Não sei que serenidade terrivel reinava nessa masmorra. Os dous homens conversavam.

Gauvain dizia :

Grandes acontecimentos se delineiam. O que a revolução faz neste momento é mysterioso. Por detraz da obra visivel ha a obra invisivel. Uma occulta a outra. A obra visivel é atroz, a obra invisivel é sublime. Neste instante vejo tudo muito claramente. É singular e bello. Não houve remedio sinão servir-nos dos materiaes do passado. Dahi esse extraordinario 93. Debaixo de um andaime de barbaria edifica-se um templo de civilisação.

— Sim, respondeu Cimourdain. Desse provisorio ha de sahir o definitivo. O definitivo, isto é, o direito e o dever parallelos, o imposto proporcional e progressivo, o serviço militar obrigatorio, o nivelamento, nenhum desvio, e, acima de todos e de tudo, a linha recta, a lei. A republica do absoluto.

— Eu prefiro, disse Gauvain, a republica do ideal.

Parou, depois proseguiu :

— Oh mestre, em tudo quanto o senhor acaba de dizer, onde colloca a dedicação, o sacrificio, a abnegação, o enlace magnanimo da bondade, o amor? Pôr tudo em equilibrio, é bom; pôr tudo de harmonia, é melhor. Acima da balança ha a lyra. A sua republica calcula, mede e regula o homem; a minha transporta-o ao ceu; esta é a differença que existe entre um theorema e uma aguia.

— Perdes-te nas nuvens.

- Perde-se no calculo.
- Ha sonho na harmonia.
- Tambem o ha na algebra.
- Eu desejára o homem feito por Euclides.
- E eu, disse Gauvain, preferira-o feito por Homero.

O sorriso severo de Cimourdain deteve-se sobre Gauvain como si quizera impôr a essa alma respeito.

— Poesia. Desconfia dos poetas.

— Sim, conheço o dito. Desconfia das aragens, desconfia dos raios, desconfia dos perfumes, desconfia das fiôres, desconfia das constellações.

— Nada disso nos dá o que comer.

— Quem sabe? a idéa é tambem alimento. Pensar é comer.

— Nada de abstracções. A republica é dous e dous quatro. Quando dou a cada qual o que lhe toca...

— Tem ainda de dar a cada qual o que não lhe toca.

— O que queres dizer com isto?

— Quero fallar da immensa concessão reciproca que cada um deve fazer a todos e que todos devem fazer a cada um, e nisto consiste a vida social.

— Fóra do direito estricto nada mais ha.

— Ha tudo.

— Só enxergo a justiça.

— Eu olho mais para cima.

— Então o que ha acima da justiça.

— Ha a equidade.

De tempos a tempos paravam como se passassem clarões.

Cimourdain continuou :

— Desafio-te a que entres nos pormenores.

— Pois bem. O senhor quer o serviço militar obrigatorio. Contra quem? contra outros homens. Eu não quero serviço militar. Quero a paz. O senhor quer os

miseraveis soccorridos, eu quero a miseria supprimida. O senhor quer o imposto proporcional. Eu não quero imposto algum. Quero a despeza commum reduzida á sua expressão mais simples e paga pelas sobras sociaes.

— O que queres dizer com isto?

— Isto : primeiro supprimam o parasitismo ; o parasitismo do padre, o parasitismo do juiz, o parasitismo do soldado. Depois utilizem as suas riquezas , lancam o estrume ao esgoto, lancem-no ao sulco do arado. Tres quartas partes do solo estão incultas, arroteiem a França supprimam as pastagens inuteis ; dividam as terras communaes. Tenha todo o homem um pedaço de terra, e todo o pedaço de terra tenha um homem. Centuplicarão o producto social. A França, actualmente, dá apenas aos seus camponezes quatro dias de carne por anno ; bem cultivada, alimentaria trezentos milhões de homens, a Europa inteira. Utilisem a natureza, a immensa auxiliar desprezada. Façam com que trabalhem para os senhores todos os sopros do vento, todas as quedas da agua, todos os effluvios magneticos. O globo tem uma rede de vias subterraneas ; ha uma circulação prodigiosa de agua, de oleo, de fogo ; abram as veias do globo, e façam brotar a agua para as suas fontes, o oleo para as suas lampadas, o fogo para os seus lares. Pensem no movimento das vagas, no fluxo e refluxo, no vae-vem das marés. O que vem a ser o oceano ? uma enorme força desaproveitada. Como a terra é estúpida ! não utiliza o oceano.

— Eis-te em pleno scismar.

— Isto é, em plena realidade.

Gauvain continuou :

— E a mulher ? o que fazem os senhores della ?

Cimourdain respondeu :

— O que ella é. A serva do homem.

— Sim. Mas com uma condição.

— Qual ?

— Que o homem seja o servo da mulher.

— Imaginas isso? exclamou Cimourdain, o homem servo! nunca. O homem é senhor. não admitto sinão uma realezs, a do lar. O homem em sua casa é rei.

— É. Mas com uma condição.

— Qual ?

— Que a mulher seja em sua casa a rainha.

— Queres dizer que desejas para o homem e para a mulher...

— A egualdade.

— Egualdade ! pois pensas nisso ? Os dous seres são diversos.

— Disse egualdade. Não disse identidade.

Houve ainda uma pausa, uma como tregua entre esses dous espiritos cruzando relampagos. Cimourdain quebrou-a.

— E o filho a quem o entregas ?

— Primeiro ao pae que o gera, depois á mãe que o procrea, depois ao mestre que o educa, depois á cidade que o civilisa, depois á patria que é a mãe suprema, depois á humanidade que é a antepassada.

— Não fallas de Deus.

— Cada um destes degráus, pae, mãe, mestre cidade, patria, humanidade, é degráus da escada que sóbe até Deus.

Cimourdain calara-se, Gauvain continuou :

— Quando se está no topo da escada, tem-se chegado até Deus; Deus abre-se; não ha mais do que entrar.

Cimourdain fez o gesto de quem chama por outrem.

— Gauvain volta á terra, nós queremos realizar o possivel.

— Comecem por não torna-lo impossivel.

— O possível realisa-se sempre.

— Nem sempre. Si maltratarem a utopia, mata-la-hão. Nada é mais indefeso que o ovo.

— Cumpre no entanto agarrar a utopia, impôr-lhe o jugo da realidade, e emmoldural-a no facto. A idéa abstracta deve-se transformar em idéa concreta; o que perde em belleza, ganha em utilidade; fica menor, porém melhor. Cumpre que o direito entre na lei; e quando o direito faz-se lei, é absoluto. A isto é que se chama o possível.

— O possível é mais do que isso.

— Ah! eis-te de novo o sonhar.

— O possível é uma ave mysteriosa de continuo pairando por cima do homem.

— Cumpre apanhal-a.

— Viva.

Gauvain proseguiu :

— A minha idéa é esta: Sempre para deante. Si Deus houvera querido que o homem recuasse, pôr-lhe-hia um olho na parte posterior da cabeça. Olhemos sempre para o lado da aurora, do desabrochar, do noscer. Aquillo que cahe anima aquillo que sóbe. O estalar da velha arvore é um chamado á arvore nova. Cada seculo despenhará a sua tarefa, hoje civica, amanhã humana. Hoje a questão do direito, amanhã a questão do salario. Salario e direito em tudo vêm a ser a mesma palavra. O homem não vive para não ser pago; Deus dando a vida contrahe uma divida; o direito é o salario innato; o salario é o direito adquirido.

Gauvain fallava com o recolhimento de um propheta. Cimourdain escutava. Os papeis estavam invertidos, e agora parecia que era o discipulo que era o mestre.

Cimourdain murmurou :

— Vás depressa.

— É que talvez apressem-me um tanto, disse Gauvain sorrindo.

E continuou :

— Oh mestre, eis a diferença entre as nossas duas utopias. O senhor quer o quartel obrigatorio, eu quero a escola. O senhor sonha com o homem soldado, eu sonho com o homem cidadão. O senhor deseja-o terrível, eu desejo-o meditativo. O senhor funda uma republica de espada, eu fundo...

Atalhou :

— Eu fundaria uma republica de intelligencias.

Cimourdain olhou (para as lages da masmorra, e disse :

— E até lá o que queres ?

— O que existe.

— Então absolves o momento actual ?

— Absolvo.

— Porque ?

— Porque é uma tempestade. Uma tempestade sabe muito bem o que faz. Por um carvalho fulminado quantas florestas saneadas ! A civilisação estava contaminada de peste, este vendaval livra-a della. Não escolhe porventura bastante. Mas poderá proceder de fôrma diversa ? Está incumbido de varrer com tanta força ! Deante do horror do miasma, concebo a furia do furacão.

Gauvain continuou :

— Além disso que tenho eu com a tempestade, si possuo a bussola, e o que podem os acontecimentos, si possuo a minha consciencia !

E acrescentou com a sua voz grave que é tambem a voz solemne :

— Ha alguem a quem devemos sempre deixar obrar.

— Quem ?

Gauvain levantou o dedo acima da cabeça. Cimourdain seguiu com o olhar a direcção desse dedo levand-

tado, e, atravez da abobada da masmorra, pareceu-lhe ver o ceu estrellado.

Tornaram a calar-se.

Cimourdain proseguiu :

— Sociedade maior que a natureza. Digo-te, já não é o possível, é sonho.

— É escopo. A não ser assim, para o que serviria a sociedade? Conservem-se no estado natural. Sejam selvagens. Otaiti é um paraíso. A differença unica é que nesse paraíso não se pensa. Antes um inferno intelligente que um paraíso estúpido. Mas não, nada de inferno. Sejamos a sociedade humana. Maior que a natureza. Sim. Si os senhores não accrescentam causa alguma á natureza, para que affastarem-se della? Então contentem-se com o trabalho como a formiga, e com o mel como a abelha. Continuem como animal trabalhador em vez de ser intelligencia rainha. Si accrescentarem alguma cousa á natureza, serão necessariamente maiores que ella; accrescentar é augmentar; augmentar é engrandecer. A sociedade é a natureza sublimada. Quero tudo quanto falta ás colmeias, tudo quanto falta aos formigueiros, munumentos, artes, poesia, heróes, genios Carregar fardos eternamente não é a lei do homem. Não, não, não, nadds de pariás, nada de escravos, nada de forçados, nada de repobros! quero que cada attributo homem seja symbolo de civilisação e modelo de progresso; quero liberdade perante o espirito, egualdade perante o coração, fraternidade perante a alma. Não, nada de jugo! o homem sol feito, não para arrastar cadeias, mas para abrir as azas. Nada de homem reptil. Quero a transfiguração da larva em lepidoptero; quero que o verme transforme-se em flôr animada, e vóe. Quero...

Parou. O olhar tornou-se-lhe brilhante.

Moviam-se os labios. Calou-se.

A porta ficára aberta. Alguma cousa dos rumores de fóra penetrava na masmorra. Ouviam-se sons distantes de clarim, era provavelmente o toque de alvorada; depois ruido de coronhas de espingarda batendo no chão, eram as sentinellas que rendiam-se; depois, muito perto da torre, tanto quanto era possível avaliar no escuro, um movimento de taboas e madeiros, com pancadas surdas e intermittentes semelhantes a marteladas.

Cimourdain, pallido, escutava. Gauvain nada ouvia.

O seu scismar era cada vez mais profundo. Parecia que já não respirava, tão attento estava para o que via na abobada visionaria do proprio cerebro. Tinha suavissimos estremecimentos. A claridade da aurora, que lhe ia pelos olhos, crescia.

Decorreu assim algum tempo. Cimourdsin perguntou-lhe:

— No que estás pensando?

— No porvir, disse Gauvain.

E tornou a cahir na sua meditação. Cimourdain ergueu-se do leito de palhas em que estavam ambos sentados. Gauvain não deu por isso. Cimourdain, devorando com o olhar o moço pensativo, recuou lentamente até a porta, e sahiu. A masmorra tornou a fechar-se.

VI

NO ENTANTO O SOL LEVANTA-SE

O dia não tardou a surgir no horizonte.

Conjunçtamente com o dia, uma cousa extranha, immovel, sorprendedora, e que as aves do ceu não conheciam, appareceu na esplanada da Tourgue por cima da floresta de Fougères.

Haviam-na ahi posto durante a noite. Era antes erguia, que edificada. De longe, sobre o horizonte, desenhava o seu perfil de linhas rectas e duras, semelhante

a uma letra hebraica, ou a um desses hieroglyphos do Egypto que entravam no alphabeto do antigo enigma.

A' primeira vista, a idéa que isso despertava era a idéa de uma cousa inutil. Estava ahi no meio do tojar florido. Perguntava a gente a si mesmo para que serviria isso. Depois sentia um calafrio. Era um como tablado tendo por pés quatro postes. Em uma extremidade do tablado, duas altas traves, de pé e direitas, reunidas no topo por uma travessa, levantavam e conservavam suspenso um triangulo que parecia negro no ceu azul da manhã. Na outra extremidade do tablado havia uma escada. Entre as duas trevas, embaixo, por sob o triangulo, via-se uma como almofada composta de duas secções moveis que, superpostas uma á outra, mostravam ao olhar um buraco redondo pouco mais ou menos do tamanho do pescoço de um homem. A secção superior da almofada corria por um encaixe, de modo a poder levantar-se ou abaixar-se. Então os dous semicirculos que reunidos formavam o collar, estavam afastados. Via-se ao pé das duas trevas que sustentavam o triangulo uma taboa que girava sobre um eixo e assemelhava-se a um balanço. Ao lado dessa taboa havia um taboleiro comprido, e entre as duas traves, na frente e na extremidade do tablado, uma cesta quadrada. Era tudo pintado de vermelho. Era tudo de madeira, excepto o triangulo que era de ferro. Via-se que isso fôra construido por homens, tão frio, mesquinho e pequeno era; e merecera ter sido para ahi conduzido por genios. tão formidavel se mostrava.

Essa construcção medonha era a guilhotina.

Defronte, alguns passos, na grotta, havia outro monstro, a Tourgue. Monstro de pedra em respondencia ao monstro de madeira. E, digamol-o, quando o homem põe mãos na madeira e na pedra, a madeira e a pedra não são mais nem madeira nem pedra, e tomam alguma

cousa do homem. Um edificio é um dogma, uma machina é uma idéa.

A Tourgue era a resultante fatal do passado que chamava-se Bastilha em Pariz, Torre de Londres na Inglaterra, Spielberg na Allemanha, Escurial na Hespanha, Kremlin em Moscow, castello de Sant'Angelo em Roma.

Na Tourgue concretisavam-se quinhentos annos, a idade média, a vassallagem, a gleba, o feudalismo; na guilhotina um anno, 93; e esses doze mezes eram o contrapeso desses quinze seculos.

A Tourgue era a monarchia; a guilhotina era a revolução.

Confronto tragico.

De um lado a divida; do outro o vencimento. De um lado a inextricavel complicação gothica, o servo, o amo, o escravo, o senhor, a plebe, a nobreza, o codigo multiplo, ramificado em costumes, o juiz e o padre colligados, as peias innumeradas, o fisco, as gabellas, a mão-morta, as capitações, as excepções, as prerogativas, os preconceitos, o fanatismo, o privilegio real de bancarrota, o sceptro, o throno, o arbitrio, o direito divino; de outro, simplesmente isto, o cutelo.

De um lado o nó, do outro o machado.

A Tourgue estivera por largo tempo a sós nesse deserto. Ahi estava com os seus instrumentos de trato donde tinham escorrido o azeite fervendo, o pez inflamado e o chumbo derretido, com os seus calabouços calçados de ossadas, com a sua camara de esartejamento, com a tragedia enorme de que estava pejada, dominára com o seu vulto funesto a floresta, tivera no meio dessa sombra quinze seculos de fera tranquillidade, fôra nessa região o poder unico, o prestigio unico e o unico pavor; reinára; fôra sem participação alguma, a barbaria; e de improviso via erguer-se-lhe em face, e

contra si, alguma cousa,—mais que alguma cousa,—alguem tão horrendo como ella, a guilhotina.

A pedra parece ás vezes ter olhos singulares. Uma estatua observa, uma torre espreita, uma frontaria de edificio contempla. A Tourgue parecia examinar a guilhotina.

Dir-se-hia que a si propria interrogava.

O que seria aquillo?

Parecia que aquillo surgira do chão.

E com effeito surgira.

Na terra fatal germinára a arvore sinistra. Desse solo, banhado por tantos suores, por tantas lagrimas, por tanto sangue, desse solo onde se haviam aberto tantas covas, tantas sepulturas, tantas cavernas, tantas cilladas, desse solo em que havia apodrecido toda a sorte de victimas de toda a sorte de tyrannias, desse solo superposto a tantos abysmos, e onde se haviam escondido tantos crimes, sementes medonhas, desse solo profundo, surgira, no dia marcado, essa desconhecida, essa vingadora, essa feroz machina porta-espada, e 93 dissera ao mundo antigo:—Eis-me aqui.

E a guilhotina tinha o direito de dizer á torre:—Sou tua fila.

E ao mesmo tempo a torre, pois essas cousas fataes vivem de vida ignota, sentiu-se morta por ella.

A Tourgue, deante da temerosa apparição, sentia não sei que pavor. Dir-se-hia que tinha medo. A monstruosa mole de granito era magestosa e infame, o tablado com o seu triangulo era peor. A omnipotencia decahida tinha horror á omnipotencia nova. A historia criminal encarava a historia justicadora. A violencia de outr'ora comparava-se com a violencia actual; a antiga fortaleza, a antiga prisão, o antigo solar, onde haviam bramido os pacientes desmembrados, a construcção de guerra e de assassinio, fóra de serviço e fóra de com-

bate, violada, desmantelada, sem corôa, montão de pedras ao lado de um montão de cinzas, horrenda, magnífica e morta, pejada da vertigem de seculos medonhos, via passar a terrivel hora viva. Hontem tremia deante de hoje, a velha ferocidade verificava e experimentava o novo pavor, aquillo que era apenas o nada, arregalava os olhos temerosos deante daquillo que era o terror, e o phantasma contemplava o espectro.

A natureza é implacavel; não quer nunca esconder as suas flôres, as suas musicas, os seus perfumes e os seus raios deante da abominação humana; esmaga o homem com o contraste da belleza divina ante a torpeza social; não lhe perdôa nem uma aza de borboleta, nem um canto de passaro; forçoso é que em pleno assassinio, em plena vingança, em plena barbaria, suporte o olhar das cousas sagradas; não pôde forrar-se á immensa exprobracão da candura universal e á implacavel serenidade do ceu. É forçoso que a deformidade das leis humanas appareça núa no meio do deslumbramento eterno. O homem quebra e esmaga, o homem esterilisa, o homem mata; o verão é sempre o verão, o lyrio é sempre o lyrio, o astro é sempre o astro.

Nunca o frescor do ceu matutino fôra mais encantador que nessa manhã. Tepida aragem agitava os arbustos, os vapores perpassavam indolentes pelas ramas, a floresta de Fougères, saturada dos effluvios das fontes, fumegava á luz d'alva, como ampla caçoula de incenso; o azul do firmamento, a alvura das nuvens, a limpida transparencia das aguas, a verdura, essa gamma harmoniosa que vae da agua-marinha á esmeralda, os grupos de arvores fraternas, os taboleiros de hervinhas, as planicies profundas, tudo respirava pureza, eterno conselho da natureza ao homem. No meio de tudo isso ostentava-se o horrendo impudor humano; no meio de tudo isso erguiam-se a fortaleza e o cadafalso, a guerra

e o supplicio, os dous vultos da idade sanguinaria e do momento ensanguentado ; o mocho da noite do passado e o morcego do crepusculo do porvir. Deante da creação florida, embalsamada, amante e encantadora, o ceu esplendido inundava com a luz da aurora a Tourgue e a guilhotina, e parecia dizer aos homens : Vejam o que estou fazendo e o que fazem.

Taes são os formidaveis usos que o sol faz da sua luz.

Este espectaculo tinha espectadores.

Os quatro mil homens do pequeno exercito expedicionario estavam estendidos em linha de batalha na esplanada. Cercavam a guilhotina por tres lados, de modo a traçar em torno della, n'um plano geometrico, a figura de um E ; a bateria collocada no centro da linha mais extensa formava a risca central do E. A machina vermelha estava como encerrada por essas tres linhas de batalha, muralha de soldados que dobrava-se de ambos os lados até á beira da escarpa da esplanada ; o quarto lado, o lado aberto, era o lado da grota e olhava para a Tourgue.

Isso formava uma praça em fórma de parallelogrammo, no meio da qual estava o cadafalso. A' proporção que o dia crescia, a sombra da guilhotina diminuia no chão.

Os artilheiros estavam junto das peças, com os morrões accesos.

Tenue fumaça azulada erguia-se da grota ; era o incendio da ponte que acabava de expirar.

Essa fumaça sombreava, sem escondel-a, a Tourgue, cujo alto eirado dominava o horizonte todo. Entre o eirado e a guilhotina havia apenas de permeio a grota. De um para a outra podia se fallar.

Para o eirado haviam transportado a mesa do tribunal e a cadeira coberta com as bandeiras tricolores.

O dia levantava-se por traz da Tourgue e fazia sobresalir a mole negra da fortaleza e, no alto della, na cadeira de juiz e sob o tropheu de bandeiras, a figura de um homem sentado, immovel, com os braços cruzados.

Esse homem era Cimourdain. Estava, como na vespéra, com a sua farda de delegado civil, tinha na cabeça o chapéu de pennacho tricolor; ao lado a espada e na cinta as pistolas.

Estava calado. Todos estavam calados. Os soldados tinham as espingardas descansadas e os olhos baixos. Acotovellavam-se, mas não fallavam. Meditavam confusamente nessa guerra, em tantos combates, nas descargas de fuzilaria das cercas tão valorosamente affrontadas, nos exames de camponezes furiosos que haviam expellido, nas cidadellas tomadas, nas batalhas ganhas, nas victorias, e affigurava-se-lhes agora que toda essa gloria transmudava-se-lhes em opprobrio. Sombria anciedade cerrava todos os corações. Via-se em cima do estrado da guilhotina o algoz a passear de um para outro lado. A claridade crescente da manhã enchia magestosamente o ceu.

De repente ouviu-se o rumor surdo que produzem os tambores cobertos de crepe. O rolar funebre aproximou-se; abriram-se as fileiras e um cortejo entrou no quadrado, e dirigiu-se para o cadafalso.

Na frente os tambores negros, depois uma companhia de granadeiros, com as armas em funeral, depois um pelotão de gendarmes com os sabres desembainhados, depois o condemnado—Gauvain.

Gauvain vinha solto. Não tinha cordas nem nos pés nem nas mãos. Estava de pequeno uniforme; conservava a espada.

Apoz elle vinha outro pelotão de granadeiros.

Gauvain tinha ainda no semblante esse jubilo meditativo que o illuminára no momento em que dissera a

Cimourdain: Penso no porvir. Nada tão ineffavel e sublime como esse sorriso não interrompido.

Ao chegar ao logar funebre, o seu primeiro olhar foi para o eirado da torre. Despresou a guilhotina.

Sabia que Cimourdain cumpriria o dever de assistir á execução. Procurou-o com os olhos no eirado. Achou-o.

Cimourdain estava livido e calmo. Os que lhe ficavam perto não lhe ouviam a respiração.

Ao dar com Gauvain, nem siquer estremeceu.

Gauvain no entento adeantava-se para o cadafalso.

Emquanto caminhava, olhava para Cimourdain e Cimourdain olhava para elle. Dir-se-hia que Cimourdain apoiava-se nesse olhar.

Gauvain chegou ao pé do cadafalso. Subiu. O official que commandava os granadeiros acompanhou-o. Tirou a espada e entregou-a ao official, desatou a gravata e entregou-se ao algoz.

Assemelhava-se a uma visão. Nunca parecêra mais bello. Os cabellos negros fluctuavam-se ao vento; não se cortavam então os cabellos. O pescoço alvo lembrava o de uma mulher, e o olhar heroico e soberano lembrava o de um archanjo. Estava em cima do cadafalso, pensativo. Esse logar tambem é um cimo. Gauvain lá estava de pé, magnifico e tranquillo. O sol, envolvendo-o, rodeava-o da luz da apothese.

Era no entanto forçoso amarrar o paciente. O algoz aproximou-se com uma corda na mão.

Nesse momento, quando viram o moço capitão inevitavelmente presa do cutelo, os soldados não puderam mais conter-se; o coração desses homens de guerra estalou. Ouviu-se uma cousa enorme, o soluçar de um exercito. Ergueu-se um clamor: Perdão! perdão! Uns cohiram de joelhos; outros largavam as espingardas e levantavam os braços para o eirado em que estava Cimourdain. Um granadeiro bradou apontando para a

guilhotina : — Recebem substitutos para isto? Eis-me-aqui.— Todos repetiam phreneticamente : Perdão ! perdão ! e leões que ouvissem aquillo, enternecer-se-hiam ou atemorisar-se-hiam, porque as lagrimas dos soldados são terriveis.

O algoz parou, não sabendo já o que fazer.

Então uma voz breve e grave, e que no entanto todos ouviram, tão sinistra era, bradou do alto da torre :

— Prestigio á lei !

Reconheceram o accento inexoravel. Cimourdain fallára. O exercito tremeu.

O algoz não hesitou mais. Approximou-se com a corda.

— Espere, disse Gauvain.

Voltou-se para Cimourdain, fez-lhe com a mão ainda livre um gesto de despedida, depois deixou-se amarrar.

Depois de amarrado, disse ao algoz :

— Ainda um momento.

E bradou :

— Viva a Republica !

Deitaram-no no balanço. Essa cabeça encantadora e altiva metteu-se no collar infame. O algoz ergueu-lhe delicadamente os cabellos, depois apertou a mola ; o triangulo desprendeu-se e deslisou lentamente ao principio, depois rapidamente ; ouviu-se uma pancada medonha...

No mesmo instante ouviu-se um tiro. Ao golpe do cutello respondeu a detonação de uma pistola. Cimourdain acabava de empunhar uma das armas que tinha na cintura, e, no momento em que a cabeça de Gauvain rolava na cesta, Cimourdain atravessa o coração com uma bala. Uma golfada de sangue sahiu-lhe pela bocca, e cahiu morto.

E essas duas almas, irmãs tragicas, voaram juntas, a sombra de uma envolta com a luz da outra.

FIM

INDICE

INTRODUÇÃO.....	PAG. V
-----------------	-----------

PRIMEIRA PARTE

NO MAR

LIVRO PRIMEIRO

O BOSQUE DE LA SAUDRAIE

O bosque de la Saudraie.....	1
------------------------------	---

LIVRO SEGUNDO

A CORVETA CLAYMORE

I.—Inglaterra e França misturadas.....	16
II.—Noite sobre o navio e sobre o passageiro.....	20
III.—Nobreza e plebe misturadas.....	22
IV.—Tormentum belli.....	30
V.—Vis et vir.....	33
VI.—As duas conchas da balança.....	39
VII.—Quem se embarca joga na loteria.....	42
VIII.—9—380.....	46
IX.—Alguem escapa.....	52
X.—Escapará?.....	54

LIVRO TERCEIRO

HALMALO

I.—A palavra é Verbo.....	58
II.—Memoria de camponez, sciencia de capitão.....	63

LIVRO QUARTO

TELLMARCH

I.—Do alto da duna.....	75
II.—Aures habet, et non audiet.....	78

III.—Utilidade da letra grande	80
IV.—O Mendigo	83
V.—Assignado, Gauvain	91
VI.—As peripecias da guerra civil.....	94
VII.—Nada de misericordia (senha da communa).—Nada de quartel (senha dos principes).....	100

SEGUNDA PARTE

EM PARIZ

LIVRO PRIMEIRO

CIMOURDAIN

I.—As ruas de Pariz nesse tempo.....	107
II.—Cimourdain	115
III.—Um calcanhar não mergulhado na Estyge.....	122

LIVRO SEGUNDO

A TABERNA DA RUA DO PAON

I.—Minos, Éaco e Rhadamanto.....	126
II.—Magna testantur voce per umbras.....	129
III.—Estremecimento de fibras profundas.....	146

LIVRO TERCEIRO

A CONVENÇÃO

I.—A Convenção... ..	158
II.—Murat nos Bastidores.....	186

TERCEIRA PARTE

NA VENDÉA

LIVRO PRIMEIRO

A VENDÉA

I.—As florestas.. ..	193
II.—Os homens.....	195
III.—Connivencia dos homens e das florestas.....	197
IV.—A vida delles debaixo da teerra	200
V.—A vida delles na guerra.....	202
VI.—A alma da terra passa para o homem.....	208
VII.—A Vendéa acabou com a Bretanha.....	211

LIVRO SEGUNDO

AS TRES CRIANÇAS

I.—Plus quam civilla bella.....	214
II.—Dol	222
III.—Pequenos exercitos e grandes batalhas.....	229
IV.—Pela segunda vez.....	238
V.—A gota de agua fria.....	241
VI.—Peito curado, coração sangrando.....	244
VII.—Os dous polos da veridade.....	251
VIII.—Dolorosa	258
IX.—Uma Bastilha de provincia.....	261
I.—A Tourgue	261
II.—A brecha.....	262
III.—O calabouço.....	263
IV.—A ponte acastellada.....	265
V.—A porta de ferro.....	269
VI.—A bibliotheca.....	270
VII.—O celleiro.....	271
X.—Os refens.....	272
XI.—Medonho como antigamente.....	279
XII.—Delinea-se a salvação.....	283
XIII.—O que faz o Marquez.....	286
XIV.—O que faz o Imanus.....	288

LIVRO TERCEIRO

A MATANÇA DE S. BARTHOLOMEU

A matança de S. Bartholomeu.....	292
----------------------------------	-----

LIVRO QUARTO

MÃE

I.—A morte passa.....	311
II.—A morte falla.....	314
III.—Zumbido de camponezes.....	319
IV.—Um engano.....	323
V.—Vox in deserto.....	326
VI.—Conjectura.....	329
VII.—Preliminares	332
VIII.—O Verbo e o rugido.....	336

IX.—Titans contra gigantes.....	341
X.—Radoub	345
XI.—Os desesperados.....	353
XII.—Salvador.....	357
XIII.—Algoz.....	360
XIV.—Tambem o Imanus se evade.....	362
XV.—Não se deve metter no mesmo bolso um relógio e uma chave.....	365

LIVRO QUINTO

IN DÆMONE DEUS

I.—Achados, mas perdidos.....	370
II.—Da porta de pedra á porta de ferro.....	378
III.—Em que vemos acordarem as creanças que vimos adormecerem.....	380

LIVRO SEXTO

E' DEPOIS DA VICTORIA QUE TRAVA-SE O COMBATE

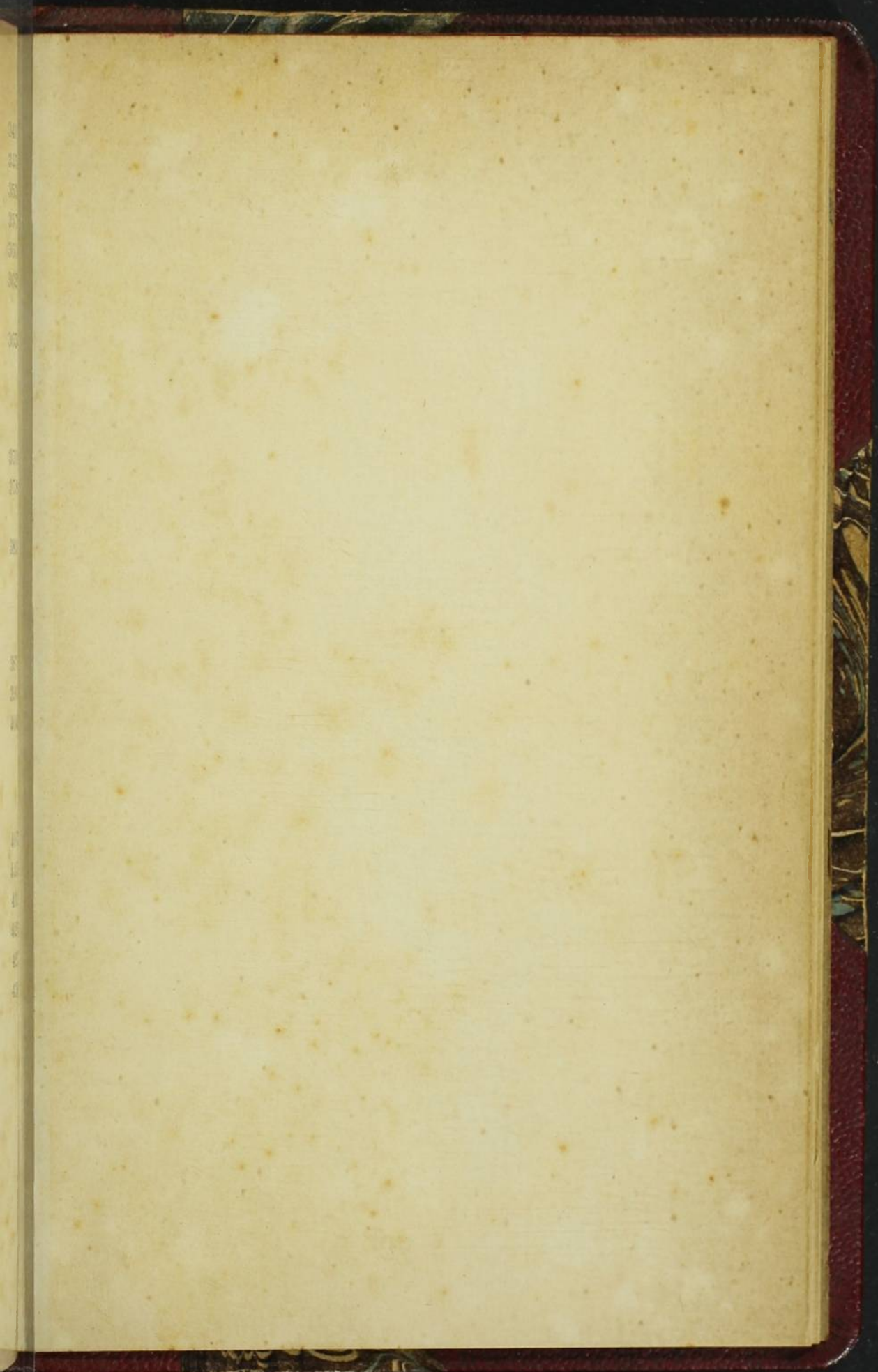
I.—Lantenac preso.....	387
II.—Gauvain pensativo.....	390
III.—O capuz do chefe.....	404

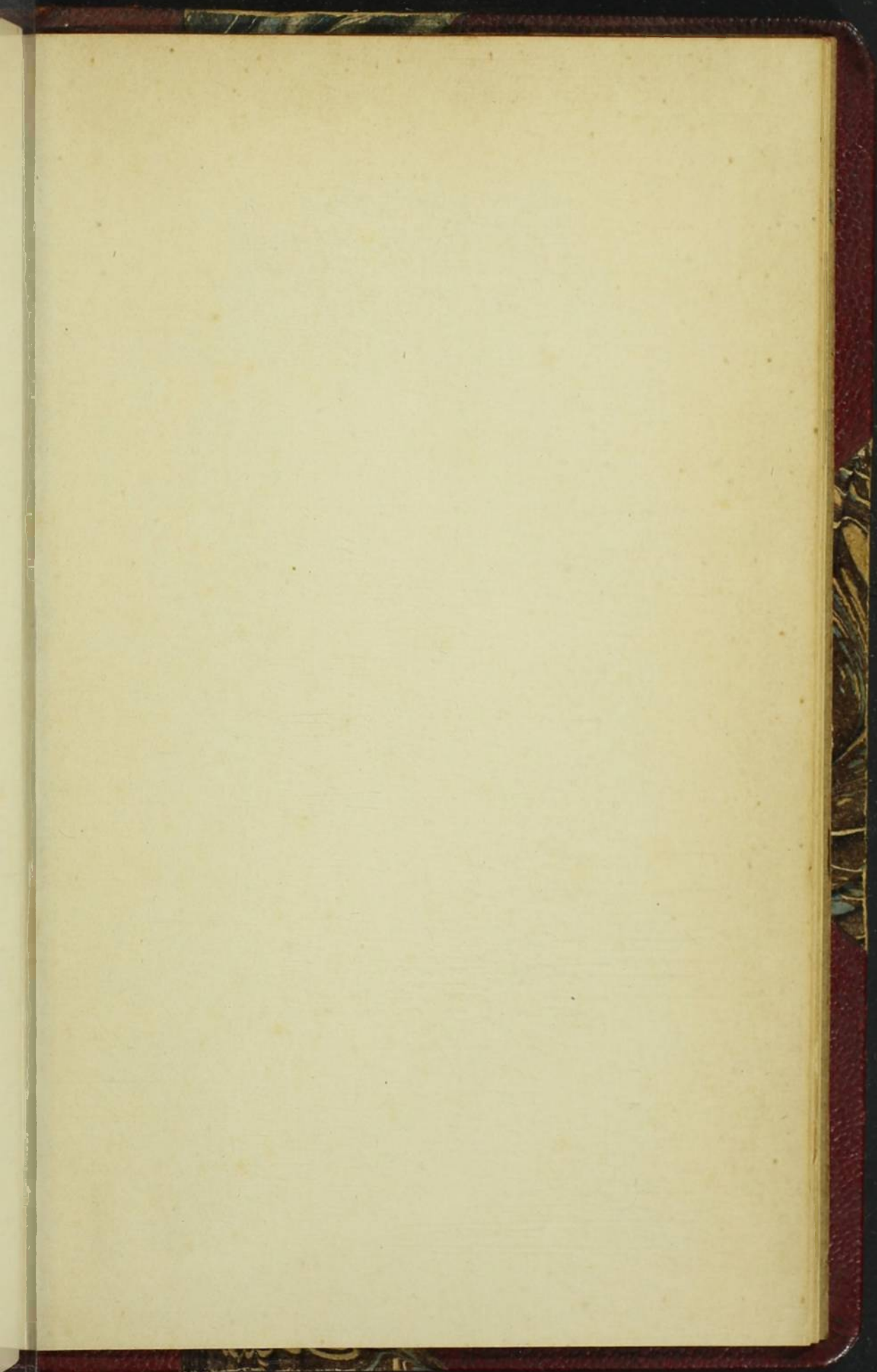
LIVRO SETIMO

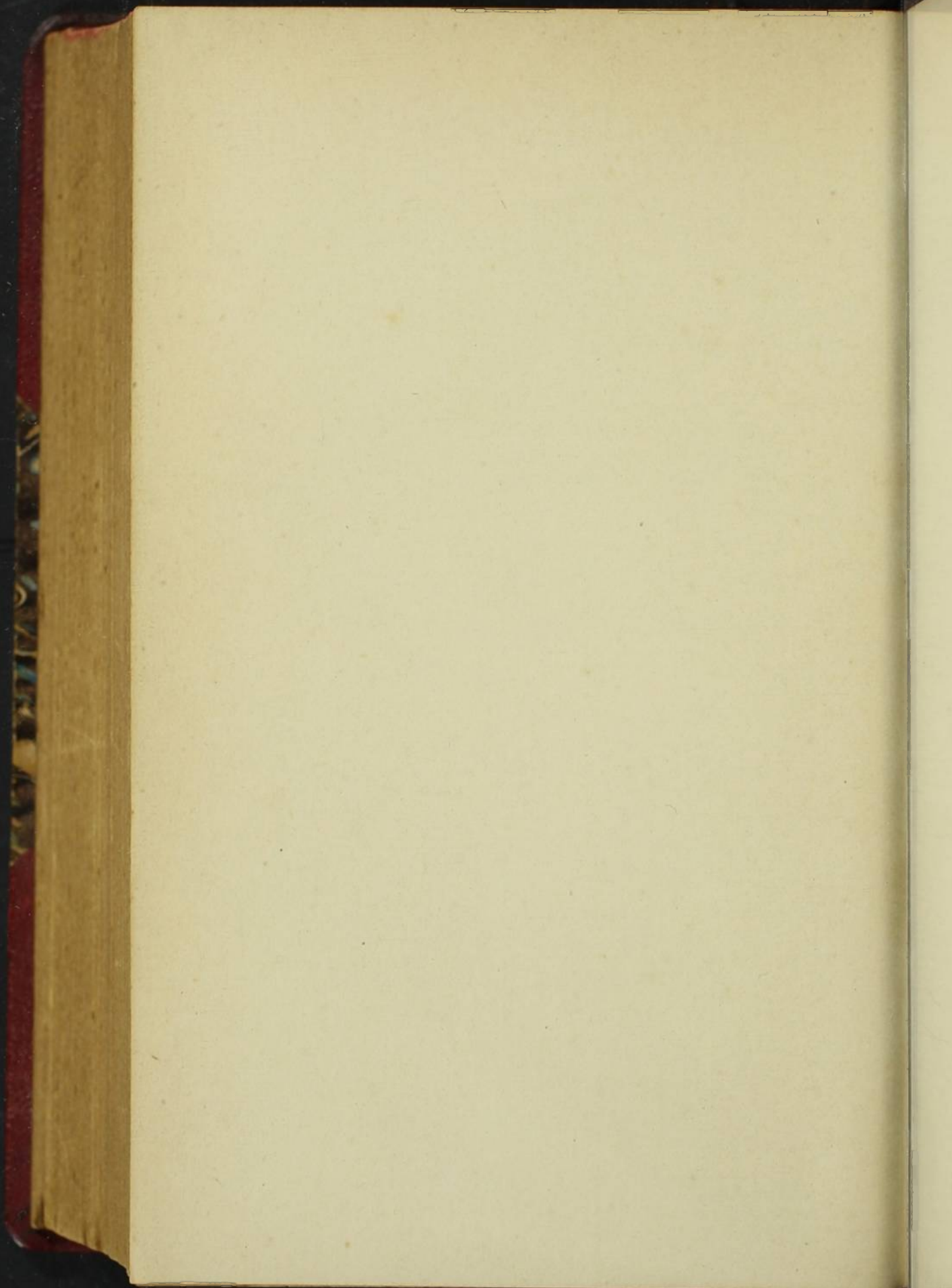
FEUDALISMO E REVOLUÇÃO

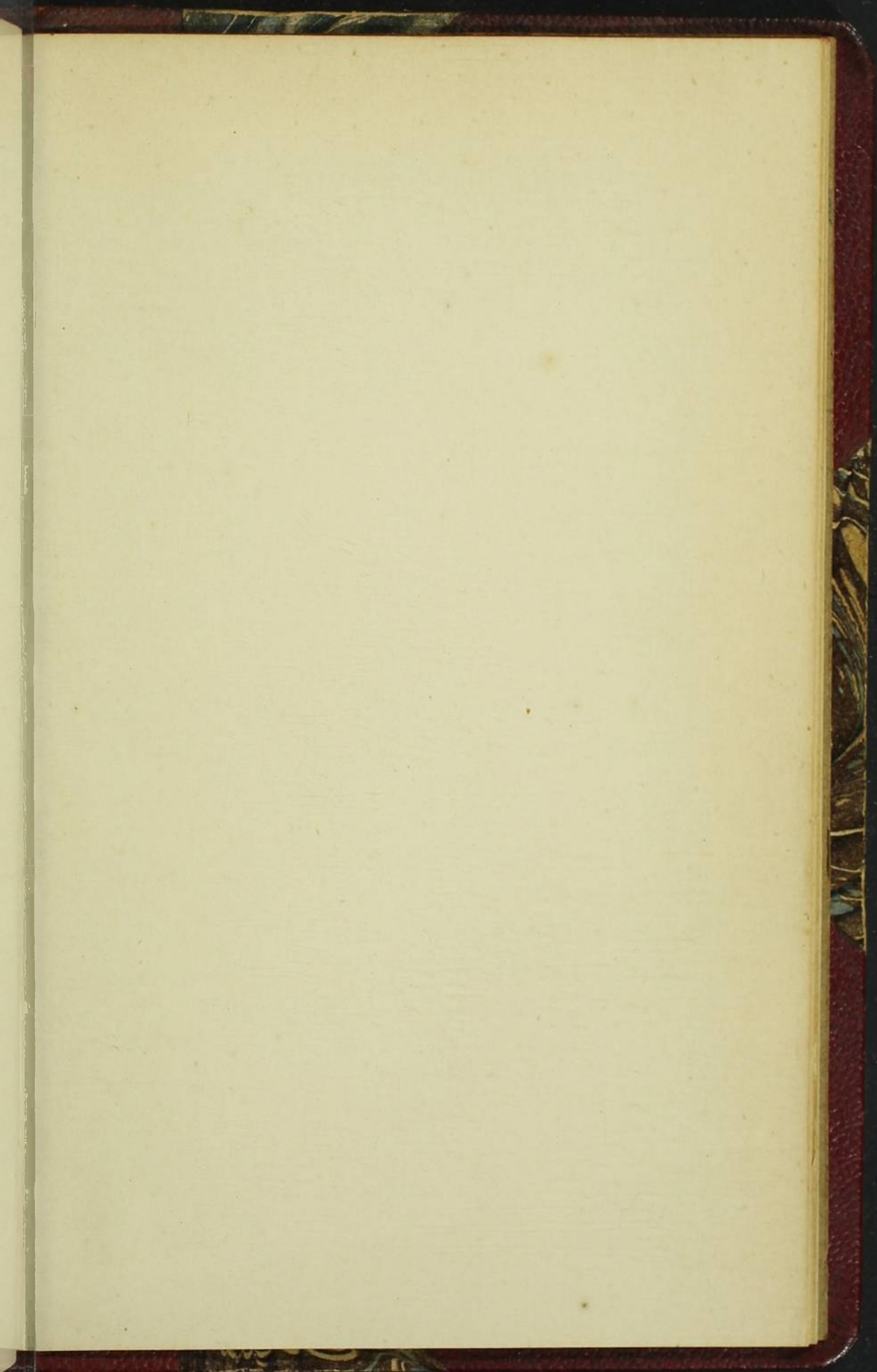
I.—O antepassado	407
II.—O tribunal militar.....	415
III.—Os votos.....	419
IV.—Depois de Cimourdain juiz, Cimourdain senhor.. . . .	425
V.—A masmorra.....	427
VI.—No entanto o sol levanta-se.....	436

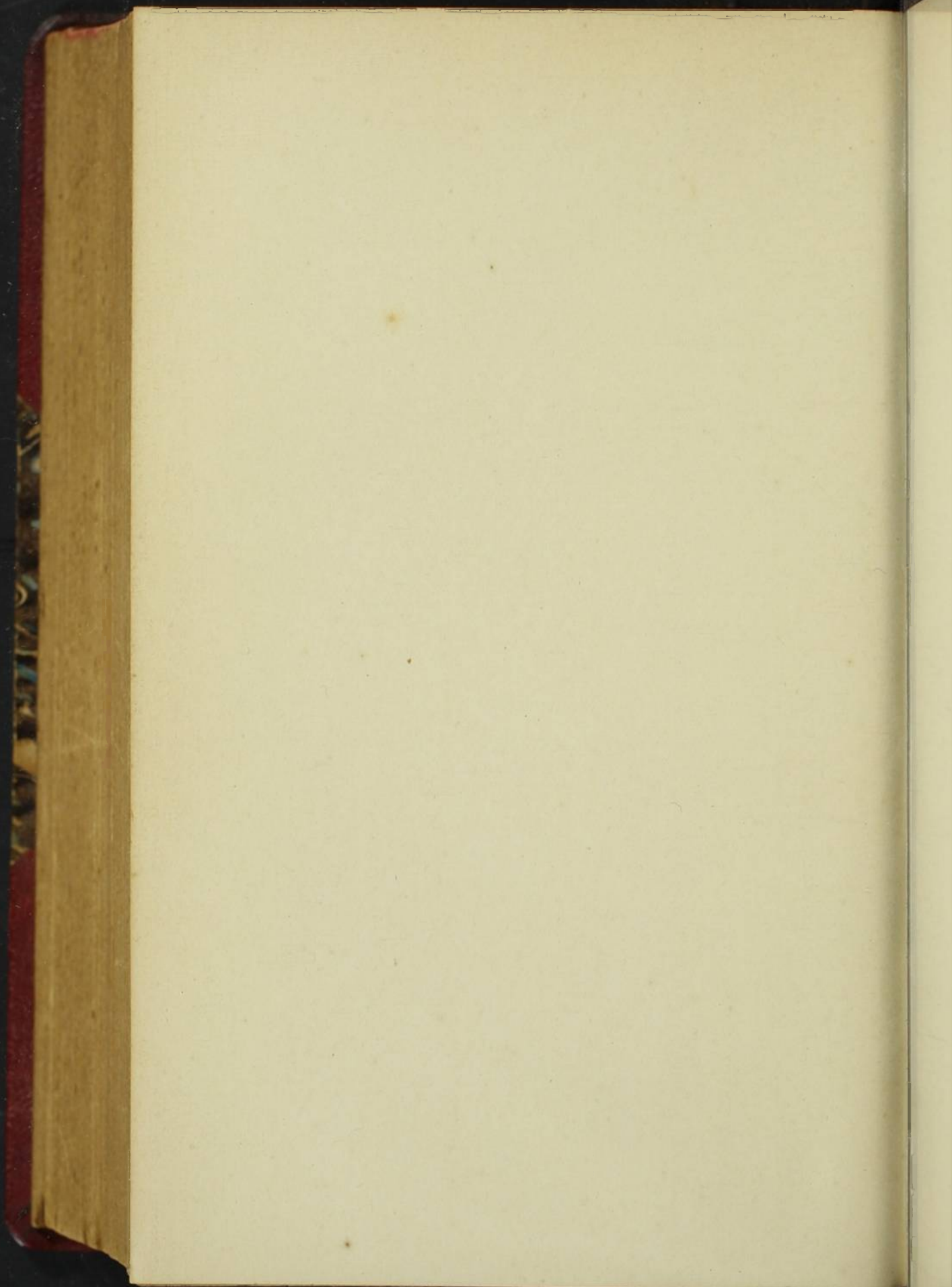
FIM DO INDICE

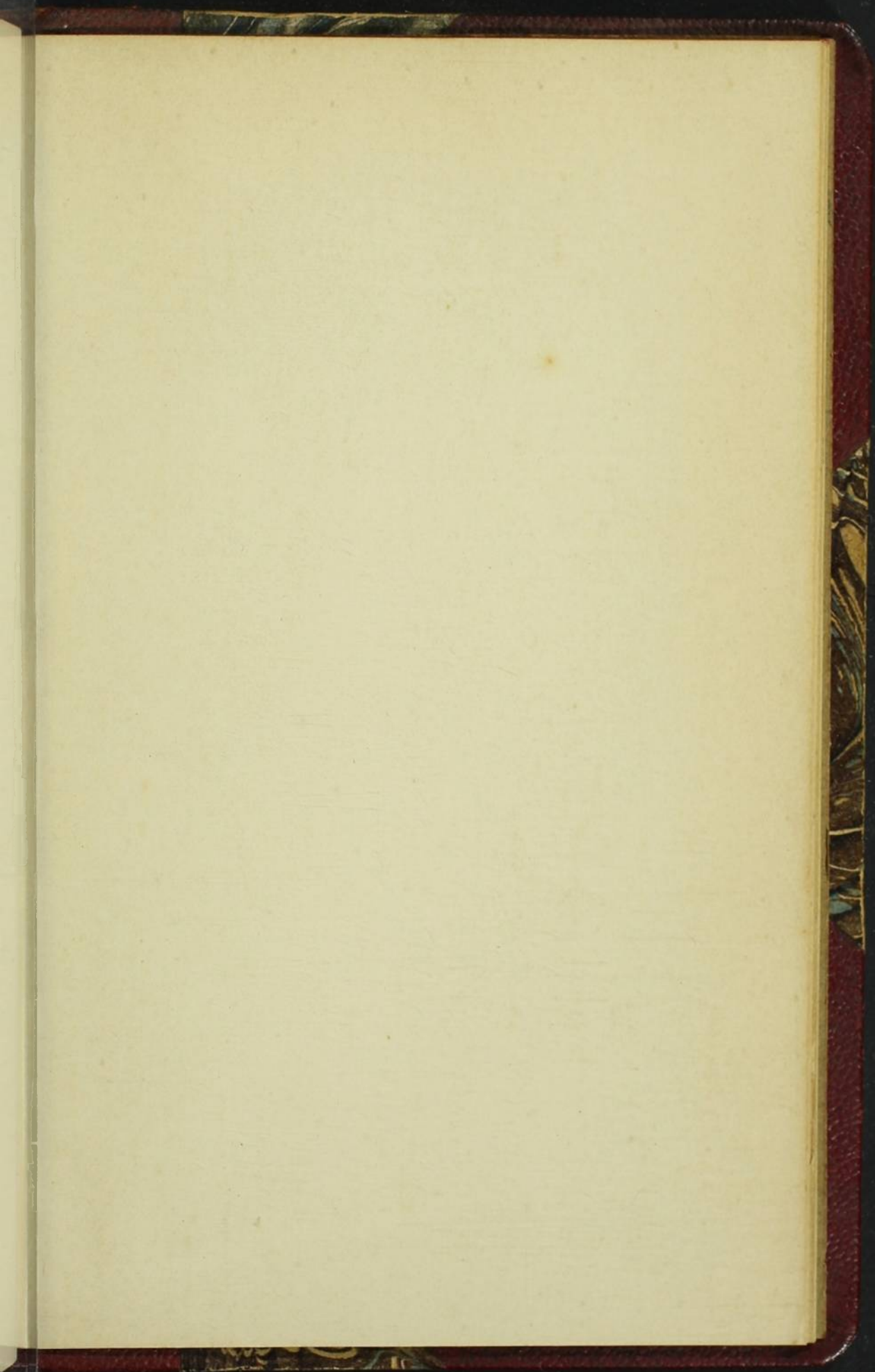


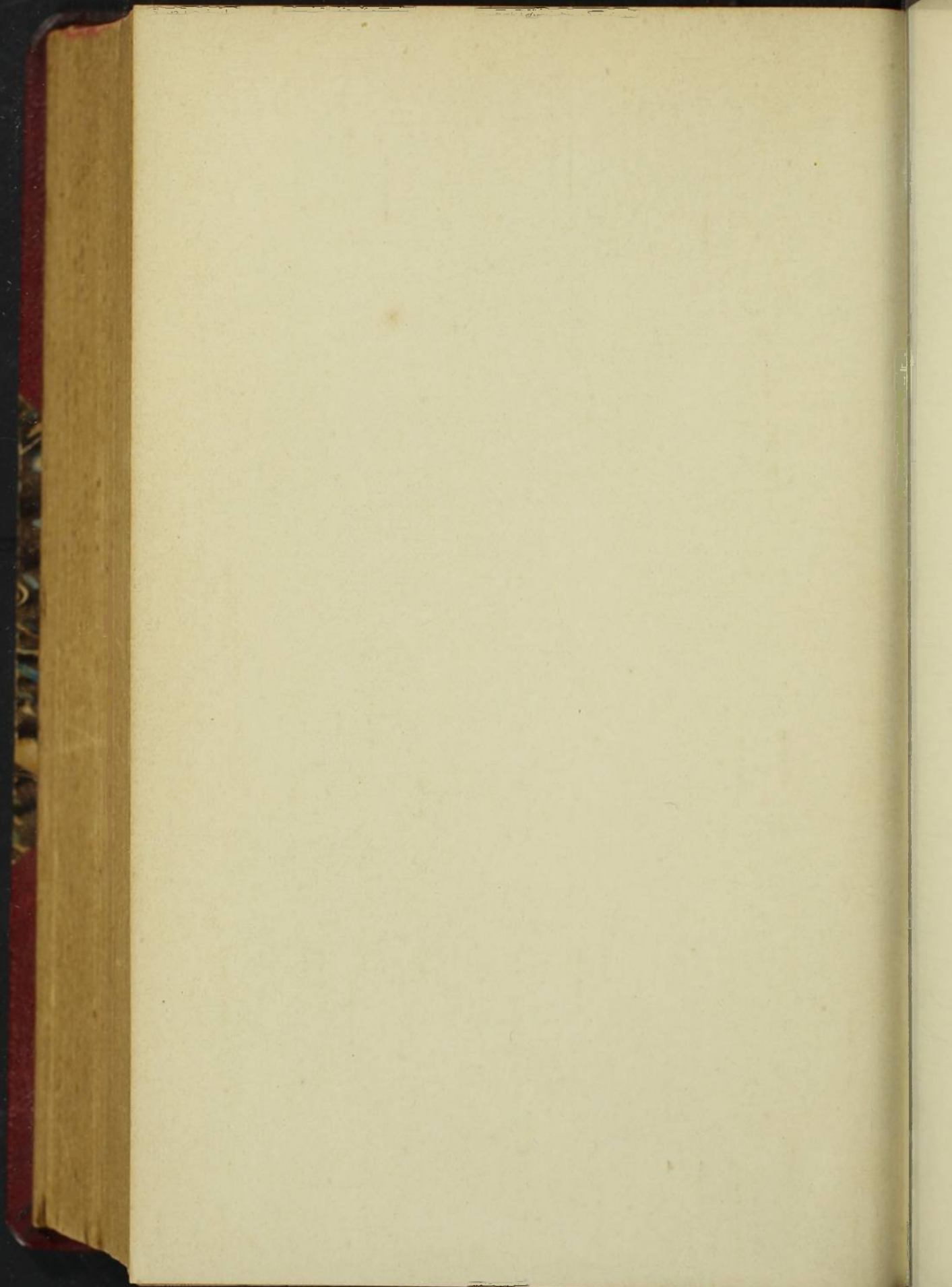


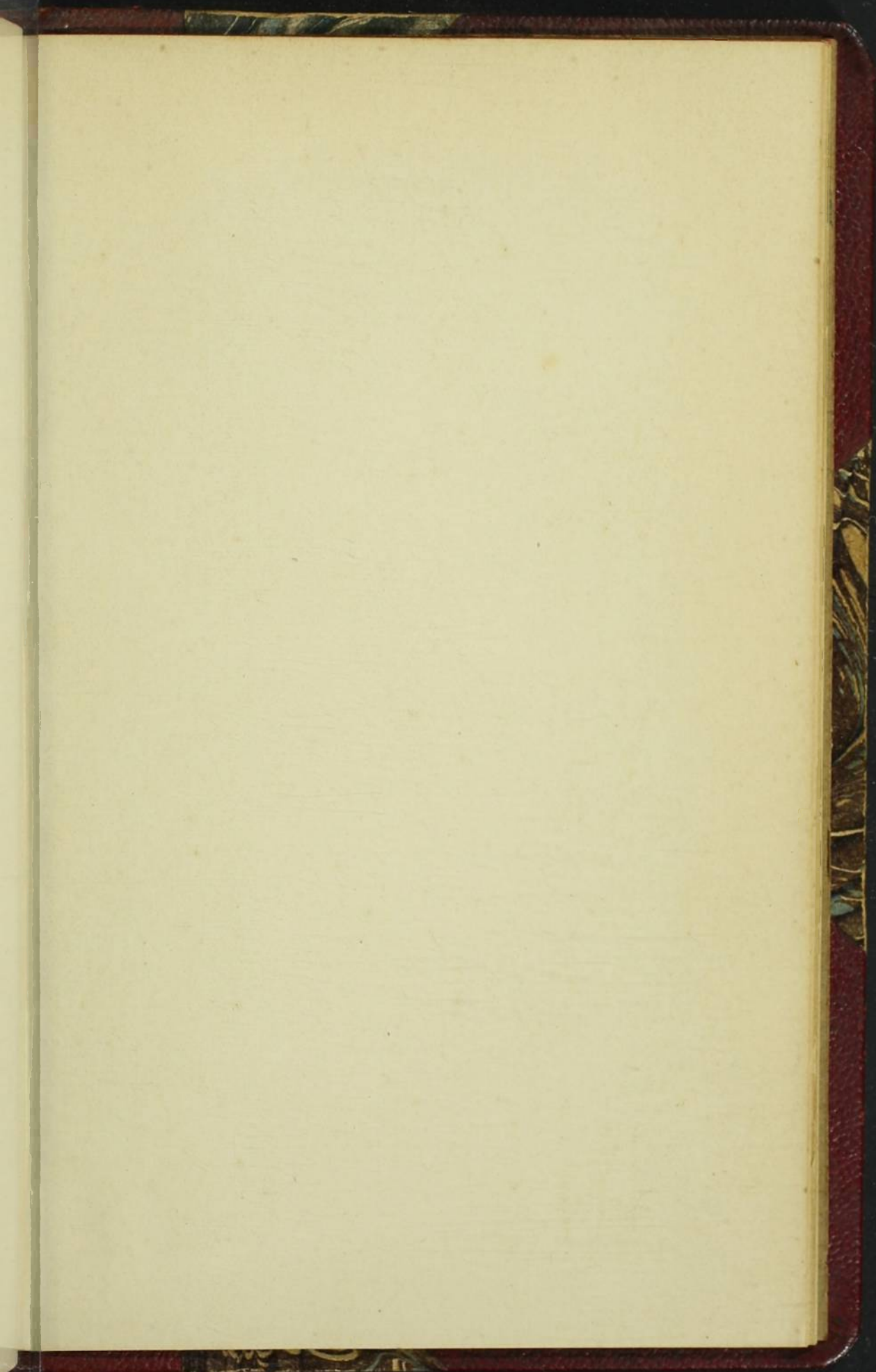


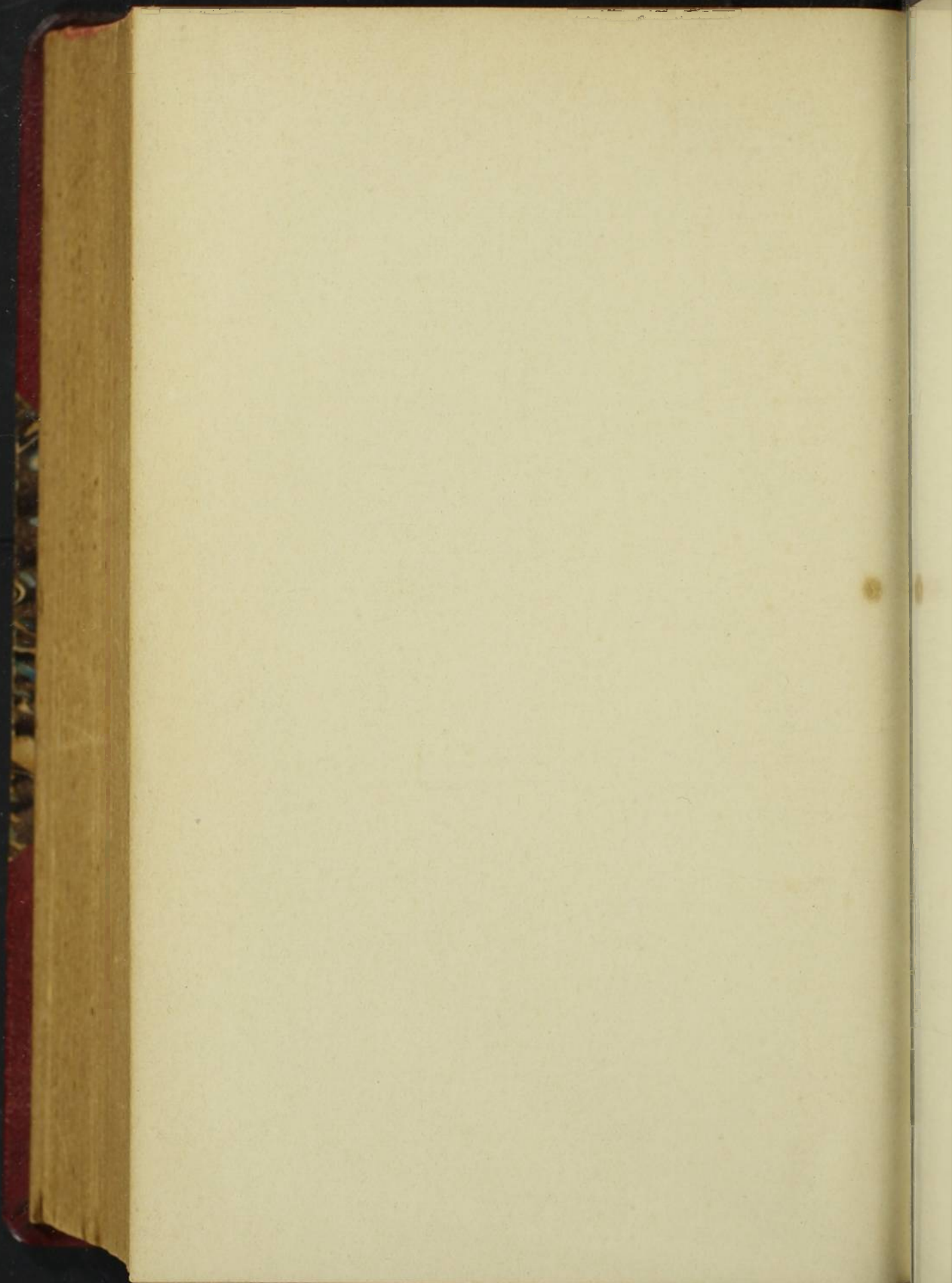


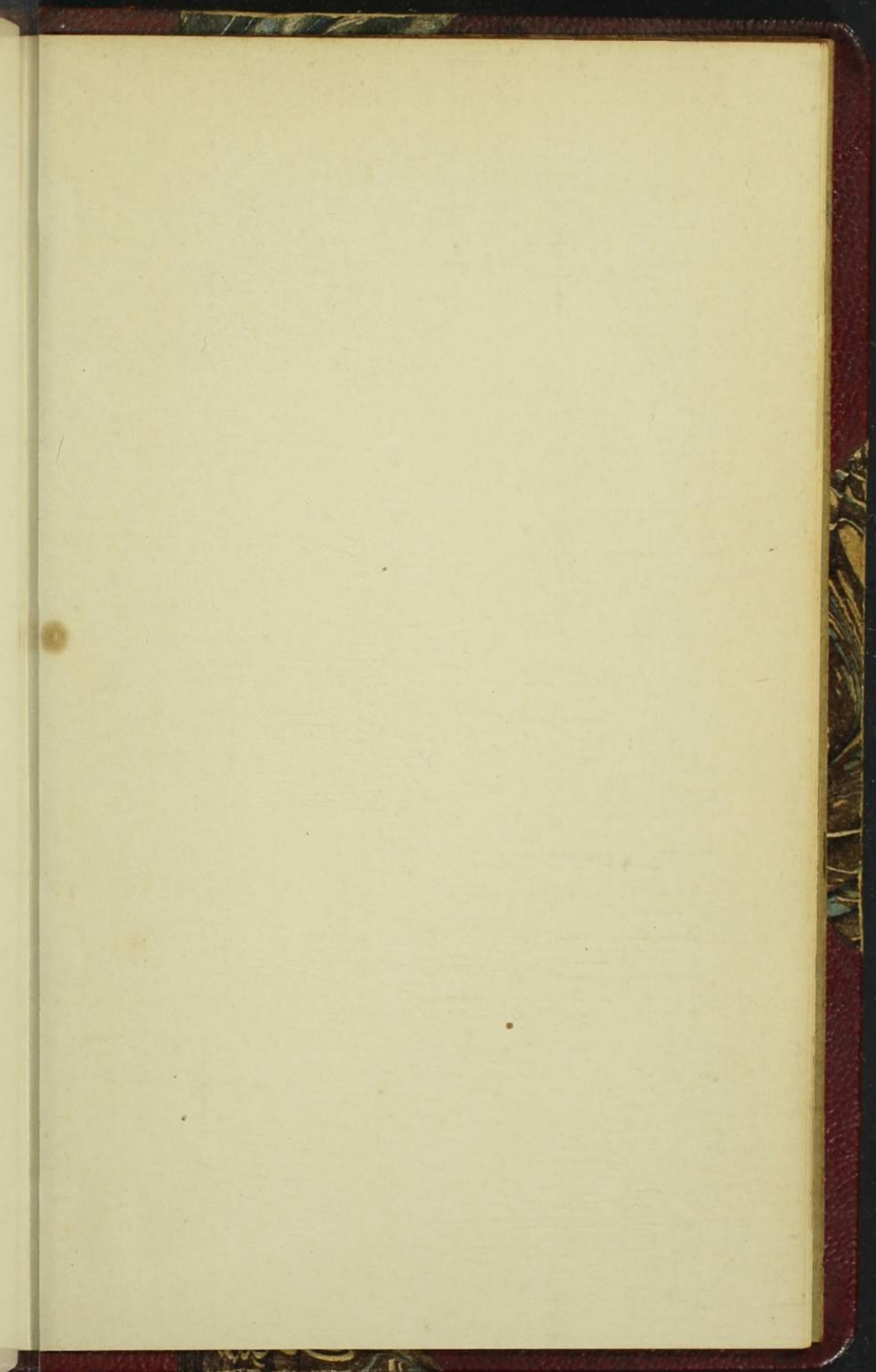


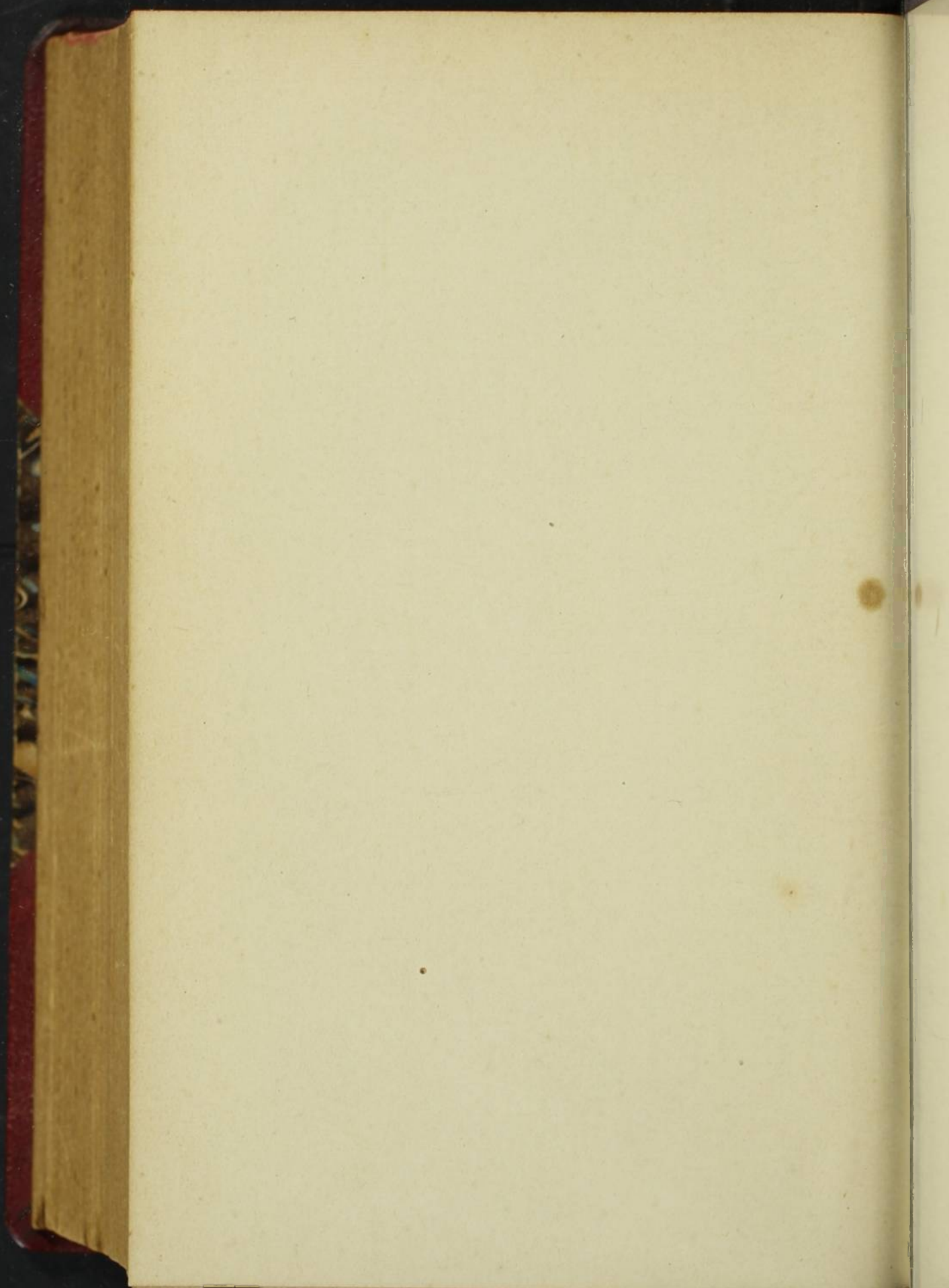


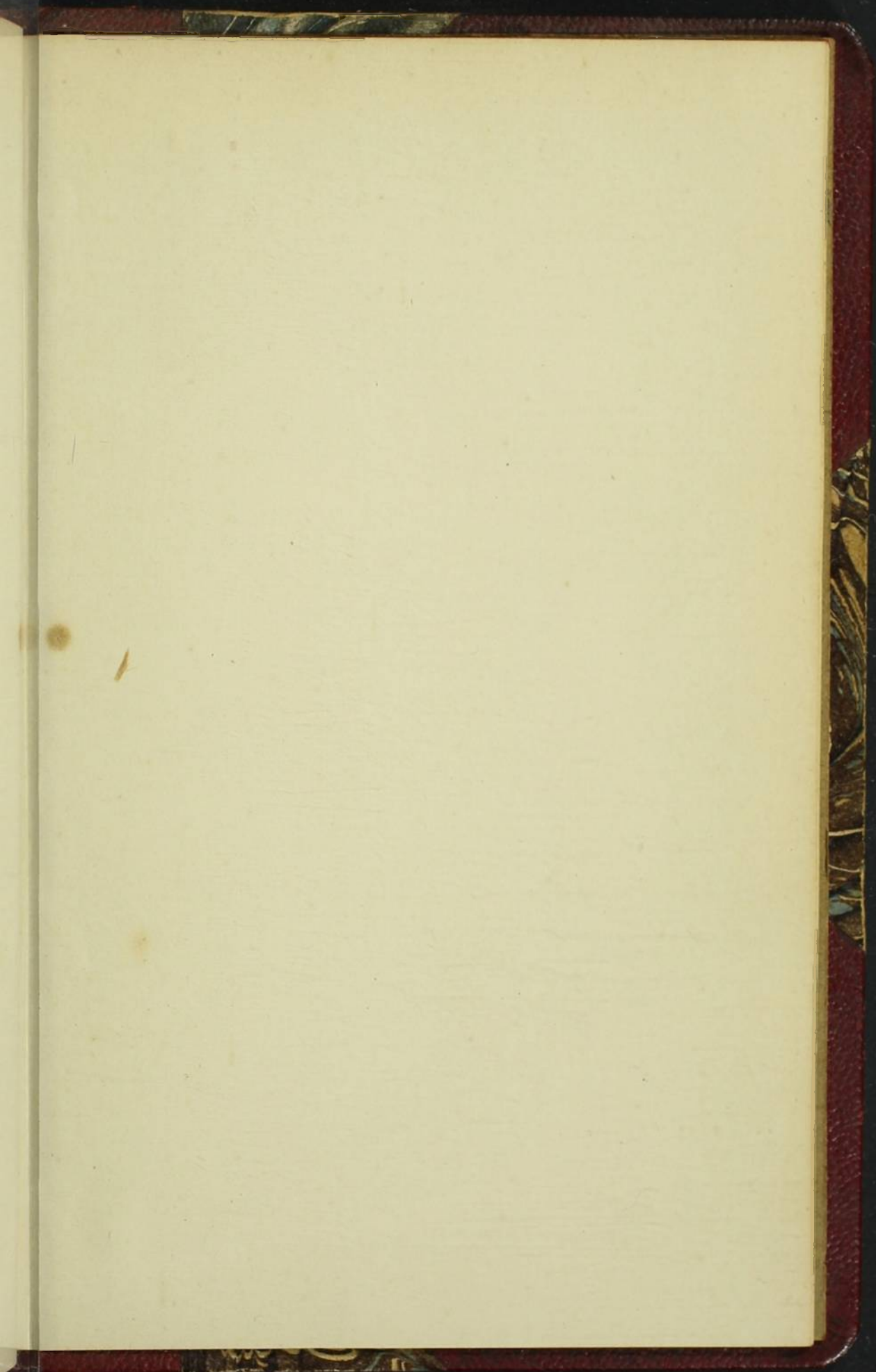


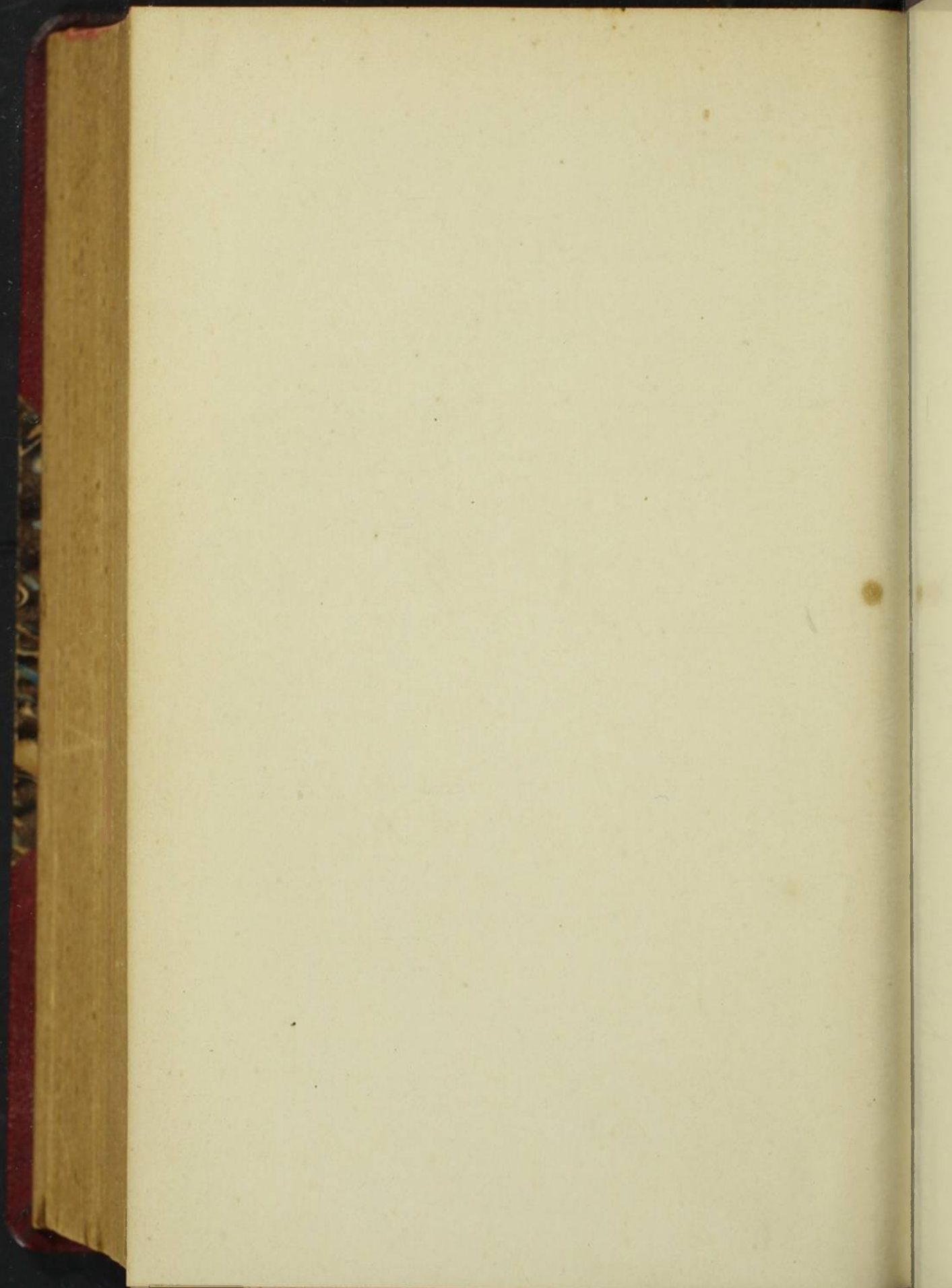


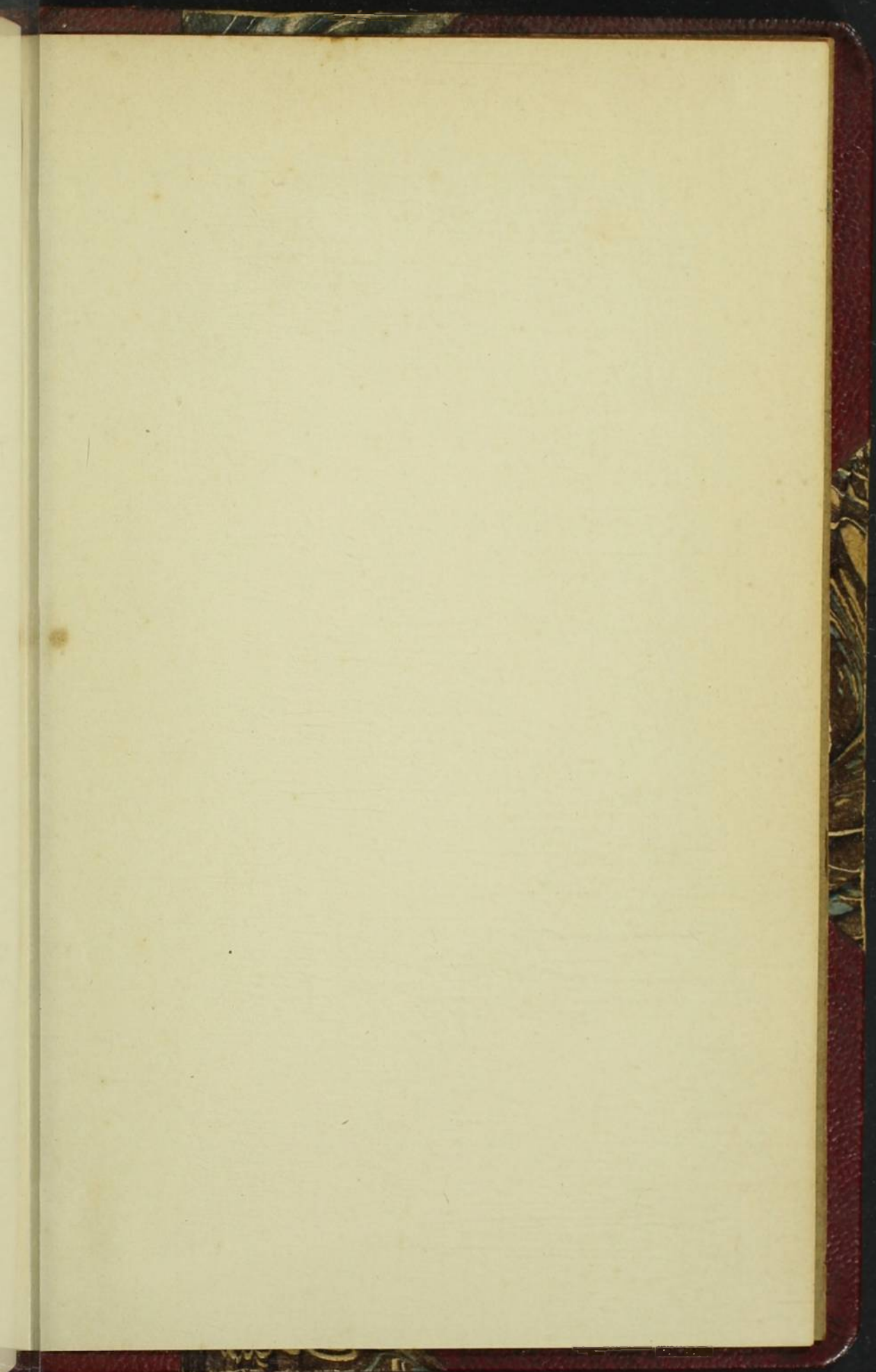


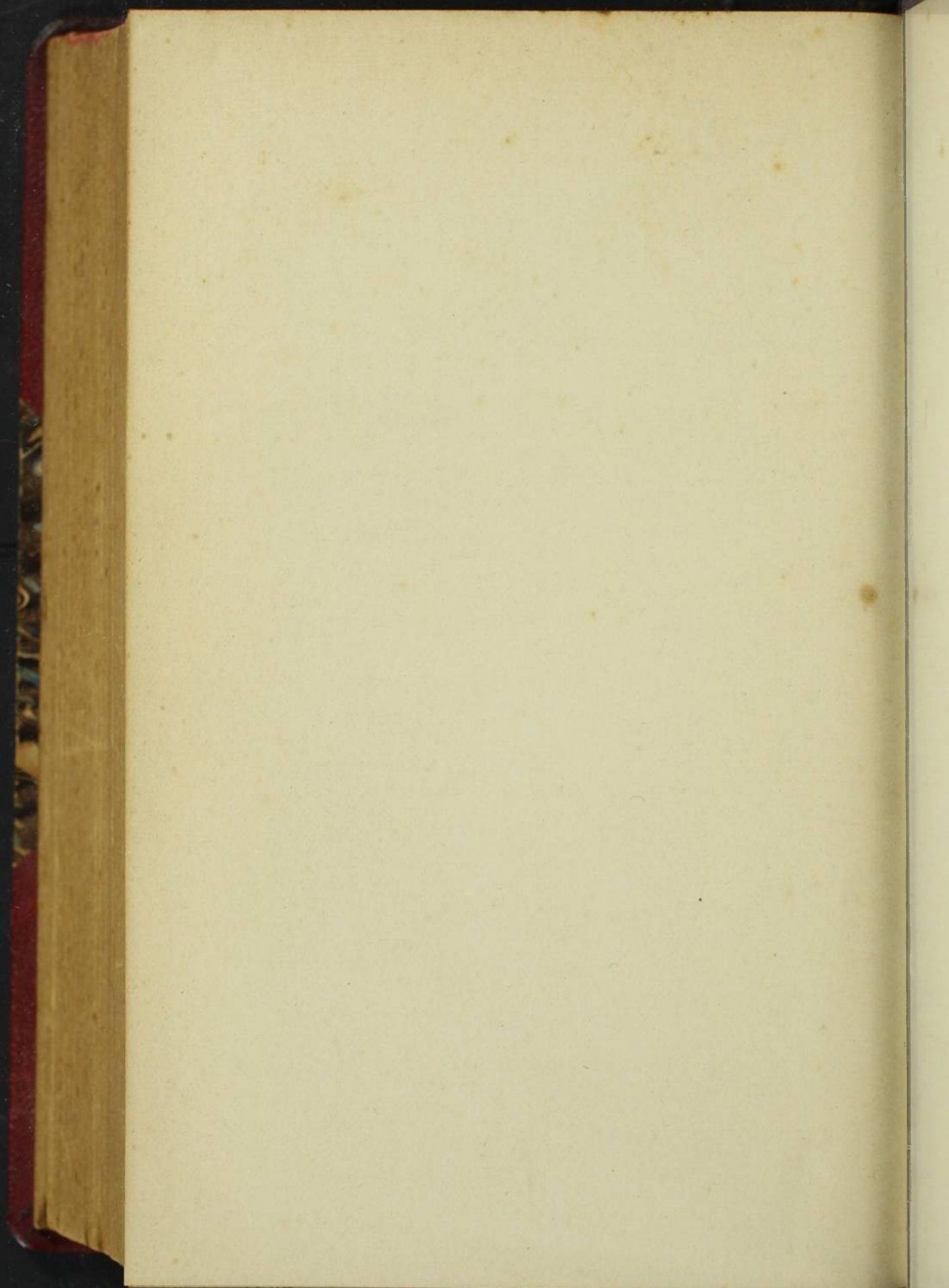


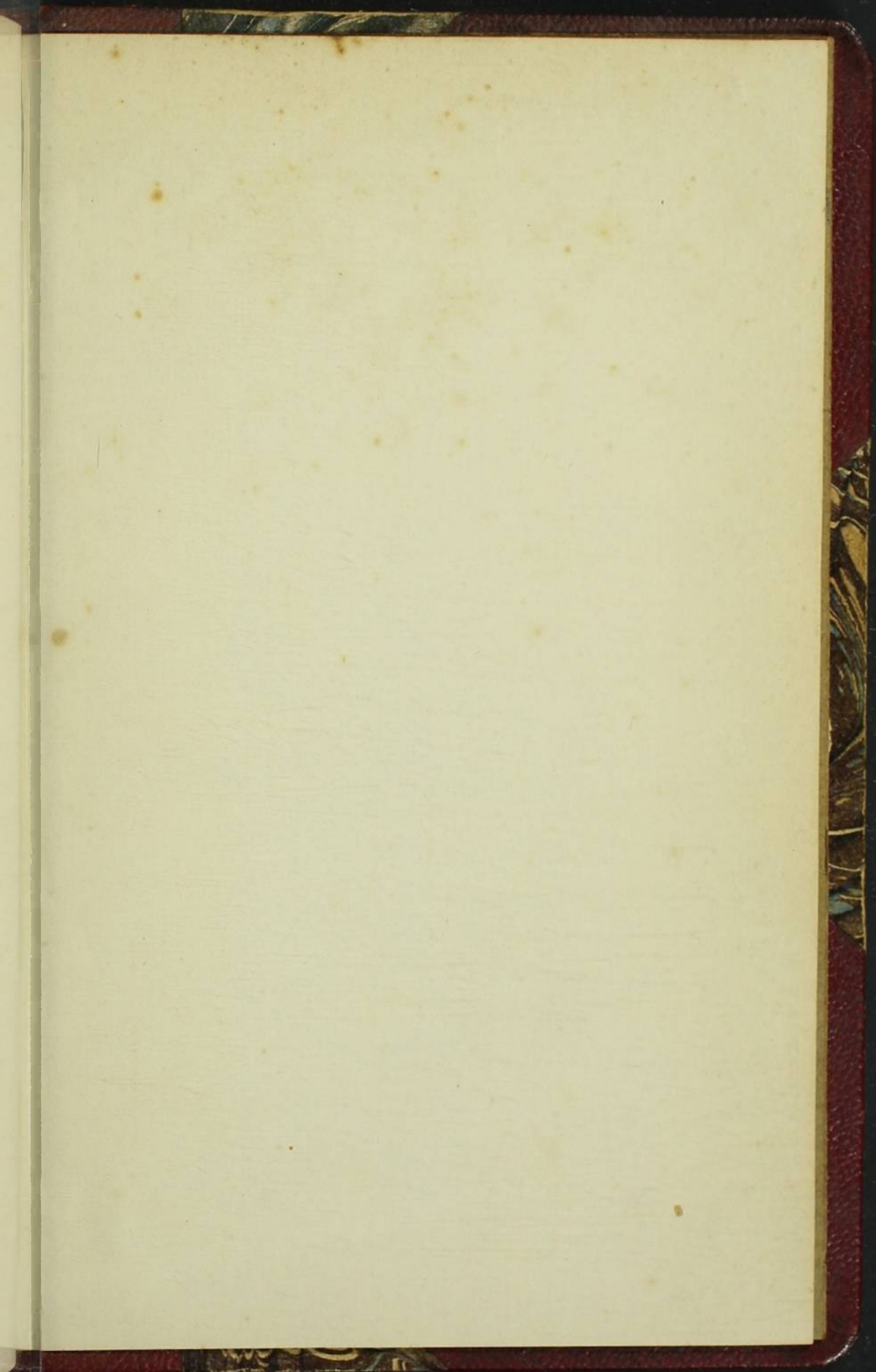




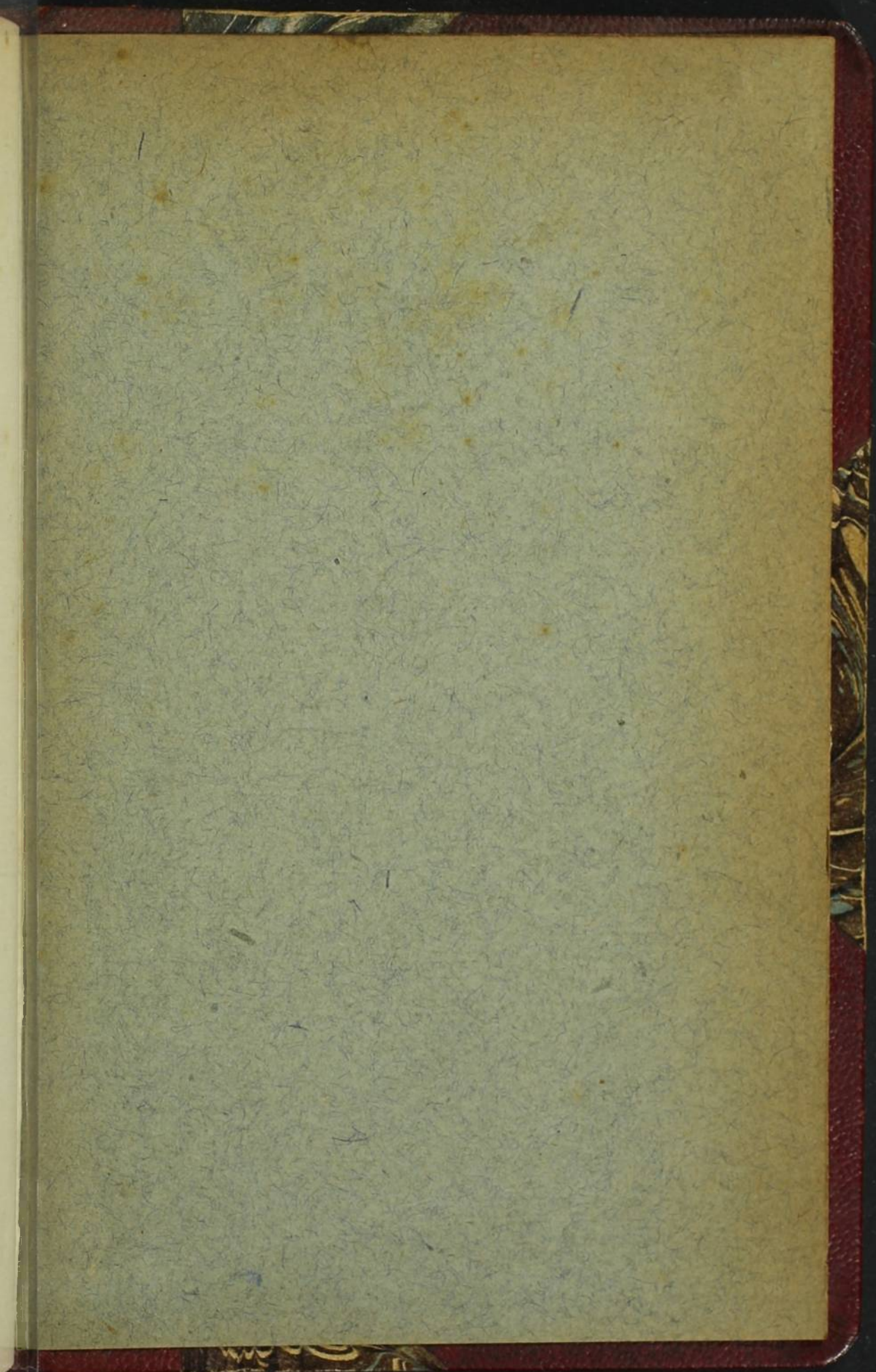








17536



b

